

água da fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras - Ano 9 - n° 11 - Novembro de 2012 - R\$ 20,00





Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Osvandré Lech

Vice-presidente:

Gilberto R. Cunha

Secretário geral:

Paulo Monteiro

1ª Secretária:

Sueli Gehlen Froisi

2ª Secretária:

Marilise Brockstedt Lech

1º Tesoureiro:

Odilon Garcez Ayres

2º Tesoureiro:

Carlos Antonio Madalosso

Membros:

Agostinho Both
Alberto Antonio Rebonatto
Alori Batista Castilhos
Antonio Augusto Meirelles Duarte
Carlos Alceu Machado
Carlos Roberto da S. Hecktheuer
Craci Terezinha Ortiz Dinarte
Daniel Viuniski
Dilse Piccin Corteze
Diógenes Luiz Basegio
Elisabeth Souza Ferreira
Elmar Luiz Floss
Francisco Mello Garcia
Getulio Vargas Zauza
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Jabs Paim Bandeira
Jorge Alberto Salton
José Ernani de Almeida
Júlio César Perez
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
Luís Marcelo Algarve
Marco Antonio Damian
Marisa Potiens Zílio
Mauro Gaglietti
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca
Ricardo José Stolfo
Rogério Sikora
Romeu Carlos Alziro Gehlen
Santina Rodrigues Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Selma Costamilan
Welci Nascimento

Editorial

OSVANDRÉ LECH
PRESIDENTE DA APL



Pessoas fazem uma sociedade. Não o contrário!

Imortais da ABL - A última edição de “Água da Fonte” foi enviada para todos os membros da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Recebemos um significativo número de agradecimentos dos “imortais”, motivo de satisfação para o sodalício Passo-Fundense. Na lista constam os nomes de: Ana Maria Machado (presidente), Geraldo Holanda Cavalcanti (secretário-geral), Antônio Carlos Cechin, Lêdo Ivo, José Sarney, Afonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venâncio Filho, Arnaldo Niskier, e Marco Antônio de Oliveira Maciel. Todos pesos-pesados da cultura e do pensamento contemporâneo brasileiro. Pela receptividade e fidalgia dos agradecimentos, os confrades da ABL passarão a receber todos os volumes da “Água”, a nossa publicação oficial.

Getulio Zauza - Em carta escrita de próprio punho, o confrade Zauza solicitou seu afastamento e entrega da sua cadeira, mas não o desligamento definitivo da APLetras. Justificou que contribuiu ao longo de décadas (a sua presença foi constante em reuniões oficiais e de trabalho!). Aos 82 anos, ele gostaria de “se dar o direito” de frequentar APLetras, apenas ocasionalmente. Em outras palavras, o gesto de generosidade, modéstia, renúncia, e o entendimento de que a APLetras necessita de “membros presentes”, foi uma lição digna da grandiosidade do Zauza, que deixa a sua cadeira, mas não a pelerine que continuará a usar nas atividades oficiais. Com a atitude, Zauza desencadeia uma ampla reforma nos Estatutos, que determinará a criação de uma nova categoria de membros. Obrigado, Getulio Zauza !

Agostinho Both, José Ernani de Almeida, Marisa Potiens Zílio, Júlio César Perez – Saudamos os novos membros do sodalício, que serão recebidos em Sessão Solene de Posse e Investidura no dia 23 de Novembro de 2012. Agostinho tem extensa lista de publicações, é professor jubilado, e introduziu o conceito de “terceira idade ativa”, em nossa cidade. Foi acadêmico nos anos 1980, solicitou afastamento pelo acúmulo de trabalho e agora retorna à antiga casa. José Ernani é conhecido historiador, professor, homem de comunicação e o novo Secretário da Cultura de PF, para o quadriênio 2013-2017. Marisa é atuante e destacada psicopedagoga e educadora. Júlio Perez, um poeta universal. A Academia dá as boas-vindas a todos, desejando-lhes uma jornada promissora, em prol da cultura da nossa terra, como já vêm fazendo ao longo das suas vidas!

Pessoas fazem uma sociedade. Não o contrário!

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 9, n. 11, nov. 2012.

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 9 - nº 11 - Novembro de 2012

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Domingos da Silva Monteiro

Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina Rodrigues Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

Revisão: Helena Rotta de Camargo

Capa: Tamara Costamilan Liska

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Tiragem: 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



74 anos da APL

No dia 17 de abril, a Academia Passo-Fundense de Letras reuniu-se, festivamente, para comemorar os seus 74 anos de criação, o Dia Municipal do Escritor, e o lançamento de mais um número da revista *Água da Fonte*. Além disso, também homenageou o Projeto Passo Fundo, com a entrega do “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri/2012”. Ocorreu ainda o reingresso do acadêmico Luiz Marcelo Algarve, e uma confraternização com a Academia Soledadense de Letras. Foi comemorado o Dia Internacional do Livro e dos Direitos Autorais, e homenageado o 60º aniversário do CTG Lalau Miranda.



Gilberto Cunha, Paulo Monteiro, Ernesto Zanette e Osvandré Lech

Lançamento da Feira do Livro

A 26ª Feira do Livro de Passo Fundo foi oficialmente lançada, no salão da Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 6 de outubro de 2012, com a presença de livreiros, escritores, autoridades e público em geral. Ao final, todos foram recepcionados com um coquetel.

Suspiros Poéticos



A acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, lançou o livro de poemas “Suspiros Poéticos”, no dia 23 de outubro. O salão nobre do sodalício recebeu acadêmicos e amigos da autora, que autografou sua nova obra para dezenas de leitores. Novo e concorrido lançamento aconteceu também no dia 4 de novembro, às 18h, na 26ª Feira do Livro de Passo Fundo.

Semana da Pátria



A Liga de Defesa Nacional decidiu homenagear a Academia Passo-Fundense de Letras, durante a Semana da Pátria de 2012. A entidade literária foi um dos temas do desfile, recebendo significativas homenagens da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Tochetto, da Escola Municipal Etelvina da Rocha Duro e da Escola Estadual de Ensino Médio Mário Quintana.

Os acadêmicos foram para a Avenida 7 de Setembro, ostentando suas pelerines e medalhas, desfilando sob aplausos e retribuindo a homenagem da multidão presente.

Conselho Municipal de Cultura

A Academia está representada no Conselho Municipal de Cultura, pelos acadêmicos Paulo Monteiro e Sueli Geheln Froisi. Mas não está somente representada. Ela também abriu suas portas para que o Conselho ali realize suas reuniões e outras atividades do colegiado.

Patrimônio Histórico

Para comemorar a instalação da Câmara Municipal de Vereadores e a Semana do Município, a Academia Passo-Fundense de Letras, com o apoio da Universidade de Passo Fundo, promoveu, no dia 7 de agosto, o “Fórum de Proteção do Patrimônio Histórico de Passo Fundo”. O evento aconteceu no auditório do sodalício, tendo como painelistas as arquitetas Ana Paula Wickert e Sibele Fiori, a publicitária Miriê Tedesco e o 1º Promotor de Justiça da Promotoria da Justiça Especializada de Passo Fundo, Paulo Cirne. O evento contou com a participação de acadêmicos, estudantes universitários e interessados na preservação dos patrimônios histórico, arquitetônico e cultural do município.



Arquiteta Ana Paula Wickert e promotor de justiça Paulo Cirne (E)

Visita ao Túnel da Literatura

Os membros da APL também estiveram, num sábado glacial, visitando o Túnel da Literatura, onde são publicados textos literários de autores passo-fundenses.



Capa

A Capa desta edição de “Água da Fonte” é uma homenagem à artista plástica Tamara Costamilan Liska, falecida há poucos meses.

Tamara era formada em Letras e Psicologia, pela Universidade de Passo Fundo. Prestou trabalhos relevantes nas citadas áreas, tendo recebido Menção Honrosa da 7ª DE e do então Juizado de Menores. Após sua aposentadoria, residiu em São Luiz do Maranhão, onde se dedicou à arte.

Filha de Iedo e Selma Costamilan, era casada com Rogério Liska, com o qual teve um filho, Dr. Renato Costamilan Liska.

Sua paixão pela arte fez com que ela pintasse quadros para familiares e amigos.

Academia na Feira do Livro

A participação da Academia Passo-Fundense de Letras, na 26ª Feira do Livro de Passo Fundo, foi marcante.

Dia 6/11/2012 – No primeiro dia da Feira do Livro, dois acadêmicos lançaram suas obras. Elmar Luiz Floss autografou “Aveia: a história de uma paixão, trabalho e conquista”; e “Agronegócio e desenvolvimento - ‘Ponto de vista’”. E Elisabeth Souza Ferreira, o livro de poemas “Suspiros poéticos”.

Dia 7/11/2012 – Mauro Gaglietti autografou quatro obras organizadas por ele: “Diálogo e entendimento – Direito e multiculturalismo & Cidadania e novas formas de solução de conflitos”; “Direito contemporâneo em pauta”; “Direito, conflito e solução”; e “Direito e multiculturalismo no espaço público brasileiro”.

Dia 8/11/2012 – O historiador Ney Eduardo Possard’Ávila, que pertenceu à direção do sodalício, autografou “Degola e degoladores no Rio Grande do Sul”, sucesso na Feira do Livro de Porto Alegre.

Dia 9/11/2012 – A acadêmica Marisa Potiens Zilio autografou o livro “Pais competentes de filhos doentes”, por ela organizado e que contou com a coautoria da acadêmica Marilise Brockstedt Lech. Nessa mesma data, os acadêmicos Welci nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz autografaram o livro “Dona Heloisa - memórias”, biografando a conhecida líder comunitária, Heloisa Goelzer de Almeida.

Dia 10/11/2012 – Com o apoio da Academia, o poeta passo-fundense Pedro Du Bois, autor de mais de oitenta livros de poemas, lançou seu livro “Via Rápida”.

Além disso, a Academia Passo-Fundense de Letras organizou e apresentou dois saraus literários ou matinês literárias, como preferirem os puristas. O primeiro deles aconteceu no domingo, dia 4, e o segundo no sábado seguinte, dia 10, com a presença de poetas, acadêmicos ou não, além do acadêmico Xiko Garcia, interpretando suas composições musicais.

Sumário

Editorial	1
Informe acadêmico	2
Quatro novos imortais	5
Discurso de posse	6
Nunca pensei que faria parte da APL	8
Semana das Letras	10
Elogio público a Paulo Monteiro	12
Homenagem a Craci Dinarte	15
Saudação ao Dr. Cláudio Lamachia	16
Crônica rebelde	18
A cidade que elas não conheceram	19
40 anos de kart em Passo Fundo... ..	20
Memórias sobre meu pai... ..	21
Portugueses em Passo Fundo	26
Escola de Educação Infantil "Saber Fazer"	27
Desaparece o velho Gaúcho... ..	28
O judeu que se converteu ao catolicismo... ..	29
O patrono Estanislau de Barros Miranda	30
El flaco Flamini	32
Lourdes Pythan.....	33
Tributo a Sílvio Luís Algarve	34
Destino	35
Mario Guimarães e o 2º Rodeio Nacional	38
Protásio Antonio Alves	40
Capadócia	41
A pornografia nos costumes	45
A paixão de um clássico	46
A vida de João Roman Vieda	48
Crescimento econômico de Passo Fundo.....	50
Ivo Paim: quem foi?	52
Escola Fundamental... ..	54
Chimarrão	56
Sou um peixe	58
Querência - MT - Tchê!	59
Antonino Xavier, segundo Dante de Laytano	60
Aveia na "bucólica" Aberystwith	62
Um boi chamado Coração	64
A menina e o Facebook	65
A Revolução Farroupilha	66
Patriotismo	69
Alysson Paulinelli, um exemplo	70
Conta corrente da vida	71
Será que somos diferentes?	72
Para que(m) modificar o Código Florestal?	74
A Revolucionária Moron	76
Entrevista: Rudah Jorge	77
Ainda sobre a construção da liberdade	82
Escrever com estilo: cartas	85
Agricultura brasileira, de Getúlio a Dilma	86
O valentão	88
Educar nossas emoções	91
Um leitor a menos	92



Óleo sobre tela - Tamara Costamilan Liska

Vida nova, casa nova	94
Um Santo na Terra Santa	96
Uma pergunta inconveniente	105
Onde estavam os felizes?	106
Meu pai	108
Alcides Guareschi.....	110
Burocracia na escola	111
Água potável	112
Vitaminas e suplementos	114
A alimentação e o envelhecimento	116
Acasos ou coincidências	119
Alcides Maya: um clássico esquecido	120
Rodolfo, o torturador do Panamá	122
Aldo Battisti e a Confraria do Bar Oásis	124
O dom é inerente a cada ser humano	128
Passo Fundo e Posadas	130
A morte do centauro	133
Como foi que o filho de escravo, Felipão, se	134
As vantagens de se ter uma mulher no poder	140
Dia Mundial do Livro	142
O julgamento de Nietzsche	143
O evangelizador pampeano	144
D. Urbano Algayer, um bispo especial	145
Pesquisa sócio-antropológica... ..	146
Rememorações	148
Comemoração do Dia Municipal do Escritor	149
Quando a Academia e o Metodismo... ..	150
O cônego João Pedro Gay e o general Canabarro .	154
Um churrasco do imperador	155
Sobre "bullshit" e assemelhados	156

Quatro novos imortais



Marilise Lech, Agostinho Both, Júlio Perez, Marisa Zílio, José Ernani e Osvandré Lech

A Academia Passo-Fundense de Letras preencheu totalmente suas quarentas cadeiras no dia 23 de novembro de 2012, com a posse de quatro novos acadêmicos. São eles: Agostinho Both, Júlio César Perez, José Ernani de Almeida e Marisa Potiens Zílio. A solenidade contou com a presença de trinta e dois acadêmicos e mais de duzentas pessoas, que lotaram o auditório e o hall dos ex-presidentes.

Agostinho Both, falando em nome dos demais empossados, destacou a importância histórica das academias de letras e da reunião de escritores nessas sociedades. Num feliz exercício estilístico recolheu, em seu discurso, as palavras dos demais empossados, transformando um texto singular, numa peça oratória cerzida há oito mãos.

O acadêmico Osvandré Lech, como presidente do sodalício, avocou para si a responsabilidade de saudar os novos confrades. Historiando a prática acadêmica desde a Grécia Antiga, passando pela Idade Média, até chegar à idade Contemporânea com o desenvolvimento das academias de letras. Lembrou a contribuição da Academia Passo-Fundense de Letras para o desenvolvimento educacional e cultural de Passo Fundo e região, historiando instituições criadas a partir de iniciativas acadêmicas ou com a participação da Academia.



(FOTOS: RAFAEL CZAMANSKI)

Discurso de Posse

(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)

AGOSTINHO BOTH

Saúdo o presidente Sr. Osvandré Lech e o prefeito municipal, senhor Airton Lângaro Dipp e as demais autoridades nominadas, saúdo meus confrades novos e demais confrades. Amigos e amigas dessa noite.

Em primeiro lugar devo dizer que sinto o peso ao representar meus colegas e colher deles, com todo carinho, sua colaboração.

Três são as grandes virtudes reconhecidas pelos gregos como o caminho da felicidade e tão maltratadas no decurso da história, as quais são: Verdade justiça e beleza.

A responsabilidade da academia de letras é com a beleza através da arte de escrever. Somos acadêmicos. E como pertencentes a uma Academia de Letras, começemos pela origem da palavra academia. *Academos*, soldado, herói da guerra de Tróia, criou uma escola de preparação física para jovens de Atenas. Mais tarde a escola tornou-se um centro de ensino do bem pensar: a filosofia cuja finalidade tratava de discutir as realidades que preocupavam Atenas. A filosofia grega também olhou de perto o sentido da arte e da beleza, como é o caso de Aristóteles. Tornar a escrita uma arte exige, como na atividade física e na filosofia, muito exercício. A arte de escrever é retirar da alma a expressão da realidade sobre a qual nós nos debruçamos e, tal atividade de manifestar nossa observação para se constituir em arte, exige o cuidado e o toque do encanto. Pois, então, academia significa, em nosso caso, um lugar de exercícios para expressar tudo o que nossa alma possa pronunciar e da melhor maneira possível. Tem mais: com o surgimento da modernidade somos chamados não somente a nos conformar com a natureza e com as realidades, sejam quais forem, mas transformá-las, tornando nossa literatura um instrumento de criação que aponta para novas formas de expressão e encantamento literário. Na verdade, o escritor é um instrumento pelo qual as



humilhações, tristezas, sonhos raivas e medos pessoais e comunitários se transformam em formas atraentes de ser através do talento, estilo e exercício. O escritor é como um cozinheiro: não é tanto o alimento que vai dizer de sua excelência, mas os temperos e a mão de quem cozinha.

E por sermos uma agremiação de pessoas, temos o dever de não somente pensar, sentir e dizer de maneira agradável e criativa, mas, conjuntamente, proclamar a arte das letras na reflexão da realidade. Dizer o mundo com beleza, em nosso caso, por sermos agremiação, também é um exercício de solidariedade, pois Academia Passo-Fundense de Letras, tem por finalidade primordial a prática da Literatura em língua portuguesa, destinando-se a congregar escritores de Passo Fundo, com o objetivo de auxiliá-los a desenvolver e expandir a arte literária, em qualquer dos seus gêneros. Os principais objetivos apontam para que as obras dos escritores de Passo Fundo sejam cada vez mais conhecidas e que a memória dos escritores passofundenses, torne-se visível e cultuada. Por regime estatutário ainda somos obrigados a promover a cultura em geral e ampliar as possibilidades de publicação e expansão das obras dos autores locais. Entendo que nisso consiste a nossa principal tarefa. De fato, somos como os olhos os quais não são feitos para verem a si

mesmos, mas, como os olhos, fomos feitos para estender nosso olhar às realidades em nosso entorno. E, em nosso caso particular, nossa tarefa consiste em olhar e promover o desenvolvimento da literatura e visibilidade daqueles que a ela se dedicam. E de modo especial daqueles que nos são próximos.

Com alegria, nesse momento, cito as palavras de meus confrades que, como eu, estão sendo introduzidos nessa casa:

Uso a palavra de Marisa Potens Zilio que diz

Somos uma Academia e como tal devemos viver e primar pela confraria, pela reunião, pela união.

Para dar fundamentação de nossa agremiação, quero lembrar Tales de Mileto (624 a.C.), que busca compreender a humanidade contida no ser humano que se distancia, por vezes, da Verdade, da beleza e da justiça. Ao refletir sobre estas virtudes encontramos dificuldades e a perfeição anda trôpega, não poucas vezes. Tales de Mileto, então, torna-se um Educador que através de constatações alerta nossa condição humana. Tales também é um observador da natureza e particularmente da natureza humana: sem dúvida fonte de inspiração para todas as formas de expressão nas Artes e nas Ciências. Milhares de anos de caminhada e parece que ainda andamos em rodeios. Então, com esperança, colocamos nossos pensamentos em nossos

escritos para que alguém possa construir novas ideias, novas dimensões; somos assim colaboradores desta humanidade que busca a perfeição; colaboradores desta academia, oferecendo o nosso de escrever prazer (nem sempre divino, nem perfeito).

Quero ainda lembrar Gabriel Bastos, meu patrono, retirando de seus escritos alguns pensamentos e que servem para nossa academia.

“Loucos e Santos”

Escolho meus amigos não pela pele ou outro arquétipo qualquer, mas pela pupila.

Fico com aqueles que fazem de mim louco e santo

Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o que há de pior em mim.

Tomou, agora, a palavra de José Ernani de Almeida:

Quando recebi a notícia de que havia sido acolhido na Academia, lembrei-me de um trecho precioso de Machado de Assis, em Esaú e Jacó, no capítulo 65, onde se lê: “Conte com as circunstâncias que também são fadas. Conte mais com o imprevisível. O imprevisível é uma espécie de deus avulso ao qual é preciso dar algumas ações de graças; pode ter voto decisivo na assembleia dos acontecimentos”.

Meu trabalho como historiador é dos mais modestos. Assim, atribuo a minha escolha ao imprevisível, às circunstâncias – de que fala Machado – aos laços de amizade com integrantes desta academia, aos quais manifesto meu mais profundo agradecimento pelo acolhimento.

Como historiador gostaria de lembrar que costuma-se dizer que o tempo passa e morre, esquecendo-se de acrescentar que renasce a cada instante. Do mesmo modo é preciso recordar que a história continua, com fases de inquietação e sofrimento, intercaladas de fases de serenidade e alegria (na ausência das quais ninguém suportaria existir). A estas alternâncias não devemos opor nem a saudade, nem a indiferença, nem o desencorajamento, mas a compreensão, mesmo que seja fragmentária e falível. Aí, pois, entra nossa tarefa de escrever, para que não se apague o sonho humano de ser.

Enfim, como historiador e escritor, minha contribuição será esta: a de não se apagar o sonho humano de ser. Estarei, assim, contribuindo também com a Verdade e a Justiça. Finalmente quero dizer que chego a esta academia, como cantou o inesquecível Luiz Gonzaga Jr,

em uma de suas mais belas canções, para “cultivar a beleza de ser um eterno aprendiz”. Esse apelo é que me torna historiador e escritor.

Me aproprio, nesse momento, das ideias do confrade Júlio César Perez:

O ingresso na Academia Passofundense de Letras significa para mim o coroamento de um esforço que veio desde os meus 14 anos quando, residindo ainda em Gaurama – RS, decidi que iria me tornar um escritor. Após 30 anos e 3 livros publicados, posso considerar que esse esforço rendeu frutos e o meu acolhimento neste Sodalício representa o reconhecimento desse trabalho. O que muito me lisonjeia.

A carreira de um escritor não é uma tarefa fácil. Ao contrário, é uma atividade cheia de avanços e recuos e requer de quem decide singrá-la uma excepcional iniciativa e força de vontade. Na verdade, decidir singrá-la não é bem o termo, pois antes de sermos nós que escolhemos, somos nós os escolhidos. Afinal, a Arte precisa de trabalhadores e os recruta entre aqueles que revelam alguma sensibilidade, um amor incensurável ao Belo e a crença de que podem transformar o mundo através das letras, das notas musicais, das cores da paleta ou das formas da escultura. Todos os meios, enfim, pelos quais a Arte se manifesta.

Escolhido, pois, pelas Letras há mais de 30 anos, não recusei a distinção que exige muitos sacrifícios e renúncias, mas que também nos proporciona grandes realizações. A edição de um livro, mas antes disso, a criação de um poema, de um conto, a concepção de um romance, o duro labor com as palavras, quando este se resolve na forma acabada que, intuímos, irá ficar para a posteridade, são momentos que só rivalizam com as grandes conquistas da vida de um homem. Quiçá, como o nascimento de um filho, o começo de uma empresa de sucesso ou a conquista da mulher amada.

Para finalizar outra ideia ainda nos surge. Queridos confrades, noviços das letras, lembremos que entre as primeiras solicitações da direção de nossa Academia se referem à intenção de expandir o movimento literário, tornando nossa academia parceira de outros parceiros na literatura. E, na segunda semana das letras, ficou anotado aqui, e muito, sobre a importância de encontrarmos caminhos para melhoria da visibilidade de nossos escritores. Esta ideia pode levar a que tenhamos novas ousadias. E

tal ousadia tenhamos a ponto de romper com a geografia que facilita a visibilidade e a produção de escritores que habitam capitais e os maiores centros. Que ao menos façamos o dever de nos associar aos esforços de habitar de forma solidária e ampliada os nossos espaços e, assim, por força de uma física de poder e da vontade, superar os mares adversos aos navegadores das letras. Ainda que, sem inventividade de Cervantes que, de um parvo sobre um burro e de um louco sobre um cavalo, fez talvez a mais bela criação literária, tenhamos a coragem de sermos o que somos e o que ainda pode ser. Que tenhamos um pouco da coragem de Homero que fez de Ulisses um navegador do desconhecido, mas descobrindo que o melhor lugar é sua casa. Rigorosamente como Tolstoi: Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia. Ou como diz Oscar Wilde ao um amigo que pretendia ser escritor: Por mais simples que seja o objeto de nossa paixão que seja bem olhado e dito por nossas mãos. Pois bem, não nos faltarão motivos os quais vão desde os clamores de nossa aldeia até o mais trivial objeto ou paisagem. Pedimos competência divina fazendo brotar palavras das quais se fazem livros para a ternura e o encanto nosso e de nossos leitores. Assim falamos respeitando a tradição grega que diz: fomos feitos de barro, mas o deus do sopro soprou sobre a argila, resultando alguém frágil e ao mesmo tempo divino, pois a partir de então podemos falar como falamos os deuses. Mas por tal elevação a que fomos destinados, a tradição diz que os deuses pediram que o deus Cuidado nos cuidasse até o momento que nosso sopro se extinguisse, voltando ao barro o que é do barro e a Deus o que é de deus. Assim, enquanto existir nossa divina inspiração e o pronunciamento da palavra, vamos dizê-la ao nosso modo para alegria nossa, dos nossos leitores e de Deus. E que consigamos pronunciarla sob as formas de um papiro, e-book, tablets, face book e dando a nossa mais legítima versão sobre tudo que os olhos e a inspiração nos concederem

Não percamos a compaixão, a ternura e a ética que nos permite amar nossa habitação: Não somente a habitação de nossa intimidade, nossa casa querida, ausência de nossa solidão, mas nossa comunidade, extensão primeira de nós mesmos.

Passo Fundo, 23 de novembro de 2012

Nunca pensei que faria parte da APL

MARISA POTIENS ZILIO

Sempre gostei de ler e escrever. Ao longo de minha vida fui sendo desafiada a pôr o saber no papel. Porém, não levava essa tarefa como uma prioridade e, assim, publicava sempre que solicitada, para revistas, periódicos científicos, anais, capítulos de livros, etc., porém, sem rotinas permanentes ou sistemáticas, em relação à escrita.

Até que, respondendo a estes desafios, publiquei meu primeiro livro (“Ser humano: o desafio na vida e no trânsito”) em coautoria com o Dr. Albino Julio Sciesleski.

Depois, creio que o desejo de escrever já não era mais tão tímido em mim, e disso resultou meu segundo livro (antes dissertação de mestrado): “Psicopedagogo: perfil profissional em conflito”.

O desafio continuou e, já sentindo-me mais à vontade, assentei-me no que minha própria vida estava a me exigir, pois desde pequena estive cercada de leituras e de livros. “Pais competentes de filhos doentes” veio a ser, então, meu desafio mais recente, o qual, em parceria com Marilise, Jamile, Suraia, Carla Sesti, Carla Tarasconi, Christiane, Eline e Albino, revelou meu sucesso em mais essa empreitada.

Confesso que vacilei, ao ser convidada para concorrer a uma vaga na APL. Pensava em como seria participar da Academia Passo-Fundense de Letras, e o que isto significaria para minha vida... Até questioneei-me se teria competência para tanto. Mereceria eu tal galardão?

Como sempre faço, olhei para minhas conquistas até aqui, e percebi que nunca me negara a responder a desafios. Tampouco me sinto velha, apesar da idade, a ponto de não sonhar mais. Não é por aí, pensei. Há que responder positivamente à vida, não ter receio de mudar (ideias, conceitos, modos de viver) e buscar novas propostas, sempre.

(FOTOS: RAFAEL CZAMANSKI)



Marisa Zilio e Selma Costamilan

Então, aceitei esta “honra” que, na verdade, é para mim mais um desafio.

Como nos diz Sara Paim: “Todo pensamento, todo comportamento, remetem-nos a sua estruturação inconsciente, como produção inteligente e, simultaneamente, como produção simbólica.”

Como cheguei até aqui, intelectualmente falando? Há, naturalmente, uma história que surge de meu inconsciente, de minhas memórias: meu pai, que me presenteava com muitos livros de histórias e lia todas as noites até eu dormir. Minha mãe, que incentivava a leitura, a ouvir radionovelas, e mantinha longas conversas em torno de minhas muitas, mas muitas mesmo, curiosidades. Também lembro de quase todas as histórias de Hans Christian Andersen, dos irmãos Grimm, das coleções “Mundo da Criança”, das revistas “Recreio”, de Monteiro

Lobato, das estórias de José de Alencar (já na minha adolescência), de “Poliana Menina” e “Poliana Moça” (que eu adorava, e como adorava!), enfim, isso tudo fez parte desta história de vida.

Escrevo bem? Não sei, mas gosto de soltar meu pensamento (que tem conteúdo, segundo meu editor) e de fazer parte, de somar e de contribuir, literariamente, com a construção de um mundo sempre melhor.

Lembro aqui de “Alice no País das Maravilhas”, quando o coelho lhe disse: “É tarde! É tarde! É tarde até que arde! Ai, ai, meu Deus! Alô, adeus!...”

Canta o coelho de Alice. Cantam as mentes insatisfeitas. Cantam os homens que querem mais. Quero mais, queremos mais. Eis o nosso desafio. Este é o meu desafio.

Por fim, quero lembrar de algo que



Sessão de posse na APL, 23 de novembro de 2012

se chama “influência”. Ouvimos muitas vezes que não devemos ser influenciáveis. Que tolice! Quero, sim, ser sempre influenciável pelos bons pensamentos, pelos comportamentos de pessoas desafiadoras, pelos meus amigos e parentes, pelos filhos, pelas pessoas generosas, pelas pessoas sábias. Quero ser influenciada pelos bons livros e por seus autores.

Quero, ainda, ser influenciada por esta casa (APL), onde o saber compartilhado não mede esforços, e voa sem fronteiras e sem barreiras.

Lembrando Lucas (12, 13-21), quando nos fala da história que Jesus inventou (Ele gostava de contar e inventar histórias!), dizendo que, diante de uma grande colheita, o senhor da fazenda pensou em construir silos maiores, para guardar todos os seus grãos, para poder viver sua vida sem preocupações, Jesus falou, então, da tolice de quem assim pensa, pois não considera que a vida é efêmera e o amanhã poderá não existir.

Esta passagem nos faz pensar que estamos aqui para distribuir nossos pensamentos, nosso conhecimento, não para guardá-los; e que nossa imortalidade seja o símbolo de que não vivemos em vão.

O que espero fazer em prol da cultura local. E qual o compromisso assumido,

publicamente, com a APL.

É difícil responder a estas questões, pois os dinamismos hodiernos podem nos levar a “desobedientes” juramentos. Prefiro falar de meus sonhos, em relação à cultura local e aos compromissos com a APL.

Um deles vem de quando eu era Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, da UPF. Junto a órgãos competentes (como a universidade e as faculdades locais), pensei em reestruturar os três prédios que mantêm a APL, o Teatro e o Museu, para que se transformassem num espaço cultural maior, fisicamente, que pudesse abrigar mais e maiores eventos literários, culturais e festivos.

Já imaginaram todo o pátio reconstruído, com um anfiteatro para apresentações de orquestras, corais, bandas, etc.? E um teatro e um museu, fervilhando de gente e com diversidade de espetáculos e exposições?

“Mas já fazemos isto”, poderão dizer alguns. Sei que o fazem, mas sei também das dificuldades. E são estas que quero amenizar, para que o resto flua. A estrutura física é importante e deve ser empática, a ponto de atrair as pessoas. Sentem na praça, e observem como nossos espaços de lazer e reflexão estão cada vez menores e menos convidativos!

Outro sonho é a promoção permanente de escritores (e também de artistas, músicos, etc.) e de outros talentos filhos desta terra, levando-os a diferentes eventos (discussões, rodas de leitura, oficinas, etc.), nas escolas. Creio ser esta uma prioridade, pois, para que nossos jovens leiam mais, é necessário provocá-los.

Desejo ainda que nossos livros estejam em nossos computadores. Isso tornará todos mais hábeis para romperem barreiras territoriais e se fazerem presentes em todo o planeta.

Por fim, o que posso “prometer” de fato é estar presente, e apoiar com dedicação as ações da APL. E ainda, se possível for, e a inspiração existir, escrever... escrever... escrever.

Seria pretensão demais desejar vínculos permanentes, com prêmios literários e com a Academia Brasileira de Letras?

Confesso que, como uma criança iniciando seu caminhar, tenho por ora dificuldades em prever todas as perspectivas que a APL oferece.

Estar presente e ser sempre cooperativa, por fim, é minha promessa.

(Marisa Potiens Zilio, psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Semana das Letras

II Semana das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras

A arte da literatura em suas variadas formas

Data: 29/10 a 01/11
Local: Auditório da APL (Av. Brasil Oeste, 792)
Horário: 17h30min às 19h
Ingresso: 1 kg de alimento não perecível

A Academia Passo-Fundense de Letras promoveu, entre os dias 29 de outubro e 1º de novembro de 2012, a II Semana das Letras, contando com o apoio da Universidade de Passo Fundo (UPF) e da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Desporto (SEDUC).

Tendo em vista que a primeira edição do evento deu importância à literatura local, esta II Semana destacou autores nacionais.

Escritores, editores e livreiros

No dia 29, realizou-se o encontro de escritores, editores e livreiros. Na oportunidade, esses três segmentos indispensáveis para a existência da literatura debateram a criação literária, a edição e comercialização de livros na cidade.

Muitas foram as sugestões apresentadas, pois Passo Fundo produz, em média, um título diariamente, desde livros de pequeno volume a alentados tomos de conteúdo científico. O ambiente foi de

ampla liberdade de expressão, servindo para que todos expressassem suas opiniões, o que certamente contribuirá para uma produção maior da literatura local.

A conclusão geral é que faltam condições para uma circulação maior da literatura passo-fundense, incluindo-se, aí, as obras de conteúdo científico. Essa falta de condições se deve, fundamentalmente, ao fato de o município estar distante dos grandes centros culturais brasileiros, mormente, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Apesar de todas essas dificuldades, alguns autores passo-fundenses alcançaram reconhecimento nacional e internacional, e algumas obras conseguiram tiragens com milhares de exemplares. Isso demonstra a qualidade da literatura aqui produzida.

Drummond e Jorge Amado

Na terça-feira, dia 30, sob a coordenação da acadêmica Dilse Peccin Corteze e dos professores da UPF, Eládio Wes-



Professor Eládio Weschenfelder

chenfelder e Ivânia Campigotto Aquino, discutiram-se as obras do poeta Carlos Drummond de Andrade e do romancista Jorge Amado.

Coube ao professor Eládio Weschenfelder falar sobre o poeta mineiro. Imitando a voz e o jeito de falar de Drummond, o professor encantou a plateia. Ao longo da palestra, o bom humor e o profundo conhecimento da obra fizeram



Bando de Letras da UPF



Encontro de escritores, editores e livreiros

com que o clima reinante fosse de encantamento e empatia. O afastamento do palestrante, em função do trabalho que o aguardava em Soledade, foi motivo de pesar por parte do público.

A homenagem feita a Jorge Amado, pelos 100 anos do seu nascimento, partiu, inicialmente, de estudo apresentado pela Doutora em Literatura, Ivânia Campigotto Aquino que, de forma sensível, mostrou as várias fases e facetas do autor. Após sua fala, houve uma boa interação com o público, ocasião em que ela respondeu, com muita solicitude, às perguntas da plateia. A professora revelou aos presentes um Jorge Amado regional, mas profundamente brasileiro.

O vídeo produzido pelos alunos e alunas do Curso Integrado da UPF, que faz parte do Festival de Curtas deste ano, e daquela instituição, deu o clima para o início das atividades.

Nelson Rodrigues

A programação em homenagem a Nelson Rodrigues, com a mediação da acadêmica Sueli Gehlen Frosi, começou com uma belíssima apresentação de Jonathas Ferreira, violinista reconhecido

por sua habilidade e criatividade, que tocou de forma nova, emocionando a todos, e recebendo elogios por parte da assistência.

O psicanalista Dr. Francisco Santos Filho apresentou uma análise psicológica da obra de Nelson Rodrigues, frisando que o autor não inventou o incesto, a traição, a homossexualidade, os crimes passionais, ingredientes das principais histórias contadas por ele. Disse o palestrante que até hoje isso tudo acontece dentro das famílias brasileiras, como ele ouve constantemente em seu consultório.

Já a Dra. Nara Rubert trouxe o embasamento teórico e literário da obra de Nelson Rodrigues. Mostrou a riqueza de formas de manifestação do autor, pois ele escreveu peças de teatro, romances, crônicas, textos jornalísticos, especialmente na área policial. Enfatizou a ironia que permeia toda a produção literária de Nelson Rodrigues.

O Dr. Gerson Trombetta analisou, filosoficamente, a obra, ressaltando as categorias de “ironia e mentira”, de uma forma magistral, levando os presentes a refletirem sobre a condição humana, de um jeito alegre e profundo, e tendo

como pano de fundo o mundo de Nelson Rodrigues.

Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna foi o tema abordado na última noite (1º/11) da II Semana das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras. Tais atividades foram coordenadas pelo acadêmico Osvandré Lech, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.

Sob a coordenação da Doutora em Letras, Fabiane Verardi Burlamaque, a também professora e Doutora em Letras, Nara Rubert, palestrou sobre a movimentação realizada por jovens intelectuais paulistas, em 1922, responsável pela introdução das chamadas ideias modernas da Literatura, no Brasil. Expôs os antecedentes que levaram ao encontro promovido pelos jovens intelectuais paulistanos, ligados a alguns intelectuais de outras capitais brasileiras.

A professora Nara Rubert salientou a importância da Semana de Arte Moderna, para a renovação da literatura brasileira. A partir daquele momento, quebraram-se os cânones consagrados do fazer literário, fixando-se a mais ampla liberdade de criação.

Alunos do Ensino Médio Integrado da UPF exibiram vídeos, sobre aquele movimento de renovação literária, destacando-se a participação das acadêmicas Sueli Gehlen Frosi e Marilise Lech, entrevistadas pelos alunos.

O Bando de Letras da Universidade de Passo Fundo, sob a coordenação do professor Eládio Weschenfelder, promoveu a dramatização dos poemas mais conhecidos dos primeiros modernistas.

Elogio público a Paulo Monteiro

MAURO GAGLIETTI

Estamos aqui para olhar, ainda mais atentamente, para uma obra e um ser humano ímpar, seu autor. Ele já presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras (APL) e, atualmente, é seu Secretário Geral, sendo um conhecedor da história do Rio Grande do Sul e um reconhecido ativista cultural. Fazemos referência a uma obra, que foi esculpida nos tempos dos poetas da geração do mimeógrafo (nas palavras do autor: “mimeogeneration”) e do período em que livros eram enterrados nos pátios das casas. Trata-se de Paulo Monteiro, digno representante da cultura de Passo Fundo, que entrega na noite de hoje, aos nossos corações e mentes, o seu mais recente livro:

Eu
resisti
também
cantando

com versão impressa e em formato E-Book. Assinalamos, ao mesmo tempo, que esse livro teve sua edição garantida pelo auxílio cultural do PROJETO PASSO FUNDO, que já editou, nos últimos anos, cerca de 63 publicações de renomados autores e autoras pertencentes à cultura local. Soma-se a esse apoio dos amigos Ernesto Zanette e Gilberto Cunha, com seu olhar atento, o envolvimento da APL e da Gráfica Berthier.

Ressalta-se, sobretudo, que estamos diante de um “livro póstumo de um poeta vivo”. Encontramos o autor “inteiro nesses poemas”, em que a vida do poeta é ressignificada conforme se avança pelos caminhos que se abrem, mediante a interpretação de seus versos. A obra conta com 72 poemas escritos a partir de 1974, agrupados em quatro seções: “introdução ao poema”, “suor e sangue”, “par e ímpar” e “caderno de canções”.

Na contracapa, a veia do poeta salta, expondo, em 14 versos, o espírito do tempo na contemporaneidade. A delicadeza com que a obra foi editada é per-

(FOTOS: ARQUIVO APL)



cebida, igualmente, na capa de Silvana Oliveira, retratando lírios colhidos em uma sala fechada (bela metáfora para uma capa em tempos de Comissão de Verdade e de mortos sem sepultura), na nota do autor, na dedicatória e, também, num prefácio assinado por Júlio Perez. Notamos, nas orelhas do livro, duas fotos do poeta, a primeira, de 1974, e a outra, recente: o que ambas têm em comum é o olhar penetrante de um atento observador. Além disso, encontramos a inscrição de algumas percepções de leitores das canções que residem em diversas cidades do Brasil e de Portugal.

Paulo Monteiro carrega em si uma parte preciosa da história de Passo Fundo, em seus aspectos mais enigmáticos, sobretudo, aqueles mais associados às estratégias estéticas libertárias utilizadas por muitos militantes da contracultura, entre dois tempos: em 1974, com a resistência à ditadura militar, e nos primeiros anos do século XXI, por intermédio da resistência à sociedade do consumo e à ampliação da corrupção na política.

Paulo, por sua vez, filia-se aos que defendem o direito à fantasia, em um país que já proibiu – nos anos de chumbo – a leitura de várias obras infantis. Porque é nesse direito de fantasiar que

funda sua versão mais seca, prosaica, que é a liberdade de pensar e de opinar. Se não tivermos esta última, sabemos que quase nada mais nos restará. Pensar por conta própria, expressar as ideias e manifestar os ideais de que somos legítimos portadores, eis uma das chaves da democracia (nas palavras do sábio Renato Jeanine Ribeiro). Mas essa senha de acesso – digamos, “racional” – não se constituirá se não lhe tiver sido aberto lugar por um aprendizado bem menos sujeito à razão e que, na verdade, é a primeira grande aventura da fantasia. Aqui, a aventura consiste em imaginar, gerar fantasmas, idear o que não é. O que Paulo Monteiro tenta nos dizer é tão somente que jamais vicejará a planta do pensamento se, antes, não for semeado o terreno pela fantasia – e isso porque ambos têm, em comum, a capacidade de sair da mesmice, da repetição, daquilo que está aí, para construir, em seu lugar, uma vida humana digna.

Por isso mesmo, ele carrega em sua tinta a expressão de um Brasil que teve como uma de suas passagens mais impressionantes a censura a Peter Pan. Nesse caso, talvez a censura não tenha sido nada burra, ao proibir as aventuras desses meninos da Terra do Nunca. Porque Peter Pan e seus amigos não são inofensivos e bem-comportados como querem muitos. São, mesmo, uma turma rebelde e de forte imaginação – e com isso terão preparado muita gente para pensar. A censura tinha razão em proibi-los: quem quer impedir os outros de refletir por conta própria tem que começar muito cedo, coibindo a imaginação de nossas crianças e adolescentes. E, por esse motivo, Paulo Monteiro resistiu à ditadura “também cantando”, em seus versos, a liberdade de criação e de expressão, como um direito da pessoa humana.

Os já tradicionais leitores (e as leitoras) de suas prosas e versos, escritos à maneira regrada, pontuados, perceberam que há uma ótima e bem elaborada utilização da pontuação. Aprendiz dos textos



Paulo Monteiro

clássicos da literatura universal, desde piá, aprendeu que a finalidade de tais sinais é transmitir a ideia de oralidade do autor, por intermédio da leitura. No livro que está sendo lançado hoje – eu resisti também cantando –, ao abolir a pontuação, Paulo Monteiro libertou os leitores, lançando-os a um campo minado de incertezas de sentido. Sem vírgulas, pontos, maiúsculas, nos 72 poemas, faz um emprego não tradicional de pontuações, tal como o português José Saramago, que fazia o mesmo em seus textos em formato não poético, chegando a escrever frases de mais de uma página sem uma única vírgula, sem pontos. Sobre seu estilo, o próprio Saramago conta: “Sem saber como, sem ter pensado nisso, começo a escrever como se tivesse contando aquela história, e contando aquela história, conto-a sem pontuação, da mesma maneira como falamos, com sons e pausas”. E complementa: “Abolir a pontuação não foi decidido por alguém que quer escrever algo novo. Foi resultado lógico da aceitação de um tipo de narração que se confunde muito com a oralidade, tem a ver com essa mágica do conto oral. (...). O que eu quero é que o leitor ouça...

ouça aquilo que está no livro” (ZERO HORA, 1998).

É provável que Paulo Monteiro considere, também, que a pontuação, como usada atualmente, tende a organizar fria e logicamente o texto, não por seus elementos rítmicos e melódicos. Com base nessa deformação rítmica produzida pelo uso lógico da pontuação, muitos poetas a aboliram em sua escrita. O nosso poeta de Passo Fundo, no caso, inspira-se no que há de melhor na literatura universal, na medida em que, ao escrever sem pontuação, sem divisão em versos, sem maiúsculas, arremeça o leitor para o desconhecido, no território da criação, da fantasia, da imaginação, da própria versão do verso. Assim, enquanto organiza os poemas, ao eleger uma leitura singular, com matéria humana plástica, o leitor recria novos sentidos que configuram as palavras lidas, mastigadas com dentes de moer e marcar a vida. Desse modo, estamos diante de uma criação que, ao morrer, se desmancha, porque, desintegrando-se, gera outras obras.

Ao que parece, Paulo Monteiro faz parte da ousada vanguarda que tenta normalizar os métodos de composição de

uma obra literária modernista, à medida que surge um ardente desejo furioso de libertar as palavras, tirando-as da prisão. Essa vanguarda de que Paulo Monteiro faz parte tem se espalhado pelos quatro cantos do mundo, imaginando ser possível destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso, como nascem; empregar o verbo no infinitivo, para que se adapte elasticamente ao substantivo e não o submeta ao “eu” do escritor que observa ou imagina. O verbo no infinitivo pode, sozinho, dar o sentido de continuidade da vida e a elasticidade da intuição que a percebe; abolir o adjetivo, para que o substantivo, desnudo, conserve a sua cor essencial (o adjetivo, tendo em si um caráter de esbatimento, é incompatível com a nossa visão dinâmica, uma vez que supõe uma parada, uma meditação); deletar o advérbio, antiga cola que une as palavras umas às outras (o advérbio conserva a frase numa fastidiosa unidade de tom); eliminar a pontuação e suprimir os elementos de comparação (há muita violência quando se estabelecem paralelos entre palavras, pessoas, livros e...). Por fim, essa vanguarda de que o nosso poeta de Passo Fundo faz parte quer utilizar símbolos

matemáticos e musicais, para poder expressar toda mágoa, rancor, memória/esquecimento, todo amor concentrado e compartilhado entre as pessoas nesse mundo.

Será que a poesia de Paulo Monteiro deseja ousar e advertir para o quanto não se pode restringir a problemática já levantada por Mallarmé, a um desejo de acabar com o verso – colocando como única saída, por exemplo, uma poesia puramente visual ou sonora? Esta foi, aliás, a leitura que predominou entre nós a partir dos poetas concretos, que viram no emblemático poema a resposta do escritor francês à crise, por meio de uma poesia supostamente apenas visual. Assim, é preciso buscar nas poesias do poeta a ampliação das possibilidades de versificar, expandindo com isso as possibilidades do poético.

Classificar nossa tradição poética contemporânea, por exemplo, em poesia verbal X visual – aquela que se julgaria mais diretamente herdeira da poesia concreta – seria, nesse sentido, colocar mal o problema. “O verso está em toda parte da língua onde haja ritmo”. O problema na escrita é, antes de tudo, rítmico. E se verso é quase sinônimo de ritmo, quem sabe mesmo na prosa haja verso ou, como queria o poeta francês, talvez nem mesmo exista a “prosa”. E quem sabe, nisso tudo, o que importe de fato seja essa indecisão da forma, a potência que a poesia tem de encarnar

o instável, o frágil, o corpo em estado – contínuo, ininterrupto – de mudança.

Por isso, caros amigos e prezados integrantes da APL, como diz um provérbio do Malinké, “um homem pode enganar-se em sua parte de alimento, mas não pode enganar-se na sua parte de palavra”, ou – poderíamos acrescentar – “na sua parte de imagem”.

O que desejo ao Paulo Monteiro e a todos os escritores de Passo Fundo, nesta noite e sempre, é felicidade, a felicidade que é sinônimo de respeito pelo outro. A felicidade que não possui lugar

fixo e que pode ser situada no ponto exato onde se encontram o trabalho e o prazer, a disciplina e a sensibilidade, a certeza e a dúvida. E porque falham as palavras quando querem exprimir qualquer pensamento, e porque falham os pensamentos quando querem expressar qualquer realidade, concluo com uma pergunta e com a resposta que lhe deu um poeta:

Que lições a vida pode oferecer? Manoel de Barros aprendeu com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano) o seguinte:

A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa?
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja?
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.
Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar (...)

(Mauro Gaglietti integra a Academia Passo-Fundense de Letras desde outubro de 2010, ocupando a cadeira 31. É Cientista Político, Doutor em História, Professor da IMED (Passo Fundo, RS), Professor do Mestrado em Direito na URI (Santo Ângelo, RS) e Professor Colaborador da FEMA (Santa Rosa, RS) e da FAI (SC). É o Coordenador do Projeto Justiça Comunitária em Passo Fundo e do Curso de Pós-Graduação em Mediação de Conflitos e Justiça Restaurativa. É autor de vários artigos, ensaios e livros. E-mail: maurogaglietti@bol.com.br.)

Poesia

MARA DA GRAÇA CARPES DO VALLE

Ânsia de viver

Buscas constantes.
Questionamentos.
Identificações.
Indagações.
Sonhos, projetos, realizações...

Esperanças aquecidas...
Afetos, amores, envolvimento...
Quem sou?
Simplesmente alguém trilhando um caminho...

Labirintos, arco-íris, pores-do sol.
Tudo isso me encanta.
Crianças, amigos,
vejo-os celeremente passar.
Para onde vão?!

Sei que devo continuar.
A imensa sede de vivenciar todos os momentos me avassala.
Por que será?

Reflico e revejo, num lampejo, tantos quadros.
Constato serem esses a minha história que a própria vida escreveu.

Mas quem disse que tem ponto final?
Só agora entendo o porquê da minha pressa.
Só agora tenho certeza de quem sou.



(Mara da Graça Carpes. do Valle é professora, de Passo Fundo/RS.)

Homenagem a Craci Dinarte

(FOTOS: ARQUIVO APL)



Osvandré Lech, Paulo Monteiro, Craci Dinarte e Marilise Lech



Craci Dinarte e Helena Rotta de Camargo

LUÍS MARCELO ALGARVE

Craci Terezinha Ortiz Dinarte, professora, nasceu em Guaporé/RS em 15 de outubro de 1.932. Filha do dentista Francisco de Marco e de Paulina Wairich de Marco. Desde jovem, apresentava talento especial para as artes. Adorava escrever, além disso, pintava quadros a óleo e cantava (era soprano). Casada com Jairo Ortiz Dinarte, Craci teve três filhos: Carlos Antônio, Graciela Fátima e João Carlos.

Em razão do talento com as palavras, foi convidada pelo amigo Dyogenes Martins Pinto, diretor do jornal Diário da Manhã, a publicar as suas poesias no periódico. A primeira poesia divulgada foi “Horas Perdidas”. Depois da primeira publicação brotaram belíssimos trabalhos poéticos que, por mais de 8 anos, permearam as páginas do referido Jornal. Para o encantamento dos leitores, as poesias se transformaram em livros: “Permitam-me Sonhar” e “Poesia: Um passe de Mágica”, ambos de 1997; “Nós, entre o Céu e a Terra”, de 2008; e “Emoções”, de 2012, lançado pelo Projeto Passo Fundo.

Sobre a mais recente obra literária, apresentada à comunidade no dia 24/07/2012, em evento realizado na sede da Academia Passo-Fundense de Letras,



o livro “Emoções”, Craci Dinarte, ao responder o que seriam as emoções, afirmou: “O que são emoções, senão sentimentos que nos dominam em certas ocasiões: sejam de saudades, alegria, paz, dor e amor. As emoções são superiores a nos-

sa vontade. Podemos tentar ou até reagir aparentemente, mas sua presença é sentida sempre no fundo do nosso coração. Emoções é viver e reviver nas nossas recordações”.

Craci Dinarte ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras em 1.989, contribuindo decisivamente para a afirmação da poesia no sodalício. Questionada sobre o que seria a Academia Passo-Fundense de Letras, respondeu: “É uma reunião de pessoas cultas, que reconhecem na simplicidade a melhor forma de viver”.

Alguns pensam que os poetas são pessoas tristes, solitárias, melancólicas, eternamente infelizes. Ocorre que toda a humanidade passa, em algum momento da vida, por esses sentimentos, mas tem dificuldade de exteriorizá-los, como fazem os poetas e escritores. Escrever é uma arte. Escrever é dialogar sozinho. Já dizia José Ortega y Gasset: “O que distingue um grande poeta é o fato dele nos dizer algo que ninguém ainda

disse, mas que não é novo para nós”. Craci Dinarte é uma poetisa que diz coisas simples com profundidade, mas que poucos conseguem dizer em letras tão belas.

O mundo dos poetas é especial. Basta uma paisagem, um som, uma palavra, um sentimento, para brotarem versos de sutilezas que os olhos menos atentos não conseguem ver. A função do poeta é traduzir em palavras as emoções mais sutis da pessoa humana. A confrreira Craci Dinarte, em sua obra, consegue revelar com talento e simplicidade a essência da vida humana, conforme se percebe no poema “Para Melhorar”, a saber: “Para melhorar/a humanidade,/é preciso que haja amor./Um amor que desperte/o desejo de viver,/de sorrir, de crer./Um amor que possa vibrar,/iluminar as pessoas,/mas também/ser calmo e discreto,/sem deixar de ser amor.”

A Academia Passo-Fundense de Letras sente-se lisonjeada e agradece a confrreira Craci Dinarte, por brindar os seus membros com o recente lançamento do livro “Emoções”. O nome da poetisa já está selado na história do sodalício, para sempre, na condição de talentosa artista da poesia, bem como está gravado na memória de Passo Fundo, na condição de quem fomenta a disseminação da literatura local. Obrigado, poetisa Craci!

(Luís Marcelo Algarve, Advogado, Professor Universitário e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Saudação ao Dr. Claudio Lamachia

Dr. IRINEU GEHLEN

Exmo. Dr. Claudio Lamachia, mui digno Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional do Rio Grande do Sul!

Pela segunda vez coube-me a honra e o privilégio de saudá-lo, ao ensejo do mês do advogado. Falar das qualidades, da inteligência, da honradez, da eficiência, da competência e do empreendedorismo de Vossa Excelência é despiciendo, pois os advogados e a sociedade gaúcha já o sabem.

O advogado sempre foi, em todos os tempos, o profissional defensor das pessoas e dos indivíduos, contra as injustiças e contra as agressões que estes sofrem. Segundo o insigne RUY BARBOSA, “O primeiro advogado foi o primeiro homem que, com a influência da razão e da palavra, defendeu os seus semelhantes contra a injustiça, a violência e a fraude”. Impossível tornar-se indicar e mencionar quando, efetivamente, começou a profissão do advogado. Todavia, PÉRICLES, segundo se sabe, foi o primeiro representante do direito que se conheceu em Atenas, na Grécia. Entretanto, o primeiro advogado a exercer a advocacia como profissão e a ensinar jurisprudência, publicamente, foi o plebeu TIBÉRIO CARUNEANO, pontífice que viveu em Roma, três séculos antes de Cristo.

SEBASTIÃO DE SOUZA, por sua vez, observa que Moisés fora advogado dos hebreus, contra a tirania e o despotismo faraônico. DUPIM se manifesta dizendo que, segundo a história, a defesa se fazia por meio de um parente ou amigo, e CARVALHO DOS SANTOS esclarece: “As necessidades da Justiça exigiram que homens especializados, versados no conhecimento das leis, viessem ao lado dos litigantes para assisti-los na reivindicação de seus direitos.

Essa a origem da profissão do advogado”.

É bom lembrar que, no passado, o advogado estava a serviço dos interesses particulares e privados, eis que os litígios e as demandas eram duelos entre as partes, enquanto o Estado era um simples observador, passivo e inerte. Porém, evoluindo a sociedade, o Estado passou a intervir nas relações privadas e, a partir daí, a presença do profissional do Direito no processo tornou-se obrigatória, assumindo o advogado o papel intermediário entre a parte e o juiz. O Estado Ateniense foi, sem dúvidas, o berço da advocacia, onde a oratória conquistou a sua glória com os oradores helênicos: Sócrates, Péricles, Demóstenes e tantos outros que preencheram exuberantes páginas da advocacia histórica. Já, em Roma, a advocacia passou a se revestir de formas técnico-jurídicas. JEAN CRUET, em sua obra “A Vida do Direito e a Inutilidade das Leis”, proclama: “Os inúmeros profissionais que vivem do Direito fazem também viver o Direito...

Nessa vivência do Direito é o advogado que, no entrechoque da vida cotidiana, restaura e assegura os postulados que governam a convivência social.” Em Roma o advogado era chamado de “miles legalis, ou seja, o soldado da lei. RUY A. SODRÉ define: “O exercício da advocacia é eminentemente útil à ordem da sociedade, porque influi, poderosamente, sobre a distribuição da justiça”.

O primeiro advogado no Brasil, segundo o historiador Assis Cintra, embora a matéria não seja pacífica, foi Duarte Perez, enquanto que outros sustentam que teria sido COSME FERNANDES PESSOA. Urge frisar que essa dignidade sacerdotal, da profissão do advogado, foi proclamada por PAULO VI: “UM HOMEM EM BUSCA DA VERDADE”.

(FOTOS: ARQUIVO APL)



A partir da Lei 4.215/63 que criou o Estatuto da OAB, o advogado passou do simples postulatório, a envolver “munus publico”, seguido de responsabilidade funcional. A ética, o zelo, a dedicação, a probidade, o civismo, o desvelo, tudo isso constitui, juntamente com sua atividade, muitas vezes mal compreendida, uma função social. Indiscuti-

vel que o pressuposto fundamental da advocacia é, *sinae dubio*, a LIBERDADE. Sem democracia, não se concebe a figura do advogado e, sem a figura do advogado, não se concebe a paz social nem a liberdade dos homens. Nada, nesta vida, pode ficar longe do Direito. Tudo vincula-se ao magistério da lei e ao império da JUSTIÇA. Impossível a convivência humana sem o ordenamento jurídico. Aí reside o fundamento pelo qual não há hierarquia entre juiz, advogado e promotor de justiça. Essa presença de luta pela paz social é sentida e presenciada na legislação mosaica, na Lei das XII Tábuas, nos Códigos de Hamurabi, no Alcorão, nos princípios filosóficos e políticos de Mêncio, na antiga China, nas civilizações helênicas e romanas. Só a liberdade tem o condão de dignificar o homem.

Assim, nesta noite, ao ensejo do encerramento dos festejos alusivos à Semana do Advogado, em nome de todos os profissionais do direito, desejamos cumprimentar a Ordem dos Advogados do Brasil- Seccional do Rio Grande do Sul, e a Subsessão de Passo Fundo, nas pessoas de seus ilustrados Presidentes Dr. CLAUDIO LAMACHIA e Dr^a PATRÍCIA ALOVISI, que tão bem vêm presidindo e dinamizando a nossa honrada Instituição, resgatando o espírito de união, os direitos perdidos, a fraternidade, a desportividade,

o respeito e a independência.

Senhores presidentes, autoridades, senhores advogados e convidados especiais, que nos honram com sua presença nesta noite, peço vênua para dizer que nosso país vive uma crise política e judiciária muito grave. Basta ver, apenas para exemplificar, que Demóstenes Torres durante muito tempo, exercendo a senadoria da República, aparentava ser um dos melhores políticos deste país. Ledo engano! Coberto com pele de cordeiro, escondia-se, ali, um traidor da Pátria. Registro, apenas, que o “impeachment” do Presidente Lugo deve servir de exemplo aos políticos brasileiros e sul-americanos. Sem adentrarmos no mérito, somos a favor da imediata deposição de políticos corruptos que estejam no poder abocanhando o dinheiro público. O Paraguai, que é um país pobre e pequeno, deu uma lição ao Brasil e à América. Em questão de horas o Congresso Paraguaio depôs o Presidente Lugo e em questão de horas, a Suprema Corte daquele país manteve a decisão congressual, sem nenhum trauma social. O escândalo do MEN-SALÃO, milhões de vezes mais grave do que o problema “LUGO”, até hoje está sem solução. A sociedade brasileira não suporta mais os assaltantes do erário público. Que pena que a maior parte da nossa sociedade fique passiva diante de tantos desmandos e roubalheiras que se perpetuam no Brasil. Estamos vendo os assaltantes do erário público sendo absolvidos; e os que, eventualmente, sofrerem alguma condenação, certamente, terão suas punibilidades extintas pela prescrição. Esta é a triste realidade que vivenciamos. Entretanto, que isto não sirva de desânimo à nossa classe, mas que as palavras sábias do estadista WINSTON CHURCHIL ecoem nos ouvidos dos advogados deste País:

“Nós iremos até o fim, combateremos na França, combateremos nos mares e oceanos, defenderemos nossa Ilha a qualquer custo, combateremos nos pontos de desembarque, combateremos nos campos e nas ruas, combateremos nos morros, e jamais nos renderemos”.

Que o entusiasmo discóbolo permaneça em cada um de nós, para que possamos viver o entusiasmo da nossa profissão e comandar o presente estrépi-to, com pulso firme, para editarmos com grandeza o futuro da advocacia!

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Confrades da APL (Safrá 2010)

Carlos Madalosso, rima com colosso,
Médico famoso, empresário, não dá troco,
Em seu consultório, em formato de poço,
Sua especialidade é tripa, intestino grosso,
Que ele corta, diminui, sutura, fim do enroscado,
O sujeito come pouco, emagrece, esbelto, fica moço!

Elmar Floss é planejador,
Estruturado, articulador,
Mestre em aveia e cultivares,
Engenheiro-agrônomo, pesquisador,
É uma sumidade,
Trabalha pela humanidade.

Diógenes Basegio é pra frente,
Gordinho, baixinho, sorridente,
Médico e Deputado coxilhense,
Pra Assembleia vai contente,
Esse medica e cura muita gente,
Já na política é diferente,
Come pelas bordas, muito competente.

Sueli Gehlen Frosi, professora,
Fã do ECA, culta escritora, é acolhedora,
Senta na mesa, faz pose de Diretora
Faz atas, imprime, é detentora
De letra linda, clara, redentora,
Passa a limpo, coloca na impressora,
Nós ficamos sabendo até da Tesoura...ria!

Marilise Lech, a primeira dama,
Eminência parda, contundente,
Sempre descontraída e contente,
Organiza, agenda, sala e café quente,
As reuniões andam, ficam pra frente,
Prepara o caminho, olha de frente,
Psicóloga, Ph.D., futura presidente.

Mauro Gaglietti, professor em Direito,
Da Imed e na Uri leva no peito,
Defende os fracos, oprimidos, com defeito,
Cientista político, perfeito,
Ô sujeito forte, decidido, foi feito,
Pra Mestre, Reitor e até Prefeito!

Odilon Ayres, batalhou, é aposentado,
Não vive apertado, tão pouco folgado,
Entrou ontem na Academia, despachado,
Cuida da tesouraria, quem diria...
Escreve do presente e do passado,
É um dos sete, está comprovado,
Não precisou nem de salmoura,
Pois é afilhado do Xico Garcia,
Cadeira 38 do Tenebro dos Santos Moura.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Crônica rebelde

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Nascemos nus. À hora da chegada, é a fragilidade que nos veste, terna e sutilmente. Nada ouvimos, nada enxergamos, à mercê da mais completa desvalia, dependência, submissão.

Foi assim, desde a aurora do Universo. E assim será até o fim dos tempos, se é que isso realmente ocorrerá...

O vão entre o nascimento e a morte, indecifrável, desconhecido, surpreendente, revela-se o mais profundo dos dogmas. Um rolo compressor de mistérios, crenças, expectativas, que só o tempo desenrola, e a seu bel-prazer.

Se fomos ou não criados à semelhança do supremo Artífice, talvez um dia venhamos a saber. É o que disseram, dizem e dirão os que, como nós, creem na vida eterna, na outra vida, aquela que ninguém sabe, ninguém viu...

Até hoje, nem o conhecimento nem a tecnologia conseguiram desvendar o mistério. E nós ainda não encontramos a chave do cofre. Nem sequer alcançamos o entendimento de como se processa a metamorfose da existência, do tempo, do desenlace final...

Escrituras, doutrinas, dogmas... – Por que é tudo tão insondável, obscuro, incompreensível? Luz e treva? Acerto e erro? Coragem e covardia?

DEUS: o enigma supremo. A morte, o caos absoluto... Ou a mais surpreendente das respostas...

Um denso nevoeiro circunda todos os dogmas, todas as crenças, todas as esperanças e expectativas.

Quisera eu que a criação do cosmos e de seus frequentadores, bem como sua evolução, fossem um livro aberto, onde pudéssemos ler o passado, o presente e o futuro, sem surpresas e véus, sem empecilhos e nós!

Somos cercados de mistério por todos

os lados... Vivemos o blefe do triunfo do bem... E presenciamos, reiteradamente, a extrema desvalia de quem dissemina a paz...

Foi com tal finalidade que se criou o Universo, e a existência dos seus frequentadores? A fim de nascerem, crescerem e produzirem, num vale de lágrimas? Que culpa tem a humanidade do malfeito dos seus progenitores ancestrais?

E o enigma da vida e da morte, qual a sua razão de ser tão intrincado? Não seria de melhor alvitre que tudo ocorresse às claras, com prévio conhecimento e sem surpresa?

Deveras, a prevalência do mistério induz ao ceticismo e à própria desesperança...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A cidade que elas não conheceram

(FOTO: DEOCLIDES CZAMANSKI)



WELCI NASCIMENTO

Um dia destes, Magda Nascimento Argenta, minha filha, professora do Instituto Educacional, o legendário I.E., do não menos legendário Boqueirão, foi portadora de um convite da direção do educandário para conversarmos com as crianças do 4º ano do ensino fundamental, sobre aspectos da história da cidade de Passo Fundo.

O que dizer, como dizer, para aguçar a atenção de crianças nas idades de 10 e 11 anos? Não é fácil, mormente para quem já está beirando os 80 anos. São mais de 40 crianças, barulhentas, pensei. Crianças são crianças: barulhentas. É assim mesmo. As de antigamente não eram bem assim. Mas, como fazê-las prestar atenção no que eu pretendia dizer? Pensei, pensei... e veio a ideia: Revestir-me do espírito jovem. De criança, se possível. Aplicarei a “pedagogia da curiosidade”. Usarei os mais variados recursos didáticos. “Eu ficarei na minha”, no dizer dos jovens. Conduzindo o processo.

Que cidade é essa, que as crianças não conheceram? Seria a das festas da Santa Padroeira, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, ocasião em que as famílias se reuniam na Praça Tamandaré? Seria a do sobrado dos padres palotinos, localizado no “ponto zero” da cidade, segundo o historiador Paulo Monteiro (companheiro da Academia), lugar

onde morou Manoel José das Neves, na esquina das ruas Paissandu e Teixeira Soares? Ou a da casa de pedra erguida à beira dos trilhos da viação-férrea, onde hoje é a Avenida 7 de Setembro? Seria a cidade do tempo em que a Rua 15 de Novembro era chamada de Santa Clara, e a Teixeira Soares era chamada de Rua das Piores? Nomes poéticos, não é mesmo? Será que os meninos e as meninas do I.E. ficaram sabendo que a Av. Brasil foi chamada de Rua das Tropas e, mais tarde, Rua do Comércio, iluminada com lâmpões de gás?

A cidade que as crianças não conheceram era banhada por um rio de águas claras, límpidas, piscoso, onde as pessoas podiam banhar-se nos fins de semana. A cidade possuía um belo cartão postal do prédio da Intendência, situado na Av. Brasil. Era a cidade fotografada pela Foto Moderna do Czamanski; do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, situado à Rua Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente de Paulo. Era a cidade da estrada de ferro, eixo do desenvolvimento do município e da região, hoje retratada pelos muros da Gare da Gare da Viação Férrea, na rua General Canabarro, onde, ao redor, foram construídos modernos hotéis para receber as pessoas, que vinham para negociar e conhecer a maior cidade do norte gaúcho.

A cidade que as crianças não conheceram teve outros nomes: Igaí, Pinhais, Passo Fundo das Missões, de Nossa Senhora da Conceição Aparecida... Foi

a cidade das carretas e dos carreteiros, dos índios caingangues, das Festas do Divino, dos Burlamaques, que introduziram os primeiros automóveis nas ruas da cidade. Da calçada alta na Av. Brasil, onde nasceu a Universidade. Da Praça Marechal Floriano, que um dia foi cercada e ajardinada, onde as pessoas podiam andar pelos passeios, calçados com pedras estilo “portuguesas”. Foi a cidade do Clube Caixeiral, com seus delumbrantes bailes ao som de grandes orquestras brasileiras e de típicas argentinas; dos carnavais do Clube Visconde do Rio Branco, nas cercanias da rua Morrom, quase lá no Boqueirão; dos grandes jogos de futebol, entre o Gaúcho e o 14 de Julho. Também das pugnas políticas, entre maragatos e chimangos, pela conquista do poder político. A cidade que as crianças de hoje não conheceram era a da conquista, pela simpatia das bandas marciais do I.E. e do Conceição, apresentando-se pelas ruas da cidade, nos festejos da Semana da Pátria. Naquele tempo os pais levavam os filhos aos bailes e voltavam cedo para casa. Iam, também, com os filhos à igreja. Pediam a bênção aos pais e padrinhos.

A cidade que as crianças de hoje não conheceram quase não existe mais. Pelo que me foi possível perceber, parece que elas conseguiram entender a minha linguagem, isto é, os recursos didáticos apresentados em sala de aula.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

40 anos de kart em Passo Fundo: os pioneiros deste esporte

(FOTOS: ARQUIVO MD)

MEIRELLES DUARTE

Somam-se quatro décadas desde as primeiras corridas de kart em nossa cidade. Um fato digno de ser comemorado, lembrando que tudo iniciou em 1972. E que Passo Fundo se constituiu em terra de grandes pilotos desta modalidade esportiva, despertando, na região, a prática deste esporte, sendo, portanto, a pioneira no Estado. No Brasil, o kart surgiu em 1959, originário dos americanos, que estavam usando motores de cortar grama e de motosserras. No auge das provas automobilísticas, em que Passo Fundo sempre foi destaque especial, competindo dentro e fora da cidade, fazendo das estradas e das ruas as pistas para grandes e memoráveis competições, veio a proibição nestas condições, pois só seriam permitidas em autódromos, com todas as condições de segurança. A última prova disputada pelas ruas das cidades, do interior e da capital, foi, exatamente em Passo Fundo, que ocorreu tendo a Avenida Presidente Vargas como pista principal. Os pioneiros reuniram-se e demarcaram onde iriam disputar, pelas ruas previamente demarcadas. Em 1971, ocorreu a primeira compra de dois chassis Mini, adquiridos por Moacir Cabeda e Hercules Borges. Vieram logo os demais compradores, que figuram no rol dos pioneiros, como Mauro Machado, Paulo Afonso Tevisan, João Carlos Klaus, Roberto Tasca, Sérgio e Hélio Ughini, Paulo Tagliari e outros mais. Os treinos, inicialmente, foram na quadra asfaltada da CESA, gentilmente cedida por Alberto Tagliari, então seu presidente. Foi organizado o primeiro campeonato, em 1972, correndo por duplas em várias baterias. Pegos numa tarde chuvosa, os competidores não possuíam pneus para pistas molhadas, mas mesmo assim conseguiram superar as curvas das ruas General Netto e Independência. Na soma das quatro baterias, apontou, como o primeiro vencedor desta nova modalidade esportiva, Hercules Bor-



Paulo Trevisan o grande entusiasta do kartismo e do automobilismo, quando recebeu uma medalha pelo seu perene trabalho nesta área, oferecida por Meirelles Duarte.



A 1ª prova de Kart, disputada nas ruas da cidade em 1972, prestigiada por grande público.

ges. As demais posições ficaram, pela ordem, para Paulo Tagliari, Ison Iaioni e Paulo Trevisan, tendo completado a nominata dos demais competidores, todos pioneiros também, João Carlos Klaus, Roberto Tasca, Mauro Machado, Ivânio Bernardon, Ernani Rigon, Sérgio e Hélio Ughini, José Schoederer, Antonio Carlos Oltramari, Nilton Bertão, Nereu Grazziotin, Edson Bertão, Guilherme Wolff, sendo os grandes mecânicos Carlos Ortiz, João Finardi e

Alexandre Tagliari. Para comemorar os 40 anos, o Automóvel Clube de Passo Fundo reuniu os pioneiros, ainda hoje aqui residentes, numa série de provas com várias homenagens, dia 18 de novembro de 2012, no Kartódromo, com a cerimônia presida por Paulo Trevisan.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Memórias sobre meu pai: Astrogildo de Azevedo

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Meu pai, cujo nome era Astrogildo Palmeiro de Azevedo, por ele simplificado para Astrogildo de Azevedo, era de origem portuguesa pelos quatro costados. Em suas raízes mais remotas aparecem outras etnias, como castelhanos, galegos, italianos, ingleses, normandos, flamengos, germânicos, francos e visigodos, celtas, escoceses, franceses, árabes e judeus, havendo otomanos e romanos, e até indígenas do Brasil.¹

Para falar nos ascendentes mais recentes, em linha reta, eles eram portugueses do Reino, forçados a emigrar para o Rio Grande, no último quartel do século XVIII, devido à ocupação da Colônia do Sacramento pelos castelhanos. Eles vieram a unir-se por casamentos, geração após geração, a descendentes de ilhéus da Madeira, e a netas de tropeiros e bandeirantes paulistas e vicentinos, de outros sacramentinos e de lagunistas. É possível dizer que nele se concentravam todos os sangues das etnias que fundaram o Rio Grande. Com efeito, entre seus avoengos mais recentes aparecem os povoadores mais importantes, que até o fim do século XVIII vieram se estabelecer neste Continente de São Pedro, como Francisco Pinto Bandeira, Jerônimo de Ornellas, Antônio de Sousa Fernando, João Carneiro da Fontoura, José Leite de Oliveira, João José Palmeiro e os dois José de Azevedo e Souza (pai e filho), entre outros.

O pai era tímido e introvertido, mas em família muito alegre e de convívio ameno, muito divertido. Sua presença inspirava alegria e paz. Extremamente preocupado com os filhos, especialmente com a saúde e o bem-estar de cada um, com eles geralmente usava de discreta e afetuosa autoridade, que era o modo pelo qual se fazia, permanentemente, respeitar.

Lamento não ter mantido com ele conversações mais demoradas e provei-



(FOTO: TAMAGNONE)

tosas. Nem sei se as permitiria. Embora tivéssemos sempre estado juntos, pois em verdade jamais me afastei de seu convívio cotidiano, gostaria de tê-lo feito falar mais, contar-me sobre sua vida, suas experiências, seus gostos, suas leituras e seus sonhos. Era difícil colher dele uma opinião. Preferia mais

ouvir do que falar. Como era de poucas palavras, raramente externava seus sentimentos, ou pouco exprimia sobre suas vivências e anseios. A relação filial, respeitosa e quase distante, dificultava expansões. Na época, não era usual os pais fazerem confidências aos filhos. O que pude saber dele foi por narrações de

minha mãe e por relatos de terceiros. Um pouco por minha própria observação, superficial à época, porque, quando jovens, fechados em nosso círculo de experiências e emoções próprias da idade e em nossos interesses imediatos, não costumamos prestar muita atenção a nossos pais e a outras pessoas mais velhas, que encaramos como seres de outra dimensão.

A mim legou, além do biotipo, a mesma tendência à introversão, o temperamento retraído e um incurável ceticismo com relação aos seres humanos. Muito mais do que eu, era pouco dado a intimidades de família. Dos poucos amigos que teve, havia seus colegas tabeliães, os cunhados Honorino Malheiros e Rui Vergueiro, e o ajudante Jerônimo Marques Sobrinho. Ia quase todos os dias aos dois cartórios, onde trabalhavam seus fraternais amigos. Ali se demorava em conversas descontraídas com eles, tratando de assuntos de trabalho, invariavelmente entremeados por brincadeiras, chistes e histórias jocosas de que Honorino era extímio contador.

Não havia, porém, entre ele, e esses seus únicos amigos, o hábito de visitas ou convívio familiar. Nossa casa era frequentada — antes que a ela comessem a vir os amigos dos filhos — unicamente pelos irmãos e irmãs de minha mãe e por seus inumeráveis sobrinhos. Não ia a festas ou a bailes. Os eventos de sociedade a que comparecia limitavam-se a algum banquete de homenagem a juízes ou desembargadores, e a visitas aos parentes de minha mãe. Não faltava a velórios e enterros de pessoas importantes da cidade. Só depois de casados os filhos é que começou a receber e a comparecer a festas, desfrutando com visível agrado do convívio da família, que chegou a ver incrementada pela chegada dos primeiros netos.

Depois da sesta, ia todos os dias aos bancos e antes ao Café Elite, para o cafezinho a que não podia faltar. Nas quartas e sábados, ia ao barbeiro, pois não tinha o hábito de fazer a barba em casa. Vestia-se formalmente, sempre de terno e gravata, e o chapéu, que só abandonou nos últimos anos. Jamais o vi, mesmo no verão, sair de casa em mangas de camisa.

Era extremamente benévolo e generoso com todos os tipos de necessitados. Distribuía, às escondidas de minha mãe, todo tipo de auxílio e esmola, emprestando dinheiro, que não cobrava, até



Astrogildo e Dalva

para conhecidos achacadores, o que me deixava muito irritado. Conquanto fosse o oficial de protestos, com o antipático encargo de protestar as dívidas dos devedores recalcitrantes, com estes mostrava uma extraordinária benevolência. Sempre que sabia das dificuldades de alguém, relutava e demorava o mais que podia em lavrar o protesto, que, muito mais do que hoje, na época era um labéu infamante contra quem por ele fosse atingido. Desconfio que, por vezes, chegava a pagar de seu bolso dívidas de algum devedor mais chegado ou necessitado.

De poucas diversões, e, ao contrário da maioria de seus contemporâneos, não costumava, ir a bares e clubes, a não ser ao Café Elite, ou frequentar mesas de jogo ou reuniões políticas. Nunca vi ou soube que fosse a alguma partida de futebol, embora gostasse de todo tipo de loterias, rifas e apostas. Tinha interesse e acompanhava a política da época, chegando a ir a comícios, especialmente

aos de Getúlio Vargas, quando estes começaram a acontecer, depois do fim do Estado Novo. Essa indiferença com relação à vida de sociedade — com exceção da participação que cheguei a ter na política partidária e do gosto por encontros com amigos que aprecio, regados a bons vinhos e manjares bem elaborados — devo ter herdado dele.

Era um verdadeiro cavalheiro, de requintada polidez e refinada educação. Filho e neto de professores, se criara em Porto Alegre, educado nas melhores escolas, aprendendo com os educadores mais conceituados do seu tempo. Convivera com seus parentes Azevedo e Palmeiro, com intelectuais como os irmãos Aquiles e Apeles Porto Alegre, e com muitas famílias tradicionais e de fino trato da pequena e aristocrática sociedade da capital. Mas, depois de vir viver em Passo Fundo, seus interesses exclusivos passaram a ser o trabalho e os cuidados com a família.

Apenas em seus últimos anos de vida



Astrogildo e Dalva

retomou as viagens, principalmente para a capital, onde vivia a maioria de seus irmãos e sobrinhos. Durante muitos anos, o contato com sua mãe — que vivia na capital e lá se conservou até morrer — e com os irmãos Victor, Crespo, Monsenhor Dagoberto e Olmiro, era feito somente por cartas, escritas na velha máquina Continental, até hoje em meu poder. Jamais o vi escrever a seu irmão predileto — o tio Armando —, embora deste falasse constantemente, sonhasse com ele e até distraidamente se dirigisse aos filhos, como se falasse com o irmão.

É certo que tenha tido boas leituras. Mantinha uma excelente biblioteca de clássicos portugueses e brasileiros, além dos principais autores franceses, em volumes bem encadernados, que conservei em parte. Tinha redação fácil e espontânea. Evitava falar em público, mas uma vez me surpreendi com uma excelente intervenção sua, numa reunião de juízes com os tabeliães e escrivães do Fórum, quando se expressou de modo articulado e preciso, em voz alta e firme, de modo categórico, com opinião original e bem definida, proporcionando-me, além da surpresa, a emoção e o orgulho de ser seu filho.

Dizia-se muito modesto, mas tinha em alto conceito suas origens familiares — que descobri depois serem da nobreza mais autêntica e castiça, com antepassados que vão até os reis de Portugal e Castela e, por estes, ao Imperador Carlos Magno e a Guilherme, o Conquistador.

Jactava-se de sua elegância natural e agradável aparência, e das vitórias alcançadas pelos filhos. Sempre dizia que queria ter sido advogado como seu irmão Olmiro — o que não conseguiu por haver perdido o pai muito cedo, ficando com poucos recursos e saúde precária. Para ser o que ele não foi, formei-me em Direito, fui procurador do Estado e realizei-me plenamente na profissão de advogado. O pai chegou a assistir meus primeiros êxitos no tribunal do júri, e tomou conhecimento das vitórias que comecei a conquistar no cível, nos primórdios de minha experiência profissional. Depois de anos de advocacia, para repetir em parte sua trajetória, amarrando as duas pontas da minha vida, retomei a profissão que foi a sua e que ele amava: a de oficial de Cartório de Registro.

Ele nascera em Cruz Alta, no ano de 1900, filho de um agrimensor, professor, juiz distrital e fazendeiro local. Lá deve ter feito seus primeiros estudos, até que a família se transferiu para Porto Alegre, onde o avô fora nomeado tabelião. Isso lá pelo ano de 1912, quando tinha apenas 12 anos incompletos.

Como permitiam os usos da época, com o produto da venda da fazenda Boa Esperança, localizada no Cadeado, proximidades de Cruz Alta, o avô adquiriu o 1º Cartório de Notas de Porto Alegre. Contou para tanto com o beneplácito do chamado chefe unipessoal do Partido Republicano Rio-Grandense, Borges

de Medeiros, o eterno presidente (governador) do estado, amado por muitos e execrado por outros tantos. Embora este não fosse, na ocasião, o presidente nominal, pois cedera temporariamente o posto a Carlos Barbosa Gonçalves, é certo que terá interferido na nomeação do avô. Este era destacado prócer maçônico, membro proeminente do Partido Republicano Rio-Grandense, tenente-coronel da Guarda Nacional e fortemente vinculado ao chefe político da região de Cruz Alta, Gen. Firmino de Paula, de quem era amigo e compadre.

Contava o pai que, nessa fazenda, sendo de tenra idade, certa feita ele e seu irmão Armando foram deixados sozinhos para pernoitar na casa da sede. Deu-se que, no cair da noite, foram surpreendidos pela presença de uma cobra coral enrolada no pé de uma mesa. Não havia como pedir socorro ao capataz, pois a noite chegava e a casa do empregado ficava distante algumas dezenas de metros. Permaneceram os dois meninos a noite inteira na companhia da cobra, insones e aterrorizados, temendo o seu ataque — que, felizmente, não aconteceu — até que só de manhãzinha viesse o capataz socorrê-los e matar ou afugentar o nojento réptil.

Conquanto tivesse a vida rural apenas em suas reminiscências da infância, relembra-a nitidamente. Falava sempre no petiço que tivera quando criança: o inesquecível Cascarrilha. Não apresentava dificuldade alguma em cavalgar.

Para surpresa minha, quando não havia transporte coletivo em Passo Fundo, e os carros de praça (como eram chamados os táxis, antigamente) eram escassos e caros, cheguei a vê-lo, algumas vezes, utilizar montarias para pequenos deslocamentos entre o Boqueirão e o centro, na própria cidade de Passo Fundo.

De Cruz Alta guardava poucas lembranças: uma delas foi a surra de chicote que seu pai dera no barbeiro local, por haver maltratado seu filho Crespo. Parece que este esbofeteara meu tio, então adolescente. Tomando conhecimento do fato, o velho Azevedo foi à barbearia armado de um relho, e justicou o agressor, desfechando-lhe dois ou três laços pelo lombo. Em seguida, sentou-se à cadeira do barbeiro e determinou que este lhe fizesse a barba. A ordem foi imediatamente cumprida pelo arrengado figaro, que se remordia de medo e de ódio.

Fazia parte do repertório do pai a história da jornada da família para Porto Alegre, em trem da Viação Férrea. Para poderem viajar, confortavelmente, tiveram que alugar um vagão inteiro, onde se alojou a prole numerosa do avô, o casal e mais 11 filhos, além da indispensável criadagem. O primogênito Victor Hugo, já casado, foi o único que permaneceu em Cruz Alta. Terá sido uma viagem memorável para um menino de pouco mais de 10 anos, saindo da pacata Cruz Alta para ir viver na capital. Porto Alegre já era quase uma metrópole, cujas dimensões e atrações fascinavam as mentes ingênuas de todos os interioranos.

A chegada à pequena, mas orgulhosa metrópole — que progressivamente se transformara de um vilarejo açoriano em um altivo burgo germânico, com suas casas em enxaimel e os pretensiosos prédios de Rudolf Ahrons e outros arquitetos de proa — com mudança radical de vida, fascinou o pequeno Astrogildo. Contava ele que foi lá que ele e os outros meninos da família começaram a usar pijamas, invenção muito moderna para a época. Até então os varões utilizavam somente camisolões para dormir. Também foi na capital que conheceram os bondes, lentos e ruidosos, e começaram a utilizá-los para ir de um bairro para outro, naqueles tempos em que Porto Alegre, com sua prosápia de cidade grande, não conseguia ainda disfarçar bem a rusticidade e a modéstia de suas origens açorianas.

Lá a família habitou casas sucessivas.

Acredito que a mais duradoura foi a do centro, na Rua da Ladeira (hoje Gen. Câmara), onde tinham como moradia os altos do prédio, em cujo piso térreo sempre funcionou o cartório. Esse prédio eu cheguei a conhecer. Ficava no local onde foi erguido, mais recentemente, o edifício ocupado, em vários andares, pelo Cartório de Protestos. Era um sobrado imponente, pintado em tonalidades de cinza. Nele meu pai terá passado o fim de sua infância e toda a sua juventude, dividido entre o cartório, no térreo, e a moradia, no piso superior.

A família viveu também em outras casas, na Rua Duque de Caxias e na Rua Arlindo, no Menino Deus, entre outras. Contava-se na família que minha avó tinha verdadeira obsessão por mudanças e troca de casas, mobiliário e decorações. Sua última residência, onde faleceu, era uma elegante mansão, em estilo art nouveau, alugada às freiras carmelitas por meu tio, Monsenhor Dagoberto, na Rua Lima e Silva, 203, onde estive em seus últimos dias de vida. Ali viveu ela alguns anos, cercada por filhos, netos, criadas e agregados, além de vizinhos e muitos parentes, como gostava, até transferir-se para sua última morada, no cemitério da Santa Casa.

Em vida de meu avô, também foi adquirido um sítio de lazer na Tristeza, à época um bairro distante e praiano. Para lá a numerosa família se deslocava inteira, nos fins de semana e nas férias de verão, viajando pelo famoso trenzinho da Tristeza. Com efeito, havia uma linha férrea que transportava os veranistas do centro da capital para o balneário. Embarcavam todos na pequena estação, localizada na antiga Praça 15, hoje Largo Glênio Peres, desembarcando uma hora depois na antiga estação da Tristeza.

O pai estudou com os melhores professores da época e cursou preparatórios² no antigo Ginásio Nossa Senhora do Rosário. Deveria ter-se encaminhado para a Faculdade de Direito, como fizera seu irmão Olmiro.

A exemplo de todos os seus irmãos, tão logo completou a idade de 21 anos, alcançando a maioridade, foi admitido na função de ajudante no cartório de notas de seu pai. Ali aprendeu o ofício de cartorário, no qual era exímio, e foi sua atividade exclusiva durante toda a vida.

Essa sua experiência inicial ele a lembrava com saudade, falando das figuras pitorescas dos clientes, dos colegas e dos famosos advogados da época, cujas lições e exemplos cuidadosamente reco-

lhia. Citava sempre o primeiro-ajudante (substituto), um certo Tito Lívio da Cunha Matos, que o iniciou na arte de ser tabelião, atividade que, ao contrário do que muitos pensam, apaixonou todos os que nela se envolvem.

Dos grandes advogados da época — lembrava sempre o Dr. Plínio Casado, gaúcho que chegou a ser Ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal, e o Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, que foi Deputado Federal, também Ministro da Justiça e consultor-geral da República — Ele compilava minutas, petições e arazoados, que transcrevia num precioso caderno. Este foi trazido para Passo Fundo, e nele o pai chegou a se iniciar nas lides da advocacia, como provisionado, mas desistiu depois, quando isso se mostrou incompatível com a função de titular de cartório.

Queixava-se sempre de que um seu companheiro de pensão — que depois veio a advogar na praça — o qual tomara emprestado o precioso caderno e jamais o devolvera a seu dono.

Permaneceu ele em Porto Alegre até 1927. O avô havia falecido em 1924, assumindo o cartório de notas, em seu lugar, o tio Olmiro, o único com diploma em nível superior, pois se tornara advogado em 1920, graduando-se pela antiga Faculdade Livre de Direito. Preferindo a advocacia, na qual veio a ser muito bem sucedido, resolveu afastar-se do cargo de tabelião. O cartório poderia ter sido mantido na família, mas nenhum dos outros irmãos foi considerado suficientemente apto para sucedê-lo. Dagoberto, já padre, instado a tanto, recusou-se peremptoriamente, afirmando que preferia se matar a deixar de ser sacerdote. Para o pai não assumir, alegaram que sua saúde era precária e que teria pouco tempo de vida, previsão que não se confirmou, pois faleceu com quase 76 anos. Por isso, o cartório foi vendido ao bacharel Zeferino Ribeiro que, por muitos anos, o manteve na esquina das ruas da Ladeira e Gen. Andrade Neves.

Assim, o pai teve que fazer as malas e vir para o interior. Primeiro para a pequena cidade de Erechim, onde, por algum tempo, permaneceu como ajudante do notário José Maria de Amorim, de quem continuou amigo ao longo de toda a vida.

Em Passo Fundo, havia-se operado uma grande transformação na vida política e social. Depois de anos de predomínio da família Annes, o médico Nicolau de Araújo Vergueiro, primo dos Annes,

mas seu impenitente adversário, assumira a prefeitura do grande município e, ao mesmo tempo, passara a chefiar, na região, o poderoso Partido Republicano Rio-Grandense. O PRR era uma espécie de partido único, confundindo-se com o próprio Estado e aparelhando-o com seus correligionários. Sem ser filiado ao partido, ninguém poderia ter acesso a nenhum cargo político ou função pública. Nenhuma semelhança com o que está a acontecer atualmente, com um partido político muito importante. Simultaneamente, com a morte do tabelião Joaquim Pedro Daudt, ficaram vagos os cartórios que aquele acumulava em Passo Fundo (imóveis, registro especial e notariado). Vergueiro não teve dúvida: Obteve a imediata nomeação de seu filho Rui — que era formado em farmácia e farmacêutico — para o cargo de notário. Em seguida, tendo que contemplar, do mesmo modo, seu futuro genro, obteve o desdobramento do cartório em dois. Assim foi criado o segundo cartório de notas, com o qual foi aquinhoado Honorino Malheiros, que viera do Rio de Janeiro para Passo Fundo, como atleta contratado do Gaúcho, à época o nosso mais importante clube de futebol.

Havia um problema, entretanto. Os dois flamantes notários não entendiam patavina do serviço que tinham que desempenhar: um era farmacêutico e o outro apenas jogador de futebol. Isso foi resolvido com a opção de aproveitar Astrogildo, que tinha grande experiência na área, para ensinar-lhes a profissão, assessorá-los e fazer as suas vezes, quando fosse preciso. Assim, o pai, vindo para Passo Fundo, depois de trabalhar algum tempo na intendência (prefeitura), sob as ordens de Vergueiro, tornou-se ajudante de Rui Vergueiro e, logo depois, de Honorino Malheiros. Nisso se desempenhava magistralmente, pois essa era realmente a sua vocação profissional. Durante dois anos ele, conforme os humores e vaivens dos dois jovens tabeliães, trabalhava ora com um, ora com outro, mas sempre em harmonia com os dois, que foram seus amigos de toda a vida.

Sucedeu que, em 1929, Honorino achou justo que o pai tivesse o seu próprio cartório. A solução foi vender-lhe uma parte do 2º Tabelionato, que acumulava os serviços de protestos e registros especiais. Como isso era possível à época, o pai, que tinha algumas economias, pagou a Malheiros, pelo Cartório, quatro contos de réis (R\$ 4.000\$000), que era



Astrogildo de Azevedo

uma soma importante para a época. Assim, foi nomeado por Getúlio Vargas, então presidente (governador) do Estado, e passou a ser o titular desse cartório, de pouco movimento até a década de 1960, mas que assegurou, durante todo esse tempo, a manutenção da família e a educação dos filhos que vieram.

Pouco sei de sua vida durante o decênio seguinte. Em 1930, quis alistar-se, para integrar as forças da Aliança Liberal que se deslocaram para São Paulo, a fim de enfrentar o governo de Washington Luís, no que foi impedido pelo Dr. Vergueiro, que não aceitou deixasse ele acéfalo o cartório. Pouco tempo depois, contraiu osteomielite na perna esquerda, o que o obrigou a longo e doloroso tratamento que deixam sequelas, e o obrigaram a manquejar por todo o resto de sua vida.

Em 1937, noivou com minha mãe, Dalva, e em 7 de maio de 1938, deu-se o casamento. Este foi na casa do irmão de minha mãe, o tenente do Exército Alceu Nogueira de Andrade, um bonito chalé de madeira, ao lado da velha casa dos Nogueiras, onde acabavam a cidade e o Boqueirão. A mãe conta detalhes do casamento, que foi na residência, como se usava na época. Quem presidiu a cerimônia civil foi o juiz municipal, Simplício Inácio Jacques, e serviram de testemunhas, além do tio Alceu e outros, o advogado Aquelino Translatti e D. Clotilde Sandri, ainda solteira, que veio a ser mãe de um de meus grandes amigos — Paulo Roberto Pires. Foram viver numa pequena casa, de porta e janela, na Avenida Brasil, no paredão,

mudando-se, antes que eu nascesse, para a casa da Avenida Brasil, 483, onde viemos à luz eu e os outros irmãos, exceto o último, Astrogildo, já nascido na casa nº. 731 da mesma avenida.

Assim se passaram os anos. Vieram os filhos, em número de seis: primeiro um grupo de quatro (sendo eu o mais velho), nascidos num período de cinco anos. Depois os dois temporões, Beatriz e Astrogildo. Eram anos difíceis: a guerra, dificultando os negócios e impedindo o desenvolvimento; a ditadura do Estado Novo, tolhendo todas as liberdades. Mas, graças ao denodo e cuidados do pai, a seu senso de organização e estrita honestidade, a pequena arrecadação do cartório permitiu-nos sobreviver modestamente, mas com muita dignidade e orgulho, até chegarmos onde estamos.

NOTAS

1 - Consiste em equívoco muito frequente supor que nós, brasileiros de cepas ibéricas, descendemos exclusivamente de portugueses e espanhóis. Se formos investigar cuidadosamente, verificaremos que, nas próprias linhagens ibéricas, aparecem, frequentemente, açorianos e madeirenses, muitos deles de origem germânica, oriundos dos Países Baixos (hoje Holanda e Bélgica), além de italianos; e, mais remotamente, provindos outras etnias, como acontece em minha família: germanos-visigodos, bretões, francos, celtas da Escócia, italianos, árabes e judeus, e até mesmo romanos, armênios e gregos bizantinos.

2 - Chamavam-se "preparatórios" os cursos que antecediam o ingresso nas faculdades. Os preparatórios eram para a área jurídica, para a área da engenharia e para a área médica: pré-jurídico, pré-técnico e pré-médico. O pai desejava, mas não conseguiu, cursar os preparatórios, a fim de ingressar na Faculdade de Direito.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Mestre em Direito e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Portugueses em Passo Fundo

ODILON GARCEZ AYRES

Quem não lembra do Bar dos Portugueses, ao lado do Altar da Pátria, na Av. Brasil?

Diz a lenda, e é verdade, que o bar dos falecidos Walter e Bernardino Bento, era o Consulado dos Portugueses e dos Açorianos, pois era o único que tinha telefone para falar com os patrícios do mundo inteiro, e o endereço e a certeza de que as cartas chegariam às mãos dos destinatários.

Henrique herdou o negócio de seu irmão, e também continuou a cumprir o mesmo ritual de bem servir, e de ser uma nobre referência para o povo de além-mar.

O tempo passou, e a última vez que vi o Henrique foi em Porto Alegre. E eu pensava que lá ele fora morar, mas não, o seu barbeiro Paulo Rezende, me contou que ela tivera um AVC e morava ao lado do Altar da Pátria, no prédio rosado, de nº 566 (ex 531) da Av. Gal. Neto. E eu, hoje, 13 de fevereiro de 2012, fui visitá-lo, com a intenção de tirar uma dúvida e adquirir uma certeza quanto a uma determinada pessoa que fora sua inquilina.

À porta, me recebeu a sua esposa, que me levou à sua presença e de pronto me reconheceu, deu-me luzes em minha dúvida, e entabulamos uma hora de agradável reminiscência de sua vida.

Contou-me que seu pai, Henrique Almeida, chegou ao Rio de Janeiro, na depressão de 1929, e, como era imigrante, de profissão peixeiro, sem profissão definida e analfabeto, foi mandado pela aduana, para a Ilha de Viana, um estaleiro de construção de navios, onde o único trabalho disponível era descarregar carvão dos barcos que vinham da Inglaterra, trabalho miserável, sujo e poeirento, que o infelicitava até para dormir. Quando isso contava, chamava aquilo de inferno e chorava de arrependimento, por ter vindo embora da sua Vizeu, no querido Portugal.

Mais tarde, já quando o carioca João Henrique tinha quatro anos, colocou uma tenda, uma quitanda de frutas e



(FOTOS: ARQUIVO O. G. AYRES)

Familiares de Walter, Henrique e Bernardino Bento

verduras, numa rua comercial, onde, por causa da concorrência, desentendeu-se com um patrício, e foram às vias de fato, levando no ventre uma facada de seu oponente, vindo horas depois a falecer, sem assistência, não sem acertar um tiro em seu adversário, pois que era exímio atirador, matava andorinha no voo, com sua pistola automática.

Com essa desgraça, sua mãe, Celestina Alves Bento, e seus filhos, Walter (já falecido) e Henrique, juntamente com o padrastrô Bernardino Bento, tomaram o rumo de Passo Fundo, pois aqui já estava residindo sua avó Angelina Alves. E eles foram morar na Rua Independência, esquina com Capitão Eleutério, no prédio que ainda existe hoje, de propriedade de João Salton, sogro do Dr. Daniel Dipp, suscitando, a esse tempo, um fato que virou história divertida, naqueles tempos:

Bernardino Bento, representante dos sorvetes Kibon, em seu estabelecimento comercial, como atrativo para os visitantes, tinha na gaiola, uma Araponga, popularmente conhecida por “Ferreiro”. E o Dr. Daniel Dipp fez proposta de compra da dita ave. Para que todos saibam, ela tem o hábito dos pernaltas, de dormir encimados numa perna só, e o turco, que era bom turco, resolveu

regatear no preço, alegando que a ave era aleijada, pois só ele via uma perna, ao que o Português respondeu, com seu sotaque:

Oh! Raios!

“Dotoire Daniel, o Sinhoire queire o ferreiro para cantaire ou para jogaire footebaal?”

E assim foram se formando a vida e as amizades em Passo Fundo, pois quando já estavam estabelecidos, em frente ao Hotel Avenida, do seu amigo Eduardo Barreiro, tal era a camaradagem entre os munícipes, que Bernardino emprestou 50 sacos de cimento para o seu Aparício Lângaro, a fim de concluir o antigo edifício da Casa Yankee, do finado Raul Lângaro.

Atingido por um acidente vascular cerebral, há mais de seis anos, João Henrique, nascido a 15-04-1929, na cidade do Rio de Janeiro, está com 83 anos de idade e, embora numa cadeira, ainda se movimento, pela casa, está lucido, fala com clareza e com orgulho da sua esposa, a passo-fundense Dulce Maria Bigolin Almeida, e de seus filhos: Carlos Henrique Almeida, bancário, atuando no Banrisul; Eduardo Almeida, Bel. em Ciência da Computação, e a filha Dra. Lilian de Almeida, farmacêutica - bioquímica e



tecnóloga em alimentos, pela UFSM.

Na segunda visita, rememorou sobre os comícios no altar da Pátria, construído na gestão do Prefeito Victor Graeff, por onde passaram figuras expressivas da República, como Getúlio Vargas, Adhemar de Barros, Jango Goulart e outros do nosso município, postulantes a vereador e Prefeito.

Henrique ainda curte música, poesia, literatura, televisão e jogos de tênis, e contou-me que trinta anos após sua vinda para Passo Fundo, juntamente com seus familiares, fizeram a viagem de volta a Portugal, onde visitaram Vizeu, Porto e a capital, bem como a Espanha.

Dos açorianos de Passo Fundo, destacou a amizade e a camaradagem, com Manoel e João Henrique Bettencourt e seus familiares, bem como os ilustres causídicos, Drs. Alberi Falkemback Ribeiro e Luiz Juarez Nogueira de Azevedo.

A dúvida que me levou ao Henrique, ocorreu porque, em certa ocasião, ali no Altar da Pátria, Raul de Lima Lângaro apontou para duas senhoras, já idosas, de cabelos brancos, afirmando que aquela mais bonita e jovial fora namorada ou noiva do Presidente Vargas.

De fato, confirmou o entrevistado, que na Av. Brasil, no segundo andar, moravam suas inquilinas, as professoras, Maria Cunha, Martha Helm, Lucille Fragozo Albuquerque e Mathilde Mazon. Esta última, muito bonita e distinta, verdadeiramente fora “noiva” do nosso ex-Presidente Getúlio Dornelles Vargas, e só desfez o noivado em razão da vida política do pretendente.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Escola de Educação Infantil “Saber Fazer”

SUELI GEHLEN FROSI

Fui convidada a conhecer a Escola de Educação Infantil “Saber Fazer”, junto com as congreiras da Academia Passo-Fundense de Letras, Elisabeth Ferreira e Santina Dal Paz, convite que aceitei feliz, por conhecer as ideias que a criaram.

Chegamos ao final da tarde, quando normalmente as crianças estão cansadas e irritadas e, com surpresa, encontramos, primeiro, um ambiente bucólico, verde, tranquilo. Depois fomos recebidas por professoras disponíveis e dispostas a falar, com entusiasmo, sobre seu trabalho. Por fim conhecemos as crianças, que nos cumprimentaram afetuosamente.

O mais marcante, na visita, foi a constatação de que se trata de uma escola com uma linha filosófica clara, com um planejamento e objetivos afixados na parede e assimilados por quem trabalha nela, pressuposto, creio, para a contratação das professoras.

O encantamento de que fomos tomadas, ao visitar a “Saber Fazer”, deve-se ao fato de que lá a afeição, o carinho, o abraço, são os ingredientes principais do cardápio pedagógico. Outro fator inusitado foi constatar que as florzinhas que rodeiam o prédio não são arrancadas, que o contato com a natureza é algo natural, planejado com cri-

tério, pois observar a germinação e o crescimento de vegetais é parte fundamental da prática escolar.

A recepção das professoras foi algo calmo, com explicações firmes sobre a filosofia, o plano pedagógico, os resultados animadores, e com a condução da nossa equipe pelos diversos ambientes, denotando um orgulho que não é encontrado com facilidade. O berçário, naquele momento, era palco de bebês dormindo placidamente, enquanto outros eram atendidos com fala mansa e alegria.

Nossa despedida foi anunciada, o que motivou alguns abraços espontâneos, alguns beijos e o convite sincero de que voltássemos sempre, o que nos comoveu sobremaneira.

As escolinhas de Educação Infantil, no geral, carecem de uma linha de ação, ficando ao sabor dos governos que se sucedem, e mudam tudo a cada nova administração. Há escolas que, de tão desprovidas de objetivos claros, contam com professores que impõem suas próprias ideias, sem a supervisão necessária dos órgãos profissionais, para gerir com propriedade uma instituição, que abriga o que temos de mais precioso, que são as nossas crianças.

Encontrar uma escola de Educação Infantil tão diferente encantou-nos de tal forma, que consideramos importante registrar nossas impressões.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

(FOTO: ARQUIVO APL)



Desaparece o velho Gaúcho para renascer a nova agremiação de mesmo nome

MEIRELLES DUARTE

O mundo esportivo de Passo Fundo viveu momentos de grandes emoções, quando, no dia 28 de novembro de 2012, às 14 horas, no edifício sede do Ministério Público, após longa exposição, confirmou-se a venda de tudo o que restou do riquíssimo patrimônio do Sport Club Gaúcho para a Sociedade Hospitalar São Vicente de Paulo. O momento foi tenso, muito choro, muitas lamentações, tendo por compensação o término de uma longa e complexa ação judicial de credores da agremiação esportiva e a luta desta para, não só cumprir com seus débitos, mas esperar que algo lhe restasse e assim poder pensar em novos rumos, melhores dias e chegar ao centenário que está bem próximo de ser completado, em 2018. Apresentados pelo representante jurídico dos compradores, doutor Marco Antonio de Mattos, formaram a mesa principal o promotor, Mário Guadagnin, que fez um amplo relato do desenrolar do processo e sua conclusão, qualificando como um final feliz para todos. Cumprimentou os dirigentes da agremiação, bem como a direção do Hospital, que veio dar fim a longa e complexa pugna judicial. Falou após, o advogado Cássio Moreira, que se fazia acompanhar de seu colega e membro debanque, José Alexandre dos Santos, ambos advogados do autor da ação, Alexandre Paz Dikeh, hoje com 24 anos de idade. Disse Dr. Cássio, que todos saíram da pugna satisfeitos, ainda que sabedores que os valores poderiam ser maiores,



(FOTOS: ARQUIVO MD)

O grande momento da efetivação da venda, com vendedores, compradores e imprensa presente, bem como o nosso judiciário.



A atual equipe do Gaúcho, vencedora do classificatório para 2013.



Um dos fundadores do Gaúcho, Antonio Junqueira da Rocha, entrevistado por Meirelles Duarte, em 1954.



A denominação de “Wolmar Salton”, que perdurou por mais de 60 anos com o clube alviverde.

mas insistir nisso, provocaria um término sem fim de recursos e que nunca saberíamos quando se chegaria a uma conclusão final. Muito emocionado, falou o presidente do Gaúcho, Gilmar Rosso, que teve a voz embargada em várias oportunidades, afirmando que da parte do Gaúcho estava tudo resolvido da melhor forma possível, prometendo o renascer da agremiação para um futuro promissor, agradecendo a todos que contribuíram para se chegar ao denominador comum, sem ter deixado lacunas para lamentações ou protestos. Finalmente, falou o Presidente do Hospital comprador da área, Sr. Décio Ramos de Lima, que disse do empenho daquela modelar entidade de saúde em evitar que caísse o histórico patrimônio do clube em mãos que não fossem de gente nossa, para aqui continuar representando suas origens. Décio Ramos de Lima afirmou que o Hospital São Vicente de Paulo, uma referência Nacional, será ainda mais poderoso e terá melhores condições para oferecerá a todos que procurarem assistência médica, como, aliás, já vem acontecendo com brasileiros de vários estados. No dia 5 de dezembro de 2012, foi feita a visitação ao local, com as presenças da direção do clube e do Hospital e os órgãos de imprensa da cidade. No dia anterior, na câmara de vereadores foi demarcado e noticiado o local do novo e futuro estádio do clube alviverde.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O judeu que se converteu ao catolicismo e se tornou arcebispo na França

MEIRELLES DUARTE

Existem países, onde determinadas funções só poderão ser exercidas por filhos natos ou naturalizados. Temos o exemplo dos Estados Unidos da América, e do próprio Brasil, que determina que ninguém, que não seja cidadão nato, pode se tornar presidente. Na França é bem diferente. Tem-se um caso raro que empolgou o mundo, pois lá qualquer cidadão pode crescer, estudar e tornar-se presidente, ou até mesmo arcebispo de Paris. Um filho de judeus poloneses, que emigraram para a França, arcebispo Jean Marie Lustiger, falecido há 5 anos, deixou o país órfão de uma figura pública, cuja ausência pesa até hoje, numa nação cada vez mais em dúvida acerca dos seus valores políticos e morais. A biografia do arcebispo revela que ele nasceu na Polônia, de pais judeus, com o nome originário de Aron Lustiger. No final dos anos 1940, durante o êxodo maciço dos franceses, mulheres e crianças começaram a avançar para o sul, fugindo dos tanques nazistas. Os pais de Aron enviaram o filho com 13 anos a Orleans, aos cuidados de uma família de não-judeus. Ao pisar o interior de uma Catedral, Aron passou por uma epifania, experiência que, apesar da resistência dos pais, o levou a se converter ao catolicismo. Durante a ocupação nazista, Aron foi batizado e trocou o nome Aron por Jean-Marie. Por meio século, assumiu o peso trágico da história de um homem, que tinha sido caçado pela SS alemã, por ser judeu. Sua luta, já convertido, começou no seminário, depois como sacerdote, até chegar a Arcebispo de Paris. O rabino-chefe de Paris, René Samuel Sirat, chegou a declarar: “Não se pode ser cristão e judeu ao mesmo tempo”. O Arcebispo, porém, nunca renunciou a sua dupla

(FOTO: ARQUIVO MD)



O Papa João Paulo II cumprimenta o arcebispo de Paris, Jean-Marie Lustiger, quando de sua nomeação como a maior autoridade católica da França.

identidade. Quando nomeado pelo Papa João Paulo II, como arcebispo de Paris, Lustiger declarou: “Sempre me considere judeu, mesmo que os rabinos não concordem comigo. Nasci judeu e judeu vou continuar”. De fato, durante o seu funeral, na catedral de Notre-Dame, um dos seus parentes recitou a oração judia de funerais, o Kadish, enquanto os líderes da comunidade judaica da França, incluindo o rabimop-chefe, oraram ao lado do caixão. Seguiram-se, após os atos de encomendação, uma Missa de corpo presente. Em seus escritos, Lustiger afirmava que sua própria vida marcou o retorno, ao caminho não tomado dois milênios atrás. Conta-se, assim, este momento vivido pelo mundo católico e judeu que, mesmo tendo, em suas origens, séculos e séculos de separação, demonstram que é possível uma transformação, quando, com um exemplo tão marcante como este, as mãos se entrelaçam e ambos professam que Deus é único e pai de toda a humanidade.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é jornalista, advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O patrono Estanislau de Barros Miranda

(FOTOS: ARQUIVO O. G. AYRES)



A Igreja de São Sebastião

ODILON GARCEZ AYRES

E stanislau de Barros Miranda, o Lalau, era casado com sua prima, Eufрасina Cardoso (Sinhá), irmã do Cel. Amâncio de Oliveira Cardoso, havendo, desse casamento, duas filhas, sendo uma, Heponina Cardoso Miranda, casada com Aristóteles Lima, tendo dedicado sua vida às lides campeiras e ao comércio herdado de seu pai, continuando com a compra e venda de gado, o armazém de campanha, o pouso de tropas e tropeiros, um soque de erva e um engenho de madeiras, situado no atual Desvio Meneghetti.

Na entrevista que realizamos, numa tarde de temporal, dia 27 de março de 1992, a veneranda senhora, Idolina Oliveira Miranda (viúva do falecido Alfredo Ceceli Capuani), nascida em 25

de junho de 1899, e na ocasião com 93 de idade, filha de Estanislau de Barros Miranda e de Eufрасina Oliveira Cardoso, perfeitamente lúcida e prestativa, em fluente conversa, dentre muitas outras coisas, nos contou que o seu avô Francisco mandou o Estanislau (Lalau), estudar em Rio Pardo, num colégio em regime de internato; e que seu pai era um grande carreirista, cantor, dançador, tocador de violão, e que sabia fazer todos os aperos, além de ser um exímio campeiro.

Dona Idolina nos relata que sua avó materna, Balbina de Oliveira Cardoso, casou com doze anos, e que ela só começou a ir à igreja aos treze. E, quando tinha procissão, dona Zica ia ao lado da bandeira, com uma prima e mais a filha do sinhô. Juntos estavam o Lalau Miranda, Maria, Prudência, Isabel, Antônio Lima, Francisco Salinet, João Lima,

Sinhô e seus tios avós, acompanhados de mais de oitenta pessoas.

A histórica Igreja de São Sebastião, nos disse ela, foi gestada por seu pai, em sua casa, oportunidade em que foi feito um documento, assinado por todos os presentes, solicitando ao Bispo de Santa Maria que designasse um padre, para dirigir os trabalhos da construção de uma igreja, ou autorizasse uma comissão de moradores para tal fim, que havia necessidade premente de ter uma igreja, pois por ali já existia um cemitério, que se originou com o sepultamento de dez mortos no Combate do Guamirim, em 1893. No mesmo local, iniciaram os sepultamentos da vizinhança, o que apressou a ida de um próprio, levando em mãos o documento ao bispado de Santa Maria.

Autorizado, o padroeiro escolhido para a novel igreja, foi São Sebastião,



Sede própria do CTG Lalau Miranda



Dilerman Zanchet (E) e sobrinhos netos de Estanislau de Barros Miranda

porque a reunião inicial para a construção, fora realizada no dia do Santo, 20 de janeiro. Construída no lado norte do riacho, era muito frequentada pelos devotos. Outrossim, tornaram-se lenda as suas festas e cavalhadas, até que um incêndio a consumiu em 1923, sendo reerguida pelos devotos, no lado sul do dito riacho, que passou a se denominar também de São Sebastião. Até hoje existem o cemitério e a igreja, graças a Estanislau de Barros Miranda.

O patrono do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, de Passo Fun-

do, que aparece numa foto histórica, trajado a gaúcho, e montado no seu parreleiro, em frente à primitiva Casa Branca, no dia do seu 45º aniversário, nasceu em 24 de novembro de 1853 e faleceu em 9 de janeiro de 1916. Seu mausoléu encontra-se no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz, de Passo Fundo. Registramos ainda que foi vereador, neste município, na legislatura de 1877 a 1881, e 3º Suplente de Juiz de Paz, no 3º Distrito de Coxilha. No Exército, galgou as divisas de Alferes. Adquiriu terras de Lúcio Martins de Miranda, no

Mato Castelhana. Era republicano atuante, e foi proprietário da Invernada da Arvinha, também no 3º Distrito.

Praticante do tradicionalismo, como já disse, envolvido nas coisas do rincão de São Sebastião, deixou, inclusive, registros sobre o folclore, o comportamento e as atitudes do povo gaúcho, motivos pelos quais foi lembrado pela população passo-fundense e regional, para a edificação do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, fundado em 24 de março de 1952, verdadeiro templo da prática da cultura gaúcha, entidade pioneira no Planalto, que mantém acesa a chama do nosso tradicionalismo e a memória desse ilustre gaúcho serrano.

NOTAS

1 - Parte desta pesquisa foi publicada na Revista Somando, da Fundação Planalto, no mês de maio de 2012.

2-Fontes pesquisadas:

Ecker, Adari Francisco – A Trilha dos Pioneiros – Passo Fundo – G. Berthier – 2007.

Garcez Ayres, Odilon – Cerrito, do Ouro à Coxilha – Projeto Passo Fundo –2012.

Sartori, Luzardo –Coxilha Conta a sua História – Gráfica Passo Fundo –1996.

3- O terreno onde se encontra hoje a atual Igreja de São Sebastião, em alvenaria, pois a antiga, que era de madeira e com campanário, foi demolida. Igualmente o antigo salão de festas e bailes foi substituído por outro de madeira, e estão aos cuidados dos filhos e netos da família Albuquerque. O sino deve existir desde a fundação, pois lá está a 75 anos, conforme relato do Odilon e do Dr. Ariovaldo Schleder Kurtz de Albuquerque. Seus pais, Antônio e Noely, nos anos de 1950, ao tempo do Bispo Dom Cláudio Colling, (que exigiu que os lucros das festas fossem recolhidos), resolveram fazer doação do terreno à Mitra Diocesana de Passo Fundo.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

El flaco Flamini

MARCO ANTONIO DAMIAN

Enquanto a Europa vivia época de terror e aflição pela segunda guerra mundial, a América do Sul era o paraíso do futebol. Brasil, Argentina e Uruguai, especialmente, reinavam como a meca futebolística. Porém, a grande competição fora suspensa. Não houve Copa do Mundo na década de 1940. A última, em 1938, na França, e a seguinte, apenas em 1950, no Brasil.

O mundo se privou de assistir, conhecer e se maravilhar com o futebol elegante de Heleno de Freitas, o malabarismo de Tesourinha e seus dribles mágicos, a eficiência e liderança de Jayme de Almeida, os gols rebuscados de Silvio Pirillo e outros brasileiros famosos.

Os uruguaios General Viana, Attilio Garcia e Bibiano Zapirain, por exemplo, foram craques incontestáveis, vestiram a camisa celeste, mas não puderam disputar copa do mundo, pois ela não foi realizada.

Entretanto, quem mais sofreu foi a Argentina. Teve seguramente sua melhor geração de craques, em todos os tempos, como o goleiro Cláudio Vacca, o “gran capitain” Angel Peruca, craque espetacular, os atacantes “Tucho” Mendez, Angel “El Feo” Labruna, Félix

Lostou, um ponteiro-esquerda como poucos, Adolfo Pedernera e Manuel Moreno, que brilharam no Real Madri, e Antonio Sastre, consagrado no São Paulo. Foram esses alguns dos nomes que não puderam saborear a competição que tem os olhos do mundo.

Outro craque argentino consagrado mundialmente, nessa década de 1940, foi Enrique Domingo Flamini, chamado El Flaco ou O Magro. Flamini jogava na meia-esquerda. Era elegante em campo e fora dele. Alto, esguio, cabelos rigorosa-

mente penteados para trás, firmados pela velha pomada para cabelos (glostora), e vestido com ternos bem cortados. Foi um craque habilidoso, inteligente, de raciocínio rápido, passes perfeitos, chute forte com o pé esquerdo, jogador clássico. Jogou em clubes hoje extintos e quase desconhecidos na Argentina, como o Tiro Federal e Remédio de

compressor do Internacional, já que o Grêmio não conseguia. O Cruzeiro era forte e poderoso.

Hirschl trouxe consigo Flamini e Lombardini, este ponteiro-esquerdo. Alejandro José Lombardini também era um bom jogador, mas nada comparado à Flamini. O ataque Estrelado era arrasador. Contava com Louzada, um Capitão do Exército vindo de Pelotas, Valdomiro Saladuro, fabuloso meia-direita, Hortêncio Souza, centroavante de alta técnica, mas irascível, temperamental, que jogou na seleção brasileira, Flamini e Lombardini. O clube realizou uma campanha magnífica, mas ficou com o vice-campeonato, um mísero pontinho atrás do Internacional.

No ano seguinte, Flamini foi jogar no Lazio de Roma. Lá brilhou intensamente. Coincidentemente, atuou ao lado de outro Lombardini (Umberto Lombardini), estrela da seleção italiana. Benito Mussolini “recomendou” a Flamini a se naturalizar italiano para defender a Azurra. O craque chegou a atuar em uma partida pela seleção, contra a Alemanha, mas a Itália não era seu país, e Flamini teve a ousadia de dizer “não” ao Duce. Jogou ainda pouco tempo nas pequenas Terracina e Reggiana e fugiu da Itália, pois seu passaporte fora confiscado e a ameaça de sua prisão era iminente.

Voltou à América para defender o Penharol de Montevideu e levar o clube, novamente dirigido por Emerich Hirschl, a ser campeão uruguio. Flamini era espetacular e ficou marcado para sempre na história do futebol. A história de Enrique Domingo Flamini está resgatada no livro “Enciclopédia do Futebol Gaúcho”, volume 1, Ídolos e Craques.



(FOTO: ARQUIVO M. A. DAMIAN)

Escalada, além do Rosário de Santa Fé e Racing Club.

Em 1945, o Cruzeiro de Porto Alegre contratou o técnico húngaro Emerich Hirschl, que trabalhava na Argentina e no Uruguai, pois saíra de seu país quando canhões e aviões destruíam o que imaginavam ser inimigo, durante a guerra. Hirschl mostrou todo o seu conhecimento no River Plate de Buenos Aires e no Penharol de Montevideu. Naquele ano, 1945, o Cruzeiro queria desbancar a hegemonia do rolo

(Marco Antonio Damian é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Lourdes Pithan - a educadora da geração “baby-boomer”

OSVANDRÉ LECH

Geração “baby-boomer” foi a que nasceu, entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início dos anos 1960. A expressão quer dizer, literalmente, “explosão de bebês”, já que havia um grande incentivo para a família numerosa, pois a guerra havia feito milhões de vítimas. Esta geração cresceu buscando educação e estabilidade profissional, lutou pela paz no mundo, e teve contato com a tecnologia somente na fase adulta. Os “baby-boomers” têm hoje entre 50 e 65 anos, exercem papel de destaque em governos, na iniciativa privada, na educação e nas artes.

A professora Lourdes Pithan lecionou em Passo Fundo, entre 1948 e 1984. Foi uma das mais queridas e destacadas professoras do Instituto Educacional, deixando lembranças positivas em muitas gerações. Falecida em 1987, ela continua a ser lembrada. Antonio Augusto Meireles Duarte teve a feliz ideia

de batizar a praça central da Avenida Brasil em frente à igreja São Vicente de Paulo, de “Praça Lourdes Pithan”. Foi no sábado, 21 de abril, entre familiares e membros da família iense que a placa foi descerrada. Um momento muito lindo de lembrança, respeito e admiração pela educadora, e “mãe de cada um dos seus alunos”.

Em 2001, dediquei o livro “Citações – Frases inteligentes para serem lembradas”, à minha alfabetizadora, no já distante ano de 1962, exatos 50 anos atrás. Ao ser lida, neste sábado, a dedicatória in memoriam, emocionou a todos.

“Dedico este livro à professora Lourdes Pitthan, que segurava a minha mão, enquanto eu aprendia a escrever as primeiras trêmulas e ilegíveis palavras, no Instituto Educacional de Passo Fundo, em 1962 - quarenta anos atrás. A sua missão de alfabetizadora extrapolou, e muito, as expectativas mais otimistas, sempre com simplicidade e doce energia. A professora Lourdes mantinha toda a turma - e foram centenas delas -

atenta e contagiada, pela alegria e pelo entusiasmo de APRENDER. Foi um início de vida escolar que não se podia querer melhor.

Anos mais tarde, já no seu leito de morte, a professora mandou chamar-me, porque queria me ver. Foi uma conversa sentimental, de aluno para professora. Lembramos dos velhos tempos e de como eu era inquieto na sala. Falamos dos meus colegas, do velho prédio de madeira, dos recreios nas tardes ensolaradas e, claro, do pão com molho do “seu” Erwino. Sentado à sua cabeceira e de mãos dadas, deixamos o tempo passar sem pressa. Aquela foi a última vez que a vi. Só fui entender o pedido da visita, bem mais tarde. A professora Lourdes Pitthan queria ver, pela última vez, a imagem do seu maior objetivo de vida - o pequeno aluno, que fora educado por ela, agora já assumindo o seu próprio papel na sociedade.

Um ciclo de vida completo. E com satisfação mútua, para a mestra e o aprendiz. Agora é minha vez, professora! “Obrigado!”

(Osvandré Lech, médico e escritor, é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Tributo a Sílvio Luís Algarve

EUGÊNIO FACCHINI NETO

Cedo. Demasiadamente cedo. Sílvio nos deixou cedo demais. É o que temos ouvido de todos os que o conheceram, nos últimos tristes dias. E isso por uma simples razão: Sílvio encantou e impressionou todos os que tiveram o privilégio de com ele conviver. Encantou pelo seu jeito simples, amigo, parceiro, despojado de vaidades, cortês, gentil, prestativo, conciliador. Impressionou pela sua vasta cultura geral, pelo seu verdadeiramente notável saber jurídico, pela sua inigualável dedicação ao trabalho, pela sua invejável capacidade e produtividade, pela responsabilidade com que encarava todos os seus compromissos. E essas qualidades faziam do Sílvio um amigo e colega singular. Sílvio e eu nos criamos em Passo Fundo. Seu pai era antigo e



(FOTO: ARQUIVO E.F. NETO)

conhecido advogado daquela cidade; o meu era um dos juizes da Comarca. Não convivemos na infância e adolescência, porém. Fui conhecê-lo na Faculdade de Direito da UPF. Como comecei a lecionar muito cedo, Sílvio foi aluno de uma de minhas primeiras turmas. Foi o melhor aluno que já tive ao longo de mais de trinta anos de magistério. Embora tenha sempre tirado a nota máxima, Sílvio era discreto em sala de aula. Desde então ele não sentia a necessidade de mostrar aos outros o quanto sabia, característica que manteve ao longo de toda sua vida. Mais tarde, já colegas de Magistratura em Passo Fundo, Sílvio sempre teimava em se esquivar de minhas tentativas de levá-lo ao magistério. A razão era sempre a mesma: não queria desviar seu foco do trabalho que tanto amava – o de julgar. Em determinado semestre, em que eu fora designado para atender em regime de exceção e estava com pesada carga de serviço, insisti para que ele me substituísse. Ele o fez, como especial favor e apenas por um semestre. Resultado: encantou tanto a turma que foi escolhido seu paraninfo! Mas nem isso fez com que ele abrisse mão de se dedicar integralmente à sua real vocação, a de juiz. Sílvio era uma daquelas pessoas que tudo o que fazia, fazia bem. Jogava futebol como poucos. Verdadeiro craque! Foi fazer ioga e logo conseguia equilibrar-se de cabeça para baixo, em

cima de um muro! Mas essa foi a única coisa em que ele ficou em cima do muro. Em tudo o mais, jamais temeu tomar partido, posicionar-se, expor-se, defender suas ideias – ainda que isso pudesse desgostar quem quer que fosse. Na Magistratura, sempre teve um jeito especial de auxiliar colegas mais jovens, menos experientes – e foram incontáveis os que o procuravam para tanto. Dava dicas, trocava ideias, passava modelos de sentenças (e modelos efetivamente eram elas, tendo incontáveis sentenças louvadas), mas sempre de uma forma tão natural e pacientemente que os colegas nem tinham a sensação de que estavam sendo orientados por um magistrado verdadeiramente especial e superior. Embora rigoroso julgador, a quem nada passava batido ou despercebido, Sílvio sempre foi gentil com pessoas – advogados, testemunhas, serventuários. A todos sempre recebia com um sorriso no rosto. Tinha autoridade, sem ser autoritário. Rara qualidade, típica dos grandes homens. Exemplar na vida profissional, exemplar na vida privada, exemplar também na vida familiar. Com sua amada Maria Lúcia, companheira e amiga de toda uma vida, criou seus dois filhos em ambiente de grande harmonia e verdadeiro amor. Mais do que nós, seus amigos e admiradores, são eles que mais sentirão sua falta. Mas sabem eles o quão privilegiados foram por terem convivido intimamente com ser tão luminoso. E essa luz, com certeza, foi tão forte, que de onde quer que ele esteja agora, continuará a iluminar seus caminhos. Quanto a nós, fica a saudade, a dor da perda, o exemplo permanente do significado de um verdadeiro juiz vocacionado, a lembrança, mas também a sensação de privilégio de o termos tido como colega. Um colega que dignificou sobremodo a Magistratura gaúcha. Exemplo para todos nós. Pena que nos deixou tão cedo! Demasiadamente cedo.

(Eugênio Facchini Neto é Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.)



Destino



ELISABETH SOUZA FERREIRA

Nem todos nascem em berço de ouro nem são criados em redoma de vidro.

Mas todos são abençoados com a graça da vida e uma longa estrada para trilhar.

Ninguém consegue viver sozinho. Cada pessoa faz parte de um grupo por um determinado período.

A família é uma escola, onde se permanece apenas pelo tempo que se fizer necessário à aprendizagem individual.

Quando um jovem se torna adulto, aprende a ficar em pé e a andar com as próprias pernas, muito embora o vento nem sempre lhe seja favorável.

Amizades se estabelecem e outras tantas se perdem, ao longo do caminho.

Saber colocar-se no lugar dos outros, às vezes, amplia a capacidade de compreender-se a si mesmo.

Os laços de consanguinidade nem sempre garantem uma afinidade perfeita. Cada pessoa é uma alma em evolução.

As regras sociais existem para limitar as ações humanas.

Nem todos se submetem às limitações impostas pela sociedade. Mas, pelo menos, alguns preferem não infringi-las, conservando-se obedientes diante da Lei.

Do mundo nada se leva. Nem mesmo o próprio coração. O único bem real que continua eternamente vivo, são os sentimentos.

O único mandamento verdadeiro é o amor. O amor é a energia divina que está em toda parte.

“Ainda que eu fale a língua dos homens, se não tiver amor, nada serei”.

O amor é a lei máxima.

Quem ama perdoo, tolera, respeita e não usa de maldade com ninguém.

“Ainda que eu dê todos os meus bens aos pobres, se não tiver amor, de nada me adiantará”.

Quando se pensa já não ter mais nada para ver, eis que pode surgir ainda mais uma rosa no jardim aparentemente sem vida.

Se a natureza sem par coloca um simples botão no meio da estrada, isso deve ter alguma finalidade.

Seu caule pode ferir com seus espinhos as mãos de quem os pega, mas as mãos corajosas que o seguram, ainda que machucadas, saberão conservar o seu perfume.

Não é por acaso que se encontram certas coisas ou pessoas, na longa trajetória da existência.

Há pessoas que passam sem deixar rastros. Há outras que marcam para sempre...

Ainda que se busque uma explicação

plausível para certos encontros, eles fazem parte do destino que cada um tem para cumprir.

Driblando os preconceitos, desviando os obstáculos intransponíveis, os que se amam seguem vivendo com amor.

O elo espiritual é mais forte que qualquer compromisso material.

Quando uma pessoa faz parte do destino de outra, de nada adianta fugir...

Ela continuará firme diante dos olhos que não querem vê-la.

Ela continuará agarrada aos pensamentos de quem não deseja nela pensar.

É fácil identificar quem faz parte, quem se torna fundamental.

Quem surge distribuindo promessas felizes.

Quem transmite paz.

Quem pensa junto.

Quem fala sem esforço para se fazer entender.

Quem ama pelo simples prazer de amar.

Quem sofre calado e chora escondido, para o outro não ver...

Quem espera indefinidamente um novo amanhecer.

Quem se enche de ternura na presença de quem ama.

Enfim, o destino aponta o caminho.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



SOU...

Sou pedra, e dela ganho a dureza.
Sou água, e dela tenho a fluidez.
Sou ar, e do ar ganho a transparência.
Sou fogo, e dele tenho o calor.

Por ser água eu aguento a estupidez,
por ser pedra sustento a firmeza,
por ser ar tenho livre a consciência,
por ser fogo queimo a dor.

Com quatro elementos construí um templo,
minha única casa digna de oração!
É nela que habito e contemplo o firmamento,

de onde parto para a viagem pelos planetas...
E, no retorno, visito as estrelas,
chego e recomeço uma nova vida.

Em direção ao fim

Não há mais fontes borbulhantes,
não bebo água na concha da mão,
como fazia num tempo distante,
quando o homem ainda era são.

Da água cristalina, quando ainda era fresca,
brotando em meio à densa floresta.
É quimera vagar pelo mundo à sua procura!
O homem destrói tudo, e nada mais presta.

Agora, no silêncio da noite, quando a humanidade dorme,
medito, tentando sondar o futuro...
O que percebo é algo de causar horror:

Uma humanidade, cuja feição disforme
causa asco ao coração mais brando e puro.
E tudo isso porque o homem não viveu esse Amor...

Ela sempre retorna

Falei que nunca senti saudade,
mas é saudade de alguém.
Há uma que me segue desde a eternidade,
que apenas imagino de onde vem.

Começou talvez ainda no soturno
início da criação do nosso mundo.
E volta sempre a cada meu retorno,
sendo cada vez um sentimento mais profundo.

Em cada vida, vou me libertando mais um pouco
do emaranhado do meu destino,
mas sempre resta ainda muito por fazer.

Um dia terei a liberdade buscada desde menino!
Não importa quanto ainda precisarei sofrer,
hei de libertar-me deste mundo louco...

Até quando?

Até quando ficarás sonhando acordado,
saltitando de uma a outra ilusão,
acreditando: logo tudo será solucionado,
e que a ciência encontrará a solução?

O mundo é aquilo que o homem faz!
Não se pode acreditar que ciência ou religião
nos darão a desejada paz,
pois ela só será gerada na pureza da consciência.

A humanidade se comporta como um bando de dementes,
e acredita viver em plena sanidade.
Não percebe que vive a lançar sementes, e que mesmo quando diz viver de modo puro,
são geradoras de egoísmo, loucura e maldade...
E são elas que nos destruirão no futuro!

Compaixão

Compadeço-me das crianças que estão chegando agora,
pelo mundo que vão receber.

Compadeço-me dos jovens, pelas ilusões que irão viver.
Compadeço-me dos velhos que ainda terão que esperar
a hora para poder morrer...

Parabenizo aqueles que viveram uma realidade,
que ilusão não precisaram ter
e que, no dia em que partirem, não levarão nem deixarão saudade.

Eles são agraciados, pois fizeram por merecer.

(Getulio Vargas Zauza,
psicólogo clínico, escritor e
membro da Academia Passo-
Fundense de Letras. Email para
contato: aiesazauza@hotmail.com.)

Mario Guimarães e o 2º Rodeio Nacional

ODILON GARCEZ AYRES

O primeiro Rodeio Nacional de Integração Gaúcha tinha sido um sucesso estrondoso, e tão logo terminou, começamos a agilizar para sair o segundo, pois a fama de Passo Fundo, de que só se fazia aqui o 1º evento cultural, e foram tantos só com o primeiro, que todo mundo tinha medo do terrível segundo evento, não sem razão, porque já estávamos no crepúsculo de agosto, e a decisão equivocada de largar nas mãos de uma agência de propaganda, nos fez andar de quatro, mendigando patrocínios.

Foi nessa ocasião que apareceu, na Passotur, com o aval do Prefeito Carrion, a figura de Mario Pereira Guimarães, homem da época da Revolução de 64, vaqueano, que viajara pelo Brasil afora, irmão do Promotor Público, e na ocasião Diretor Presidente da Caixa Econômica Estadual, Lauro Pereira Guimarães. Embora, como diz o gaúcho, “queimasse campo uma barbaridade”, o Plínio Mena Barreto é minha testemunha: retomamos da Agência publicitária a missão, e fomos atrás de duas de suas indicações.

Na Caixa, o seu irmão o recebeu, mas não a mim, e indicou o finado Cândido Norberto, que demonstrou pouco interesse, alegando que a Corag não podia dar o papel para impressão dos cartazes, que o trabalho era vazado, que ainda precisava arte final, enfim, daquele mato não saiu um coelho sequer.

Dali fomos à RBS. E o amigo dele, sua indicação, Walmor Bergesk, nos recebeu muito bem, e se comprometeu a agilizar a doação do palco coberto, Maurício Sirotski Sobrinho, bem como a trazer a direção da empresa televisiva, como de fato vieram: Ernesto Corrêa e a viúva de Maurício Sirotski Sobrinho, a Passo-Fundense, Sra. Ione Pacheco Sirotski, que discursou e fez o descerramento da placa inaugural do 2º Rodeio Nacional

(FOTOS: ARQUIVO O. G. AYRES)



de Integração Gaúcha.

Mas nós precisávamos de um montão de coisas mais. Os troféus conseguimos com a própria RBS; brindes com o comércio; mas, na Óptica Brasil, conseguimos do Marco Stefani, um bom patrocínio para os cartazes, a troca de um “Poço Artesiano”, que arrumamos para ele através da Cemapa, um verdadeiro negócio da China, pois o material promocional estava orçado em 70.000 “cruzados”, a moeda da época.

A água para o Rodeio era fundamental, e enquanto o CTG Lalau Miranda fazia a rede d’água, de janeiro a setembro, o Mário empenhou-se em conseguir, através da RFFSA (ex-VFRGS), a caixa para 30.000 litros de água, que fomos buscar na antiga Estação Barro. Até hoje, falo porque é preciso, mas essa expressão “Caixa d’Água”, proferida mil vezes pelo Guimarães, me dá arrepios, pois foi um parto para consegui-la e trazê-la de Gaurama.

As perspectivas de um segundo Rodeio, já para mais de vinte mil participantes, exigia uma demarcação dos espaços para acampamento e comércio, naquele aprazível mato nativo do CTG Lalau Miranda. E uma equipe de cinco

servidores públicos, liderados pelo diretor de Cultura, bivacaram dois meses, e nada, até que tomamos as rédeas, com o Prof. Mauro Simão, o Serpinha e o Mário, agrimensor de profissão, corremos treina e batemos estacas, até que, numa semana, ficou marcado e desenhado o primeiro Mapa do Acampamento.

A bem da verdade, sem eles nem saíam as provas campeiras. O Plínio Mena Barreto e o tio Oscar Vieira, que viera trabalhar conosco na Secretaria de Turismo, saíam de manhã e voltavam à noite, batendo estradas de chão, centenas de quilômetros, proseando, argumentando e pedindo bois para laçar, graciosamente, ficando a nosso encargo apenas o transporte de ida e volta.

As coisas andavam a galope, tivemos apenas três meses para preparar tudo, mas o atraso na confecção dos cartazes, pela demora do aporte de patrocínio, quase nos fez dar com os burros n’água, pois, além disso, os funcionários da EBCT entraram em greve, e nós tínhamos depositado na Agência sede, em Passo Fundo, os convites, a programação e os cartazes para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso. Por sorte, dias antes, postáramos para a região norte do Rio Grande do Sul, os quais foram os únicos a serem entregues, para um evento de tal envergadura.

Cientes do perigo de um fiasco, que corríamos, mercê dos percalços que passamos, pois no episódio da tal Agência de Propaganda, que conseguiu apenas um patrocínio e justamente de um dos promotores do evento, (a Pampa do Sr. Nilo Fernandes), o Secretário Flávio Benvegnú chegou a demitir-se do cargo, mas foi instado pelo Eluyr José Reschke, a agüentar tirão. E logo após, tive a feliz ideia, e com justiça, de convidar o CTG Porteira do Rio Grande para “Padrinho” do 2º Rodeio. O Mário entregou o convite em mãos, e os vacarianos, liderados pelo Patrão Percy Guerreiro, nos honraram com uma Delegação daquela região, com mais de



Abertura do 2º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha

cento e oitenta (180) integrantes, sendo que, destes, mais de três dezenas acamparam no Itatiaia Palace Hotel, o qual motivou-se a ser nosso patrocinador no 3º Rodeio Internacional.

Ah!.... Como se tudo isso não bastasse, o carcará de plantão, daquele tempo até hoje, nos primórdios da “Iradylândia” (o termo e registro histórico é meu), tirava o pão da nossa boca (do Rodeio), para angariar patrocinadores do Pórtico, que está lá, graças a muita gente boa de Passo Fundo. Além disso, fomos à Capital pleitear, junto ao DAER, o asfalto para a Iradylândia. O poço artesiano foi perfurado pela Sudesul, enquanto o patrão Adão Nascimento instalava a bomba d’água, e cuidava da rede. A Expositur S/A, autorizada pelo presidente, cuidava da nova rede elétrica, e construía, com os pedreiros e carpinteiros da Secretaria de Obras, um galpão de 12 x 25, que serviu de restaurante de dia, e salão de baile à noite, e que batizei de Galpão Bragado.

Nosso Rodeio causou impacto nos Vacarianos, pois eles não tinham quatro tablados e uma cobertura, e tampouco um salão de baile nas dependências do Rodeio, o que os agilizou nesse sentido, e acordamos, depois do 3º Rodeio, que eles seriam intercalados, de dois em dois anos, entre Vacaria e Passo Fundo.

Hoje, são passados apenas vinte e seis anos, destas breves reminiscências, de alguns fatos acontecidos naquela escaramuça, que culminou com êxito, na realização do 2º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, (afastando de vez a pecha e a mácula), promovido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, por sua Secretaria de Desporto e Turismo

(Passotur), pelo CTG Lalau Miranda e pela Expositur, Empreendimentos Turísticos S/A., cuja direção estava composta pelo Presidente de Honra: Prefeito Fernando Machado Carrion; Presidente Executivo: Flávio Benvegnú; Vice-Presidente: Nelson Quadros; 2º Vice-Presidente: Nilo Fernandes; Tesoureiro: Eluyr José Reschke, e Secretário Geral: Odilon Garcez Ayres. Esses eram secundados por muitos e muitos outros da Invernada Artística (Busch, Odalgiro, Paiva, Elmo, Flori) e da Campeira (Seren, Quadros, Rossal, Kampitz, Machado), de quem muito nos orgulhamos, e que um dia serão decantados, mas hoje, cumpre-me o dever (por ter sido companheiro e amigo de trabalho, e agora testemunha ocular desta história), de prestar esta homenagem “post mortem” a Mario Pereira Guimarães, e recomendar que este peão do Rio Grande tenha um lugar de destaque na nomeação dos entes do Rodeio Internacional de Passo Fundo, juntamente com Antoninho Serena, Adão Nascimento, Oscar Vieira e outros, pois foi um dos construtores do segundo, do terceiro e do quarto Rodeio.

Mario Pereira Guimarães

Gaúcho, pilchado, sempre a caráter, topógrafo de profissão, churrasqueiro, assador, prosegador, contador de causos, de “cosas y losas”, mas um altruísta decidido, trabalhador, sem hora e sem quartel, dinâmico, visionário e sonhador, tradicionalista que nos deixou dia 12 de janeiro de 2012, com 81 anos de idade, em consequência de problemas cardíacos. Durante muitos anos, em companhia do poeta e político, Depu-

tado Federal Lauro Pereira Guimarães, palmilhou o centro-norte brasileiro.

De tradicional família de cidade açoreana, era filho do ex-delegado e ex-prefeito, Ricardo Guimarães, e da professora Felisbina. Fez os estudos fundamentais, no Instituto Estadual de Educação Pereira Coruja. Depois frequentou escolas secundárias e técnicas, na região e na capital. Ligado à terra, ao trabalho e ao lazer, exerceu por anos, até o fim da vida, a profissão de topógrafo. Tinha a tarefa de ajudar ruralistas a regularizarem a situação de suas terras.

Nas últimas duas décadas, casado, fixou residência na Vila Vera Cruz, em Passo Fundo, dedicando-se, além das lides profissionais, ao culto do tradicionalismo autêntico, participando dos eventos mais expressivos do calendário pampeano – os Rodeios de Passo Fundo, Vacaria e Lagoa Vermelha (de onde trouxe para Passo Fundo a iguaria da linguíça campeira, para acompanhar o churrasco). As cidades mencionadas eram seu chão preferido. Assador experiente, bom anfitrião e inesgotável contador de “causos”, sentia-se feliz ao comandar churrascos para mais de cem pessoas.

Além da esposa, a professora aposentada, Iracema Vieira Guimarães, deixou três filhos: o gerente bancário Cassiano, a empresária Clarissa e o autônomo Thomaz, mais netos, genro e nora. Teve seis irmãos: João (falecido), José, Lauro, Maria, Lúcia e Ângela.

Mario Pereira Guimarães * Taquari – RS. +12.01.2012 - Cuiabá – MT.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Protásio Antonio Alves

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Protásio Antonio Alves (seu nome completo) nasceu na cidade de Rio Pardo, em 21 de março de 1859, filho único de Patrício Antonio Alves e de Carolina de Ávila Alves. Tendo seu pai falecido antes de ele nascer, recebeu de seu padrasto e de sua mãe os valores morais que tanto o enalteciram.

Estudou até os oito anos em Rio Pardo, transferindo-se após para Porto Alegre. Nos estudos foi sempre brilhante.

Cursou a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Formou-se em 1881, sendo o mais jovem da turma. Em sua tese de doutorado, fez uma dedicatória a seu padrasto, agradecendo os sacrifícios que por ele fez. E os princípios que soube inculcar, em sua formação, os quais jamais foram esquecidos ou abandonados. Agradeceu também sua mãe, dizendo: “O amor de mãe é divino, o céu é, para mim, a essência do amor de mãe”.

Fez seus estudos de aperfeiçoamento na Europa e, voltando, fixou-se em Porto Alegre, onde muito fez pela Medicina. Foi o primeiro médico a praticar uma cesariana, em Porto Alegre, na Santa Casa de Misericórdia.

Em 1888, fundou em nossa capital, Porto Alegre, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia. Foi diretor durante 12 anos, prestando seus serviços gratuitamente.

Quando estudante foi líder, empolgado pelas ideias republicanas. E quando a república foi implantada, foi convidado a exercer o cargo de delegado de polícia.

Em 1891, foi eleito deputado à primeira constituinte republicana rio-grandense. Atendendo ao apelo do presidente Júlio de Castilhos, (seu amigo particular), deixou as funções eletivas, para desempenhar o cargo de diretor de higiene, no estado.

No governo de Antonio Augusto Borges de Medeiros, passou a exercer a pasta de secretário de negócios, do interior e exterior, permanecendo neste cargo 20 anos.

Foi vice-presidente do estado do Rio Grande do Sul. Mas, como administrador, atingiu o máximo da eficiência na



instrução pública (Secretaria da Educação). Proporcionou especialização para professores, e fundou várias escolas. Nesta época era o Rio Grande do Sul que assinalava o menor índice de analfabetos, no país.

Casou-se com Geralda Velho Garcia. Foi dedicadíssimo à família.

Marta Geralda Alves D’Azevedo, neta de Protásio Alves, fala com carinho: “A imagem que meu avô Protásio Alves deixou ficou nitidamente gravada na minha memória. Não a do médico ou do político, que não conheci, mas a de uma figura humana que, apesar de ter desempenhado um papel importante na história política e educacional do Rio Grande do Sul, conseguiu ser sempre simples e cordial, amado e respeitado por todos que o conheceram.

Meu avô, uma pessoa afável e simpática, tratava todos com a mesma delicadeza com que tratava as rosas de seu jardim, não se deixando ferir por seus espinhos, mas cuidando de todas indistintamente, com mãos hábeis e seguras. Apesar da idade, suas mãos manobravam o podão, para tratar das roseiras com a firmeza com que o médico, no início da carreira, segurava o bisturi, para fazer a primeira operação. E, quando o podão ia cortando as folhas estragadas, ou os galhos ressequidos, ia explicando que aquilo era necessário para que as rosas pudessem nascer e crescer mais bonitas e com mais per-

fume. Nos últimos anos de sua vida, continuava sendo a pessoa simples e cordial, conversava com uma criança, conseguindo prender sua atenção com suas histórias. Sua casa era simples como todo o seu modo de ser. Recebia parentes e amigos para conversar e ouvir música.”

Protásio Antonio Alves é patrono da Escola Estadual de Passo Fundo. Primeira escola estadual. A professora Ana Luiza Ferrão Teixeira (1898-1911), com sua sala de aula em sua casa, deu origem ao colégio elementar de Passo Fundo. Outras pessoas influentes também trabalharam pela criação desta escola, como a professora Eulina Braga, diretora da escola, que tratou com o Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros (presidente do Estado do Rio Grande do Sul), o prestigioso apoio do Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro (prefeito municipal, 1920), de Armando de Araújo Annes (prefeito, 1924), de Dr. Protásio Alves (secretário de negócios do interior e exterior) e do Sr. João de César (construtor italiano radicado em Passo Fundo).

À Escola Protásio Alves,

Meus parabéns pelo aniversário, ao completar 101 anos (2012) de belas e eficientes realizações, em benefício da educação.

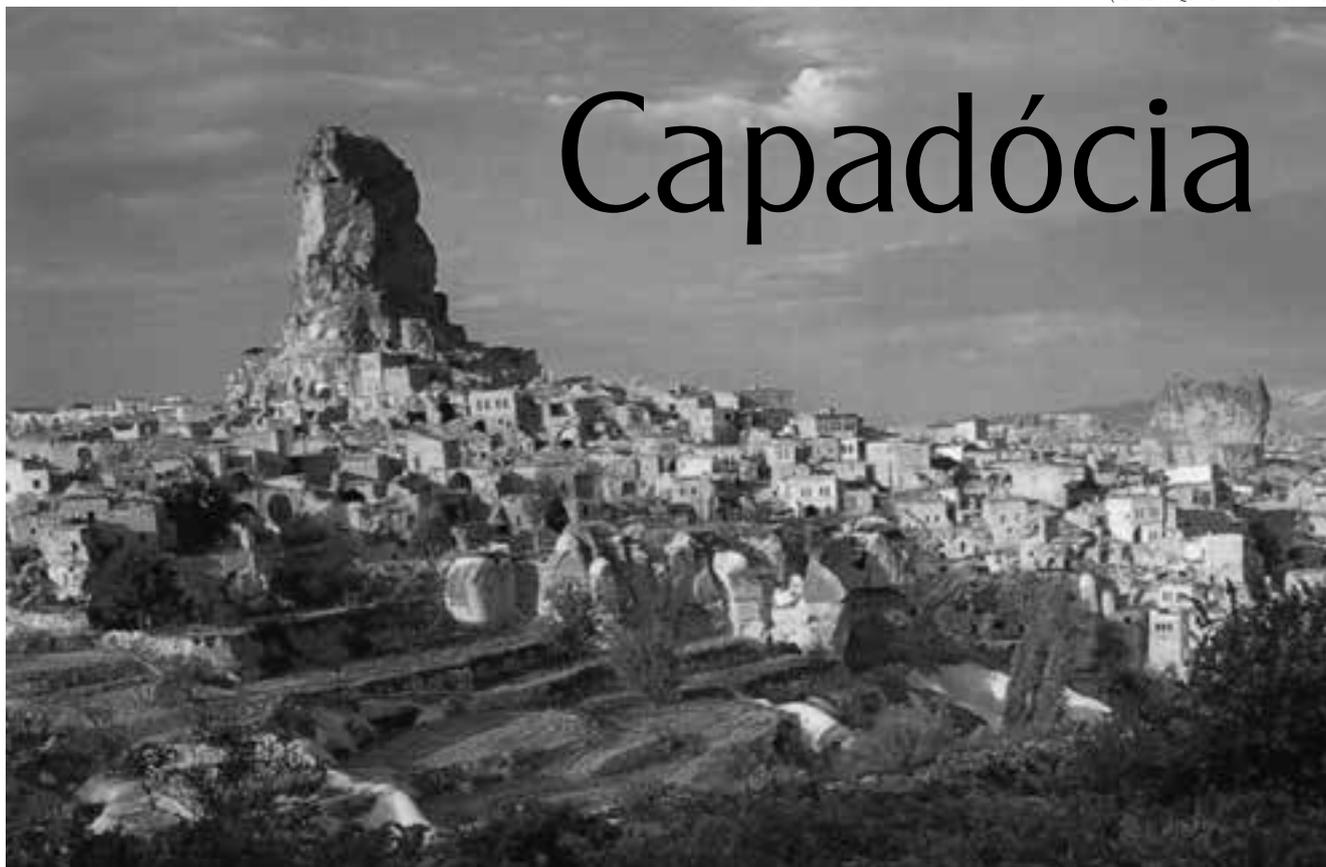
Um grande abraço à direção, ao corpo docente, aos funcionários e alunos!

(Profa. Santina Rodrigues Dal Paz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

(FOTO: O. G. AYRES)



Escola Protásio Alves, neve de 1975



Capadócia

Vista parcial da cidade de Ortahisar

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

A Capadócia é uma pequena região da Turquia, encravada na Anatólia Central, com dimensões que nem sempre se assemelham às atuais. A região da Capadócia tanto pode representar uma área de quinze mil quilômetros quadrados, como uma pequena gleba de terras ao sul de Ürgüp, com 20 km de lado, porque seus limites variaram ao longo dos tempos, de acordo com os historiadores que a tenham citado. É conhecida desde a antiguidade e referida pelos historiadores gregos, Estrabão e Heródoto, mas, em alguns mapas, nem é mencionada, porque não corresponde a nenhuma demarcação política. Foi habitada e explorada por assírios, hititas, persas, árabes, gregos, romanos e seljúcidas, que são considerados os antepassados diretos dos turcos. Estes a ocupam até os dias atuais. No Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, está exposto um afresco encontrado em Çatalhöyük, um povoado do período neolítico, que é, talvez, a pintura paisagística mais antiga do mundo, presumivelmente de 6200 anos a.C.

Graças aos vulcões e à ação dos ventos

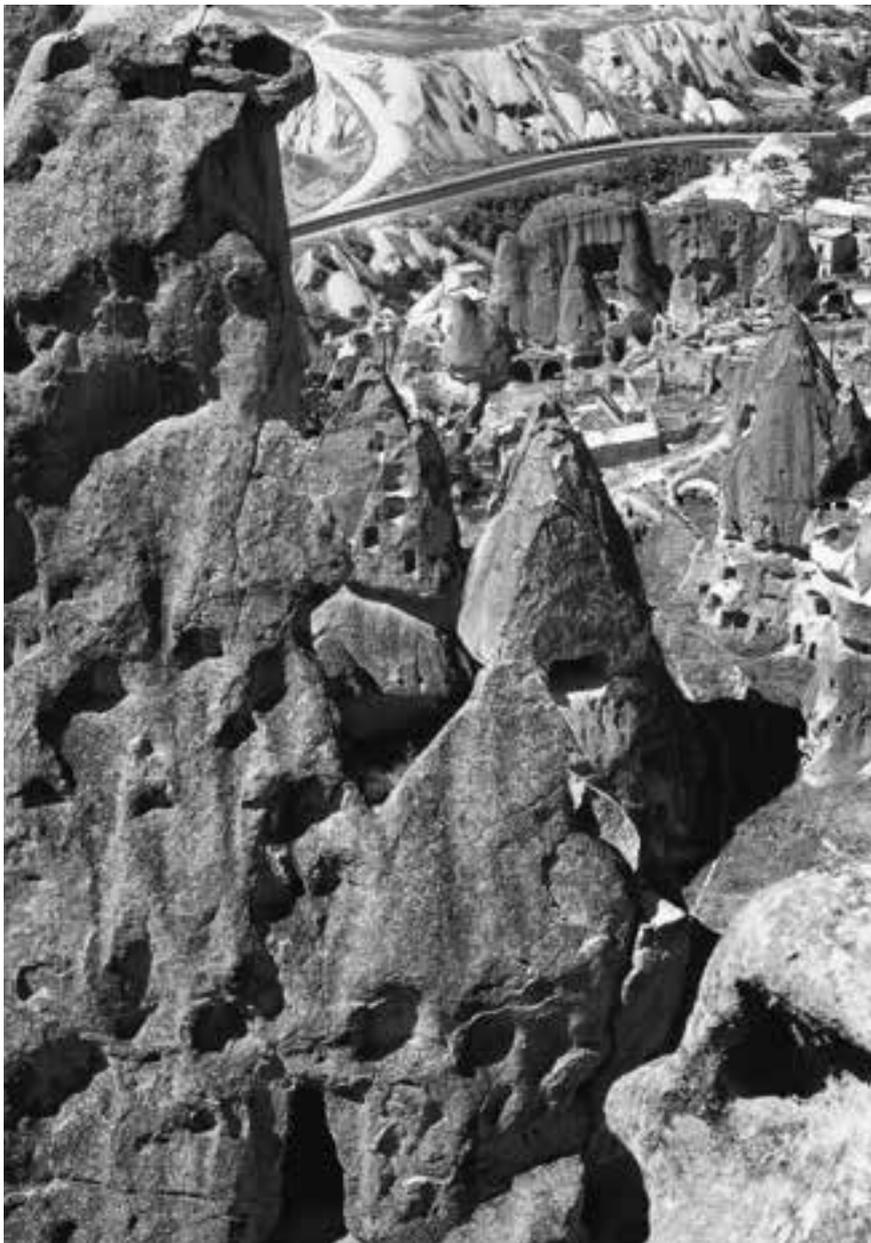
e dos homens, aliada à fragilidade do solo, sua topografia é tão especial que mais se assemelha a paisagens lunares. Trata-se de uma região única do nosso planeta, com tal índice de fragilidade do solo, que permite aos ventos esculpir figuras de diversas aparências, e aos homens escavar o subsolo e nele construir residências, ruas, salas, depósitos, estábulos, templos e, até, cidades. Escavadas nas rochas, essas cidades são apontadas como a “oitava maravilha do mundo”.

O solo é vulcânico, com predominância de calcário. Ao longo das planícies, erguem-se formações rochosas de diversos tamanhos, encimadas por coberturas de rocha basáltica que se assemelham a cogumelos. Esses cones, coroados por pedras planas, são mundialmente conhecidos como “chaminés de fadas”. Tanto podem aparecer de forma isolada como agrupadas, mostrando paisagens espetaculares e insólitas, como se tivessem sido mesmo esculpidas por mãos de fadas. Além dos passeios terrestres, são oferecidos por agências de turismo, voos de balão que propiciam maravilhosa vista panorâmica da região.

Nos morros e nas encostas, dentro das rochas calcárias, foram construídas casas, umas emendadas nas outras, separadas por pequenas vielas, que

mais se assemelham a um gigantesco formigueiro. Segundo a história, essas casas formavam um refúgio seguro dos nativos, para fugirem do ataque dos inimigos e conquistadores. Em alguns casos, tornaram-se verdadeiras cidades subterrâneas, com sistema próprio de ventilação, depósitos de água e alimentos, estábulos, locais para guardar o feno, e até depósitos para vinho. Dividiam-se em andares, cada um com finalidade própria, pré-determinada, de acordo com o planejamento de cada cidade. Tinham, também, um singular sistema de segurança: uma pedra redonda, parecida com mó de moinho, da mesma rocha, facilmente movimentada, e perfeitamente encaixada na entrada da galeria, com um dispositivo interno que funcionava como tranca e não permitia sua movimentação. Os primeiros cristãos fizeram largo uso dessas cidades, para fugir de seus perseguidores. Prova disso são as inúmeras capelas e igrejas, com pinturas e imagens ainda visíveis nos dias de hoje.

Próximo a Ürgüp, encontra-se, entre outras, a cidade subterrânea de Kaymakli, aberta à visitação pública desde 1964 e escavada entre os séculos VI e X, durante as invasões persas e árabes. Cobre uma superfície de 2,5 km², e



Vista parcial do museu a céu aberto, em de Göreme

atinge uma profundidade de 45 metros. Possui oito níveis distintos, dos quais apenas quatro são visitáveis. As construções subterrâneas estão agrupadas próximas às chaminés, assegurando, assim, excelente ventilação. Nela tem-se a impressão de estar em um verdadeiro labirinto. Próximo às residências, há os estábulos; a ligação entre os diversos compartimentos é feita por caminhos estreitos; sepulturas foram localizadas ao lado de uma pequena igreja que, contrariando um costume generalizado, não apresenta pinturas nas paredes. As salas maiores e mais importantes estão no terceiro pavimento. Pelo tamanho dos depósitos, das salas de reuniões, dos estábulos, e pela grande quantidade de residências, deve ter sido uma cidade que abrigou uma população numerosa.

Capadócia significa “terra de belos cavalos”. Os cavalos, de tão afamados, eram ofertados a reis, como mimos especiais. Entre os reis que apreciavam e admiravam os belos animais, o mais conhecido é Dario, rei dos persas.

A Capadócia significou e significa muito para a tradição cristã. Localizada próxima às Sete Igrejas da Ásia, referidas no Apocalipse de São João, nela São Pedro fundou a primeira comunidade cristã; São Paulo, entre os anos de 44 e 58, a visitou por três vezes; e as cidades subterrâneas foram muito ocupadas nos séculos II, III e IV, em virtude das perseguições. Lá nasceram vários santos e teólogos, como São Mamede, São Basílio Magno e São Gregório de Nissa, além de Cesário de Nanziano, Gregório de Nanziano, o Novo, e Gregório de



Chaminés de fadas, em Ürgüp



Galeria interna da cidade subterrânea de Kaymakli



Outra vista das chaminés de fadas, em Ürgüp



Mosteiro feminino de "Goreme



Pintura em parede da Igreja de Göreme(S. Jorge e S.Teodoro, matando um dragão)



Paisagem lunar, típica da Capadócia



Outra vista das famosas chaminés de fadas

Nanziano, o Velho. Basílio, Gregório de Nissa e Gregório de Nanziano, o Novo, são conhecidos como os "Filósofos Capadóciolos". Também João II da Capadócia, patriarca de Constantinopla entre os anos 518 e 520, nasceu na região. Ficou famoso por ter acabado com um cisma de 34 anos, entre as igrejas orientais e ocidentais, originado no Concílio de Calcedônia.

Conta uma lenda que um cavaleiro chamado Jorge, procedente da Capadócia, salvou com sua espada uma princesa que estava sendo atacada por um dragão. O referido cavaleiro disse que vinha em nome de Cristo, e que todos deveriam se converter ao cristianismo. Por ter renegado aos deuses do seu império, foi condenado e martirizado. Mostrou tamanha fé e tanta coragem durante o martírio, que até a mulher do

imperador Deoclesiano teria se convertido. Durante a Idade Média, a tradição ao culto de São Jorge espalhou-se por toda a Europa e ele foi considerado padroeiro de vários estados e reinos, como os da Inglaterra, de Aragão e de Portugal. A Cruz de São Jorge ainda está presente nas bandeiras da Geórgia, Inglaterra, Sardenha, Barcelona e Aragão, e nos brasões de Gênova e Pádua. Hoje, Jorge não é mais considerado santo pela Igreja Católica, mas seu culto é autorizado pela tradição.

Por falar em Cristianismo, merece especial atenção o Parque Nacional de Göreme, com 9576 ha, que foi considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1985. Ao lado das residências, muitas transformadas em pousadas para turistas, encontra-se um conjunto de igrejas e mosteiros de tal proporção,

parecendo que o povo do lugar, a partir do século IV, esteve totalmente consagrado à vida monástica. Há quem diga que os mosteiros cristãos tiveram sua origem em Göreme. O que se sabe é que os primeiros monges cristãos habitaram as cercanias da região e que, a partir do século XI, Göreme foi um centro monástico muito importante. O primeiro mosteiro feminino de que se tem notícias, com seus quatro níveis e quatro igrejas, e demais compartimentos, está situado ao lado da porta de entrada do parque. Não podemos afirmar que o Museu ao ar livre de Göreme tenha sido o berço dos mosteiros cristãos, mas se o foi, não poderiam ter escolhido lugar melhor.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Apocalipse

Ao escrever, o faço em prosa ou poesia.
Se dizem: o estilo é apocalíptico! Não nego.
Pois tudo mostra, claramente, como a luz do sol de um belo dia,
e só não percebe quem de inteligência é cego!

Quem quer isso? I

O dia amanheceu sorrindo,
os pássaros em coro cantavam um hino,
as horas transcorriam e tudo era lindo;
ninguém podia imaginar o trágico destino.

O sol deslizava, suavemente, em seu aparente caminho.
Uma suave brisa tornava o dia aprazível,
gerando no rosto a sensação de amoroso carinho,
nem se poderia sonhar acontecer algo horrível.

Estudei religião, filosofia, psicologia e ciência da natureza,
queria tanto ajudar a salvar a humanidade,
fazer algo que se faz quando a gente ama...

Mas eis que, de repente, dou de cara com a verdade:
um bando de dementes, no auge da loucura,
aperta o botão! E, num clarão, a terra é uma bola em ardente chama.

Post scriptum: Este poema é uma descrição de uma "visão" que tive em sonho, na noite passada. As cenas, em que aparecem as pessoas, são indescritíveis de tão horripilantes.

Quem quer isso? II

Já fazia muito tempo que eu havia morrido,
e do espaço assistia a hecatombe, horrorizado.
Inocentes aos bilhões, que ainda nem tinham veia,
eram, num átimo, totalmente desintegrados.

O tremendo desespero das pessoas era tanto,
que me é totalmente impossível descrever.
Em toda a terra incendiada não havia um caso,
onde uma só pessoa se pudesse proteger.

A terra parecia um pequeno sol, visto à distância.
Em minutos, sobre a terra apenas fogo...
Era o triunfo da insensatez e da loucura consumada.

Naquele infernal cenário, havia mais nada!
A catástrofe acabou de vez com o sujo fogo...
E uma voz desiludida: "Dei sabedoria, preferiram à ignorância..."

Post scriptum: Este poema é a continuação do sonho de ontem, de 10 para 11 DE ABRIL DE 2012, Quando, na manhã do dia 12, ouvi aquela voz: "Dei sabedoria, preferiria a ignorância!", acordei. Já era de manhã. A dor no joelho esquerdo permitiu certificar-me que estava vivo e as coisas estavam nos seus lugares. Ainda!!!

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.
Email para contato: aiesazuza@hotmail.com.)



A pornografia nos costumes

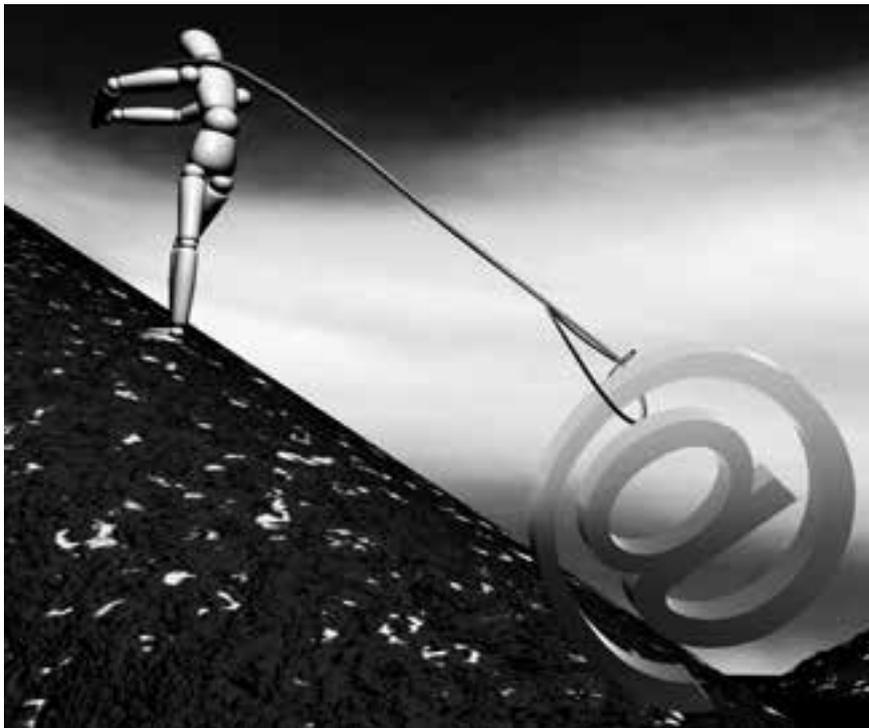
WELCI NASCIMENTO

Palavras, comportamentos, modas, casas de espetáculos, meios de comunicação social, vêm exercendo uma influência grande na conduta dos membros da família. Esses segmentos da sociedade, às vezes, contribuem para poluir a mente das pessoas. Como nos nossos rios, precisamos despoluir o ambiente de imoralidade e desvios sexuais existentes, que podem gerar mentalidades doentias.

Nos filmes, nas novelas, nos programas da televisão, o casamento, ou melhor dizendo, o matrimônio, é ridicularizado. E o divórcio, a separação são obtidos com muita facilidade. Parece ser uma rápida solução para os problemas da família. Se considerarmos que a televisão e a internet são os meios de comunicação social que mais influenciam as crianças e os jovens, às vezes até os adultos, é fácil perceber seu poder sobre a conduta moral dos membros de uma família.

Hoje, mais do que nunca, a exibição pública das partes íntimas da pessoa, as cenas de atos sexuais, o travestismo, o sadismo, o masoquismo, são fontes de atração ou elementos de prazer, que não estão relacionados com a consumação do ato sexual normal, mas na produção de outras emoções demonstradas no vídeo, no cinema e nas revistas pornográficas.

Todos esses vícios e taras sexuais são altamente estimulados pela pornografia. As revistas colocadas nas bancas de jornais podem iniciar o jovem no vício, na corrupção. O mesmo acontece nas videolocadoras. “É um material quente”, afirmam os proprietários. “Sai com facilidade”. É quase impossível impedir que se introduzam na mente das crianças e dos jovens as imagens com insinuações pornográficas. Elas estão por toda a parte? A força dos costumes é muito grande. É preciso muito esforço e ideias muito esclarecidas para contrapor à sua poderosa influência. Especialmente quando se trata de costumes que despontam os instintos sexuais que, por si, já são tremendamente poderosos em estimular a imaginação e modificar



a conduta. E é a família alienada, sem ou com pouca base religiosa, a mais facilmente atingida.

Assim sendo, cabe à família renovada, por meio de seus membros, impedir não só a implantação da imoralidade dos costumes, como também, que a alienação social chegue à alienação mental. São demasiadamente rápidas as transformações por que passam a sociedade e a família. Esta é o núcleo da sociedade, segundo os sociólogos. E tudo isso pode gerar uma série de situações verdadeiramente calamitosas, que exigem a atenção de todos nós e uma ação positiva por parte dos pais, em primeiro lugar. Não podemos enfrentar o mundo moderno, urbanizado e tecnológico, com a mentalidade agro-pastoril herdada de nossos avós. Mas temos o dever de indagar qual é a posição do homem e da mulher na sociedade familiar moderna. Precisamos pensar no matrimônio e seu relacionamento conjugal, bem como sobre a equiparação da mulher ao homem. Temos que pensar sobre as vantagens ou desvantagens da limitação de filhos. Sobre o uso dos anticoncepcionais e suas consequências morais e de saúde. Sobre a educação dos filhos. Sobre o novo relacionamento entre pais e filhos, esposa e marido. Sobre o papel

da escola na educação dos filhos. Sobre a co-responsabilidade dos pais e da escola. A vida se constrói à base de pequenas coisas, de pequenos acontecimentos. Muitas coisas que entram pelos nossos olhos, mexem com o coração.

Vivemos, infelizmente, numa sociedade em que tudo, ou quase tudo, está programado para produzir e consumir. Isso faz com que percamos a originalidade, a criatividade (conversar é algo criativo!), com isso, a felicidade pessoal dos membros da família está continuamente ameaçada. No contexto atual, somos chamados a criar e a viver, intensamente, profundos valores de vida, tais como: respeito, acolhida, esperança, espírito de luta. Uma família estável e equilibrada é fator essencial para o bom trabalho dos professores. Assim, a tarefa de educar não será tão penosa. Por outro lado, a família não poderá exercer sua função essencial de formadora de pessoas, enquanto houver desnivelamento econômico, pois todos os males que tornam as famílias desumanas, são ocasionados pelas estruturas injustas da sociedade.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A paixão de um clássico

MARCO ANTONIO DAMIAN

De forma insolente, petulante, abusada, o jovem dirigente Antenor Lemos, do recém-criado Sport Club Internacional, encarou o poderoso Major Augusto Koch, presidente do Grêmio. Desafiadoramente, lhe proferiu: “Nosso clube, Sport Club Internacional, quer jogar contra o Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense, no dia 18 de julho”. O empertigado dirigente gremista prontamente lhe respondeu: “Nosso segundo quadro está à disposição”. Antenor Lemos teve ataques de fúria. A resposta fora uma ofensa mortal. Insistiu que “primeiro quadro se defronta com primeiro quadro”. E deixou o prédio da Alfaiataria Estilo Americano aos brados, e a provocação no ar.

Alguns dias depois, após reunir sua diretoria e repassar o que ocorrera, a direção gremista mandou um ofício à novel agremiação, aceitando o convite para o jogo e colocando seu campo, o Fortim da Baixada, à disposição. Foi no dia 18 de julho de 1909. O tricolor já tinha quase seis anos de existência e alguns troféus no armário. O Internacional, pouco mais de noventa dias, alguns treinos, nenhum jogo, somente a vontade.

Waldemar Bromberg, comerciante, sócio da famosa Bromberg S/A, loja especializada em vendas de máquinas, motores e ferragens, foi o árbitro do jogo.

O Grêmio, com seus jogadores germânicos, tendo como capitão-geral o centromédio Georg Black, que havia jogado em clubes europeus, não tomou conhecimento dos esforçados colorados. Venceu por 10 x 0, sem dó, nem piedade. O meia-esquerda Booth marcou cinco vezes; Grunewald, outros quatro gols, com Moreira, completando a maior goleada da história do clássico.

Naquele dia, Antenor Lemos, talvez o mais apaixonado torcedor colorado, mais uma vez esbravejou, chorou e jurou que um dia ganharia do Grêmio. Que seu clube seria igual ou maior que seu adversário e, a partir daquele dia, inimigo. Assim, nascia a rivalidade grenal, que somente foi se chamar grenal, em



(FOTOS: ARQUIVO M. A. DAMIAN)

1926, invenção do repórter Ivo Martins.

Apenas no clássico número sete, no dia 31 de outubro de 1915, o Internacional conseguiu vencer o Grêmio. E também por goleada: 4 x 1. A estrela da partida foi o jovem santanense Bendionda (que depois veio a ser tio do folclorista João Carlos Paixão Côrtes), que marcou duas vezes.

Porém, ninguém marcou mais gols numa só partida que Chico Vares ou Francisco Vares, ponteiro-esquerdo nascido em Pelotas, um dos fundadores do Esporte Clube Pelotas. Foi no clássico número oito, em 30 de julho de 1916. Na vitória colorada por 6 x 1, Vares marcou simplesmente todos os gols. Ninguém ainda bateu esse recorde, e creio, dificilmente alguém irá bater.

O Grêmio dominou a década de 1930. Em títulos metropolitanos e nos clássicos. Entre 1930 e 1939, foram disputados 30 jogos, com 14 vitórias gremistas, seis empates e dez vitórias coloradas. Foram oito conquistas do metropolitano, entre dez disputadas e mais dois campeonatos estaduais, contra uma conquista colorada em cada competição.

O Grêmio, nessa época, contava com grandes craques, tais como: Eurico Lara, Sardinha I, Poroto (que também atuou pelo Internacional e Vasco da Gama), Luiz Luz (disputou a Copa do Mundo de 1934), Noronha (craque de seleção brasileira) e, especialmente, seu fabuloso ataque, formado por Lacy, Artigas

(Russinho), Luiz Carvalho, Foguinho e Nenê (Casaca).

A resposta do Internacional veio na década seguinte, com a criação do “Rolo Compressor”. Talvez tenha sido o melhor time da história do futebol gaúcho, em todos os tempos. Era um time arrasador, que dificilmente perdia. À época, disputavam-se apenas duas competições: os campeonatos regionais (no caso de Porto Alegre, o metropolitano) e o estadual, com os campeões das regiões. No mais, eram amistosos. Apenas as páginas dos jornais registraram esses momentos sublimes do futebol. Muito pouco para um esquadrão formado por craques, em todas as posições. Durou de 1940 a 1949, ano em que, envelhecido, se desmanchou. Durante a fase do Rolo Compressor foram disputados 49 clássicos. O Internacional venceu, com muitas goleadas, 32 vezes, e o Grêmio apenas sete, com dez empates. Ivo Wink, Alfeu e Nena; Assis, Ávila e Abigail; Tesourinha, Russinho, Vilalba, Rui e Carlitos: era o time base. Também foram titulares em temporadas distintas: Julio Petersen, Risada, Félix Magno, Vadila Marques (passo-fundense), Osvaldo Brandão, Viana, Julio Perez (uruguaio, campeão mundial em 1950), Adãozinho (substituiu Vilalba a partir de 1944), Elizeu, Joane, Ivo Aguiar, Ghizoni, Maravilha e Ruarinho.

O Rolo Compressor apenas não foi campeão estadual, em 1946 e 1949.



Com as saídas de Tesourinha, Nena, Ávila, Rui e Vilalba, para outros grandes clubes, e as aposentadorias de Alfeu, Assis, Russinho e Carlitos, os dirigentes foram substituindo-os por meninos das categorias de base, e jogadores jovens buscados em outros centros e mesmo do interior do estado. Assim, de 1950 a 1955, exceção feita a 1954, ano em que o surpreendente Renner foi campeão gaúcho, o Internacional continuou dominando seu rival. Nesses seis anos, o Internacional derrotou o Grêmio treze vezes, contra cinco derrotas e onze empates. Milton (Everton), Florindo e Oresco, Paulinho, Salvador e Odorico, Luizinho, Bodinho (Solis), Larry (Ênio Andrade), Jerônimo (Mujica) e Canhotinho (Chinesinho), foram os craques que mantiveram a hegemonia nos clássicos. O cronista Cid Pinheiro Cabral, super-identificado com o Internacional, chamava a equipe de “Rolo Opressor”.

A chamada “gangorra” sempre existiu no futebol dos dois maiores clubes do Rio Grande do Sul. A partir de 1956, com Osvaldo Azarini Rolla, no comando técnico gremista, e a contratação de jogadores técnicos, fortes fisicamente e com muito “pulmão”, a “gangorra” se inverteu. Nada mais, nada menos que doze títulos em treze disputados, foram conquistados pelo tricolor. Uma

avalanche. A introdução de uma preparação física mais eficiente foi o fator preponderante das vitórias gremistas. Entre 1956 e 1968, somente em 1961, o tricolor não colocou a faixa no peito. Isto porque priorizou uma excursão de três meses pela Europa, ganhando muito dinheiro. Foram disputados 50 grenais, com 21 vitórias gremistas, treze empates e quinze vitórias coloradas. A disparidade em vitórias nos clássicos não foi tanta. Acontece que os grenais sempre eram marcados para as últimas rodadas, do turno e retorno. Antes de chegar ao grenal final, normalmente o Grêmio já era campeão antecipado e não jogava com toda sua ênfase no clássico. Na década de 1950, o time base do Grêmio tinha: Germinaro (Henrique), Orlando (Valério), Airton e Ortunho; Calvet (Elton) e Ênio Rodrigues; Rudimar (Giovani ou Alfredinho ou Cardoso ou Toquinho ou Osvaldo Professor) era a única posição que sempre estava mudando, além de Gessy, Juarez, Milton e Vieira (Volney). Nos anos 60 mudou quase tudo, mas se manteve a supremacia: Alberto (Arlindo), Altemir (Sérgio Rio Branco), Airton, Áureo e Ortunho; Cleo (Jadir) e Sérgio Lopes; Marino (Babá), João Severiano, Alcindo e Vieira (Volmir).

A história da “gangorra” continuou

com a inauguração do Estádio “Gigante da Beira-Rio” ou Estádio José Pinheiro Borda, como queiram. O Internacional assim como seu estádio, se agigantou. Mudou seu perfil de jogadores. Trocou os essencialmente técnicos e habilidosos, mas sem condições físicas, por outros, também técnicos, mas fisicamente fortes o suficiente, para enfrentarem as agruras que encontravam nos pequenos estádios do interior do estado. Chegou ao octa-campeonato estadual, um recorde e dois títulos brasileiros, entre 1969 e 1976. Revelou craques como Falcão, Carpegiani, Jair, Batista, Bráulio (este ainda remanescente do final dos anos de derrota), Claudiomiro, Bibiano Pontes, e abriu o cofre para contratações caríssimas, como Manga, Figueroa, Marinho, Dario, Flávio (repatriado) e Lula.

Os anos de 1980 voltaram a brilhar no Estádio Olímpico, com as conquistas do primeiro campeonato brasileiro, da Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes, inéditas por essas plagas. Foi a revelação de dois grandes jogadores: Renato Gaúcho e Valdo e, na segunda metade da década, uma enxurrada de títulos do gaúcho. Mais uma vez foi campeão da Taça Libertadores da América, em 1995, e o papão da recém-criada Copa do Brasil, além de mais um brasileirão. Nesses vinte anos, foram equilibrados os clássicos grenais. A maior goleada tricolor foi no clássico nº 305, do dia 29 de julho de 1990. No Estádio Olímpico, venceu por 4 x 1, gols de Paulo Egidio (2), Cuca e Assis, descontando Zaballa. A vingança ocorreu no grenal nº 335, disputado no Beira-Rio, no dia 24 de agosto de 1997: 5 a 2 foi o placar, marcando Fabiano (2) Christian, Sandoval e Marcelo Rosa. Enquanto Sérgio Manoel e Gilmar descontaram.

Chegou o terceiro milênio e o clássico grenal mais vivo e acirrado do que nunca. O Internacional conseguiu igualar o Grêmio com o título mundial, e as duas conquistas da América. As torcidas, por sua vez, estão cada vez mais fanáticas e enfurecidas, lotam os estádios e tornam a rivalidade a mais estimulada e feroz, entre clubes brasileiros. Rigorosamente nada, nenhum clássico por este Brasil afora, se compara ao grenal, em termos de paixão, passividade, amor, ódio, tormento, alegria, felicidade e tristeza.



(Marco Antonio Damian é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A vida de João Roman Vieda

(FOTO: A. L. BIAZUS)



ANNA LOIDE BIAZUS

João Roman Vieda, como um jornalista autodidata, crítico e opinativo, transcrevia os acontecimentos como eram, sem rasuras, amarras políticas e econômicas.

Com todo seu conhecimento, bagagem cultural e inteligência, não escreveu nenhum livro, mas, com sua capacidade de interpretação e de escrever as notícias, foi condecorado na Academia Passo-Fundense de Letras, quando trabalhava no Jornal O Nacional. Vieda, em 1935, com apenas oito anos de idade, trabalhava como jornaleiro e distribuía com sua bicicleta, de porta em porta, em Passo Fundo, o jornal da cidade.

Com a morte de seu pai, Vidal Vieda, João, os irmãos e sua mãe Silvéria, vieram de Uruguaiana para Passo Fundo, a fim de construir uma vida nova. Em meados dos anos 50, ocupou o cargo de telegrafista na empresa Varig, e na Agência dos Correios e Telégrafos, em Passo

Fundo. Nas horas de folga, Vieda vendia publicidade para os jornais e rádios da cidade, depois foi transferido para assumir o cargo de gerente dos Correios, em Tapejara, também no Rio Grande do Sul, como falam em entrevista suas filhas: Silvia e Maria Helena, “Como aquela cidade não tinha nenhum meio de comunicação, Vieda reuniu as lideranças políticas, e montou um estúdio em sua própria casa, e, aos domingos, às 11 horas da manhã, gravava os programas que iam ao ar durante a semana”. Quanto encerrou a data prevista nos Correios e Telegrafos, em Tapejara (RS), João voltou para Passo Fundo. Com 30 anos de serviço, Vieda se aposentou naquela entidade.

Vieda, o jornalista

Como um bom publicitário, disse o amigo Jesus Floriano Figueiredo, “João tinha uma vasta amizade com empresários de Passo Fundo”. Foi contratado pelo Jornal, O Nacional, onde escrevia uma coluna chamada, OPINIÃO LIVRE, que existe até hoje, conforme rela-

ta a escritora e membro da Academia de Letras de Passo Fundo, Santina Dal Paz.

João tinha amizade com os dois jornalistas, Múcio de Castro, do jornal O Nacional, e Túlio Fontoura, do Jornal Diário da Manhã, ambos de Passo Fundo. Em 1974, o jornalista assumiu o cargo de redator chefe do Diário da Manhã, contratado pelo amigo, Túlio Fontoura. Vieda escrevia uma coluna diariamente no Diário da Manhã. Criada por ele, a coluna chamava-se FATOS & BOATOS. Vieda escrevia denúncias, elogios, e homenageava as pessoas que lhe presenteavam.

FATOS & BOATOS era muito lida pelos leitores do Jornal Diário da Manhã. Com isso, Vieda assumiu a importante missão de trazer os fatos corriqueiros à sociedade. Em 1981, com a saída do gerente do Jornal Diário da Manhã, de Chapecó, Darci Schultz, assumiu, João Roman Vieda o cargo de Editor Chefe, uma espécie de administrador dentro do jornal. Vieda visitava as empresas para angariar patrocínio para o jornal, contratava pessoas para trabalhar, cuidava do financeiro, recebia visitas, participava de eventos, dentre outros.

Em Chapecó, o Diário da Manhã foi o primeiro jornal diário impresso a circular na cidade, sendo distribuído para a comunidade. O jornalista sempre foi muito ativo na sociedade, participando de clubes de serviço. Também, foi membro do Lions Clube. Em Chapecó, foi companheiro do Rotary Club.

Vieda gostava de saborear bons pratos, um bom vinho e um bom whisky, sempre ao final da tarde. Não dispensava uma conversa com os amigos e gostava de ouvir uma boa música. Para ele não havia gêneros musicais. Gostava de ópera e, por ser rio-grandense, ouvia música tradicionalista e popular brasileira. Vieda também gostava de cinema e literatura, assistia a muitos filmes, e declamar poesias, a exemplo de Jaime Caetano Brum.

O jornalista permaneceu no jornal Diário da Manhã até outubro de 1997, vindo a falecer no dia 03 de abril de 1998, vítima de infarto. João Vieda está sepultado no Cemitério Parque Jardim do Édem, em Chapecó/Santa Catarina.

(Anna Loide Biazus é jornalista, de Chapecó/SC.)

Emoção durante a apresentação, em Passo Fundo, do documentário “O Operário das Letras”

(FOTO: ARQUIVO APL)



ANNA LOIDE BIAZUS

A apresentação ocorreu no sábado, 18 de agosto, na Academia Passo-Fundense de Letras. O documentário ‘O Operário das Letras’ é um curta metragem que retrata a vida pessoal e profissional de João Roman Vieda, um dos jornalistas mais atuantes, que a imprensa escrita do oeste catarinense já registrou.

Vieda, por mais de 40 anos, contribuiu de forma significativa com a construção do jornalismo crítico, independente e isento. Nos rincões gaúchos, como, por exemplo, a cidade de Tapejara (RS), e de forma contundente, Vieda introduziu a comunicação, trazendo vida e informação a um povoado que vivia praticamente sem notícias. Anos mais tarde, no final da década de 80, Vieda foi a Chapecó assumir a direção do primeiro jornal diário da cidade, o Diário da Manhã. Durante duas décadas, com sua inteligência e perspicácia, marcou época, fez história e conquistou a sociedade chapecoense com seu modo peculiar e singular de ser.

O documentário ‘O Operário das Letras’ resume, em 34 minutos de vídeo, a brilhante trajetória pessoal e profissional

deste ícone da comunicação regional. No sábado, em Passo Fundo (RS), durante a exibição do vídeo, familiares de Vieda, amigos e membros da Academia Passo-Fundense de Letras emocionaram-se ao ver na tela a trajetória pessoal e profissional de João Roman Vieda.

Filhos, netos e amigos embarcaram numa viagem de volta ao passado, e recordaram as belas lições de vida que ele deixou. “Sempre é bom lembrar a importância que o pai teve em nossas vidas. Ele foi uma figura excepcional e marcou muito a sociedade” - destacou a filha Silvia Scandolar. Maria Helena, outra filha de João Vieda, lembrou o amor que o pai tinha pela família: “A família para ele era tudo, ele fazia o que podia para ver todos os filhos bem, independente da situação e do momento. A leitura foi um dos maiores ensinamentos que ele nos deixou”. O filho Paulo de Tarso, destacou que João Vieda foi “Um herói, exemplo de caráter, dignidade e de atitude”, finalizou.

Vieda foi um membro atuante da Academia de Letras de Passo Fundo. A acadêmica Santina Dal Paz expressou sua emoção ao lembrar do velho amigo, “Sem formação acadêmica, João Vieda foi um mestre e um doutor na arte de falar e de escrever. Um amigo de todas

as horas. Nunca conheci ninguém com a sagacidade e a força de vida que Vieda emanava”, disse Santina com lágrimas nos olhos.

O presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Osvandré Lech, enfatizou a importância do resgate histórico de alguém que marcou a sociedade, em especial o legado que essa pessoa deixou: “Para a comunidade acadêmica, este documentário é um mérito. É importante que este trabalho seja exibido nos meios acadêmicos, como forma de instigar e mostrar a importância da pesquisa e da documentação dos fatos”. Osvandré destacou, à Anna Loide, seu entusiasmo com o trabalho, e colocou-se à disposição para que o documentário se propague na comunidade.

O documentário ‘O Operário das Letras’ é um trabalho de Conclusão de Curso, na disciplina de Projeto Experimental (PEX), do curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo, da Unochapecó (SC). O vídeo é de autoria da jornalista Anna Loide Biazus, sob a coordenação da professora de telejornalismo da Unochapecó, Ilka Margot Goldschmidt.

(Anna Loide Biazus é jornalista, de Chapecó/SC.)

Crescimento econômico de Passo Fundo: público ou privado?

ELMAR LUIZ FLOSS

A cidade de Passo Fundo apresenta, nos últimos anos, um ritmo de crescimento econômico superior à média do Estado do Rio Grande do Sul. As causas desse crescimento são as divisas obtidas com o agronegócio, os serviços de saúde, de educação e com os serviços públicos. São recursos financeiros que vêm de fora, para gerar emprego, impostos e renda, em nosso município. Esses recursos financeiros também alimentam os setores “meio”, como o comércio e a indústria imobiliária. Somente há comércio forte e procura por imóveis, quando a renda da sociedade aumenta. Esses setores são grandes geradores de empregos e renda, somente quando os demais setores econômicos vão bem.

O agronegócio vive, nos últimos dois anos, um dos melhores momentos de toda a sua história. Foram dois anos de safra recorde e, ao mesmo tempo, de

bons preços. O crescimento de Passo Fundo e da região depende, diretamente, do crescimento de toda essa cadeia. Em Passo Fundo, as principais indústrias geradoras de empregos, renda e impostos, são ligadas ao agronegócio: Semeato, Kuhn-Metasa, BsBios, Italac, Doux-Frangosul, Bünge, Cotrijal, Mecânica Bandeirante, dentre outras. Essa cadeia também movimenta grandes empresas fornecedoras de insumos (fertilizantes, herbicidas, inseticidas, fungicidas, etc.), cerealistas de abrangência regional, revendas de máquinas e equipamentos agrícolas de todas as marcas, grande frota de caminhões, comércio de combustíveis e lubrificantes, agropecuárias, além de outros serviços. Também é um centro de geração e difusão de tecnologias, fundamentais para a produção vegetal e animal, com a Embrapa/Trigo, a Universidade de Passo Fundo, a Emater, Brasmax, a Or Melhoria de sementes, a Biotrigo, a Ambev, a Fundação Pró-sementes, a Seeds-Laboratórios e Pesquisa Agrícola, a Pioneer (Campo

Experimental em Coxilha), que são as mais representativas.

Os serviços de saúde também são grandes geradores de divisas, para o crescimento econômico de Passo Fundo. Milhares de pessoas, mensalmente, se deslocam de mais de 400 cidades, do Brasil e também do exterior, para aqui usufruir dos serviços hospitalares, dos laboratórios, clínicas e profissionais das mais diferentes especialidades. São milhares de empregos gerados, além de renda e impostos para Passo Fundo. Como a maior parte dos recursos, públicos ou privados, para pagamento desses serviços, vêm de fora, está aí outra importante fonte do crescimento econômico de nosso município.

Merece também ser mencionado outro setor que gera divisas, para o crescimento de Passo Fundo, que são os serviços de ensino. Anualmente, milhares de jovens, das mais diferentes regiões, vêm cursar o ensino superior ou o ensino médio particular, nas inúmeras instituições aqui existentes. Tais



estudantes, além do desembolso de recursos financeiros para o pagamento das semestralidades, também adquirem ou alugam imóveis, investem em alimentação, vestuário e lazer, além de despesas no comércio, realizadas por alunos e seus familiares.

Finalmente, por ser um pólo regional, há aqui a disponibilidade de serviços públicos, federais e estaduais. Sua manutenção é efetuada com recursos vindos de fora. E atraem para cá, anualmente, milhares de pessoas de toda a região, que são obrigados a vir a Passo Fundo para buscar esses serviços nas delegacias ou coordenadorias regionais.

Portanto, o planejamento de um município, a curto, médio ou longo prazo, re-

quer o conhecimento dos gestores dessas relações de causa e efeitos. Não se pode dizer que esse crescimento é sinônimo de desenvolvimento, uma palavra mal utilizada, com tanta frequência, pelos gestores públicos. Não se pode falar em desenvolvimento, numa cidade em que milhares de crianças não têm creche; onde falta uma política digna para os idosos; onde o ensino fundamental do Município têm desempenho abaixo da média, nas avaliações; onde as ruas estão esburacadas de ponta a ponta; onde os graves problemas de trânsito são apenas protelados, a saúde pública apresenta índices abaixo da média regional, e o aeroporto não recebe as melhorias necessárias.

O que vai bem em Passo Fundo é o setor privado, enquanto o público está muito aquém do que a comunidade merece. É preciso que os gestores públicos se dêem conta de que aquilo que está sendo feito, nos serviços públicos municipais, não é suficiente para atender a demanda crescente da sociedade.

O crescimento econômico gerado pelo setor privado tem proporcionado aumentos recordes, na arrecadação de tributos pelo município. Portanto, o problema não é falta de dinheiro. É ineficiência de gestão.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

CARLOS JAVEL DO VALE IN MEMORIAM

Anjos...

Que buscamos sempre que precisamos..
Que muitas vezes estão ao nosso lado e não são vistos...
Que murmuram em nossos ouvidos, mas não são ouvidos...

Anjos..

Criaturas aladas... com o dom da paz...
Seres mágicos em quem confiamos...
Quem são vocês?

São pessoas amigas que estão ao nosso lado...
São vozes serenas que nos acalmam a alma...
São crianças que, com seus abraços, nos transmitem paz.

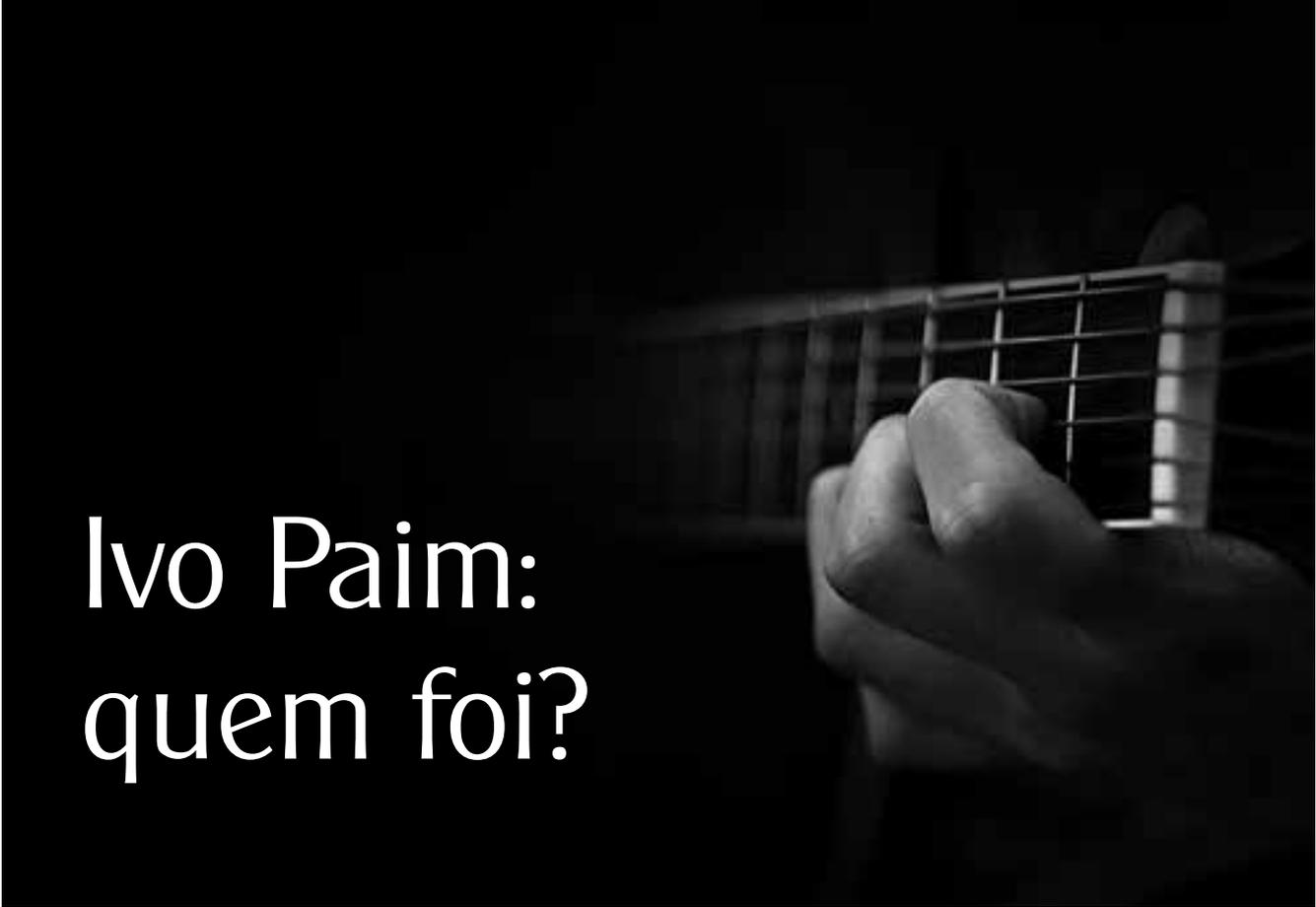
Quem nunca sentiu um Anjo?
Quando fores abraçado por um filho, sente a paz que ele te transmite...
Ao virar-te, olha as costinhas dele... Verás um pequenino par de asas...
Ali está um Anjinho.

Anjos...

Quem são?

São nossos filhos, nossos amigos, vozes amigas...

Ivo Paim: quem foi?



JABS PAIM BANDEIRA

O que Ivo Paim representou para o nosso folclore? – Ele foi um precursor e semeador do tradicionalismo. Por onde passou, seus rastros fizeram brotar eloquentes estrofes da tradição de nosso amado pago, dedilhando um violão, ou no emblemático cancionista, retratado na retumbante voz e na melodia do Negriño do Pastoreio.

Em cada lugar que palmilhava, deixava uma sementinha, quando não regava, com seu entusiasmo de menestrel, ou sua verve de artista, o canteiro fértil da terra. Nele brotavam as plantinhas, cultuando os feitos de nossos antepassados, já arraigados, taludos e difundidos nas mais diversas querências da pátria gaúcha. Antecipou, como visionário, o que seria nosso movimento cultural disseminado por outros estados em exterior.

Ivo iniciou a semeadura de nossas tradições aqui em Passo Fundo, fazendo-o em prosa e verso, através de músicas gauchescas instrumentadas, e em parceria com artistas da terra. Descobriu e deu vida aos “Manos Limas”, escondidos e esquecidos por falta de oportunidades, como também a Rômulo Goelzer, Serraninho, Rancho Velho, Orlando e Alfredinho, Paim Fingido da Sanfona, maestro Jacques, dona Mercedes, Dino

Bertoglio, ou ainda, a um Célio Barbosa, no piston!

Primeiramente, Ivo trabalhava na Estação Rodoviária, tendo um bar e um armazém, na rua Lava-Pés, esquina com a rua Benjamin Constant, onde, ao anoi-tecer, reunia cantores, trovadores, violeiros e gaiteiros. Entre eles, Setembrino R. da Silva, Fábio Lima e seus irmãos, Iray Paim Varella, Vicente Ribeiro, depois chamado “Garoto de Ouro”, o maior repentista do Brasil, e tantos outros valores, que transformavam em palco, a cancha de bocha, transformavam em palco, na esperança de brilharem em locais melhor estruturados, recebendo o aplauso e o calor do público. Era um sonho, que acabou, mais tarde, sendo real.

Nesta época, eram muito raras as músicas do nativismo gaúcho, a não ser algumas recolhidas no folclore, desgarradas e esparsas. As mais conhecidas e executadas eram as sertanejas paulistas, que exerciam especial influência em nosso público, como as letras de “Cavalo Preto”, e depois as de Pedro Raimundo, que era catarinense, com o “Adeus, Mariana”, que ganhou intérpretes e passou a ser executada como se gaúcha fosse.

Ivo então criou conjuntos musicais, compostos, primeiramente, por ele e seus primos Irai Varella e Jacy Varella, os quais faziam shows, incentivando outras parcerias. Algum tempo se passou,

até poderem divulgar a prata da casa, quando Ivo criou e comandou dois programas na Rádio Passo Fundo. Um pela manhã: “Amanhecer no Rio Grande”; e outro à tarde, além de apresentações em clubes da cidade e no interior.

Com a fundação do CTG Lalau Miranda, ele passou a ser um dos integrantes ativos, como Posteiro, apresentando no CTG, aos domingos, o programa radiofônico das 13 horas. No palco, nossos artistas e alguns de outras querências. As internadas artísticas do Lalau eram comandadas por ele, que se tornou um exímio professor de danças recolhidas de nosso folclore e de além-mar.

Em 1954, levou o Lalau a se apresentar no Rio de Janeiro, no programa Papel Carbono. Fez também grande sucesso, no programa de Renato Murci, tornando o Lalau conhecido em todo o Brasil. Ele e sua esposa Carmela faziam uma dupla afinada. Ela mandava costurar e engomar os vestidos para as prendas da internada.

Neste meio tempo, Ivo passou a ser funcionário da Caixa Federal e, mais tarde, tesoureiro do grupo. Introduziu a dança da chula, sendo professor de seu filho Alfredo, o Dinho, do sobrinho Delger Xavier e do João Pereira, filho do Delegado Firmino Pereira. João foi campeão de chula do Rio Grande do Sul.

Ivo também formou dupla com sua filha Marlene e com Nelci Paim, sobrinha

do grande e campeoníssimo trovador, Pedro Ribeiro da Luz, fazendo muito sucesso.

Nesse meio tempo, Teixeira veio de Soledade, com “um tiro ao alvo”, instalando-se na Avenida Brasil. Aqui procurou o Ivo, que começou a auxiliá-lo, cedendo-lhe o programa da tardinha, na Rádio Passo Fundo.

Colaborou com Teixeira, para que o mesmo vivesse mais condignamente com sua família, nesta cidade, onde residia na rua Bororós, abaixo da gare. Teve a iniciativa de custear a viagem dele, para gravar o seu primeiro disco, 78 rotações, em S.Paulo. Promoveu apresentações, não só locais, mas também nos arredores, inclusive em circo, cuja entrada era um disco de Teixeira, pois que vendendo certa quantidade, estaria credenciado a gravar um long play pela gravadora Chantecler. Assim, ao encontrar esta maneira criativa, conseguiu seus objetivos.

Depois desta gravação, em que obteve o mais amplo sucesso, como campeão de vendagem, rodado em todas as emissoras, ganhou o mundo e milhões de admiradores. Sobretudo a canção Coração de Luto, que descreve a tragédia da perda de sua própria mãe, emocionou as pessoas, independente da classe social ou da idade.

Teixeira levou o nome de Passo Fundo para todos os recantos, inclusive para o exterior, elegendo-a como a cidade do seu nascimento artístico. Em reconhecimento ao seu protetor, o cantor veio a ter um programa, em P.Alegre, nos sábados a tarde, na TV Piratini, passando o comando do mesmo para Ivo Paim dirigir o espetáculo televisivo.

Algum tempo depois, Ivo transferiu-se para Alegrete, onde foi eleito para o cargo de Patrão do CTG, continuando o seu trabalho em prol das coisas do pago e da tradição gaúcha.

Mais tarde, recebeu uma promoção em P.Alegre, indo trabalhar na tesouraria geral da Caixa Econômica. Na Capital, foi patrão do CTG 35, quando era no Prado Velho, pelos lados do Moinhos de Ventos. Mas os proprietários vieram a pedir o prédio, tendo o 35 de se transferir para outro local.

Foi então que Ivo construiu o antigo galpão do 35, nos fundos da RBS, lá fazendo parceria com Antonio Augusto Fagundes, o velho Borghetti, e ainda com pai do Borghe-tinho, Paixão Cortes, Barbosa Lessa, com o poeta Jaime Caetano Braum e tantos outros.

Após deixar a patronagem, foi nomeado tesoureiro itinerante da CEF, substituindo tesoureiros em férias ou em licença prêmio, nas agências pelo Rio Grande afora. Em cada cidade, se aquerenciava num Centro de Tradições, dava aulas de dança, apresentava programas, enfim, difundia aquilo que



mais gostava: as coisas do Rio Grande.

Além dessa paixão pelo tradicionalismo, Ivo foi também campeão de pingue-pongue, de xadrez e de bolão. Era um fanático pelo 14 de Julho, seu clube de futebol, que hoje é apenas saudade. Numa ocasião em que o time perdeu, saiu uma “décima” anônima, uma espécie longa de poesia rimada, com muitas estrofes, hoje em desuso e desconhecida, a qual dizia, entre outras coisas: “Como pode? O 14 perdeu o jogo, e o Paim perdeu o bigode!”.

Adorava animais. Quando via para a Caixa Federal, levava comida para um guaieca que adotou, pois afora abandonado na praça Mal. Floriano. Quando o cachorro o via chegar, virava festa, só faltava bater palmas, que eram substituídas por longos uivos e latidos, demonstrando seu afeto e gratidão.

Ivo fez parte da diretoria do Clube Caixeiral e do Juvenil. Foi autor de algumas músicas e arranjos, entre elas, Saudade de Vacaria, que compôs com Irany Paim Varella, e dizia assim: “... Saudade, tenho saudade, da minha querência amada, saudade de Vacaria, do Passo da Encruzilhada....Ai, meu Deus, quando eu morrer, eu quero a minha cruz, bem diante de Vacaria, divisa com Bom Jesus...”.

O cantor faleceu em Porto Alegre, no ano de 1982. Da capela onde estava sendo velado, até o túmulo, Teixeira o acompanhou, num lamentoso e emocionado discurso, entrecortado por lágrimas e soluços, pela perda do amigo. E assim contagiava ainda mais todos que se despediam daquele homem que confundiu a trajetória por onde tenha andado, com as vertentes do pago e a tradição dos antepassados. Por certo, ele está dançando chula no céu, pois, se São Pedro é gaúcho e o papa João Paulo II também se dizia ser, devem estar entreverados, num fandango de galpão, bem macanudo.

Passo Fundo ainda não fez justiça a Ivo Paim, em reconhecimento aos serviços por ele prestados, a não ser a freqüente lembrança do notável jornalista, Antonio Augusto Meirelles Duarte, em suas crônicas, utilizando o seu arquivo vivo. A ele rendo minhas homenagens, pelo excelente trabalho desenvolvido em prol dos nossos vultos mais eminentes. Como ele, também Ivo Paim é lembrado e citado, nas obras de um contemporâneo e amigo seu, testemunho do seu trabalho, o brilhante historiador Welci Nascimento.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Escola fundamental... para quê?

ALCIDES SARTORI

A nossa “nova” Escola Fundamental está cumprindo seu papel? Como a revista *ÁGUA DA FONTE* não é lida apenas por pessoas ligadas à educação e ao ensino, e para que este artigo seja bem compreendido, tomo a liberdade de, rápida e sucintamente, expor em que consiste o Ensino Fundamental, no Brasil.

O Ensino Fundamental é um dos níveis da Educação Básica. É obrigatório, gratuito (nas escolas públicas) e atende crianças a partir dos 6 anos de idade. O objetivo do Ensino Fundamental Brasileiro é a formação básica do cidadão. Para isso, segundo o artigo 32 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) é necessário (cito apenas três dos itens e os grifos são meus):

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.

Desde 2006, a duração do Ensino Fundamental, que até então era de 8 anos, passou a ser de 9 anos. A LDB foi alterada em alguns artigos, através da Lei Ordinária 11.274/2006, que ampliou a duração do Ensino Fundamental para 9 anos, estabelecendo como prazo para implementação da Lei, pelos sistemas de ensino, o ano de 2010.

Diante do exposto, nota-se que, idealmente, a criança brasileira deve terminar seus estudos fundamentais aos 14/15 anos. Já será, portanto, um jovem adolescente. E esse jovem, ao terminar o Ensino Fundamental, está preparado para enfrentar o Ensino Médio e, depois, a vida? Sim, a vida, e não o vestibular, o ENEM, a es-

cola profissionalizante e outras possibilidades que se lhes possam apresentar...O próprio nome diz: Escola Fundamental. Mas, ao terminá-la, será que nosso jovem tem hoje terá, pelo novo sistema, os fundamentos para ser um cidadão crítico, consciente de seus deveres e direitos, e preparado para enfrentar a vida? Fundamento é alicerce, base, aquilo que é essencial, necessário.

E surge a pergunta: Não estariam nossos governantes, ultimamente e há muitos anos, dando atenção especial, e até demasiada, ao ensino universitário (PROUNI, FIES, bolsas de estudos no exterior, etc, etc.) e descuidando o Ensino Fundamental?

Minha longa experiência no ensino, em vários níveis, mas especialmente no universitário, me fez, tristemente, verificar e comprovar que, cada vez mais, nossos jovens chegam despreparados para assumir seus estudos universitários, como seria desejável. Na sua grande maioria, não têm base cultural, não dominam basicamente nossa língua falada e escrita, leem mal e usam seu pensamento científico, reflexivo e crítico com muita dificuldade...

Sempre fui, e continuo sendo, um otimista em relação aos nossos jovens e ao nosso país. Mas considero que os resultados da formação escolar fundamental e média de nossos educandos deixa muito a desejar! Não cabe aqui indicar culpados, mas cabe, sim, uma reflexão séria: Os objetivos de uma boa educação básica que, aliás, estão até bem expostos no artigo 32 da LDB, acima citada, estão sendo alcançados? Como termos

profissionais competentes, em todas as áreas, saindo de nossas universidades, se lhes falta o essencial, a base? Queremos construir a casa começando pelo telhado? Como termos engenheiros, cientistas, advogados, administradores, etc., de primeira linha, se lhes falta, como universitários, o embasamento de um pensamento claro, lógico, indutivo, dedutivo, crítico?

E isso se consegue como? – Com uma escola fundamental forte, qualificada, que lhes possibilite adquirir os alicerces para uma educação científica e humanista, adequada aos tempos tão exigentes de hoje.

Para isso devem ser respeitados e colocados em prática alguns dos pressupostos básicos para uma formação fundamental:

- Professores bem preparados e bem remunerados. O professor do Ensino Fundamental deveria ser o mais exigido, o mais preparado e o mais bem pago. (Na Finlândia (ouvi numa entrevista de sua Ministra da Educação), os alunos que se destacam no Curso Médio por sua inteligência, preparo, cultura, visão de futuro, comprometimento, etc., são motivados e induzidos pelo Governo a seguirem a profissão do magistério. E, no Brasil, quem vai para o magistério, na sua maioria?!)

- Currículos adequados a cada região, em todos os sentidos; em que se vise a preparação de alunos com pensamento indagativo e crítico.

- Ambiente escolar adequado, física e estruturalmente.

- Papel fundamental e essencial da

família, como primeiro responsável pela educação.

- Apoio financeiro expressivo dos governos, federal, estaduais e municipais, para o Ensino Fundamental, especialmente na formação cultural, filosófica e científica dos professores.

Sem educação básica bem estruturada, não teremos técnicos e cientistas de renome. Basta olharmos para a Alemanha, o Japão, os Estados Unidos, a China, a Finlândia e, especialmente, para a Coreia do Sul (vejam os últimos resultados do PISA) que investiu maciçamente na educação e, em 40 anos, tornou-se um país exportador de tecnologias e produtos industrializados de alto nível.

Precisamos de pesquisadores, cientistas, médicos, de grandes expoentes em todos os ramos da ciência e das humanidades? Sem dúvida. Mas não chegaremos a isso sem uma Escola Fundamental forte e de qualidade.

Após cursar uma escola com essas características, os próprios jovens saberão escolher o caminho que mais exitosamente os leve a desenvolver suas potencialidades, como técnicos, tecnólogos, filósofos, educadores, agricultores, empreendedores, com ou sem títulos universitários, mas com o máximo de capacidade profissional e humana. O importante é que todos, com formação fundamental ou universitária, colaborem para que seus concidadãos, tanto do seu país como do mundo, sejam melhores e mais felizes, pois é isso que a verdadeira educação deve buscar.

(Alcides Sartori é professor, de Passo Fundo/RS.)



Chimarrão

AVENTINO ALFREDO AGOSTINI

Ao chegar ao rancho, o professor o cumprimentou com um liso de conhaque, e para o desjejum, ofereceu-lhe queijo e azeite de oliva para não deixar que o álcool chegasse com muita pressa ao interior dos centros cerebrais: mestre e discípulo acreditavam que o álcool dissolvido no azeite não seria prontamente absorvido pela mucosa intestinal...

Depois de um trago, o estudante perguntou:

- E o chimarrão?

O mestre apontou para a cuia abandonada na prateleira e desculpou-se como gaúcho rebenqueado:

-A conselho médico, abandonei o chimarrão. Claro! Da erva e, principalmente, da cuia que me foi fiel, tenho saúde. Afinal, vivemos 40 anos. Não lembro de onde veio. Talvez do vale do Uruguai. Mas, com certeza, nasceu de semente plantada por mãos rudes, calejadas e curtidas pelo sol, que a depositaram no solo... Vingou de certeza quando o astro "de raios fulgidos" iluminou minha consciência de gaúcho e brasileiro e incendiou "meu peito juvenil"... e dela me apossei para moldá-la a meus caprichos, Conheci-a desde pequena, rústica e brava, pródiga e castiça como devem ser as fêmeas de raça. Delicada, apesar de ideal no metro dos peitos, de cintura e de bacia, refletia bem adornada a cor caramelada da mulher morena, macia como o olhar e a pele das felinas. Com ela fui, às vezes, grosseiro, irreverente, egoísta e rude. Porém como a mulher que me amou, perdoou eternamente minha incúria e indiferença, sentimento que mutila ou perverte mesmo o próprio esquecimento. Quantas vezes desta cuia recebi lições através do silêncio, senhor da sabedoria, que emerge das águas profundas de um mate calado, como a boca que se fecha para calar ofensa inútil ou para calar conselho supérfluo. Nos beijos que saciavam minha sede,

suguei-lhe tantas vezes a alma quantas vezes necessárias para ressuscitar a minha, se morresse por paixões traiçoeiras. Vezes sem conta, suguei-lhe todo o conteúdo e saciado, abandonava-a nas madrugadas, deixando-a vazia e emborcada. Ela, mesmo assim, para abrandar minha dor de amante solitário, matreira, mostrava-me os assentos que irradiavam calor de amor ardente que me devorava. Convencia-me sem qualquer palavra. Dela me rcaproximava e novamente com ela namorava. Alegre não se incomodava se lhe passasse a mão desavergonhada. Com perdão, sorria e se despia para me

mostrar o botão umbilical que não existia: era uma pequena mentira para manter viva a percepção dos meus sentimentos. Essa rotina me desencadeava prazer septicêmico contaminando o corpo inteiro e, juntos, libavamos com volúpia, de fazer inveja aos capetas. Querubins afoitos, sugavam da nossa superfície corporal suor para adocicar o céu, assim nos diziam, e dos céus também desciam ate nós, deuses desconhecidos pelos homens que velavam nossos sonhos. Lágrimas dos nossos olhos também verteram como a chuva torrencial de nuvens passageiras que sobre a terra despejam as ilusões que perpetuam a esperança dos homens, e sob o olhar cristalino dos olhos dessa cuia, desfilaram imagens de virgens que se perderam santificadas peio prazer do amor. Quantas vezes; ela e eu, entrelaçados, descobrimos a fantástica aventura de viver e de amar. Hoje, na prateleira aposentada, a tomo e a deposito nos meus abraços e se tenho o tremor dos velhos, ela sorri e me dis que já não tenho o mesmo poder de arranque. No entrevero das carícias, lembramos os dias e as noites eternas, quando nus, como adolescentes, rolávamos na relva, na cama, no rio e na doce lama do pecado, como faz a juventude pelas paredes como os quadros eróticos de um Picasso... vendo estrelas coloridas com a fúriaa multicolor de Van Gogh...

Quantas vezes os horizontes sobre nós se debruçavam e copiavam nosso amor para levá-lo como exemplo para continentes além do mar (esse planeta e erótico e gerador de amantes)... Dormíamos sob a custódia da fantasia que sonhava inventar paraísos pela terra inteira para crianças brincar de roda, na roda de amigos que eternamente amamos. Crescemos juntos e, adultos, descobrimos, um novo mundo infantil onde crianças ou bonecas ou pequenas cabritas aninhadas falavam e riam de nos corno iniciados tresloucados. Crianças, bonecas ou cabritas fazendo cambalhotas e recém-nascidas já pulavam a cerca para ensinar doutores. Mal acordados, ou de olhos apenas entreabertos ou enfumados não sabíamos se no mundo existiam entrelaçadas, bonecas, cabritas ou crianças amedrontadas... Pareciam fugir da floresta humana como se os adultos fossem filhos de bruxas malvadas. Juntos. Descobrimos crianças ou cabritas ou bonecas que não fazem nem pedem favores e também não perdoam pecados, porque crianças, cabritas e bonecas não sabem pecar. Enfim, crianças ou cabritas ou bonecas recém-nascidas, com cauda equina, medula, bulbo, ponte cerebral e hipotálamo onde habitam os sublimes e eternos instintos que não sabem ser maus, nem conhecem o bem, mas suportam com estoicismo a emergência da afeição dos mamíferos, amizade e amor neocorticais dos hominidas... Crianças que nos faziam temer o devir e talvez esperassem de nós um horizonte para, quando fossem adultas, amar.

- Professor! Interrompeu o discípulo. Mais um trago de conhaque para louvar o chimarrão, presente da Lua que faz amigos!

O mestre, além de aceitar a oferta, perguntou:

- Vem cá, tchê! Teus amigos vem discutir o caso? O patologista que não tem tempo nem para dormir já está esperando a turma...

- Prometeram e estarão aqui na hora marcada.,,

- E aprenderemos, respondeu o mestre, com os estudantes como orientar filhos dos hominidas, sem deixar a consciência empalha, a inteligência a serviço dos sociopatas, o pensamento transviado, a razão desvairada e a ética pandorgada. Não esquecer! Hoje é Quinta-feira Santa e devemos deixar as elites de banda. Com as asas da fantasia, chegaremos a Luanda para examinar, de perto, as origens do Universo e da Vida e o cromossoma matricial africano que gerou o homem, o pai dos deuses. Começar pelas origens talvez seja o melhor para nos aproximar da verdade. O andar só para a frente e buscá-la, possivelmente dela nos afastaria. De certeza, concluiremos que promover a vida, e fazer profilaxia dos distúrbios do comportamento é melhor que remediar.

Nota: texto extraído do livro Para além dos répteis, 204.

(Aventino Alfredo Agostini é médico e educador, de Passo Fundo/RS.)





Sou um peixe

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Sou um peixe pequenino, a nadar sozinho no imenso mar da Vida. As águas profundas me atraem e seduzem. A cada instante, me deparo com coisas novas que nem pensei que existissem. Plantas aquáticas de rara beleza. Algas marinhas. Pedras. Pérolas. Ostras. E uma infinidade de outros peixes iguais a mim, ou totalmente diferentes. Minha natureza me dá uma energia que não me permite parar. Estou sempre nadando em busca de algo melhor: Paz. Nadar é algo mágico para mim. É como sonhar. Viver flutuando numa realidade encantadora, cheia de esperança e luz.

Sem claridade interior, não se tem a dimensão exata do que nos cerca. Não me deixo guiar pelos sinais apontados pelo distante farol. Tenho uma lâmpada dentro de mim. Minha consciência me ilumina, aquece, e me permite ver além do que os meus olhos enxergam. Funciona como uma lanterna. Por mais que esteja em dimensões escuras e sombrias, consigo identificar o perigo ameaçador e, também, o abrigo seguro que me garante instantes de felicidade. A existência não pára. Está sempre se transformando. Mudando sem medo. E sem piedade. Não me detenho em parte alguma. Não me prendo a nada. Sou sinônimo de liberdade. Ir e vir. O mar é o infinito. Posso construir um

lar. Mas não me apego a casa alguma. Posso ter milhares de outros peixinhos. Mas eles já nascem livres. Podem se deslocar livremente, tanto quanto eu.

Por isso, não me apego aos filhos. Posso conduzi-los pelo bom caminho. Porém, não posso obrigá-los a seguir o mesmo rumo escolhido por mim. A escolha é individual, apesar da orientação ser coletiva. Posso colecionar um pouco de cada coisa que encontro por onde viajo. Amar cada molusco, cada pedaço de conchinha encontrada no fundo do mar, cada grãozinho de areia, cada pedrinha estranha... Todavia, não me prendo aos bens materiais. Não posso carregá-los. Eu vou para onde quiser. Mas eles ficam. Porque, na verdade, nada daquilo que eu considero meu, é realmente meu. Tudo o que existe dentro da água pertence ao oceano. Inclusive eu. Todas as outras coisas existentes não são minhas. Portanto, meu é tão somente aquilo que eu posso carregar comigo. Minha consciência. Minha vida. Minha alma. Meu verdadeiro Eu, que não deixará de existir, por mais que a minha pele venha a cair na rede de um mal-intencionado pescador.

Aparentemente, deixarei de existir. Mas a minha paixão pela vida continuará firme, nadando invisivelmente por aquelas águas que tão bem me conheceram e mais além... Por isso, não me prendo a nada. Tudo é passageiro. Gosto de companhia. Mas de uma boa companhia. Que me dê segurança e

proteção. Se for para conviver com alguém instável, prefiro nadar sozinha. Por mais que eu seja sensível, sou forte. Detesto covardia. Tenho coragem para prosseguir, mesmo em direção ao desconhecido. Se for preciso abandonar tudo o que sempre tive para ser feliz, eu largo mesmo. Sem dúvidas. Sem remorsos. Porque tudo o que faço é feito com amor e por amor. Jogo-me com total confiança em mim mesma, para encontrar os meus objetivos. Não vejo obstáculos no fundo do mar. Se houver algo no meu caminho, desvio o problema. Contorno a situação. E sigo em frente. Não sou caranguejo que dá um passo para a frente e dois para trás. Nado alegremente. Adoro ter liberdade para fazer o que gosto, o que quero, e do meu jeito totalmente particular. Se desejo passar pelo buracozinho de uma pedra, para alcançar as águas que estão atrás dela, insisto muito, mas não costumo perder tempo com as dificuldades. Minha paciência tem um limite certo. Se me aborrecer ou cansar, dou meia volta e sigo em outra direção. E não volto nunca mais ali. Esqueço as tentativas inúteis. Penso nas metas mais prováveis de atingir. Amo a minha vida. E não me detenho. Nunca. Porque parar significa morrer. Viver é o meu símbolo. O meu lema.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Querência-MT – Tchê!

ELMAR LUIZ FLOSS

Estive fazendo uma palestra em Querência, no Mato Grosso, localidade a 220 km adiante de Canarana. O município tem um milhão e 800 mil há de área, sendo a maior parte ocupada pela reserva indígena do Xingu, já nas proximidades do Pará. Na próxima safra de verão, serão cultivados mais de 300 mil ha de soja, nesse município. Trata-se de uma região de colonização, que iniciou há aproximadamente 40 anos. Muitos gaúchos diretos, e paranaenses, oriundos do RS, aqui se estabeleceram. Assim, não poderia faltar um grande e lindo Centro de Tradições, o CTG Pousada do Sul.

A região se constitui numa transição entre o Ecossistema Cerrado e o Ecossistema Amazônico, onde há muito calor e chuva no verão. Uma estufa a “céu aberto”, como me definiu um produtor gaúcho, oriundo de Crissiumal.

O município fica, aproximadamente, a mil km da capital do estado, Cuiabá. A estrada melhorou muito neste ano, comparado ao ano passado, quando estive em Canarana. Por isso, há grande expectativa com o início de operação do Aeroporto, em Água Boa, que vai aproximar a região do Sul do Brasil. Para se ter uma ideia, os principais centros médicos e de saúde ficam em Ribeirão Preto e Barretos, no estado de São Paulo.

Novas fronteiras agrícolas

Com os preços recordes da soja, no mercado, a área a ser cultivada no próximo verão, será aproximadamente 27% superior à área cultivada no último ano. O Brasil ainda tem muito espaço que pode ser incorporado à agricultura. Somente no MT, estima-se a incorporação de mais 7 milhões de há, em curto período de tempo. Isso tudo dentro das rígidas leis ambientais, previstas no novo Código Florestal.

As áreas a serem incorporadas são, principalmente, de pastagens degradadas. Trata-se de áreas extensivas, inicialmente desmatadas para implantação de pastos e criação de bovinos de corte. Mas, devido ao manejo incorreto, essas



pastagens se degradaram, com baixa produção “animal”, não conseguindo competir com a moderna e rentável produção de grãos. Todavia, isso não significa que haverá redução importante na criação bovina. As fazendas que continuarão são aquelas que usam melhor tecnologia no manejo de pastagens. Inclusive os grandes confinamentos, altamente rentáveis, que existem em pleno MT.

O Brasil precisa de ferrovias

Quanto mais a gente conhece o Brasil Central, e suas enormes potencialidades na produção de alimentos, tanto para o mercado interno como externo, percebe-se a fragilidade da logística. Praticamente, todo o transporte de insumos, bem como o de grãos, é feito por caminhões que percorrem grandes distâncias. E os elevados custos desse transporte reduzem, obviamente, a competitividade.

Em todos os países desenvolvidos, emprega-se o trem para essa finalidade. No Brasil, infelizmente, os investimentos se concentram somente no transporte rodoviário.

Nos anos de 2009 e 2010, houve um grande movimento, em favor de investimentos em ferrovias. No RS, a luta era pela extensão da Ferrovia Norte/Sul, que uniria os portos de São Luiz, no Maranhão ou de Belém, no Pará, aos portos de Rio Grande, Santos e Paranaguá. Mas, passada a eleição, presidencial, de governadores, senadores e deputados,

praticamente o assunto foi esquecido. As poucas obras em andamento estão muito longe das necessidades.

A grande obra ferroviária que está sendo gestada, no Governo Federal, é o trem-bala, unindo São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo especialistas na área, esse custo pode chegar a 68 bilhões de reais. Isso para levar, no máximo, 150 paulistas de SP ao Rio de Janeiro, e 1500 cariocas a SP, por dia. Mas a passagem será subsidiada em 50% de seu custo. Portanto, todos os brasileiros pagarão mais impostos, a fim de ajudar não mais de 3.000 viajantes por dia. E o pior: nossos filhos, netos, bisnetos e demais gerações pagarão impostos, para custear esse subsídio.

Seria muito mais viável ampliar os aeroportos de Guarulhos e do Galeão, e o assunto estaria resolvido. Bastam mais seis vôos diários a mais por dia, para garantir o deslocamento dessa população. E, sem subsídios. Com 25% desse valor poderiam ser concluídas as grandes ferrovias reclamadas a tantos anos, a fim de unir Sul/Norte, e Leste/Oeste. Tais ferrovias aumentariam a competitividade da agricultura brasileira, ampliando enormemente as exportações. Também sem subsídio. Ao contrário do trem-bala, essa iniciativa trará vantagens aos nossos descendentes, com o desenvolvimento do país.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)

Antonino Xavier, segundo Dante de Laytano

MARÍLIA MATTOS

Em 1989. A Universidade de Passo Fundo, por meio da Faculdade de Educação, então dirigida pelo Padre Elly Benincá, nos solicitou a tarefa de resgatar a obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira. O objetivo era oferecer subsídios para diferentes projetos de pesquisa.

Aceitamos o desafio e nos debruçamos sobre a obra, por 10 anos. Resgatamos a que já fora obra editada e a organizamos em três volumes: *Annaes do Município de Passo Fundo – Aspectos Geográficos, Aspectos Históricos e Aspectos Culturais*. Éramos quatro pesquisadores. Eu, Marília Mattos, neta do autor e, na época, professora do Instituto de Ciências Exatas e Geociências (Departamento de Geociências). Além de coordenar a equipe, na revisão geográfica da obra, trabalhei ao lado da professora Jandira Maria Cecchet Spalding, então docente do mesmo departamento, ao professor Ari Carlos Ribeiro de Moraes Fernandes, que pertencia ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas, coube a revisão histórica. E a professora Lúcia Terezinha Saccomori Palma, então no Departamento de Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, ficou encarregada da revisão ortográfica.

Quando concluímos o trabalho, convidamos o doutor Dante de Laytano para prefaciar a obra. Ele aceitou o convite com alegria. Era admirador do trabalho desenvolvido por Antonino, de quem tinha sido amigo anos atrás.

Segue um trecho do prefácio:

“A Universidade de Passo Fundo teve uma atuação que merece aplausos, louvores e homenagem. Pois as instituições culturais lutam com todo tipo de dificuldades, que vão das raízes financeiras dos problemas aos variados conceitos psicológicos de apreciação, ou méritos de cada intelectual. É um trabalho digno, que restaura a lembrança de um pesquisador que, embora insistisse na sua modéstia, era de fato um sábio homem, voltado à antiguidade de sua terra, seu torrão, sua cidade, cujo amor devoto a Passo Fundo o levou a defender, escrever e cuidar, com exigência, da história de seu burgo progressista,

no nível de influência de sua pujança econômica e social.

O regresso de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, através do resgate da sua obra, renova toda a dedicação pela terra histórica e generosa de Passo Fundo, que junta progresso e tradição, numa soma filosófica das mais respeitáveis, pelo imenso acervo colhido e trazido no bojo da obra. Revive um grande historiador cuja modéstia de comportamento em nada prejudicou o reconhecimento de um sonho – que se transforma em realidade – que foi o de escrever a história primorosa de sua cidade, sua Passo Fundo tão exuberante de fortuna e evocações”.

Porto Alegre, 24 de maio de 1989.

Dante de Laytano

Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

(Dante de Laytano (1908-2000) foi jornalista, escritor de vasta obra histórica, docente e pesquisador da UFRG e da PUC/RS, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Academia Brasileira de História.)

(Marília Mattos, neta de Antonino Xavier e Oliveira, é professora aposentada do Instituto de Ciências Exatas e Geociências/Universidade de Passo Fundo.)

Poesia

F. A. XAVIER E OLIVEIRA IN MEMORIAM

Consciência

Pensar antes de agir, assim buscando a luz esplendorosa da razão, e agir tranquilamente, observando o seu conselho sempre nobre e são;

Vender o sentimento, procurando contê-lo em seu lugar, no coração, para que deste apenas saia quando puder verter sem ódio ou prevenção:

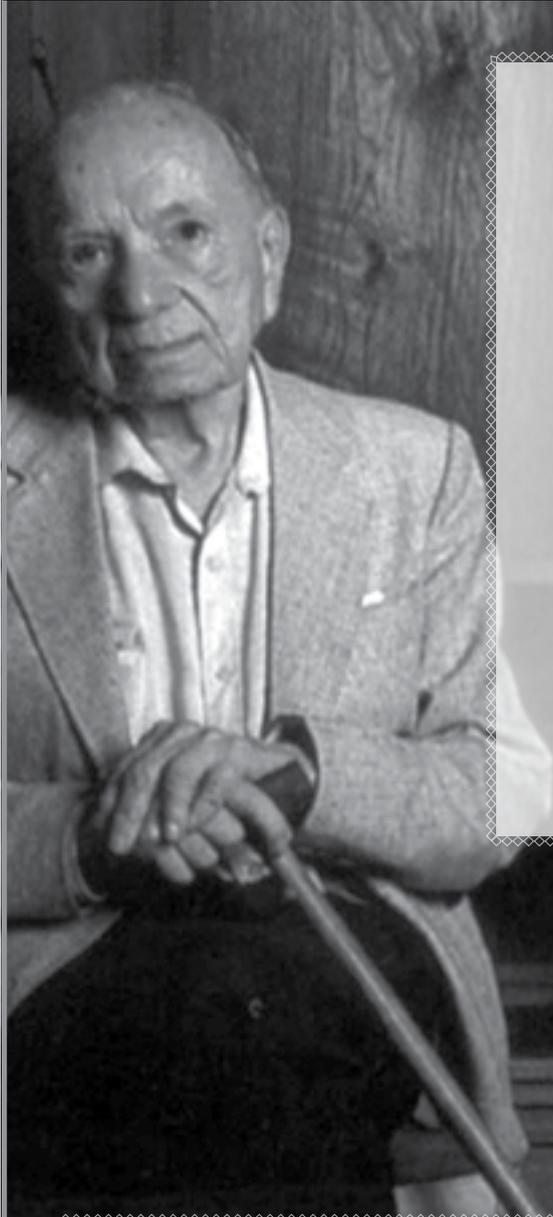
Eis o melhor caminho que lobrigo para a jornada rude da existência, no planeta que temos por abrigo,

onde, salvando errônea inteligência, entendo que não há mais vero amigo que o parecer brotado na consciência.



Passo Fundo, 4 de outubro de 1929

(Francisco Antonino Xavier e Oliveira foi membro fundador do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1938.)



Docemente

Ó meigo semblante de poeta,
num mundo que violenta
nossos nobres sentimentos!
Ó terno Quintana,
da Rua da Praia,
do Hotel Presidente!
Sempre lembrado
em todas as gerações,
por todas as pessoas sensíveis.

Ó arte de escrever, minuciosamente, um caminho para os sonhos!
Doce é ver esse rosto vivido, esses olhos experientes,
cheios de poesia.
Ó Mário silente,
de toda a Porto Alegre,
de todo o Brasil,
em todos os corações!
Certeza de lembrança eterna!
Ó figura cálida que estampa bondade!
Docemente, devoto-lhe toda a admiração!

Mais que palavras

Acho que quando se quer dizer
uma coisa simples, guardada,
conservada e cultivada,
não existem palavras.
Existem formas de provar
tudo o que é sentido,
sem ser explicado.
Não se conceitua um sentimento.
Ele é sem medidas.
Ele é um valor, transformando vidas.

Sob o azul do teu olhar

Quero
Te envolver seguramente,
Enquanto o tempo passa depressa!
Quero
Te guardar num lugar novo,
Dentro de um poema,
Coberto de amor!
Quero
Te lembrar de que não te esqueci,
Apesar das estradas e dos mundos
Que percorremos separados!
Quero
Te querer eternamente: agora e aqui,
Ou amanhã e lá... no céu,
Junto ao teu olhar!...

(Simone do Valle Müller é psicóloga e psicopedagoga.)

Aveia na “bucólica” Aberystwith



ELMAR LUIZ FLOSS

Os principais meios de comunicação, no final de semana, noticiam as comemorações do aniversário da Rainha Elizabeth II, Chefe de Estado do Reino Unido. A monarquia inglesa se mantém, apesar dos inúmeros escândalos. E, a partir da Inglaterra, estende seu poder sobre muitos outros países, como a Escócia, a Irlanda do Norte e o País de Gales. Todavia, os resquícios do grande Império Britânico ainda exercem forte influência, política e cultural, sobre o Canadá, a Índia, a Austrália e a Nova Zelândia.

Em 1985, tive a feliz e inesquecível oportunidade de conhecer o País de Gales, ao participar da II Conferência Internacional de Aveia, na cidade galesa

de Aberystwith. A primeira se realizara em 1982, nos Estados Unidos. Seus objetivos consistem em congregar a comunidade científica internacional envolvida com a pesquisa da aveia. Participei também das Conferências Internacionais de Aveia, em Saskatoon/Canadá (1996), em Helsinke/Finlândia (2004), em St.Paul/Estados Unidos (2008). E em Pequim/China, entre os dias 20 e 23 de junho de 2012.

Já estava em andamento, desde 1977, um Programa de Pesquisa de Aveia, na Universidade de Passo Fundo, com a criação de cultivares e o desenvolvimento de tecnologias de manejo e uso desse cereal. Em 1985, nas estatísticas da produção agrícola mundial, o Brasil já começava a aparecer. Por essa razão, e pela indicação do Dr. Hazel Lee Shands, professor emérito da Universidade de

Wisconsin/EUA, também “patrono internacional da aveia”, fomos convidados a participar do evento e apresentar, de forma oral, o trabalho “Melhoramento genético da aveia, na Universidade de Passo Fundo, 1976-1984”.

Tive assim a felicidade de conhecer os principais pesquisadores de aveia dos mais diferentes países, e aprender muito com eles. Vi lavouras de aveia-branca, trigo e cevada-ERVEJEIRA, com potenciais de rendimento acima de 8t/ha. Na época, nossos rendimentos médios estavam próximos a 1800 kg/ha.

A oportunidade de conhecer um país absolutamente invulgar, foi pra mim inesquecível. A lembrança que eu tinha do País de Gales era o sofrido jogo pelas quartas-de-final na Copa do Mundo de 1958, com apenas 8 anos de idade, naquela difícil vitória do Brasil

por 1 x 0. E, somente quando já estava na Alemanha, a fim de embarcar para Londres, procurei algo parecido com o “País de Gales”, mas não achei. Apreendi que o país, em inglês, chama-se Wales. Todos os participantes chegaram a Londres pelo Aeroporto de Heathrow. Um ônibus da University College of Wales (hoje University of Aberystwith) nos levou até essa localidade, na região do Ceredigion, no longínquo País de Gales.

Uma cidade de, aproximadamente, 16 mil habitantes, mas com mais de 8 mil alunos na Universidade. O evento ocorreu em julho, durante as férias locais. Por isso, o movimento na cidade era muito pequeno. Ainda se fala oficialmente duas línguas: o inglês e o galês. Uma cidade “bucólica”, tanto nas construções como nos hábitos culturais. Todas as casas são de madeira na horizontal e pintadas de cor cinza. Elas não têm número de identificação, e sim o sobrenome da família que ali reside. A praia é coberta por um pedrisco, e sem areia. Não fazia calor durante o evento, ficando a temperatura média do dia entre 14 e 20°C. Mesmo assim, durante a tarde a praia ficava lotada,

pois a população tentava aproveitar os poucos dias de sol disponíveis, durante o ano. Assim, com tal temperatura, (para nós baixa para ir à praia), lá estavam as mulheres tomando banho de sol, e muitas de “top-less”.

Outra característica marcante, resultado de muitas batalhas pelo domínio daquela região, são os prédios em ruínas, especialmente nas proximidades do porto, alguns reconstruídos e outros mantidos deliberadamente em ruínas, como motivo de atração turística. A alimentação básica é a carne de cordeiro, já que a região é grande produtora de ovinos. Também, em todas as refeições, havia para salada: “brotos” de alfafa.

Todos os participantes, aproximadamente 100, foram hospedados em belíssimos apartamentos individuais, na própria Universidade. A Conferência foi organizada em conjunto, pela Universidade de Aberystwith e pela Welsh Plant Breeding Station (“Estação Galesa de Melhoramento de Plantas”). Iniciou no domingo à noite e encerrou-se com um almoço, na sexta-feira seguinte. Depois todos voltaram a Londres. Foi uma das poucas vezes que a Rússia liberou seus

pesquisadores para participar de eventos internacionais. Apesar da proximidade com a Perestroika, ainda vivíamos no tempo da guerra fria. A falta de liberdade era marcante. Antes da apresentação de um trabalho por um pesquisador russo, ele, formalmente, pedia licença a um dos chefes que o acompanhava. Na hora dos questionamentos, nosso interlocutor repetia a pergunta ao chefe, em russo, e somente respondia quando era autorizado. Várias perguntas não foram respondidas.

Para conhecer um pouco mais sobre o interior do País de Gales e a Inglaterra, viajamos de Aberystwith a Londres, de carro alugado, juntamente com o Prof. Marshall Brinkman, da Universidade de Wisconsin. Passei o sábado em Londres, e no domingo fui de trem ao porto de Harwich, onde embarquei num navio para a Holanda, a fim de visitar a famosa Universidade de Wageningen. Foi outra visita inesquecível, pois que a Holanda é verdadeiramente um jardim.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passofundense de Letras.)

Poesia

CARLOS JAVEL DO VALE IN MEMORIAM

Gotas

Que sejam de esperança... Não podem faltar...
Que sejam de amor... Para que sempre tenhamos esse sentimento
Dentro do coração...
Que sejam de paz... Para que possamos aliviar um pouco a humanidade...
Que sejam de compreensão... Para entendermos melhor os incompreendidos...
Que sejam de união... Para juntarmos nossos corações em um só objetivo...
Que sejam de perdão... Para que não hajam mágoas no coração...
Que sejam de sabedoria... Para enchermos os espíritos de elevação...
Que sejam de humildade... Para que possamos aprender muito mais...
Que sejam de coragem... Para nunca desistirmos da vida...

Que tudo isso seja, ao menos, em gotas...

O que não pode é faltar.

Um boi chamado Coração

GETULIO VARGAS ZAUZA

Na verdade ele não era um boi. Era um reprodutor. Mas, ao mesmo tempo, um trabalhador. Era boi de canga e arado. Por esse motivo passou a ser considerado boi.

“Coração” era seu nome, porque na parte frontal da cabeça, entre as aspas, havia uma mancha branca com a silhueta de um coração real. Essa mancha era realçada pela cor grafite claro de sua pelagem total. Seu porte era robusto, não muito alto, mas encorpado, e possuía uma força fenomenal. Sua força e disposição eram tais que, muitas vezes, era necessário atar um tomoero na ponta da canga do seu lado e, na primeira travessa da carreta, que é encaixada na longarina, para que seu companheiro não fosse empurrado para trás, contra o coice da carreta.

Era extremamente manso e obediente, que eu, apenas com sete anos o conduzia tranquilamente para qualquer lugar, em geral ao rio, para beber água.

Uma das coisas de que eu mais gostava era quando, ao entardecer, ele vinha junto com os outros bois de trabalho, na porta do galpão, e eu alcançava, na boca de cada um, restolhos de espigas de milho. Ele era o que parecia deliciar-se com isso.

A casa de meus pais estava localizada a uma distância de mais ou menos oitocentos metros, da margem do Rio

Jaguarizinho, em Santiago, à beira da mata ciliar. Sua frente estava voltada para o poente. O terreno era inclinado e ia subindo, inicialmente, num ângulo de aproximadamente trinta graus, até mais ou menos setecentos metros, onde terminava a área de grama, e passava à inclinação de seus quarenta e cinco graus, onde começava o chapadão. Nessa área de grama ficavam todos os animais: porcos, galinhas, cabritos, cavalos, bois, etc., separados de uma área de plantação, por uma cerca (taipa) de pedras que percorria alguns quilômetros. Essa taipa formava um arco que começava na margem do rio, passava por dentro do mato e desembocava na beira do barranco, de modo que os animais, particularmente os porcos, circulavam em toda a extensão.

Na época de clima quente ou temperado, eu gostava de sentar-me, ao entardecer, na escada na frente da casa, a fim de contemplar o espetáculo do lento por-do-sol.

Certa vez (eu tinha nove anos), estava sentado na escada, esperando que o sol se escondesse atrás do cerro, para assistir ao crepúsculo, com suas infinitas nuances de cores, no céu ainda azul.

Quando ainda havia uma meia hora de sol, o coração veio, lentamente, se aproximando da área de grama. Tendo avançado uns trinta metros, parou! E como se também quisesse contemplar o anoitecer, levantou a cabeça, ficou alguns segundos nessa posição, de-

pois dobrou os membros anteriores, ajoelhou-se, para em seguida dobrar os posteriores. A seguir, tombou para o lado e ficou sem se mexer.

Estranhei essa conduta, fui até onde ele estava, toquei-o, mas ele não reagiu. Assustado e angustiado, quase chorando, corri para a cozinha onde estavam os adultos, a fim de avisá-los. Todos foram para fora ver o que havia acontecido, para eu estar tão agitado, uma vez que, normalmente, era calmo.

O coração estava morto.

Foi uma grande tristeza para mim e para todos, pois ele era um ente querido por todos nós.

Resolveram examinar e encontrar a causa de sua morte. Abriam-no e constataram que seu coração havia dilatado e essa seria a causa da morte.

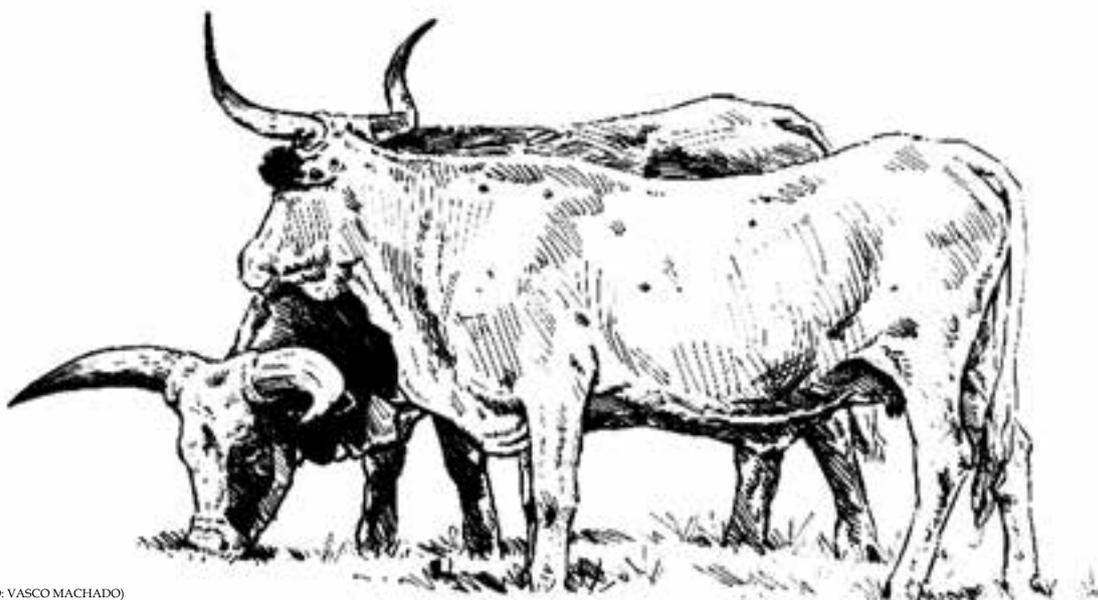
A constatação causou mais tristeza em todos nós e um certo sentimento de culpa, pois talvez fosse devido ao esforço despendido no trabalho.

Resolvi contar essa história, nesta revista, porque, sempre que me vem esta lembrança, tenho vontade de chorar.

Nunca mais pude alcançar em sua boca as tão apreciadas espiguinhas de milho!...

Adeus, coração!

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Email para contato: aiesazauza@hotmail.com.)



(ILUSTRAÇÃO: VASCO MACHADO)

A menina e o Facebook



SUELI GEHLEN FROSI

A menina de oito anos estava louca por uma página no Facebook, e usou o domingo para pedi-la. Os pais, temerosos, argumentaram sobre a necessidade de se ter dezoito anos, sobre a possibilidade de invasão de desconhecidos, sobre o tempo que seria dispensado à página todos os dias. Mas a menina, filha única, insistiu e argumentou também. Disse ter amigos com “face”, disse ter saudades das tias e tios, e que aceitaria as restrições que lhe seriam impostas.

A elaboração da página pela mãe foi acompanhada com ansiedade, e a postagem de fotos, nem se fala! Mas a chegada de convites de amizade causaram-lhe um frenesi. Foram gastas duas horas para que tudo começasse a funcionar e para que a menina conseguisse entender o funcionamento da coisa. Ai começou tudo...

Face funcionando, menina excitada, pais preocupados e, como não poderia deixar de ser, começou o estabelecimento de regras: 1) Não pode aceitar ninguém sem supervisão. 2) Entrar na página sem tomar café, escovar os dentes, arrumar os cabelos, trocar de roupa

e ter as tarefas escolares prontas, nem pensar! 3) Em dia de sol, tem que brincar lá fora. 4) Comportar-se com educação e respeito, com todas as pessoas com quem entrar em contato, como se fosse ao vivo.

A sanção para o não-cumprimento das regras: fechamento imediato da página de relacionamento. Acostumada com regras e com o cumprimento delas, a menina aceitou tudo e, relutante, foi dormir. A vontade dela seria continuar conversando com seu primo, mas o horário de dormir – regra anterior – havia chegado.

Na manhã seguinte, sua avó acordou cedo e deparou-se com a neta toda arrumada, de uniforme do colégio, cabelo escovado, toda linda e... teclando. Havia uma fila de pedidos de amizade não aceita, que passou pelo crivo da avó. Sim, já havia tomado café – banana com granola e leite e os dentes estavam impecáveis. E, sim, as tarefas haviam sido feitas, só faltava estudar para a prova de língua portuguesa, coisa que foi cobrada a seguir pela mãe, no telefone, e que ela estudou, sim, um monte. A avó ainda está contando pra todo mundo...

Do resultado de algo tão simples e tão perigoso pode-se tirar algumas conclusões: a menina, assim como muitos de

seus colegas e amigos, é filha única e necessita de interagir, tagarelar e trocar; a novidade proporcionou aos pais uma preocupação a mais, mas viram a filha levantar mais cedo, tomar café e sentir necessidade de lanchar no meio da manhã; deu a chance a eles de conversar sobre comportamento ético, sobre os perigos da internet, sobre delicadeza e respeito. Constatou-se mais prontidão para os estudos; viu-se que a pouca habilidade para teclar – com um só dedo – deu lugar a uma agilidade muito maior, e com o uso de mais dedos, capacitando-a para outras tarefas.

Diante das ofertas que a tecnologia traz, cabe aos pais não rechaçá-las, mas tomar as providências de segurança de que os filhos necessitam. Deixar crianças soltas, diante do computador, é como abandoná-las na rua à noite. A internet é lugar público, que exige cuidados e um comportamento adequado, sem dar lugar à exposição exagerada, nem chance de que a inocência seja violada. Atenção e cuidado são pressupostos para quem trata com crianças, e amor e proteção são direitos inalienáveis de todas elas.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A Revolução Farroupilha

(ILUSTRAÇÕES: PINTURAS DE VASCO MACHADO)



ROMEU GEHLEN

O império brasileiro enfrentou a mais longa e difícil revolta de todos os tempos, quando os “farrapos” se levantaram imponentes contra o poder centralizador, autoritário, escravagista, dos idos de 1835.

O Brasil prosperava às custas do trabalho escravo, embora inúmeros movimentos e posturas de literatos, sociólogos e historiadores mantivessem posição contrária ao regime.

O Rio Grande do Sul assumia frequentes batalhas em defesa do território nacional. Ainda assim, o Uruguai conquistou sua independência (1828), mas o povo rio-grandense mantinha-se fiel, na defesa da unidade territorial. Ao contrário do que muitos pensam, o gaúcho sempre defendeu a sua pátria e o território brasileiro, não construindo ideais separatistas. É bom lembrar que, praticamente, todo o território do Rio Grande do Sul pertencia aos Sete Povos, terras nominalmente do domínio da Espanha. E os gaúchos sempre lutaram em defesa desse território, sendo que, somente em 1776, os espanhóis foram

expulsos do Rio Grande. A expansão militar espanhola objetivava abranger o território gaúcho, o Uruguai, a Argentina, o Paraguai e a Bolívia, criando o vice-reinado do Rio da Prata.

Não se pode negar, todavia, que o povo gaúcho sempre defendeu ideais de liberdade, não se curvando a governos autoritários e de desmandos. Mesmo quando eclodiu a revolução de 1835-1845, os líderes da revolução proclamavam outros estados brasileiros para cerrarem fileiras na luta pelos seus ideais. É bem verdade que, em 1836, os farrapos proclamaram a República de Piratini, com Bento Gonçalves como Presidente, e estenderam sua luta até o Estado de Santa Catarina, onde houve a participação de Giusepe e Anita Garibaldi.

Os impostos elevados que incidiam sobre os produtos aqui produzidos, especialmente a taxação sobre o charque e o couro, e as políticas mercadológicas impostas pelo governo central, determinavam sérias perdas aos produtores gaúchos. Os índios e os negros escravizados acabaram fazendo parte ativa desse movimento. Ciosos de liberdade e na defesa de seus direitos fundamentais,

uniram-se aos líderes revolucionários, chefiados por Bento Gonçalves.

O espírito de luta e a coragem dos farrapos despertaram a atenção até de poetas. O imortal Olavo Bilac descreveu o gaúcho engajado na luta farroupilha:

“Farrapo”: Esse nome, criado pelo desprezo, foi nobilitado pela glória; a inevitável glória da justiça do tempo transformou o epíteto injurioso em título de suprema honra. Eram desgraçados, sim, eram pobres, eram maltrapilhos, aqueles guerreiros que, para não morrer de fome, contentavam-se com um bocado de carne crua; acampavam e dormiam ao relento, com a face voltada para as estrelas; não tinham dinheiro, nem uniforme, e não podiam renovar as botas e os ponchos que o pó das estradas, as balas, as cutiladas, as chuvas, estraçalhavam e apodreciam; - mas prezavam o seu nome de “Farrapos” e tinham orgulho da sua pobreza; - e eram mais ricos assim, possuindo apenas o seu cavalo, a sua garrucha, a sua lança e a sua bravura. Cenobitas da religião cívica, anacoretas da guerra, vivendo no imenso e fúlgido ascetério do “pampa”, esses primeiros criadores da nossa liberdade política

não olhavam para si. Olhavam para a estepe infinita que os cercava, para o infinito céu que os cobria, - e nesses dois infinitos viam dilatar-se, irradiar e vencer, no ar livre, o seu grande ideal de justiça e de fraternidade.

Alguns autores e escritos da época afirmam que David Canabarro, um dos líderes da Revolução Farroupilha, teria se mancomunado com as tropas imperiais de Caxias - o Duque de Caxias -, para dizimar os temíveis "lanceiros negros", que faziam fileira à tropa farrapa. O objetivo dessa traição visava conquistar a lavratura da Paz de Ponche Verde, que acabou acontecendo nos campos de Dom Pedrito. Desarmados e separados da tropa, numa armadilha relatada como o famoso "massacre dos porongos", os "lanceiros negros" sucumbiram bravamente diante das tropas imperiais.

Importa destacar, porém, que a Revolução Farroupilha foi um marco incontestável de luta em favor da abolição da escravidão. A ideia de humanidade e de liberdade contrastava com o regime escravocrata vigente no Brasil. Daí se seguiram vários atos em direção à definitiva libertação dos escravos. A proibição do tráfico de escravos, a Lei do Ventre Livre e tantas outras leis, culminaram com o ato da Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888 (Lei Áurea), quando foi declarada a abolição da escravidão.

Se é verdade que a Guerra dos Farrapos teve a hegemonia dos fazendeiros, não menos verdade é que ela foi protagonizada pelos índios, pelos negros, pelos mestiços e pelos brancos de pouco poder aquisitivo. Com bravura, altivez e sem medo do perigo, os farroupilhas mostraram o seu valor e a sua tẽmpera indeclinável e fẽrrea. No dizer do romancista José de Alencar, À tẽmpera d'alma sucede o mesmo que à tẽmpera do aço: em sendo boa, quanto mais se lhe calca, mais forte ela brande.

Os heróis farroupilhas serviram como paradigma para outras revoluções. Giuseppe Garibaldi, em igual luta libertária na Itália, lembrou os nossos valorosos guerreiros:

Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas; mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria riograndense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vezes, eu fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi



realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou, por mais de nove anos e contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta. Não tenho escrito semelhante prodígio, por falta de habilitações, porém a meus companheiros de armas, por mais de uma vez, tenho comemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na vitória; tanta hospitalidade, quanto afago aos estrangeiros. E comemora também a emoção que a minha alma, então ainda jovem, sentiu na presença e na majestade de vossas florestas, na formosura de vossas campinas, nos viris e cavaleirescos exercícios de vossa juventude corajosa. E, repassando pela memória, as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis anos de ativíssima guerra e da prática constante de ações magnânimas, como em delírio, brado: - Onde estão agora esses buliçosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? (...) Oh! quantas vezes tenho desejado, nestes campos italianos, um só esquadrão de vossos centauros, avessos a carregar uma massa de infantaria,

com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado!

No entanto, quantos ainda duvidam dos verdadeiros ideais farroupilhas, pelos quais esses homens lutaram! Quantos ainda se envergonham e zombam desses heróis, que lutaram por dez anos contra o poderoso exército imperial, por ideais de liberdade e fraternidade, em defesa desses campos então ainda verdejantes, com florestas agrestes, de campinas, planícies e montes de belezas indescritíveis!

Se é certo que existem muitas divergências sobre os verdadeiros ideais farroupilhas, também é certo que o gaúcho tem orgulho de sua terra. Por isso, canta as suas planícies e planaltos, exalta a natureza, e não são poucos os poetas que se inspiram na beleza da música gauchesca, dos contos e poesias que lembram nossos pássaros e antepassados, e que elevam a alma do gaúcho.

(Romeu Gehlen é advogado, professor da UPF e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A caridade

Na alegria de ofertar
Um pedaço de pão,
Um sorriso,
Na tristeza profunda de constatar
A inversão de valores,
Cada vez mais crescente,
Na perseverança de crer,
No incerto amanhã,
No altruísmo,
Repousa a Caridade.
Caridade é amor!
Para com o próximo, - a Obra;
Para com Deus, - o Autor!

Trajectoria

Buscas
Aventuras
Laços
Abraços
Traços

Marcam passagens
Viagens
Bagagens
Passos
Lassos

Indicam retorno
Anelos
Elos
Ternura
Ventura

Marcam regresso.

Inspiração

Através da arte
Procura o artista
Fixar
A eternidade da significação
De um momento.

De qualquer modo

Grata:
Pelo não:
O desafio faz com que se cresça.
Pelo sim:
O apoio é incentivo.
Por discordar:
Não se é dono da verdade.
Por concordar:
Anima a que se prossiga.
Pela crítica:
É sinal que se existe.

(Jurema Carpes do Valle pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Patriotismo

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Patriotismo significa amor à Pátria. A maneira de demonstrá-lo varia de acordo com os costumes e a educação de cada povo. No Brasil, essa demonstração de amor se sublima na Semana da Pátria que, normalmente, culmina com um desfile do qual participam segmentos da sociedade, estudantes e instituições civis e militares.

Sabemos que a Semana da Pátria não é a única maneira de mostrar patriotismo, mas é uma delas. Será que continua a mesma de algumas décadas atrás? Quem tem mais de 30 anos sabe que não. E o pior, está em acentuado declínio. Hoje, dá para afirmar que a Semana da Pátria se resume ao dia 7 de setembro, mais precisamente, ao desfile. Nada de bandas, de público ou de entidades nos demais dias. Nada de participações populares, nas cerimônias de hasteamento e de arriamento da bandeira, ou na guarda de honra ao Fogo Simbólico. Abstraindo a Semana da Pátria, que outras demonstrações de patriotismo ocorrem nos demais dias do ano? Será que nas escolas o ensino do civismo faz parte do currículo regular? Será que ainda se hasteia a Bandeira e se cantam hinos pátrios nos colégios? Professores relatam que horas cívicas são esporádicas, e que alguns alunos nem sempre mantêm postura condizente com a importância e o respeito que o ato cívico merece. Que imagem alguns jogadores de futebol, que defendem a nossa seleção, transmitem ao povo brasileiro, com sua atitude durante a execução do Hino Nacional?

Patriotismo é muito mais do que louvação à Bandeira, desfiles e cantos pátrios. Patriotismo é trabalho, é honestidade, é respeito às leis e às autoridades constituídas e, acima de tudo, é solidariedade. Patriotismo, por exemplo, é o que fazia o Sargento Alberi Lima dos Santos, que preenchia as horas vagas de muitos meninos da nossa cidade com a saudável prática do esporte. Lembro que, em determinada ocasião, fui assistir a um torneio promovido por ele, para inaugurar ternos de camisetas que



havia sido ofertados por entidades locais. Foi uma cena comovente. Ao som do Hino Nacional os meninos, alguns de camiseta nova, outros, de camisa comum, alguns de tênis ou chuteiras, outros, com simples chinelos de dedo, mas todos perfilados em posição respeitosa, cantavam com entusiasmo o nosso Hino maior. Ao redor do campo, adultos, alguns pais ou parentes daqueles meninos, sem valorizar o ato, assistiam à cerimônia com posição corporal desleixada, conversando e fumando, formando um contraste chocante. É verdade que não eram todos, mas a maioria. Será que desaprendemos amar o nosso Brasil?

Sabemos que, recentemente, o país passou por mudanças. Saiu de um regime de exceção para um estado democrático. Parece que essa transição, na área educacional, está merecendo alguns reparos. Por exemplo, foi abolido dos currículos escolares o ensino de Educação Moral e Cívica (EMC) e de Organização Social e Política Brasileira (OSP). É verdade que, nos 20 anos de ditadura, tais disciplinas visavam adaptar o sistema educacional aos objetivos políticos e ideológicos do regime: trabalhador é para trabalhar, estudante para estudar, professor para ensinar, e assim por diante, sem atentar para o direito que cada um tinha de pensar e agir livremente. Esse modelo teve, também, influência estrangeira, por basear-se nos acordos MEC-USAID firmados com a Agência Norte-Americana de Desenvol-

vimento, que oferecia apoio financeiro e técnico, aos países que seguissem os princípios educacionais elaborados por ela. Só entre os anos de 1964 a 1968, foram assinados 12 acordos.

A redemocratização do país, com o pretexto de modificar a orientação cívico-educacional, simplesmente aboliu dos currículos escolares as disciplinas de EMC e de OSPB, sem substituí-las por outras com conceitos mais condizentes com a democracia conquistada. Esta parece ter sido a principal causa da aparente letargia cívica que tomou conta das gerações que se seguiram. É essa letargia que precisamos sacudir. Há urgente necessidade de pregar a volta do sentimento de amor à Pátria, e da demonstração pública desse amor, tanto nas escolas como nas famílias. Não vejo melhor maneira do que reiniciar pelos pequenos. Pode ser através do retorno das aulas de EMC e OSPB, com as mudanças necessárias, ou de outro modo mais apropriado. O que é imprescindível e inadiável é ensinar patriotismo aos pequenos para que o assimilarem e cultivem ao longo de toda a sua existência. Não aquele patriotismo impositivo, que tinha como lema “Brasil, ame-o ou deixe-o”, mas o verdadeiro sentimento patriótico, que poderia adotar como lema “Brasil, ame-o e respeite-o!”

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alysson Paulinelli, um exemplo

ELMAR LUIZ FLOSS

Estive, com muita honra, na última quarta-feira (24 de maio), palestrando a técnicos e produtores rurais, durante o ENTECS, promovido pela Fundação Lucas do Rio Verde (Mato Grosso), abordando o tema “Limites fisiológicos para o rendimento das culturas”. Era a comemoração dos “10 anos” de realização do ENTECS (Encontro Nacional de Tecnologias de Safras), buscando a integração da produção ao consumo. A Fundação Rio Verde é uma instituição de pesquisa e difusão de tecnologias agrícolas, mantida pelos produtores rurais, e cujo trabalho é executado em parceria com instituições públicas e privadas. Como é uma forte “colônia gaúcha”, o chimarrão corria solto no auditório.

Foi um feliz momento de reencontrar o ex-Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, que palestrou antes de mim, sobre “A evolução da produção e a organização da cadeia do milho”. Um tema oportuno, no município de Lucas do Rio Verde, a Capital Nacional do Milho, em função da área cultivada e da produção obtida. Não é por acaso que a antiga Sadia, hoje BRFood, construiu nesse município o maior abatedouro mundial de aves e suínos, gerando mais de 6 mil empregos.

Alysson Paulinelli nasceu em Bambuí-MG, em 10 de julho de 1936, filho do engenheiro agrônomo e produtor de café, Antônio Paulinelli de Carvalho, e de Adalgisa Lucchesi Paulinelli. Diplomou-se engenheiro-agrônomo na escola Superior de Agricultura de Lavras-MG, que era a Universidade Federal de Lavras-UFLA, em 1959. Seguiu a carreira docente na mesma Faculdade, lecionando a disciplina de Hidráulica, Irrigação e Drenagem, até 1971. Foi diretor da referida faculdade, de 1966 a 1971, período no qual também presidiu a Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior - ABEAS, de 1968 a 1969. De 1971 a 1974, foi Secretário de Estado da Agricultura de Minas Gerais. Uma das suas marcas deixadas foi a implementação da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG. De 1974 a 1979, foi Ministro da



Ernesto Geisel, Alysson Paulinelli (C) e Irineu Cabral, inauguração da Embrapa Trigo, 1974

Agricultura, no governo do Presidente Ernesto Geisel. Era um momento difícil da economia do Brasil, pois, desde 1972, o país sofria com o aumento expressivo do preço do petróleo. O valor passou de \$3,00 o barril, para \$11,00 o barril, em poucos dias. Nessa época, o Brasil importava 80 % do petróleo consumido e era um importador crescente de alimentos. Foi o Ministro que implementou a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa. Tratava-se de um projeto apresentado alguns anos atrás pelo gaúcho Luiz Fernando Cirne Lima, como Ministro da Agricultura, ao presidente Garrastazu Médici. Entretanto, poucas semanas depois, ele renunciou ao cargo. O primeiro centro de pesquisas inaugurado, em 1975, com a presença do Presidente Ernesto Geisel e também do Ministro Paulinelli, foi o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT, em Passo Fundo, (hoje Embrapa Trigo). Também foi em seu governo que se criou no Brasil o Próalcool, suscitando, de forma pioneira no mundo, um modelo tão bem sucedido de produção de etanol combustível, a partir da cana-de-açúcar, que atualmente abastece milhões de automóveis.

Voltando a Minas Gerais, assumiu a Presidência do Banco do Estado de Minas Gerais, de 1979 a 1986. Então, elegeu-se Deputado Federal Constituinte, pelo PFL, atual DEM, exercendo o mandato de 1987 a 1991. Voltou ao cargo de Secretário da Agricultura e Abastecimento de Minas Gerais, entre 1991 a 1994. De 1992 a 1993, presidiu o Fórum Nacional da Agricultura, cujo objetivo era a elaboração de uma política agrícola para o Brasil. O projeto teve

continuidade a partir de 1996, presidido pelo engenheiro-agrônomo Roberto Rodrigues, já no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Também foi presidente da Confederação Nacional de Agricultura - CNA. Desde 2011, é o presidente da Associação Brasileira do Milho - ABRAMILHO, sucedendo ao gaúcho de Getúlio Vargas, o ex-ministro e deputado Odacir Klein.

Conheci o sempre Ministro Paulinelli, em 1975 quando veio a Passo Fundo para a inauguração do CNPT. A convite do então diretor da Faculdade de Agronomia, Rodoaldo Damin, participei do encontro dos professores com o mesmo, e fiz uma breve apresentação da Faculdade. Ao longo dos anos, nos encontramos inúmeras vezes, em eventos pelo Brasil, como palestrantes ou participantes. Já fazia algum tempo que não o via, quando ele fez uma palestra extraordinária sobre a evolução da agricultura no Brasil, em especial, a evolução da cultura do milho, no Brasil Central. Por seu trabalho e exemplo, tem autoridade para cobrar o que ainda não está sendo feito pelo governo e enaltecer o trabalho realizado pelos produtores. Especialmente, a falta de investimentos em logística e o exagero da legislação ambiental aplicada aos produtores rurais.

Alysson Paulinelli é um engenheiro-agrônomo, produtor rural e homem público, que orgulha a todos os envolvidos com o desenvolvimento do agronegócio, por seu trabalho como homem público, e igualmente na iniciativa privada.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Conta corrente da vida

JÚLIO FERREIRA DE ANDRADES

É princípio básico da ciência contábil: quem recebe, deve, portanto é debitado; e quem dá, tem em haver, e assim, por sua vez na partida dobrada, o creditado, a formar a equação da igualdade, do equilíbrio. Trata-se, pelo lançamento das operações econômico-financeiras, do registro da origem e aplicação dos recursos, e da causa e efeito dos resultados. E, no seguimento, haverá a acumulação do saldo devedor, pelos recebimentos ou entradas que ocorrerem, ou passando a saldo credor, e até acumulação deste saldo, se de maiores valores forem as operações de saídas ou de dar. Nesta lógica, num exercício de transposição para os atos da vida, é possível a analogia: quem na vida recebe algo, de alguma forma é debitado; e, na contrapartida, o creditado é quem dá ou viabiliza esse algo. Porém, diferente das operações econômicas, nesta transposição, a valoração de tais débitos e créditos da vida se dá por valores sentimentais, afetivos,

morais ou éticos, pessoais ou íntimos, e até espirituais, conforme a felicidade ou sofrimentos que possam causar a outrem e à própria natureza.

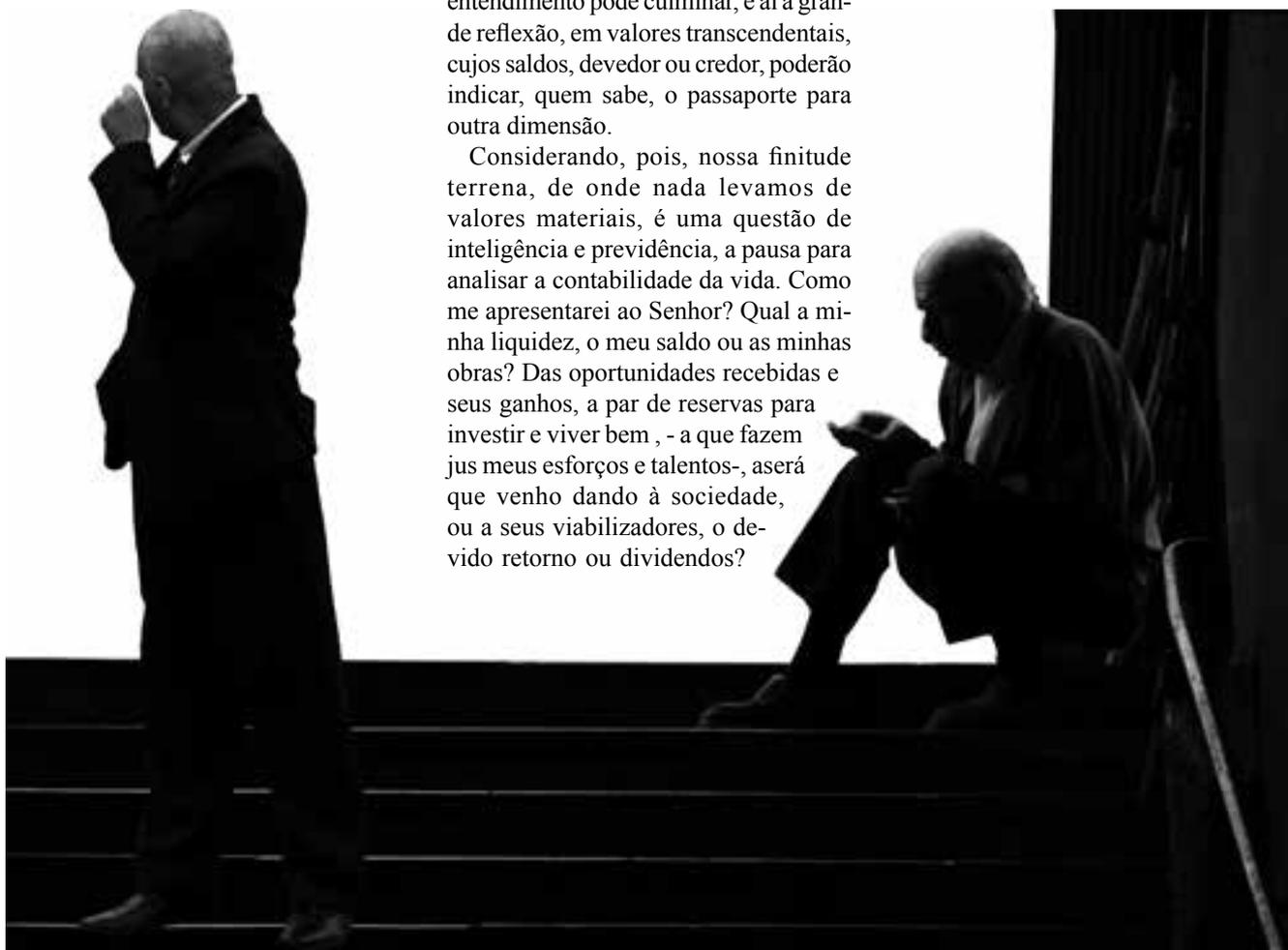
Tais registros podem se iniciar pelo nascimento, como a primeira oportunidade recebida, espécie de débito original, proporcional às situações encontradas. Se tiver boas condições de saúde, econômicas e afetivas, naturalmente que esse débito será superior aos da favela ou de pouco ou nenhum afeto, cujo saldo devedor vai-se acumulando, por tudo o que for recebido ou der entrada, a fim de formar patrimônio material, de cultura e saber, para outras situações de ganhos ou ingressos, inclusive por apropriações ou excessos. E os creditados, nesta lógica, podem ser benfeitores, entidades e a própria sociedade - via tributos-, na viabilização das oportunidades. Inclusive entes lesados. E ainda, quanto ao saldo devedor, poderá ser reduzido e até transformado em saldo credor, pelos créditos, entre outros, das ações solidárias de dar ou retribuir, de ensinar ou educar, de contribuir ou participar, de agregar ou criar vagas, construir pontes, decidir bem, e até por reparações. Esse entendimento pode culminar, e aí a grande reflexão, em valores transcendentais, cujos saldos, devedor ou credor, poderão indicar, quem sabe, o passaporte para outra dimensão.

Considerando, pois, nossa finitude terrena, de onde nada levamos de valores materiais, é uma questão de inteligência e previdência, a pausa para analisar a contabilidade da vida. Como me apresentarei ao Senhor? Qual a minha liquidez, o meu saldo ou as minhas obras? Das oportunidades recebidas e seus ganhos, a par de reservas para investir e viver bem, - a que fazem jus meus esforços e talentos-, aserá que venho dando à sociedade, ou a seus viabilizadores, o devido retorno ou dividendos?

ativos materiais, do conhecimento e das informações, do discernimento e do livre arbítrio, venho contribuindo para as políticas públicas e sociais? E nessa linha, se contribuinte do Imposto de Renda, do lucro real e do ajuste completo, numa espécie de depositário, como venho me comportando? Estou praticando as ações previstas nos arts. 227/CF e 260/ECA? E a legislação do IR, que determina doações de 1% a 6%, e complemento de mais 3% deste tributo, ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente, para assistência às crianças carentes e em situação de risco e vulnerabilidade? Ou repasso-as ao Tesouro Nacional, acumulando tal passivo para as crianças e a própria sociedade, refêns que são das circunstâncias?

Mais informações sobre o assunto podem ser obtidas junto a um Contabilista ou Tributarista, e também e na Receita Federal.

(Júlio Ferreira de Andrade, membro da OAB de Passo Fundo e da Academia de Ciências Contábeis/RS. E-mail: juliofandrades@tpo.com.br)



Será que somos diferentes?

(ILUSTRAÇÕES: PINTURAS DE VASCO MACHADO)



WELCI NASCIMENTO

No tempo em que o Rio Grande do Sul não tinha solução de continuidade, no tempo em que as estâncias estavam em comum, o gaúcho, no cenário aberto das enormes coxilhas, que se estendiam a perder de vista, era mais aventureiro”. (Manoelito de Ornellas)

Depois que os campos foram demarcados, medidos e cercados; depois que os trabalhos das indústrias da criação se desenvolveram em âmbitos menores, e o comércio se firmou de forma organizada; depois de tudo isso, o gaúcho se tornou sedentário. Pelo menos um pouco mais. Ora, essa mudança profunda na maneira de vida, certamente, foi influenciada no decurso dos acontecimentos.

Todos nós, pelo menos os mais velhos, sabemos que o Rio Grande Sul detinha o título de “celeiro do Brasil”. A produção de trigo era extraordinária. O cientista

e historiador francês, Sant-Hileire, visitou o Rio Grande Sul no século XIX (1820/21), e disse: “Ainda saíram do Rio Grande 200 mil alqueires de trigo, exportados em grandes sacos de couro...”

Não demorou muito, e a agricultura cedeu lugar à criação de gado, motivado, talvez, pelas constantes requisições de produtos agrícolas, para alimentar as tropas, em guerras contínuas. E o processo histórico se repete: - a pecuária vai recuando, ante a marcha vitoriosa da agricultura. As terras se retalham em lotes coloniais e aumenta o coeficiente demográfico. “O naturalista francês lembrava que os campos do Rio Grande eram mais fortes, de pastos finos, oleosos, que melhor nutrem os rebanhos, muito mais numerosos...”.

E o Rio Grande mudou.

Sua população cresceu, suas terras foram ficando divididas e enfraquecidas, atribuídas, em grande parte pelas queimadas e pela destruição das matas. E a família gaúcha teve que se mudar.

É costume se dizer que incluindo os gaúchos e seus descendentes, que hoje vivem nos estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Rondônia, Goiás e outros estados da federação, o Rio Grande seria o maior estado do Brasil, quanto à população. Há aproximadamente cem anos, os gaúchos vêm colonizando e povoando vastas áreas dos estados brasileiros. As primeiras colonizações migratórias dirigiram-se para o Oeste de Santa Catarina, provocadas pela revolução federalista, que ensanguentou o Rio Grande e foi uma das guerras civis mais longas da República. Cessadas as lutas, internas e externas, a valentia do homem e da mulher gaúcha virou tradição, cantada em prosa e verso, como lembrança do espírito guerreiro dos ancestrais.

O gaúcho teve que migrar com sua família para outros estados da federação. Muitas vilas desapareceram e muitos dos seus municípios estacionaram, em favor de Santa Catarina, Paraná, Acre, Mato Grosso, Goiás. O Acre, por exem-

plo, nasceu da bravura de um gaúcho, José Plácido de Castro, que tomou parte na revolução federalista de Rio Grande e que, no Acre trabalhava como agrimensor, demarcando terras e seringais. O jornal Estado de São Paulo, de 4 de novembro de 1981, sob título: “Gaúchos transformam o sertão mineiro”, a certa altura, diz: - “Há uma guerra no sertão mineiro: - a disputa entre o “uai” e o “tchê”, ou o choque entre duas culturas bem diferentes, a do tradicional mineiro dos cerrados e a do gaúcho, descendente de europeus. Os primeiros, falsamente ingênuos, desconfiados, magros, sem dentes, roupas de linho branco remendadas, de fala baixa e acostumados a ver o tempo passar de mansinho; os segundos, homens de quase dois metros de altura, dentes perfeitos, trabalhando dia e noite contra o tempo, com suas mulheres gordas, fortes e loiras, dispostos a trabalhar por todo o dia, dirigindo caminhões e tratores...”. Perante certos tipos de irmãos brasileiros, o gaúcho era considerado um super-homem. Um gigante no trabalho. Um empreendedor e progressista. Realmente, parecia que éramos diferentes. Quem sabe não seria pelo nosso isolamento geográfico, no extremo sul, ou talvez pela natureza e conformação do solo, pelo clima de alternâncias bruscas, ou pelas influências étnicas que formaram a personalidade do gaúcho? Nosso linguajar, nossos costumes, influenciados pelos europeus espanhóis e portugueses, pelos índios, pelos negros, pelos imigrantes alemães e italianos, entrelaçados num mesmo meio?

Foi Euclides da Cunha, o nervoso estilista tropical dos “Sertões”, que descreveu o gaúcho e o aspecto notável de seu caráter, diferenciando-o das populações do nordeste: - “O gaúcho, o peleador valente, é por certo inimitável...”. O poeta pajeador nativista, Jaime Caetano Braun, em entrevista ao jornal Zero Hora, em 1982, disse: “O Rio Grande do Sul é um ‘país’ diferente do restante do Brasil. E isso não é bairrismo, não”, concluiu. Talvez seja por isso que ele foi tratado com desprezo, ao longo da nossa história. O Imperador Dom Pedro II tratou-o como “o sentinela dos pampas”. Foi aqui que se desenrolaram os combates entre Portugal e Espanha, as tentativas de invasão dos argentinos, paraguaios e uruguaios, e as guerras cisplatinas. Costuma-se dizer que o Rio Grande é brasileiro “de teimoso”. Que foi por opção que escolhemos a naciona-



lidade brasileira. Guardamos fronteiras durante muitos anos.

O compositor de músicas nativistas, José Fogaça, em entrevista ao jornal “Campeador”, da lendária cidade de Alegrete, em maio de 1984, disse: “O Rio Grande não pode ficar se olhando no espelho, sob pena de passar a sofrer a síndrome do narcisismo cultural.... E o restante do Brasil, o que pensa de nós”?

Vivemos hoje, em termos culturais, uma nova era, especialmente na música originária dos pampas gaúchos. O

campo se modernizou, vivemos uma era tecnológica, na agricultura e na pecuária, mas a índole do gaúcho não mudou, porque, no dizer do poeta Vargas Neto, “O gaúcho é como o cinamomo: de uma ponta de raiz brota de novo e em outro cinamomo fica de pé. Nem o tempo haverá de vencê-lo”.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Para que(m) modificar o Código Florestal?



PAULO DA SILVA CIRNE

O dia 25 de abril de 2012 poderá ficar conhecido, na história brasileira, como o dia em que a Câmara dos Deputados, em Brasília, aprovou uma das piores leis sobre meio ambiente já elaboradas no país, com inúmeros artigos inconstitucionais, com graves contradições dentro do mesmo texto e ferindo inúmeros princípios de Direito Ambiental. Poucas semanas antes da Conferência da ONU – Organização das Nações Unidas – sobre Meio Ambiente, conhecida como Rio + 20, que reuniu autoridades da área ambiental do mundo inteiro, no país, os representantes do povo brasileiro legislaram para beneficiar grandes pro-

dutores rurais, usando como escudo os pequenos agricultores.

Em um primeiro momento, quando as pessoas que não estão diretamente envolvidas com a matéria observam que o texto em vigor foi elaborado em 1965, imaginam que o referido documento legal esteja desatualizado, inclusive por ter sido elaborado em uma década que antecede a intensa urbanização vivenciada no país, ocorrida em especial a partir de 1970.

Entretanto, as pessoas que conhecem o Código Florestal Nacional sabem que a lei é excelente, trazendo previsões que permitem, perfeitamente, harmonizar, nos dias de hoje, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, aliando a tal exploração à preservação dos recursos naturais, especialmente das florestas e

das áreas de preservação permanente.

Para que(m) modificar, então, o Código Florestal?

Um dos motivos foi a inclusão, em outro texto legal, mais precisamente no Decreto nº 6.514/08, de uma sanção administrativa (leia-se multa), para o proprietário rural que não tivesse averbada a área de reserva legal da propriedade. Para que todos entendam, reserva legal é uma parte da propriedade que deve ser preservada, ou seja, uma área que, por sua importância ambiental, não deve ser alvo de exploração econômica. Essa previsão já existia desde 1965, mas somente em 2008 é que foi inserida, em um decreto, uma multa para quem não tivesse ainda efetuado a averbação dessa área, o que gerou, no Congresso Nacional, o interesse de modificar a lei

florestal e flexibilizar a aplicação das regras sobre a reserva legal.

Além disso, empresas que possuem muitas administrativas elevadas, não pagas, impostas pela prática de desmatamentos na região centro-norte do país, especialmente na Amazônia, demonstraram grande interesse em obter o perdão desses débitos, recebendo o apoio de diversos parlamentares, que lutaram bravamente para anistiar esses desmatadores. Por fim, grupos econômicos, grandes produtores e empresas adquiriram áreas por preços irrisórios, por serem terras que, pela legislação atual, possuem baixo percentual de área passível de exploração econômica. Com a alteração pretendida no Código Florestal, o valor dessas áreas será multiplicado e o lucro dos adquirentes, estratosférico. Essas situações permitem constatar para quem a intitulada “bancada ruralista” está legislando. Evidentemente, não é para o “pequeno agricultor”.

Nesse sentido, os congressistas intitulados de “ruralistas”, disfarçando seus objetivos, proclamam uma luta para não inviabilizar a cadeia produtiva do

país e as propriedades rurais brasileiras, lançadas na irregularidade por uma legislação extremamente rigorosa. Ora, tais argumentos são absurdos. O Brasil é um dos maiores produtores de grãos do planeta - a área de plantio brasileira é de 67.000.000 (sessenta e sete milhões de hectares), segundo informações do IBGE -, convivendo com uma legislação que existe desde 1965 (sem contar os textos anteriores). E não se tem notícias de centenas de agricultores presos, terras sequestradas para fins ambientais ou qualquer outra teoria conspiratória e terrorista orquestrada e difundida nos meios de comunicação, por defensores intransigentes do agronegócio.

Dentro desse contexto, também é lamentável lembrar que, nos últimos anos, diversas tragédias foram causadas pelo desrespeito à legislação florestal, com destaque para fatos ocorridos em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, quando inúmeras pessoas perderam a vida e outras perderam suas residências e/ou objetos pessoais, ao não respeitarem as áreas de preservação permanente. Justamente essas faixas importantes

de preservação ambiental o texto do Código Florestal reduz ou literalmente extingue. Assim, tais faixas serão passíveis de usos agropastoris, assim como se tornarão áreas edificáveis. Ao menos até a primeira enxurrada, que certamente irá destruir plantações, casas e ceifar vidas.

Portanto, é fundamental ter em mente que mudar o Código Florestal, na forma como pretende a maior parte do Congresso Nacional, significa acabar com uma lei importante e substituir por um texto que privilegia o interesse econômico, sem qualquer cautela com o meio ambiente e com o futuro do nosso país. Anistiar criminosos ambientais e olhar a área de preservação permanente com interesse meramente financeiro, com toda a frieza e o rigor que se deve ter nessa hora, é não enxergar as cruzes nos cemitérios, após novas intempéries climáticas, cada vez mais comuns em um planeta que teve seu equilíbrio destruído pelo próprio homem.

(Paulo da Silva Cirne é Promotor de Justiça em Passo Fundo/RS.)

Poesia

GLAURA HILÁRIO BROCKSTEDT

Crepúsculo

Ao entardecer, quando as luzes já se ofuscam,
O sol vai se escondendo, lentamente,
Engalanado de vestes multicores,
Acenando para se despedir do longo dia.

Timidamente, se esconde atrás dos montes,
Para dar lugar à noite, cujo manto negro
Vem, sem piedade, lhe roubar a cena,
Em momento de paz e serenidade,...

Sem temer o chegar do imprevisível,
Oxalá, a noite seja um céu aberto,
Coberto de estrelas cintilantes,
Para não contrastar com o sol brilhante.

(Glaura Hilário Brockstedt é membro da Academia Soledadense de Letras.)

A Revolucionária Morom

DEOCLIDES CZAMANSKI

OSVANDRÉ LECH

A rua nunca teve outro nome. Chama-se Morom, desde a primeira Planta Geral da Vila, em 1865, logo depois da emancipação, em 1857. A origem espanhola do nome nada tem a ver com nossa cultura, ou com os primeiros habitantes. Segundo o historiador Welci Nascimento, o nome é homenagem a uma batalha ocorrida em 1852, nos Campos de Morom, arredores de Buenos Aires, onde tropas brasileiras derrotaram o exército de Rosas. Provavelmente, alguns soldados brasileiros que participaram da batalha vieram residir em Passo Fundo, e sugeriram o inusitado nome. A Morom iniciou revolucionária!

Atualmente, esta importante e badalada rua possui quase 7 km de comprimento. De um lado, se destaca a construção civil, nos altos do Boqueirão; e do outro, na baixada, o intenso movimento inter-bairros, e de chegada e saída de pessoas na região da rodoviária. É na sua região



central, no entanto, que se localiza o charme e o modernismo da Morom. O trecho entre a Cel. Chicuta e a Fagundes dos Reis é o próprio “coração da cidade”, com calçadas alegres, lojas requintadas, cafés lotados de formadores de opinião e a rua congestionada, pois “passar pela Morom” é mais que dar uma volta de carro. Muito próximo deste trecho – “in a walking distance” - estão os bancos, clubes, cinemas, livrarias, bares. O verdadeiro universo

passo-fundense está na Morom ou ao redor dela.

Se você relaciona Oscar Freire com São Paulo e Padre Chagas com Porto Alegre, a melhor rua para definir Passo Fundo é a Morom. Sim, a revolucionária Morom!

(Publicado na revista “+ Morom” edição 2, Ago2012)

(Osvandré Lech, médico e escritor, é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Pensando e Escrevendo

HELOISA GOELZER DE ALMEIDA

Semana passada fomos em rápida passagem à Coxilha. Parece mentira! Quem viu e quem vê!

Em anos passados, uma verdadeira cidade de madeira, com as inúmeras firmas, entre as quais, o principal comércio era a madeira.

As fábricas de beneficiamento do pinho bruto faziam a música do amanhecer, com as máquinas das aplainadeiras, serra-fita e outras. Os operários que faziam o grande progresso de Coxilha, eram como instrumentos sob a batuta de supostos maestros. Por lá transitavam, junto com caminhões transportadores da madeira bruta, os flamantes carros

da época, conduzidos pelos madeireiros, conforme eram chamados. Entre tantos, lembro de Edmundo Trein, pai do nosso ilustre conterrâneo e amigo Augusto Trein, Mariano Petraco, pai de minha querida comadre Terezinha. Este sempre com uma boina que o caracterizava muito bem. Hugo Alevisi, Ernesto Morsch, Mário Goelzer e tantos outros.

Vagões e mais vagões eram carregados com madeiras e transportados de trem, principalmente para a fronteira. Ou seja, livremente. Havia inclusive um trem internacional que transportava turistas uruguaios e que fazia uma passagem por Coxilha, o que era motivo de atração e encantamento. Apreciavam os passageiros deste trem por suas

características, eram todos “gente fina”. Pelo menos na aparência.

Havia em Coxilha o Clube Farroupilha, que realizava bailes de saudosas lembranças. Hoje, Coxilha está resumida a uma vila muito sossegada. Em minha rápida passagem por lá, fiz questão de parar e escutar o murmurar de Tadeu Nedeff. A outra é da firma Franciosi, Fossatti. Aquela musiquinha me fez bem. É nostálgica, já que morei quando casei, naquela terra. Onde o barulho das máquinas era uma música linda. (09/01/1980)

(Assim escrevia Heloisa, em sua coluna Pensando e Escrevendo, para o jornal Diário da Manhã, em 1980. Tratava de assuntos diversos. E o mais palpitante da época era o comércio de madeira. Santana Rodrigues Dal Paz.)

Médico e Diplomata

(DALTR0 MATTOS)

“Quanto à Faculdade de Medicina Federal em Passo Fundo, está acontecendo o mesmo que ocorreu quando da criação da Faculdade de Medicina da UPF. Há os que pretendem fechar o corpo clínico da cidade, e os que desejam reserva de mercado. Estes não querem Faculdade Federal por aqui. Todavia, aqueles que, como eu, sofreram para pagar uma faculdade, e vêem os estudantes pobres não conseguindo sair do chão, querem sim, uma Faculdade Federal de Medicina em Passo Fundo. Hoje o ensino virou um negócio. Tem de acabar com isso. Ensino não é negócio.

Há que se considerar ainda que não só a Faculdade de Medicina estaria vindo. A Medicina é apenas um curso dos campi da saúde. Será a base para Universidade Federal de Passo Fundo, pois, a seguir, virão outros cursos superiores na referida área”.

Numa tarde fria e chuvosa de agosto, o médico Rudah Jorge recebeu, em sua casa, os acadêmicos Paulo Monteiro e Gilberto Cunha, para uma entrevista de várias horas. Considerado um profundo conhecedor da história da saúde e da educação superior em Passo Fundo, nos últimos cinquenta anos, Rudah discorreu sobre todos os assuntos que lhe foram perguntados. Comprovou a fama de homem que não tem medo de falar sobre fatos e pessoas, doa em quem doer. E falou.

APL – Rudah Jorge! É nome de origem árabe?

Rudah Jorge - Na verdade, eu não sei o que sou. Meu pai falava muito ter ouvido dizer que um antepassado teria vindo da Inglaterra. Era muito reivindicador, contestador. Era chamado de Jorge, o



Inglês. Quem mandava no mundo era a Inglaterra. Poderia ter sido um árabe, o reivindicador. Rudah não é uma palavra árabe, mas uma palavra tupi-guarani. Pode ser escrita com “ã”, no fim, ou com “ah”. Era o deus do amor indígena. E Rudah não leva a pensar que seja árabe. O tamanho do nariz, sim.

APL – Onde o senhor nasceu?

Rudah Jorge - Nasci em Quaraí-Mirim, 1º distrito de Quaraí, filho do ferroviário Afonsino Jorge e da dona de casa Olga Dornelles Jorge, no dia 8 de setembro de 1936. Eu morava ao lado da linha férrea. Meu pai era o agente local. Éramos quatro irmãos. Um faleceu com

quatro anos, no Englert (atual município de Sertão). Meu pai foi transferido de Quaraí-Mirim para Eng. Luiz Englert, onde cheguei com dois anos. Meus irmãos Nei e Antônio já nasceram aqui.

Os ferroviários sempre foram muito trabalhadores e reivindicadores. A Viação Férrea era a vida deles. Davam valor ao emprego, Não tinha serviço mal feito. Tudo era organizado. Tinha hierarquia e muito respeito. Santa Maria sempre foi núcleo muito desenvolvido.

APL – E os seus estudos? Começaram no Englert?

Rudah Jorge - Comecei a fazer o

Curso Primário lá, no Englert. Só funcionava até a 4ª série. Tinha de fazer até a 5ª série, para prestar o exame de admissão ao ginásio. Fui fazer a 5ª série em Carazinho, onde moravam parentes meus. Depois fui morar em Sertão.

Cursei o ginásio no Colégio Conceição. Ali comecei o curso científico, que concluí em Porto Alegre, no Colégio Júlio de Castilhos. Lá eu vi que a Faculdade de Medicina era na Rua Sarmento Leite, e havia a Rua Eng. Luiz Englert. Fui investigar e descobri que ele era um engenheiro e político fantástico, considerado um sábio. O ensino marista era muito bom. Tanto isso é verdade que, quando fui cursar o 3º ano do científico, em Porto Alegre, precisei fazer uma prova para ser aceito. O diretor, ao chegar ao meu nome, disse que eu não estudava lá, mas deveria estudar num bom colégio pela nota que tirei.

APL – E suas primeiras leituras...

Rudah Jorge - O Correio do Povo chegava pelo trem das 5h30min. Meu pai era obrigado a levantar cedo. Deixava a água para o chimarrão fervendo e eu tinha de levantar para cuidar da água. Enquanto ela fervia, cada um lia um jornal. Não havia rádio. Eu lia o jornal com meu pai, até que o dono fosse buscá-lo. Esse fato de ler os jornais me levou a pensar em Diplomacia. Vi que os representantes do Brasil no exterior eram ricos. Pensei em Medicina porque faltavam médicos. Quando chegou a época de prestar vestibular, procurei universidades que formassem diplomatas e não achei. Assim, fui cursar Medicina em Porto Alegre. No 2º ano da Faculdade, criaram um teste vocacional. Fiz o teste e acabei descobrindo que tinha habilidades para Medicina e Diplomacia. O que faço hoje? Medicina e Diplomacia. Tenho facilidade para resolver conflitos. Não me tiram do sério, assim no mais. Na Medicina, resolvo horrores de conflitos médicos.

APL – E os seus “dons diplomáticos” como serviram na Medicina?

Rudah Jorge - Certa feita, uma pessoa que trabalhava comigo vivia sempre doente. Um dia sentei ao lado dela e disse que seria o seu médico. Pedi que contasse a vida dela. O pai, que é pai dela hoje, exigiu que mudasse de nome. Procurou a Justiça e mudaram de nome. Disse-lhe: “Passa uma borracha nisso e começa uma nova vida, com teu segundo pai!” Fez isso, e acabaram as

doenças. Muitas vezes, mais importante do que receitar é ser diplomata.

APL – Como foi sua vida de estudante pobre em Porto Alegre?

Rudah Jorge - Em Porto Alegre, fiz tudo o que se possa imaginar. Quando comuniquei a meu pai que não iria disputar nenhum emprego, e sim cursar Medicina, ele me disse: “Tô contigo, mas não posso mais te ajudar. Tenho de ajudar teus irmãos”. Não fiquei irritado. Achei de uma grandiosidade fenomenal. Fui de carona num caminhão, para Porto Alegre. Arrumei meu primeiro emprego num escritório que comprava lenha no interior. Cursava o 3º científico e também trabalhava. Arrumei emprego à noite, como revisor do Diário Oficial. O chefe disse que, como eu gostava de política, podia revisar discursos políticos. Temperani Pereira era um grande orador. Depois fiz concurso para escrivão de polícia, e, mais tarde, para médico legista, função em que me aposentei.

APL – E a política estudantil daquela época...

Rudah Jorge - Na Faculdade de Medicina, entrei em 1957. Ali fui duas vezes presidente da turma. Tinha que defender uma turma de cento e dez caras. Depois fui presidente do Centro Acadêmico da Medicina, que era o pavor dos milicos. Por isso, Golbery do Couto e Silva mudou o nome para Diretório. Também fui presidente da entidade que reunia todos os centros acadêmicos da época, e que vem a ser o DCE de hoje. Convivi com grandes lideranças estudantis daqueles anos, como Fúlvio Petracco, Flávio Tavares, Bruno Costa e Carlos Araújo (do Direito).

A divisão do movimento estudantil era ideológica. De um lado, a UDN [União Democrática Nacional] e o PSD [Partido Social Democrático] e do outro, a chamada Esquerda. Não éramos inimigos uns dos outros, e sim adversários.

APL – Como o Senhor viu a Campanha da Legalidade e a Contrarrevolução de 64?

Rudah Jorge - Acompanhei a Legalidade, sim. Estava em Santa Maria, num Congresso Médico. Em 64 fazia residência no Rio de Janeiro. Assisti ao famoso comício dos sargentos. E trabalhava no Hospital dos Servidores do Estado. Era o principal hospital do país. Era ali que estava instalado o Ministro da Guerra na época do Golpe. Esse hospital era o

maior centro de ensino, no Brasil. Lá começou a residência médica no país. Tinha tudo do bom e do melhor. Os militares passaram para o atual SUS, que hoje é uma porcaria. Quando houve o Golpe, o diretor foi afastado e colocado um general em seu lugar.

APL – Por que retornou para Passo Fundo?

Rudah Jorge - Foi em 1966. Éramos diversas pessoas de Passo Fundo em Porto Alegre. Combinamos que cada um iria fazer uma especialidade, para depois trabalharmos juntos aqui. Apenas dois não voltaram. Um, porque faleceu, e outro, porque optou por permanecer em Porto Alegre. Aqui, montamos a Policlínica e acabamos juntando mais gente que veio depois. Passo Fundo era uma cidade boa para trabalhar, mas não imaginávamos que íamos encontrar tantas dificuldades. Eu vinha do melhor hospital do Brasil, e o São Vicente tinha um aparelho de RX que só fazia exame de quem não respirasse.

A Policlínica Passo Fundo foi pioneira, no sentido de médicos trabalharem juntos. Mas eles se hostilizavam muito. O Hospital São Vicente dispunha de 80 leitos e uma sala de cirurgia; o Hospital da Cidade, um pouco menos, também com uma sala de cirurgia. O Hospital Municipal, mais ou menos isso, mas era mais novo. À época, havia dois tipos de clientes: um que pagava, e o indigente que não pagava, tendo o médico que arrumar remédio de amostra grátis.

Então eu disse: “Pessoal, estamos numa fria!”. Quando eu estudava no Conceição, ocorreu a primeira migração de passo-fundenses, devido ao excesso de população. Iam para Xaxim, Xanxerê, Chapecó, nos chamados “ônibus de malas brancas”, porque elas tinham essa cor e iam em cima do ônibus, ao passo que a mudança ia dentro de um saco. Mas eu sentia que famílias inteiras, quando adoecessem, voltariam para cá. E viriam com dinheiro. Se não melhorássemos, iriam para Porto Alegre e perderíamos dinheiro. É o que acontece até hoje.

APL – Como foi o surgimento da Faculdade de Medicina da UPF?

Rudah Jorge - Quando voltamos, havia um movimento para criar uma Faculdade de Medicina. O Dr. Sabino Arias tinha ido embora e lidava com os papéis da Faculdade de Educação, pois o Ministro era seu amigo. Existia

uma comissão formada pelos médicos: Paulo Azambuja, Ademar Petracco e Sabino Arias. O Ministro veio até aqui e oficializou a criação da Faculdade. Havia muita gente que trabalhava contra. Mas o Dr. Sabino tratava muito bem o pessoal. Ficou sabendo que os contrários iam num velório. Consegui que o processo de criação da nossa Faculdade de Medicina fosse colocado em pauta, e ele acabou aprovado. Isso foi em 1969. Começaram as discussões sobre onde instalar a Faculdade. Como a maioria dos pacientes eram indigentes, nenhum hospital queria tratá-los, afim de não perder o prestígio. O reitor da Universidade era o Dr. Murilo Annes, cuja família comandava o Hospital da Cidade. O Hospital Municipal também não queria, porque o prefeito César Santos era inimigo político dos Annes.

O Leste Europeu tinha uma dívida com o Brasil. O Governo Federal queria mais faculdades de Medicina, e surgiu a proposta de pagar a dívida, com aparelhos médicos fabricados na Alemanha Oriental. A Faculdade fora criada sem diretor e sem hospital. Sabino Arias tinha sido nomeado diretor, mas, na verdade, não havia diretor. Diante das negativas do Hospital da Cidade e do Hospital Municipal, o reitor Murillo Annes conversou com Dom Cláudio Colling e este disse que o São Vicente teria de aceitar a Faculdade. Procurou os responsáveis pelo hospital, nas pessoas de Felice Sana e Plínio Grazziotin, e convenceu-os a aceitarem. Marcaram uma reunião entre a universidade e o hospital. Nessa reunião, compareceu muita gente, menos o diretor médico do Hospital que era contra. No outro dia, ele renunciou. O Hospital São Vicente não tinha diretor médico, em meados de 1969. Aí é que fui conversar com Dom Cláudio, indicado por uma pessoa que me conhecia desde pequeno, o senhor Walter Vargas. Pedi umas horas e decidi aceitar. Tinha que fazer um contrato que existe até hoje.

APL – Sua ligação com Dom Cláudio Colling...

Rudah Jorge - Aí é que fui conhecer Dom Cláudio Colling. Ele me fez uma pergunta inteligente: “O que o senhor acha que vai acontecer com o São Vicente, com a Faculdade lá dentro?”. Disse-lhe: “Não consigo lhe explicar. Só sei que o crescimento, com essa aparelhagem, vai ser tão grande, que ninguém vai nos alcançar”.

Nesse meio tempo, Dom Cláudio pediu dinheiro para a Misereor ajudar o São Vicente. Havia começado a ampliação, com mais três salas de cirurgia. Começaram a vir novos médicos, principalmente de Santa Maria. Com isso, Passo Fundo começou a crescer em qualidade médica. Abrimos o hospital. Qualquer médico poderia clinicar, pois havia uma espécie de reserva de mercado. Os médicos começaram a reclamar, dizendo que o hospital estava inchando. Queriam reunir o corpo médico. Propus ao senhor Sander. Como os vicentinos é que teriam de mandar, propus a alteração do Estatuto, declarando que o corpo clínico era aberto; o hospital, permanente; e os médicos, passageiros. Com a mudança dos estatutos deu um forrobodó. O Hospital da Cidade também se abriu para os médicos. Por isso há hoje esse

“Muitos dizem que o Rudah é um ditador. Ele manda no hospital. O mandato do diretor é o mesmo da diretoria, podendo ser reconduzido. Agora, para ser diretor de um hospital é preciso algumas condições. A primeira delas: não ter rabo preso.”

monte de médicos. O diretor médico opina, mas a decisão é dos vicentinos. Passo Fundo tem conta com setecentos médicos. Quando cheguei aqui havia quarenta e poucos e a maioria era da UFRGS. Depois veio uma leva de Santa Maria, e atualmente a grande maioria é daqui. Hoje encaminhamos médicos para outros hospitais e ficamos com os melhores.

APL – O ensino da Medicina em Passo Fundo, como está?

Rudah Jorge - Quando cheguei, não havia mestres e doutores. Hoje dispomos de mais de cem mestres e mais de cinquenta doutores.

O médico tem de provar, para o paciente, que é bom. A Medicina mudou. Hoje só pedem exames. Nós sentávamos do lado do paciente e conversávamos com ele. Tudo é uma questão de formação. Ética se aprende com o pai e a mãe. Não se aprende na Faculdade. Em

casa, mandavam pai e mãe; e na escola, a professora. A ética é mutável.

Quanto à Faculdade de Medicina Federal, está acontecendo a mesma coisa. Há os que querem fechar o corpo clínico e os que querem reserva de mercado. Estes são contra uma Faculdade Federal. E os que, como eu, sofreram para pagar uma faculdade, vêm a pobreza não conseguindo sair do chão. Por isso querem uma Faculdade Federal. Hoje o ensino virou um negócio. Tem de acabar com isso. Ensino não é negócio!

A universidade comunitária custa caro. Na ULBRA, os pretendentes têm de apresentar Declaração de Renda. Sou a favor do ensino público. Controle da natalidade é besteira. Se a criança receber o leite materno, não custa nada. Se o Estado der colégio, não custa nada. A Coréia era o país mais pobre do mundo. Os americanos começaram a investir no ensino desse país, e hoje ele é uma potência. Oferecendo comida, o ensino sai de graça.

APL – Como Dom Cláudio veria O Hospital São Vicente de hoje?

Rudah Jorge - Se Dom Cláudio vivesse hoje, diria que a Faculdade Federal representaria um salto de qualidade. A Faculdade Federal trará crescimento para Passo Fundo. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre dispõe, mais ou menos, de quatro vezes mais que o orçamento de Passo Fundo. Não temos dinheiro para ampliar o São Vicente. E, com a vinda da Faculdade Federal, Passo Fundo certamente irá explodir.

Dom Cláudio Colling não queria ser arcebispo em Porto Alegre. Daí cometeu um erro: proibiu os padres de irem à missa de Ronda Alta e os padres desobedeceram. Veio Dom Vicente Scherer, no outro dia, e levou ele para Porto Alegre, onde foi arcebispo e quando ficou mal voltou.

APL – O Senhor foi candidato a prefeito de Passo Fundo e desistiu de uma candidatura a deputado federal...

Rudah Jorge - Sou um ex-quase. Ex-quase prefeito. Ex-quase deputado federal. Nossa política é partidária e não ideológica. Entrei para o PDT, onde permaneço até hoje. Durante o regime militar, havia só a ARENA [Aliança Renovadora Nacional] e o MDB [Movimento Democrático Brasileiro] e o PDT, que saiu do MDB. O PDT seria quase uma continuidade do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. Acompanhei o

Brizola, que mais se aproximava do Trabalho. Quando o PDT se uniu com o PDS [Partido Democrático Social], de Nelson Marchezan, retirei minha candidatura a deputado federal. Antes, para prefeito, fui o mais votado, mas perdi para a sublegenda. Depois fiquei sabendo que me tiraram muitos votos. Só de ti, roubamos mais de mil votos.

Não sei se seria um bom prefeito ou um bom deputado. Não ter sido eleito foi bom, pois continuei professor da UPF, lecionei para trinta e três turmas e fui homenageado por trinta e duas. Ajudo o meu partido. Convenci o São Vicente a fazer o posto de atendimento do Hospital Municipal.

APL – E o nível da Medicina praticada em Passo Fundo?

Rudah Jorge - O conceito, em Porto Alegre, é de que Passo Fundo é a cidade que menos manda paciente para lá. Mandamos grandes queimados, porque o SUS paga pouco por grande queimado, o que dá um prejuízo desgraçado. Para esse tipo de paciente há três UTIs: duas em Porto Alegre e uma em Rio Grande, por causa dos navios. Incêndio em navio, ou morre queimado ou morre afogado. Em Passo Fundo, temos em média um caso de grande queimado por mês. Mandamos cirurgia cardíaca pediátrica, que é muito cara, mas queremos parar de mandar. Estamos terminando de montar um centro de atendimento da mama. O negócio é fazer o diagnóstico o quanto antes. Estamos com o equipamento comprado. Nosso primeiro aparelho de tomografia computadorizada, adquirido há vinte e cinco anos, era de um corte por segundo. Temos um de 128 cortes por minuto. Só existe um no Brasil e está no São Vicente. Ressonância magnética, temos o mais moderno do mundo. Todo diagnóstico começa com o médico que para fazê-lo tem de ouvir o paciente.

Nosso setor de Neurologia é de alto padrão, mas nossa maior referência é a Cardiologia, embora a Cardiologia Clínica seja mal remunerada. A Traumatologia e a Ortopedia são muito boas, a maioria dos nossos profissionais têm cursos no exterior. A Oftalmologia e a Otorrinolaringologia ainda são fracas. Todas as coisas têm de começar bem feitas. Os oftalmologistas antigos não estavam suficientemente preparados. Fizemos uma residência médica no Hospital São Vicente, a fim de melhorar a qualidade do atendimento oftalmológico.



A Pediatria é uma especialidade em extinção, pois quando eu vim para cá, a média era de dez consultas pagas por dia. Hoje, quando ocorre uma paga por semana, os pediatras ficam contentes. Além disso, hoje, o médico é mal pago.

Para nós, médicos, é ruim errar um diagnóstico. Quando pagavam, lembravam o nome do médico.

A medicina e a política são duas senhoras invejosas. Uma tem inveja da outra. Ou faz medicina ou faz política. Elas querem exclusividade. O que não se pode é parar de fazer Medicina. Tem de continuar fazendo, mas fazendo direito.

APL – Como é ser Diretor Médico de um hospital como o São Vicente?

Rudah Jorge - Muitos dizem que o Rudah é um ditador. Ele manda no hospital. O mandato do diretor é o mesmo da diretoria, podendo ser reconduzido. A cada mudança de diretoria ele entrega uma carta de demissão. Se eles desejam que continue, lavram uma ata. O cargo é cobiçado pelo poder que dá. Agora, para ser diretor de um hospital é preciso algumas condições. A primeira delas: não ter rabo preso. A segunda: não abrir exceção. Acharam que eu abriria exceção para o meu filho, e não abri. A terceira: eu estou diretor médico, mas enquanto eu estiver, eu

sou. A quarta: não posso olhar com os meus olhos; tenho de usar os olhos do hospital. Tenho de ver o que é bom para o hospital. Quinta condição: é bom nem falar quanto eu ganho. Quando entrei, o Estatuto dizia que o trabalho era gratuito. Depois de vinte anos é que passei a ser remunerado.

APL – O Senhor não tem medo de expressar sua opinião. Como definiria alguns “grandes” políticos passo-fundenses?

Rudah Jorge - Em honestidade: Wolmar Salton. Em liderança: o que mais influenciou foi também o Salton. Outro cara que teve muita importância: César Santos. O Coronel Edu Azambuja só sabia tocar gaita. O Airton Dipp é muito inteligente. Ele pega as coisas no ar. Nesse assunto da Faculdade de Medicina Federal, colocou-se como um estadista.

APL – A Faculdade de Medicina Federal, o que significará para Passo Fundo?

Rudah Jorge - Não é só a Faculdade de Medicina. A Medicina é um curso-base da saúde, e o será também para a Universidade Federal de Passo Fundo, pois virão, a seguir, outros cursos superiores nessa área. ■

Entender

Não entendo as razões
das cercanias estarem
além do composto

digo o desentendimento
fujo arcabouços
levo moedas
troco passos

desmedido em distâncias
permaneço breve
arauto do desencontro

pio
grasno
lato senso
espero o silêncio
tumultuar aquele que dorme
o sonho injusto em pesadelos

planto batatas
colho ervas danificadas
no espanto da produção
inelástica do produto

escada e porta
a mecanicidade do elevador
leva o corpo
ao sacrifício dos altares:

descubro antes do tempo
a sua inexistência
quedo-me ausências
e ao inconstituido
digo palavras desprovidas

não me interesso pelo
pote deixado ao lado
do poço: profundezas
alegam frios e opacidades
de águas disparadas
em fugas: o animal
habita a escuridão
e sabe ser a luz
o conseguente
da fração
arrisco-me em visões
diuturnas e socorro-me
de haveres diurnos

a palavra nega o significado
da distância: ondas de rádio
afogam frequências
em mulheres catatônicas.

O aposto explica a maledicência
interposta: a cólera na ira
da calmaria da floresta
inacabada em concretizações
e árvores petrificadas

muito depois se assim digo
venderia as árvores em fatias
afinadas ao despropósito

saber do passado inibe o gosto
pelo mistério: desvenda a recriação
do espaço em revolveres

não entendo a saliência da palavra
relacionada ao gesto

a contemplação ilusória
amiudada em horários
e o trabalho repete
salários e benefícios.

A mulher desinibe o corpo
em desnudares e oferece
ao companheiro a incerteza
da entrega: pegar ou largar

alargo o sorriso esboçado
no acompanhamento: o vinho
entinta a boca
em violácea forma
de permanência

a nudez não castigada
interrompe o calvário

ávido em interesses
amesquinha a conquista
do inconfessável.

Ainda sobre a construção da liberdade

GETULIO VARGAS ZAUZA

No número dez da revista “Água da Fonte”, tratei de maneira sintética o tema acima. Vimos, baseados no que se encontra na “Sagrada Escritura” (Bíblia), que o primeiro ato humano de desobediência à lei divina foi induzido por Lúcifer.

Ora, não se pode supor que esse ato não estivesse já determinado, digamos, no projeto da criação. Admitido isso, o ser humano estaria predestinado a ser livre. Depois, ainda encontramos no Evangelho (Jo, 8-32) a frase: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará”. É o próprio Jesus Cristo que proclama a liberdade indicadora de que o Homem, realmente, poderia vir a ser livre. A partir desse momento, ficou estatuída a ideia da liberdade.

Sob certos aspectos, nós hoje gozamos um tanto de liberdade. E esse fato cria a possibilidade do erro, como também as consequências advindas dele, pois, evidentemente, não se trata de um castigo imposto por um criador, uma vez que somente o homem pode castigar, já que castigo envolve sentimento de vingança.

Ora, não se diga agora que, quando alguém comete uma falta, merece castigo. Merece, sim, ser auxiliado a realizar um processo de correção da sua conduta, uma vez que a educação propriamente não foi realizada. E ainda, muito menos deve ser castigada uma criança. Ela deve ser orientada adequadamente. Para tanto, é necessário que sejam investigadas as causas do comportamento considerado incorreto, as quais muitas vezes se encontram nos adultos e suas condutas. Um comportamento realmente inadequado, quer numa criança, quer num adulto, pode ser motivado por uma doença ou anomalia, de ordem genética ou congênita, ou ainda por anóxia perinatal, devida ao mau atendimento no parto. E até por uma fatalidade, quando o feto

aspira líquido amniótico, ao nascer por meio de cesariana.

Citei, levemente, algumas das situações, que podem levar uma criança ou um adulto a não ter condições de fruir o grau de liberdade ao qual já chegamos, com imensos esforços e sacrifícios.

Por muito que já tenhamos conseguido, tudo não passa, praticamente, de uma liberdade mais direcionada aos aspectos da vida, e da relação com o outro, seja este outro o mundo físico ou o ser humano. Essa liberdade, já, é ofertada quase gratuitamente àquelas que vêm nascendo depois de nós. Inclusive este, que está escrevendo o presente texto, desfruta neste momento do que foi construído pelos que lutaram antes.

Na relação com o outro, a liberdade já está construída, embora não totalmente, pois ainda há uma tendência, remanescente em muitos, de exercer domínio sobre seu semelhante. E é bom que se reflita seriamente, porque vivemos uma época crítica, de transição, em que as formas e os meios, de exercer domínio sobre as consciências, são as mais demoniacamente sofisticadas e a tal ponto, que se tornou difícil discernir e reconhecer as grandes ilusões. Embora elas estejam em toda parte. Praticamente, não existe uma atividade ou instituição, seja qual for o seu nome, onde o engano, a ilusão e a mentira não estejam infiltrados.

O problema é de tal monta, que à primeira vista, parece não ter solução. Mas isso só aparentemente. A solução existe, embora não seja fácil. Pois há uma exigência que poucos estão dispostos a atender. Ela se compõe basicamente de dois fatores, os quais precisam ser tratados em ação simultânea. São eles: autoconhecimento e escolagem do pensar dois instrumentos absolutamente indispensáveis, sem os quais não se consegue sair da teia do nosso condicionamento.

Com o hábito de pensar ainda vigente não se consegue enxergar além do pró-

prio umbigo. E o dramático, neste caso, é que mesmo os cientistas, os teólogos e os que se consideram filósofos pensam do mesmo modo, sempre baseados nessa forma de pensar adquirida pelo hábito. Não existe uma escola onde se aprenda a pensar!

Nos próximos passos, a fim de não permanecer no lugar comum de teorizar sobre o que e como já foi escrito e dito pelos autores, passarei a relatar, sumariamente, minha trajetória pessoal, no que diz respeito à construção da liberdade.

Nasci e vivi minha infância e parte da adolescência, numa família de agricultores. Tive todo o espaço físico livre para crescer, entre muitas coisas que ofereciam perigo como as serpentes venenosas. Circulava entre diversos tipos de animais que viviam soltos. Desde pequeno, andava pelos matos, capoeiras, e campos. Sofri quedas de árvores, de cavalos e tantas coisas mais. Nunca fui advertido, muito menos repreendido.

Eu era uma criança disposta a colaborar e mesmo a realizar tarefas, sem que alguém precisasse dar-me ordem. Nunca recebi ordens de ninguém. Nem recebi recomendações sobre como deveria comportar-me, e o que devia fazer ou não.

Se isso era liberdade ou outra coisa semelhante, nunca me interessou. O fato é que sempre me senti livre e sem precisar dar explicações sobre o que havia feito.

Ordenação e disciplina só vim a conhecer com doze anos de idade, quando fui para a cidade estudar no curso primário, que foi realizado em três anos. Foi o primeiro impacto.

Durante esse período, minha família inventou que eu deveria ser crismado, não sei por que razão, uma vez que não havia recebido nenhuma orientação religiosa. Para tanto, seria necessário uma preparação, e foi assim que fui parar na igreja e tive que aprender o catecismo. Só então fiquei sabendo que havia coisas que eram consideradas pecados.



Foi nessas condições que entrei pela primeira vez numa igreja, e conheci o Pe. Assis, um cearense alegre, simpático e culto, de quem me tornei amigo.

Quando chegou a hora do Crisma, eu deveria confessar os meus pecados. No confessorário, eu simplesmente disse: “Pe. Assis, eu não tenho pecados para confessar!” Ele riu e respondeu: “Está bem, podes ir!”.

Durante os três anos em que frequentei regularmente as missas dominicais, não porque a religião me interessasse, mas pela beleza dos vitrais, das estátuas dos santos, pela sonoridade das palavras em latim, pela música sacra cantada e acompanhada pelo som do harmônio, e, particularmente, pelo ritual todo da missa! Na parte da tarde, havia uma reunião com a participação de outros jovens (meninos), quando o padre contava histórias bonitas da bíblia, e explicava o sentido do texto que ele lera durante a missa.

Interessava-me por tudo que ali acontecia, sobretudo no aspecto estético e cultural, pois que, na cidade, a única pessoa culta e disponível era o Pe. Assis, embora naquela idade eu não soubesse conceituar isso.

Um segundo momento significativo, e relacionado com liberdade, aconteceu quando ingressei na vida militar como recruta, na Força Aérea brasileira, com apenas dezesseis anos, tendo que permanecer quatro meses confinado no recinto da Escola de Aeronáutica. Foi no campo dos Afonsos, bairro Marechal Hermes/Rio de Janeiro. Fui para lá, quando meu irmão era Segundo Tenente do Exército, havendo retornado da Itália, onde participara como voluntário, Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Fui incorporado em junho de 1946, exatamente no dia três. No dia seguinte, recebemos todos os pertences regulamentares, incluídos dois livros com as instruções que deveríamos conhecer a risca, e cujos conteúdos levavam os títulos: “Regulamento Interno de Serviços Gerais (RISG)” e “Regulamento Disciplinar da Aeronáutica (RDAER)”.

Eu ingressei na Força Aérea Brasileira, primeiro, por que me aceitaram com dezesseis anos, e segundo, por ser o único caminho viável para atingir meu objetivo, que era estudar. Enquanto os colegas de turma reclamavam, por terem de permanecer quatro meses reclusos, sem comunicação com os familiares, e ainda sujeitando-se a uma disciplina rigorosa, como estava expressa nos

livros eu, não sei explicar como, resolvi estudar o conteúdo aqueles livros, chegando ao entendimento de que não precisaria considerar aquelas exigências todas, que constituíam um absurdo, um jugo externo exercido sobre mim. Além disso, as exigências atigiam todos nós, desde os recrutas até os mais graduados, uma vez que todos os seres humanos estão sujeitos a leis, que transcendem sua vontade e até mesmo o entendimento comum.

Foi dessa maneira que consegui superar a ideia de jugo e inferioridade, pois não existe ninguém soberano e absoluto, e só há uma maneira de se alcançar a liberdade: conhecer os princípios e agir em harmonia com eles.

Minha relação com a questão da liberdade estava resolvida, no tocante ao jugo, de origem externa.

Em 1948, ingressei na Escola Técnica de Aviação em São Paulo. Lá permaneci até o fim de 1949 (em regime de internato, com saídas nos fins de semana), quando concluí o curso de Sargento Especialista em eletrônica. Como obtive o primeiro lugar, recebi a oportunidade de escolher, para trabalhar, uma das cinco capitais onde havia sede de um comando aéreo (na época se chamava “zona aérea”). Escolhi o Rio de Janeiro, onde cheguei em 1950.

Durante os meses de janeiro e fevereiro, dediquei-me apenas ao trabalho (das 12 às 18 horas) bem como ao lazer e à leitura. A partir de março, organizei minha vida, com horários destinados a determinadas atividades: trabalho, estudo, lazer, leituras e reflexão.

Como minha instrução se restringisse ao ensino do primário, realizei o curso ginásial em um ano, pelo Artigo 91. Uma vez concluída essa etapa, ingressei no curso científico que, na época, ministrava a disciplina de Filosofia. Eu já havia feito contato com esse assunto durante o ano anterior. Meu primeiro autor foi Platão (A Apologia de Sócrates). Fiquei fascinado por sua personalidade. Já nesse tempo havia tomado conhecimento de outros autores, e conheci, por meio de uma amiga, a obra de Krisnamurti. Passei a frequentar reuniões de estudo desse autor. Dessas reuniões participavam pessoas de toda orientação de pensamento, possuidoras de formação universitária, e vários com concepções esotéricas, como a Teosofia, por exemplo. Também fiz amizade com um arquiteto, que participava de outra entidade, em que iniciava estudos e exercícios para desenvolvimento psíquico, concentração e meditação. Esse amigo me ensinou vários exercícios que me foram muito úteis no futuro.

Ao mesmo tempo, interessei-me pela psicanálise, graças a indicações que me foram dadas pelo professor Ney, Doutor em Filosofia e Psicologia, pela Universidade de Sorbone, em Paris. Através de suas explicações, fui tomando contato com esse ramo do conhecimento. Como encontrei um livro sobre Psicanálise, escrito por um dos primeiros psicanalistas do Brasil, o qual ensinava como aplicar as técnicas num processo de auto análise, passei a realizar a auto aplicação das referidas técnicas, mais os exercícios, anteriormente mencionados. E fui descobrindo os segredos da minha psique.

A essa altura, eu estava apto para ingressar no terceiro estágio da construção da liberdade. Agora se tratava não de uma liberdade com relação ao mundo exterior, pois ia enfrentar o encontro comigo mesmo.

Este estágio é compreensivelmente o mais difícil, muito poucos se dispõem a realizá-lo. Trata-se de entrar numa relação com as pulsões internas, que quase sempre se impõem a nós como um jugo interno indomável. São as coisas relativas à vida dos sentimentos e das sensações, dos desejos e das cobiças, etc. Foi então que descobri a forma de relacionar-se com esses impulsos, sem luta, sem violentar-se, para evitar a consecução do impulso.

A questão é que tudo o que acontece no mundo físico está sujeito à lei da temporalidade e, por conseguinte, tem um ciclo de existência. Tem um vir a ser, um estágio de ser e, finalmente, o que deve ser, ou fenecer, quando se conclui e desaparece.

A partir daí, desenvolvi a técnica de construção da liberdade interior e, mais tarde, apliquei esse conhecimento como método de psicoterapia, o qual se encontra no meu livro “Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva”. Ainda escrevi um poema que descreve, em linhas gerais, como se processa a libertação dos impulsos retidos no inconsciente. É um trabalho de auto-conhecimento, cujo título é: Nosce te Ipson (conhece-te a ti mesmo). Esse poema também faz parte do livro “Divã, Lágrimas e Libertação”.



(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Email para contato: aiesazauza@hotmail.com.)



Escrever com Estilo: CARTAS

TÂNIA DU BOIS

“Escrever é partilhar. Partilhar ideias e impressões.” (Jorge Xerxes)

A carta é um meio de expor ideias em palavras, através da emoção. É a comunicação escrita no tom da voz, com sentimento que se forma e se manifesta através do fato, o acontecimento que provocou. Vera Casanova questiona: “...O que move esse escrever? / O silêncio das coisas, / Os objetos a nos dizerem seus risos e dores / O sopro que anima as veias das palavras. / Que posso eu dizer das coisas que faço?”

O estilo no escrever cartas é produto da cultura, ou seja, do desenvolvimento da consciência em que, naturalmente, se forma em prosa. A palavra reflete na frase a emoção, o pensamento define e busca certo dizer, mesmo que de forma sistematicamente desordenada. Cartas são pequenos parágrafos confidenciais, como encontramos no trecho da carta de Otávio Paz a Gerardo Mello Mourão -1999: “Sua poesia não só me revelou uma paisagem humana e verbal, como também me levou ao desejo de conhecer sua prosa...”, e de Otávio Paz a Emir Rodriguez Monegal (19/04/1967): “Caro Emir: Respondo a sua última carta... Não, não posso mandar-lhe nada para o número sobre erotismo. Desde vários anos penso escrever um pequeno livro (ou seja: um ensaio longo) sobre o amor (o que não é, para mim, o mesmo que erotismo)...”

Escrever cartas é atitude pessoal; desafio e consolo para muitos. Respondê-las é buscar o próprio caminho como necessidade de se realizar. Sentir prazer ao optar pelo papel como intermediário. Como na carta de 05 de julho de 1914, de Sá Carneiro, “Admirável o que hoje me chegou do Álvaro de Campos. Não me entusiasma tanto como a primeira ode...A ode de hoje é admirável, portanto, belíssima - ...”

Cartas são escritas em vários tons: alegres, desesperados, pedintes, amorosos, entre tantos, no sentido de que a carta é instrumento para expor os sentimentos. Ela é marcada pela espontaneidade refletida como harmonia natural da alma que (de)libera a mente através das palavras; assim, na carta recebida por Lya Luft, de seu amado, em 1991, “Se eu te ajudar a crescer / isso tornará minha vida importante / e lhe dará sentido enfim.”

A troca de cartas com alguém é atitude íntima e por vezes ousada. Através dela obtemos o prazer de estar a par dos assuntos pessoais, como em Verônica Aroucha, “...meu papel está em branco/ esperando a tua carta de amor./Grande, imensa, monstruosa. /...A folha ficará em branco / estarei aqui no porto – sentada esperando – .../ Uma carta...”

As cartas têm passado, mas continuam vigorando no presente. De fato, apesar da tecnologia, continuam com o mesmo valor. Em geral, atendem aos anseios e desejos de cada um. É questão inevitável, quando se conhece a importância de receber uma carta. Mário Faustino sobre o seu único livro publicado em vida, *O Homem e sua Hora*, em carta para Benedito Nunes, adverte: “Se publicares,

cuidadíssimo com a pontuação. Além das iniciais maiúsculas dos primeiros versos e dos problemas de pontuação, esta primeira versão é diferente daquela publicada no livro.”

Cada carta produz ensejos, segundo Pedro Du Bois, “Escrevo o que não falo / escrevo o que não digo / escrevo o que não mostro / escrevo o que não aparece // escrevo sobre meus segredos / minhas lutas / minhas limitações / meus cantos...”. Não há o que não se possa escrever numa carta, desde que seja a representação de nós mesmos, como em Jorge Elias Neto, no poema *Carta de um jovem ao poeta Nietzsche*.

Reconheço que escrever cartas hoje é atividade pouco incentivada, mas não descartada, até porque ela oferece espaço para a expressão autêntica, movida pelo desejo de preencher os próprios buracos afetivos. Portanto, a resistência em escrever cartas, nos padrões atuais, se dá pela falta de tempo e pelo mundo virtual, que tenta substituí-la em redes sociais e através de mensagens eletrônicas. Horácio Costa disse: “...Escrevo e o rio em mim se banha”.

Não há dúvidas de que a carta sinaliza o modo de vida convencional, que contribui, fortalece uma relação e, ao mesmo tempo, propõe buscar essa transformação em nós mesmos, como em Carlos Nejar, “Aventura humana: a esperança //... A chegada de uma carta...”

(Tânia Du Bois, Professora, Bibliotecária, Editora da Poesia de Pedro Du Bois, escreve em Vidrágua, Recanto das Letras, Jornais Catarinenses e em A Revista, de Balneário Camboriú/SC.)



Agricultura brasileira, de Getúlio a Dilma

ELMAR LUIZ FLOSS

Ultimamente, começam a aparecer ensaios, com a finalidade de mostrar a evolução e a importância do agronegócio brasileiro, nos últimos anos. Comemora-se os 60 anos da morte de Getúlio Vargas, e as principais realizações de seu longo governo ditatorial, já que, em 1930, quando assumiu o poder, a população brasileira era predominantemente rural (83%). Produzia alimentos para si e para outros 17% da população, que vivia nas cidades. O Brasil tinha no café a grande cultura econômica e geradora de divisas. Mas importava alimentos básicos, até mesmo seus pratos típicos. O arroz (da Ásia) e feijão (do México, América Central e até mesmo dos Estados Unidos), além do trigo (dos EUA e Canadá) e leite (da Europa), dentre outros. Teve até que mandar queimar milhões de sacas de café, para melhorar os preços no mercado internacional. E, no final de seu governo, surgiu a ferrugem do café, que dizimou as cafezais da Bahia, do Rio de Janeiro e parte de São Paulo.

Além das inúmeras iniciativas na área social, Getúlio Vargas é lembrado pelo início da industrialização no Brasil. Além do populismo, carregava também o forte discurso nacionalista. Mas o Brasil não tinha tecnologia e equipamentos. Na verdade, transferiu indústrias têxteis e mecânicas de sua matriz para o Brasil. Um custo elevadíssimo e o início do histórico endividamento brasileiro. Então,

preocupado com a crescente importação de alimentos, criou inúmeras Estações de Pesquisa Agropecuária pelo Brasil. No RS, a principal missão era desenvolver o cultura do trigo.

Depois veio o governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira. O mineiro que não se conformava com que apenas o café sustentasse a economia brasileira. Seu projeto de governo era “avançar 50 anos em cinco”. Investiu na industrialização mas viu que dependia do desenvolvimento tecnológico. Por isso incentivou a criação de Universidades, e criou o Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPQ). Forneceu bolsas de pesquisa, para que brasileiros fossem cursar pós-graduação no exterior. Pôs em prática o projeto de transferência da Capital Federal, do Rio Janeiro, para o Centro-Oeste, construindo Brasília. O Brasil não poderia continuar sendo somente litorâneo, dando as costas para seu interior. Certamente, se Brasília não fosse construída, não teríamos tido o desenvolvimento tão pujante do Agronegócio, no Centro-Oeste brasileiro, e até mesmo no Norte e Nordeste. Já se fala que essa é a segunda “Revolução verde” da humanidade.

Até a década de 70, a situação da segurança alimentar não se resolveu. Com a industrialização, aumentava cada vez mais a população urbana, e havia cada vez menos produtores de alimentos. O Brasil se tornava um dos maiores importadores nessa área. No final da década de 60, o então Ministro da Agricultura, o gaúcho e Eng. Agr. Luiz Fernando Cirne

Lima, decidiu por uma reformulação da pesquisa agropecuária brasileira, que era inoperante. Propôs a criação da Embrapa. Mas, infelizmente, poucas semanas depois, desentendeu-se com a área econômica e renunciou ao cargo. Em 1974, o Ministro da Agricultura, Eng. Agr. Alysso Paulinelli, retomou o projeto e implantou a Embrapa, como instituição pública de coordenação da política nacional em pesquisa agropecuária. Era outro mineiro inconformado com o fato de que, praticamente, o café financiava as importações de alimentos básicos, em quantidade crescente, pelo aumento da população urbana. Ao longo dos anos, milhares de pesquisadores foram treinados no exterior, para trazer as mais modernas tecnologias agropecuárias ao Brasil. Além da pesquisa na Embrapa, houve um desenvolvimento da pesquisa em Universidades, em função dos cursos de mestrado e doutorado. Grandes empresas privadas de pesquisa foram criadas no Brasil ou vieram do exterior, especialmente depois de aprovada (com atraso) a Lei de Proteção de Cultivares. Hoje, as empresas privadas dominam o mercado genético nas grandes culturas, contribuindo, significativamente, com o aumento do rendimento das culturas, a difusão de tecnologias de manejo e desenvolvimento de máquinas, equipamentos e insumos. Aliada a outras políticas de crédito rural e infra-estrutura, a produção brasileira de grãos começa a aumentar.

Dos anos 1960 até 2012, o agronegócio passou por várias revoluções tecno-



lógicas. Destaque-se o melhoramento genético (criando novos cultivares de maior potencial de rendimento, e adaptados às diferentes regiões fisiográficas); a calagem, que transformou solos ácidos em solos altamente produtivos); a implantação do sistema plantio-direto (redução da erosão, do gasto de óleo diesel, de máquinas, equipamentos e mão-de-obra, de melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, uma prática verdadeiramente conservacionista); a maior eficiência no controle de pragas, moléstias e plantas daninhas; a utilização de cultivares transgênicos (a biotecnologia na agricultura); e, atualmente, a agricultura de precisão (a nanotecnologia eletrônica e biológica, na agricultura). Essas “revoluções tecnológicas” garantiram um aumento extraordinário na produção de alimentos, beneficiando os produtores e a população urbana de consumidores.

Em 2012, apenas 17% produz alimentos para si e para mais 83% da população urbana, e com crescentes excedentes exportáveis. Em 1980, a produção brasileira de grãos era de 51 milhões; e na safra de 2011 chegou a 168 milhões de t, um crescimento de 329%. O mesmo aconteceu com a produção de carnes (bovina, suína e de frangos) e de leite. De importador, o Brasil passou a ser um dos maiores exportadores de alimentos, de origem vegetal e animal. Enquanto, em 2011, a balança comercial brasileira de produtos industrializados foi 72 bilhões negativa, o agronegócio gerou um superávit de 77 bilhões. Essas divisas equilibraram a balança comercial e contribuíram para o controle da inflação, causando estabilidade econômica e política ao país.

Até a década de 90, cerca de 40-50% da renda dos trabalhadores estava comprometida com a aquisição de alimentos. Com o aumento do poder aquisitivo, em função do bem sucedido plano real, que controlou a inflação, além da produção abundante e barata de alimentos, o trabalhador hoje não compromete mais que 20% da sua renda com alimentação. Sobra dinheiro para a aquisição de eletrodomésticos, de celular, de carro, de moradia, para o lazer e outros benefícios, que impulsionaram a economia brasileira.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passofundense de Letras.)



O valentão

SUELI GEHLEN FROSI

O pai dele era poderoso! Detestava-o, mas reconhecia nele a força que lhe faltava. Desde pequeno viu aquele homem enorme exalar sua importância, o que preenchia a casa toda. O temor era o que movia sua família.

Tinham todo o era necessário, inclusive dinheiro, mesmo que detido nos bolsos do pai, todos sabiam que havia recursos inesgotáveis neles. O resultado do vai e vem, em sua casa, era muito dinheiro. Roberto sempre soube a origem de tanto dinheiro, o que lhe causava uma ponta de inquietação, afinal, o sistema de segurança de que eram rodeados, coisa cada vez mais sofisticada, deixava implícito que corriam riscos.

Roberto era um menino pequeno, apesar de já ter dezesseis anos. Achava-se bonito. O cabelo era cuidadosamente penteado para cima, o que conseguia com muita pomada e às vezes com gel. Irritava-o o fato de ter que fazer a barba todos os dias, pois achava chato ter que desviar as espinhas que teimavam em aparecer, justamente quando ele menos precisava delas. O pai aprovava sua aparência bem cuidada, mas não sua altura. Muitas vezes mencionara sua falta de estatura, talvez por que fosse filho de outro. A mãe ouvia, protestava um pouco, mas, como sempre, calava-se.

Ao mesmo tempo em que reconhecia a força do pai, via a atitude passiva da mãe como uma afronta a ele, pois Roberto pensava que alguém deveria defendê-lo das ofensas e da fúria do

pai. Ele vivia um paradoxo: não sabia ainda discernir se admirava o pai, ou se o odiava, não sabia se amava a mãe ou se a desprezava. Ao mesmo tempo em que era paparicado por vizinhos, por frequentadores da casa, era detestado na escola. O fascínio que aquele homem violento, seu pai, exercia sobre a família, era fruto do seu tamanho, do tom grave da voz e das surras que distribuía sem dó nem piedade. Os irmãos mais velhos já estavam longe dali, um por que havia morrido, resultado de uma briga, outro por que já tinha mulher e filho. Mas os menores conviviam com a fartura material e o inferno da convivência.

Foi na adolescência que Roberto descobriu que poderia ser poderoso também, graças à fama do pai. O futebol deixou de ser uma disputa, para ser uma contenda, onde os outros meninos entregavam o jogo. A compreensão de que ele era uma ameaça, foi algo automático. Todos sabiam de quem ele era filho e como deveriam comportar-se.

Daí em diante, dominar a sala de aula e ameaçar as professoras foi um passo. Havia já três anos que frequentava a mesma série, o que era muito incômodo. Seus colegas, ano a ano, eram menores do que ele, mais chatos e mais amedrontados. Todos sabiam do poder de seu canivete, mesmo que nunca houvesse machucado ninguém. Foi a partir daí que as professoras começaram a incomodar. Chamaram os pais, mas o chamado em forma de bilhete nunca era entregue, afinal ele não era louco a ponto de entregar um incômodo desses aos pais. Aí começaram os telefonemas e a insistência por parte da escola.

Roberto já se considerava um homem e uma das professoras insistia em conversar com ele. Ela tinha uma voz doce, aveludada, mas o perfume era algo que o deixava completamente fora de si. Numa dessas conversas ela pediu-lhe que fizesse um trabalho de pesquisa atrasado. Daria uma chance a ele, desde que o trabalho ficasse bem feito e entregue até o final da semana.

Havia um menino na sala, que ele sabia muito inteligente. Chamava-se Humberto e era frágil e completamente manipulável. Humberto concordou em fazer o trabalho, desde que não falasse mais seu apelido. Ser chamado de orelha era um vexame que Humberto não conseguia mais tolerar. No final de semana o trabalho estava pronto e foi entregue com solenidade. Professora e aluno, frente a frente, um suave perfume no ar e o trabalho de pesquisa, trunfo raro, uma conquista para sair daquela maldita sexta série. O sossego de Roberto durou até segunda-feira, quando foi chamado à direção. Haviam descoberto a fraude. Humberto devia ter contado a alguém, o Orelha maldito. A suspensão não era tão grave quanto a traição do Orelha e a imagem destruída, que ele havia conquistado junto à professora.

Passou pela sala dos professores e a viu. Entendeu o olhar dela. O que viu foi uma pessoa resolvida a ignorá-lo. Percebeu que os anos de uma atitude amistosa e tolerante haviam chegado ao fim. Daí em diante, sua vida virou um inferno, muito parecida com a do seu irmão morto.

A estocada na barriga de Humberto, a imediata vinda da ambulância, a con-

se quente chamada do Conselho Tutelar, resultaram em sua detenção. O Juiz foi implacável. Aplicou-lhe uma medida severa, foi chamado de burro pelo pai, por ter deixado que o apanhassem. Durante o cumprimento da medida disciplinar, tentou por diversas vezes falar com sua professora, mas ela o tratou friamente. A volta de Humberto à escola foi comemorada pelos professores e colegas. Não demorou para que ele notasse as longas conversas da sua professora com aquele menino insuportável. Notou que Laura, sua professora cheirosa, falava com Humberto, o Orelha, frequentemente.

Roberto cercou-se de outros colegas, todos maiores do que o resto da turma, repetentes como ele, e passaram a torturar aquele moleque que não havia aprendido a lição. Chamá-lo de “orelha era pouco”. Houve um dia em que o colocaram dentro da lixeira do corredor, pegaram-no na saída e quase o mataram de pancada.

Humberto não os denunciou, mas todos na escola sabiam de onde vinham as agressões. A professora perfumada nunca mais chamou-o para conversar, mas ele sabia onde ela morava e pretendia conversar com ela fora da escola. Escalou o muro da casa dela, tarde da noite. Era sábado.

Subitamente sentiu uma presença a seu lado e o que viu o deixou assustado, mas não a ponto de perder o controle. O idoso que o abordou, perguntando o que estaria fazendo ali, tinha um aspecto tão inofensivo, que Roberto imediatamente respondeu que só queria tomar água da torneira do jardim. O senhor mandou-o embora, não sem antes proibi-lo de voltar, sem tocar a campainha.

Laura apareceu à porta e reconheceu-o. Seu olhar era de incredulidade, mas não de raiva ou susto. Perguntou ao senhor:

- Querido, o que está acontecendo? E você, Roberto, o que está fazendo aqui?

O rapaz ficou paralisado, pensando em como seria possível aquela linda mulher chamar aquele velho de querido. O que estaria acontecendo?

- Eu vim falar com a senhora, professora! disse Roberto

- Segunda-feira conversamos na escola, está bem, Roberto? falou calmamente Laura.

- Mas, professora...

- Fora daqui, rapaz! – falou energicamente o velho. – Já é muito tarde e seu assunto com minha esposa deve ser tratado na escola.

Roberto fez menção de sair, não sem antes notar o vestidinho que cobria Laura, bem leve, clarinho, tão clarinho que, contra a luz, deixava ver todo o contorno do seu corpo. Sentiu como que um choque, quando entendeu que queria muito aquela mulher, como nunca quisera nada na vida. Sabia que, dali em diante, as meninas dos amassos estariam fora da sua vida e nunca mais teriam uma chance. Nunca mais...

O final de semana foi povoado de sonhos, devaneios, ondas de desejo incontrollável de vê-la, a sua linda professora, a sua Laura. Aquela boba, casada com um velho gagá, com certeza alguém que não via o quanto ela era linda. No domingo à noite, sentia-se doente, inquieto, angustiado. Não sabia se queria que chegasse logo a segunda-feira, ou se sairia à noite mesmo para pular o muro, arrombar a janela e entrar no quarto da sua amada, pegá-la com força e dizer o quanto a amava.

De manhã olhou-se no espelho e lá estava mais uma espinha. Ajeitou o cabelo, passou uma colônia, e passou pela cozinha onde a mãe tomava café. Olhou-a com pena, coitada, tão quieta, tão massacrada pela vida. Decidiu naquele momento que ele sim seria feliz. Não casaria com uma mulher como sua mãe, mas com alguém que fosse doce, que conversasse com delicadeza, que cheirasse bem. Cheirar bem era essencial. Voltou ao quarto, e passou mais um pouco de colônia, conferiu o topete e finalmente saiu.

Na escola foi recebido pela diretora, que percorreu aquela ladainha de sempre, que ele mal ouviu, tal a ansiedade com que aguardava o momento de ver a professora, de sentir-lhe o cheiro, de dizer-lhe tudo o que estava planejando.

Já no corredor, topou com o Orelha, e percebeu um leve sorrisinho de deboche, o que o irritou de forma assustadora. Nunca havia sentido tanta raiva de alguém. Perguntou o porquê do sorriso e o outro, covardemente, saiu correndo e foi para a sala. Roberto seguiu-o, enquanto pensava em uma forma de vingar-se. Esqueceu seus propósitos amorosos, tal a raiva de que era tomado. Combinou com alguns colegas a surra que colocaria Humberto no hospital, de novo.

Na hora da saída, a escola havia-se transformado em um lugar muito frequentado. Estavam estacionadas na frente dela, uma ambulância e uma viatura da polícia. Roberto sentia a mão molhada do sangue do Orelha, aquele

tampinha. Foi levado dali, acompanhado por pessoas que não conhecia e olhado de longe por Laura, banhada em lágrimas. Ele tinha certeza que ela chorava por que ele estava sendo levado dali, nunca por causa do ferimento daquele miserável. Tomara que estivesse morto àquela altura!

Passaram-se dois anos. Roberto saiu do inferno e era um rapagão. Bonito, alto, forte e determinado. Agora, com o pai fora do caminho, os negócios e o dinheiro seriam seus.

A morte do pai não o abalou, nem o estado miserável da mãe, que ia visitá-lo todas as semanas. Saber que alguém matara aquele brutamontes era um alívio.

O rapaz montou um novo esquema para os negócios do pai e era tão temido quanto ele. Todos sabiam que ele era mais violento e mais preparado que o pai.

Os irmãos eram figuras obscuras, por terem puxado à mãe. Roberto sabia que, se o irmão mais velho estivesse vivo, teria que disputar o poder com ele, mas com os outros não havia chance. Dominou o entorno com maestria, tendo como aliado o terror.

Certo dia, mandou investigar o paradeiro da professora Laura. Soube que se mudara, mas não foi difícil conseguir o novo endereço.

Dirigiu-se à casa dela, de caminhonete, gel no cabelo e muito perfumado. Não teria medo de dizer-lhe tudo o que sentia, afinal, agora era um homem rico e alto como seu pai.

Entrou no prédio onde ela morava e tocou a campainha do apartamento. Ela abriu a porta e estava linda, mais linda do que nunca. Ele a abraçou com força, sentiu pela primeira vez aquele corpo junto do seu, quando ela começou a gritar, enlouquecidamente, desesperadamente.

Sem entender muito bem o que estava acontecendo, fez menção de soltá-la, quando sentiu a bala atravessando seu corpo. Foi caindo devagar e ainda pode ver a roda da cadeira do velho. Ele estava sentado, com cara de bobo, mais velho do que nunca, com uma espingarda na mão, aprontando-se para atirar de novo. A última coisa que viu foi o cobertor que cobria as pernas do velho, enquanto outra bala o silenciou.

Passagem

Reviver e recriar,
 Juntar, arrumar e desarrumar.
 Ser uma espectadora atenta
 E, por vezes, desatenta...
 Rumar ao desconhecido,
 Desvendar, através do potezinho do arco-íris
 (e além do arco-íris).
 Vestir fantasias e , com elas,
 Viver outras...
 Ouvir os outros e a mim mesma.
 Prestar atenção aos sinais...
 Eles nos dizem muito.
 Observar com atenção os ruídos
 Da natureza...
 Amar muito e ser amada.
 Assim será importante e proveitosa
 Esta passagem...

Foi ontem?

O ontem e o hoje se encontram no agora,
 registrando parte da nossa história,
 buscando incessantemente o AMANHÃ,
 prosseguindo na bela, desafiadora
 e fantástica jornada da Vida.

E na magia inexorável do tempo,
 parece que o passado, o presente e o futuro se fundem.

Foi ontem???

Marcas!

Na caminhada da vida, muitos passam...
 Uns demoram, outros permanecem
 Como se sempre estivessem!
 Alguns desaparecem...
 Todos têm um significado.
 Outros surgem...
 E, assim, sucessivamente...
 Segue o curso:
 Uns vão, outros vêm,
 Poucos retornam.
 Nada pára, tudo prossegue,
 Ficando a lição e a contribuição
 Daqueles que, não só passaram,
 Mas, marcaram!

Educar nossas emoções

SIMONE MÜLLER CARDOSO

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido”. Charles Chaplin (1889-1977)

Neste início de século, surge a necessidade de uma educação mais voltada à compreensão global da natureza humana, de maneira que se possa auxiliar as pessoas na aquisição de habilidades psicoafetivas, e no aprimoramento da sua personalidade individual, assim contribuindo para um maior aproveitamento do seu potencial de inteligência.

O sistema educativo privilegia as aptidões intelectuais e, muitas vezes, ignora e/ou frustra os saberes e talentos de seus alunos.

A escola deveria encorajar as crianças a desenvolverem uma série de aptidões, inclusive, pessoais. Deveria ensinar a pensar, a observar e a escutar mais, estimulando a curiosidade, a criatividade e a imaginação, aprimorando os seis sentidos de seus alunos: visão, audição, paladar, tato, olfato e intuição, nosso sexto sentido. Essas habilidades parecem simples, mas envolvem um esforço enorme.

As crianças precisam de menos teoria e de mais vivência: de um menor número de aulas expositivas, que trazem somente informações prontas, muitas vezes não aplicáveis na prática, e de uma maior preocupação no desenvolvimento de habilidades que sirvam para sua vida. As pessoas aprendem muito mais umas com as outras, na troca de saberes, por isso as disciplinas devem ser um meio e não o objetivo do ensino.

A preocupação com conteúdos cognitivos e com habilidades como: ler, escrever, tocar um instrumento, desenhar, usar o computador, ir à faculdade, etc., são muito importantes, mas a habilidade de se colocar no lugar do outro, respeitando as diferenças, identificando e lidando positivamente com as próprias emoções, também é.

Informações nós adquirimos em leituras, consultas bibliográficas e cursos,



na internet, na televisão, nos jornais, nas revistas, em palestras e pelo estudo, mas nossa habilidade, de nos relacionar com as pessoas, é algo que construímos somente a partir da vivência cotidiana.

Se olharmos para nossas relações passadas, do que vamos nos lembrar: das palavras que nos disseram ou das atitudes que as pessoas tiveram conosco?

As pessoas podem esquecer das nossas palavras, mas jamais se esquecerão dos nossos gestos, de como as tratamos e do que sentiram. Apesar de as palavras serem dotadas de energia e vibração, são os gestos e as atitudes que ficam registrados mentalmente na nossa memória. A palavra é uma simples coadjuvante do gesto.

As pessoas estão desconectadas de sentimentos e valores mais profundos. O que sustenta o ser humano é a fé, não a fé atrelada a religiões e a igrejas, mas a fé em algo ou alguém superior, a fé na possibilidade que abre uma perspectiva de vida, a fé em si mesmo e nos outros.

Estatísticas apontam a um aumento dos quadros de depressão e violência. Esta última está intimamente relacionada com a incapacidade de as pessoas lidarem com as próprias emoções. Pouca atenção tem sido dispensada às causas subjetivas da violência, que são as mágoas, os ódios, os rancores e os desejos de vingança acumulados – emoções básicas do ser humano – que, se não trabalhadas, explodem. A crise da sociedade moderna está ligada à crise de sentido para a vida, à ausência de sentimentos,

de virtudes, de valores humanos.

A intolerância, o preconceito, a urgência, a pressa e o medo nos levam a agir sob impulso, sem análise e reflexão, o que nos distancia mais e mais das outras pessoas. Trabalhamos para consumir, para acumular e não para desfrutar. Vivemos “correndo atrás do dinheiro” e de bens materiais. Não nos preocupamos com o meio ambiente, a comunidade, o planeta e a sustentabilidade. Não prestamos atenção aos pequenos detalhes à nossa volta. Deixamos de exercitar o diálogo com nossas emoções e com nossa família. As pessoas emocionalmente competentes, levam em consideração os próprios sentimentos e os sentimentos dos outros.

Vivemos num processo contínuo e interminável de construção e desconstrução, e também de refinamento. Como um poema ou uma obra de arte, o lado emocional necessita de “lapidação”, de aprimoramento.

A melhor maneira de melhorar as relações entre as pessoas é por meio de uma educação mais emocional, que pressupõe o cultivo de valores, virtudes, emoções e sentimentos. Somente por meio dela poderemos construir uma sociedade mais equilibrada.

(Simone Müller Cardoso é psicóloga, especialista em Psicologia Clínica, Psicologia Escolar e Psicopedagogia. É natural de Passo Fundo e reside atualmente em Caxias do Sul. Trabalha na Prefeitura Municipal de Montenegro. Tem dois livros editados: Uma Gota de Vida (poesias, 1982), prefaciado por Mario Quintana; e Um Olhar para Dentro: examinando nossas relações (ensaio de Psicologia, 2011), de onde foi extraído o texto acima).

Um leitor a menos

GILBERTO R. CUNHA

Foi nas páginas do Diário da Manhã, edição de 21 e 22 de janeiro de 2012 (sábado e domingo), que, circunstancialmente, no início da noite da terça-feira seguinte (24), enquanto aguardava a vez de cortar meus cabelos no salão do Elton, na Rua XV de Novembro, deparei-me com o insólito convite para a missa de 7º dia do Sr. Vidal Corá. A singularidade desse nome (bem provável que não existia outro igual em Passo Fundo), fez, de pronto, que eu me lembrasse de um senhor de aparência tranquila, o qual, com a serenidade conferida pelos anos vividos, um dia, no corredor de um supermercado local, perguntou se eu era o Gilberto Cunha. Diante da resposta afirmativa, disse ser leitor assíduo e apreciador das colunas que eu escrevia no jornal O Nacional, além de tecer outros comentários amáveis que, no dia a dia de quem escreve, sem outra pretensão que não seja ser lido, são detalhes gratificantes.

Nas feiras do livro de 2009 e 2011, lancei, respectivamente, os livros “Galileu é meu pesadelo” e “A ciência como ela é...”. Nas sessões de autógrafos, ele foi o primeiro da fila. Em ambas, quando eu cheguei, ele já estava lá com o seu exemplar na mão, gentil e discreto como sempre.

Um escritor de poucos leitores consegue identificar, praticamente pelo nome, e ser grato ao seu público fiel. Em outra meia dúzia de ocasiões, trocamos cumprimentos em encontros fugazes, por locais públicos da cidade. A última vez foi na sexta-feira, 6 de janeiro de

2012, na Estação Rodoviária de Passo Fundo. No meio da tarde daquele dia, fui acompanhar meu filho, que embarcava às 15 h para Porto Alegre. Na plataforma de embarque, encontrei o Sr. Vidal Corá e esposa que, casualmente, também tomariam o mesmo ônibus para a capital. Nesse ínterim, conversamos um pouco e eu lhe prometi uma coleção da revista “Água da Fonte”, editada pela Academia Passo-Fundense de Letras, que deixei, no outro dia, no endereço indicado por ele. Não sei se ele teve tempo de receber o presente, pois desconheço as circunstâncias da sua morte. Lembro de ele ter comentado, ainda na rodoviária, antes da despedida, que havia estado no Paraná recentemente e, algo enigmático, que “ia fazer mais um passeio, enquanto a saúde permitia”.

Essa coluna é o meu tributo de escritor ao leitor Vidal Corá. Sei e reconheço que o ato da escrita, por mais árduo que aparente ser, nunca é igual ao ato da leitura. Escrever pode ser mera obrigação profissional, ou simplesmente para cumprir o prazo de fechamento da edição de O Nacional, por exemplo, como fiz ao longo de muitos anos. A leitura, nesse caso concreto de Vidal Corá, em relação ao colunista Gilberto Cunha, é do tipo voluntária, resignada, sem qualquer obrigatoriedade em si mesma, portanto, algo nobre e digno de respeito. Idolatra-se o escritor e se esquece o leitor, como sói acontecer. Sou consciente disso, pois escrevo, profissionalmente, como pesquisador da Embrapa, e, voluntariamente, por satisfação e desafio pessoal, para alguns jornais e revistas de divulgação científica. Antes de qualquer coisa, sou um leitor que, além das ciên-

cias agrárias, cuja atuação profissional exige leituras nem sempre agradáveis, escolho, deliberadamente, obras e autores para serem lidos ou não.

O assunto escolhido, quando sentei diante do computador para escrever, era para ser sobre “Voodoo Science”, na aceção do caminho pavimentado para a estultice e a fraude na prática científica, conforme estabeleceu o físico Robert Park, em obra homônima. Deixei para outra ocasião. O inusitado fez com que o texto tomasse outro rumo. Embora nunca tivesse convivido com o Sr. Vidal Corá, fato que não me credencia para dizer qualquer coisa, até por completo desconhecimento, em relação à sua pessoa, rendo, nesta coluna, meus respeitos à esposa Maria de Lurdes, ao filho Marco e aos demais familiares, reafirmando que os elogios dele, pela sinceridade que transpareciam, sempre me fizeram muito bem.

O tema nos conduz à reflexão sobre duas datas aparentemente abstratas, nascimento e morte, sobre as quais não exercemos ingerência maior. A primeira, inquestionavelmente, não depende de nós. A segunda, até certa medida, pode contar com a nossa cumplicidade. Mas, como desconhecemos o que sobrevém à morte, sempre fica a esperança borgeana de que se pode viver uma experiência nova. Inclusive, em não havendo nada, isso também pode ser uma experiência nova.

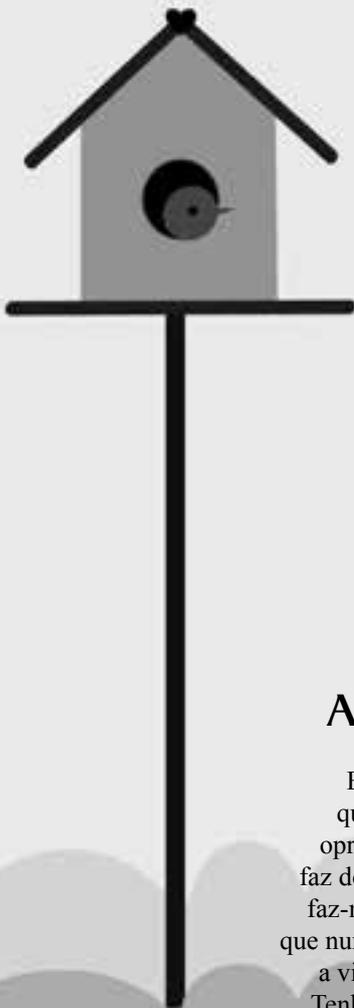
Infelizmente, para concluir, sei que esse texto tem um leitor a menos.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Quando chegar a hora

Quando chegar a hora,
saberei que devo partir
para bem longe daqui,
onde a falta de amigos
e lugares
não me magoarão,
indicando que meu tempo
está quase esgotado.
Sou mais passado que futuro.
Quando chegar a hora,
partirei.
Serei uma ave que pouso
e ninguém saberá por quanto tempo.
Não quero viver só de lembranças,
quero apenas viver
o resto que me resta...



Uma flor especial

Uma flor especial
nasceu nesse vasto mundo,
com perfume,
cor e amor.
Que nasçam
infinidades dessas flores,
com todos os perfumes e cores,
mas com puros amores
para enriquecer o mundo!

Um dia de sol

Vestida,
com os farrapos do tempo
(o que me restou!),
sou fustigada pelo vento,
lacerada pelas rochas,
molhada e atemorizada
pelo temporal.
Com sua voz sumida,
mendigo da vida
um dia de sol esplêndido,
antes de partir para sempre.



Novamente a prece

Jesus,
faço parte de Teu rebanho.
Estou cansada,
perdida, e carente.
Clamo a Teus pés:
carrega-me em Teus ombros
até voltar-me a força,
e junto dos demais
poder andar novamente.

Libertação

Angustiava-me
para alçar voo.
Estava preparada,
mas a impediam,
segurando-lhe as azas.
Um grito ecoou
e ela voou aos céus,
numa ampla liberdade.
E nunca mais pousando na terra...

Angústia

Esta angústia
que me sufoca,
oprime meu peito,
faz doer meu coração,
faz-me compreender
que nunca mais vou viver
a vida que desejei.
Tenho que esconder
a grande vontade de amar!
Há garras que me prendem
à lei da obrigação e do dever.

Cicatrizes

Retiraram do meu corpo
o que se negava a viver.
Marcaram meu ventre
e meus seios,
cicatrizes e cruces de luta
da vida contra a morte.
Da vitória
saí marcada, no corpo e na alma.



Vida nova, casa nova

SUELI GEHLEN FROSI

Peguei meu casaco e saí. Não havia mais condições de permanecer naquela casa que sempre foi minha. Eu a havia idealizado, construído, cuidado e havia dado vida àquelas paredes.

Não podia permitir que uma situação, fora do meu controle, me deixasse naquele estado desesperador. Minha amiga conseguiu seu intento e entrou para a minha vida em definitivo, e eu permiti, ingenuamente, que ela viesse, tomasse um lugar de destaque e ficasse instalada confortavelmente, tanto na casa, quanto se imiscuiu na nossa intimidade.

Sempre fomos amigas, grandes amigas. A morte de seus dois filhos, que seguiram-se à morte do marido, deixaram Ângela em frangalhos. Viu-se sozinha em casa, tomada pela dor, e eu, condoída e solidária, convidei-a a passar alguns dias conosco.

Ela veio, não falava nada, mas ocupou um espaço excessivo, o que incomodou minhas filhas. Encontravam calcinhas, absorventes, compartilhavam xampus, sabonetes e toleraram toalhas molhadas jogadas no banheiro.

Aos poucos ela foi saindo do marasmo, passou a frequentar o consultório

de uma psicóloga e tornou-se uma palpiteira das boas.

Eu tinha meu trabalho doméstico, fazia a comida, arrumava tudo, fazia com que, todas as semanas, a faxineira desse uma geral na casa, coisa que funcionava muito bem.

À tarde eu digitava trabalhos acadêmicos, o que rendia um bom dinheiro para minhas necessidades femininas e eu estava feliz com isso.

Um dia encontrei Ângela sentada ao computador, digitando a uma velocidade incrível e fazendo o meu trabalho com uma eficiência espantosa. Eu andava cansada e achei normal o alívio de delegar alguma coisa a ela, afinal, ela precisava se distrair. Só que ela não parou mais. Não reivindicava dinheiro, não cansava, entretanto, o espaço que era meu passou a ser dela, o trabalho que era meu, ela havia usurpado.

Um dia ela vestiu, distraidamente, meu robe mais bonito, e ele ficou mais bonito nela, reconheço. Pedi que ela o devolvesse, o que fez sem nenhum constrangimento.

Foram dois meses de uma corrida por meu lugar, por minhas coisas, por meus queridos que, encantados, estavam rendidos aos encantos daquela mulher completamente talentosa e encantadora.

Ela mantinha conversas interessan-

tes com as meninas, que a escutavam embevecidas, e passaram a ouvir, de dores de perdas a relatos cada vez mais interessantes, sobre viagens, conquistas, glamour e charme.

A casa agora estava inundada de perfume, de ruídos de saltos altos, de comidas cheirosas que ela preparava para agradar ora um, ora outro. Meu marido era atendido em seus desejos de pastéis de Santa Clara, quindins e guloseimas difíceis e evitadas por mim, dado o trabalho que dão. Estavam todos no céu. As tardes eram preenchidas por idas a shoppings, sacolas, risadas e minhas filhas a tiracolo. Bem que eu tentava fazê-las estudar, adolescentes que eram, mas a sedução da minha amiga era sempre mais forte do que eu.

O marido de Ângela morreria de uma doença hereditária e os filhos herdeiros da moléstia morreram do mesmo jeito, motivo pelo qual ela alardeava que casaria de novo, mas não teria mais filhos, a não ser que o novo marido fizesse exames específicos para detectar possíveis moléstias mortais. Sorte tinha eu, segundo ela, com filhas tão saudáveis e um marido forte e trabalhador.

Um dia, aproveitando a ausência dela, falei à minha família que estava na hora de Ângela arrumar um canto pra ela, para que voltássemos a ter a vida

de antes. Ouvi os protestos óbvios, de que estavam se divertindo, ganhando presentes, comendo iguarias que eles nem conheciam. Falaram inclusive das conversas estimulantes que estavam tendo com a hóspede.

Eu passei a ser a governanta, juntadora das bagunças, espectadora das conversas, mas ser ignorada por todos, eu não podia aguentar. Arranjei um emprego rapidinho, levantava cedo, me arrumava e a casa saiu do meu controle.

Chegava à noite, casa arrumada, jantar servido, e Ângela no comando, coisa comum. Ninguém falava comigo, ninguém perguntava como fora meu dia.

Um dia, ao chegar ao trabalho, soube que houvera intervenção da polícia federal, por questões que não entendi direito, meio ausente que sempre fui e, logo depois, voltei para casa no meio a tarde. Entrei e encontrei a casa impecável e Ângela assistindo TV deitada na minha cama. Ela chorou muito quando a convidei a retirar-se da minha cama, da minha casa, da minha vida. Disse que conseguira, graças ao carinho de todos, recuperar-se das perdas, conquistara duas filhas e morreria sem isso.

Esperei que todos voltassem para casa e relatei o acontecido, sabendo de que Ângela estava deitada e chorando copiosamente.

Todos protestaram e pediram-me que tivesse paciência, afinal ela gastava um bom dinheiro em cosméticos, presentes, agrados. Perguntei se eu deveria fazê-los escolher entre mim e ela. Responderam que eu fizera uma pergunta impossível de responder.

O fato de pegar meu casaco e sair no meio da noite não abalou ninguém. Hospedei-me em um hotel e no outro dia atendi a um telefonema do meu marido. Ele relutou em dizer que seria pai de novo e que eu sempre teria um lugarzinho naquela casa, era só querer voltar.

Hoje sou uma advogada bem sucedida, recebo a visita das minhas filhas, que não suportam mais aquela mulher autoritária, aquela criança malcriada, o xodó do papai e esperam que eu as convide a morar comigo. Meu novo marido não quer compartilhar nossa casa com ninguém. Fazer o quê?

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundese de Letras.)



Maria

Maria da terra,
das mãos calejadas,
do tempo contado
na luz da manhã.
Maria do sol,
das mãos calejadas,
do tempo contado
na cor dos cabelos,
na pele curtida
de muitos verões.
Maria... Maria...
Um grito diria:
Maria morreu!
O grito ecoou
na mata,
no rio.
E os homens do campo,
aves e flores,
choraram Maria,
na estrela da noite,
no brilho do dia.
O rio se aquietou,
um braço alongou,
p'ra receber, num abraço,
o barco trazendo
Maria do Passo.
À beira do rio,
amigos choraram...
Enquanto Maria,
em outras moradas
foi aportar...
Não mais Maria do Passo
e, sim, Maria do Céu,
Maria dos Anjos,
Maria de Deus!



Um Santo na Terra Santa

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Movido pelo impulso religioso, e por outras lições mais que a escola da vida nos propiciou, através dos ensinamentos paternos, empreendi, com um grupo de peregrinos, uma viagem de confirmação desses princípios, a Israel e Portugal.

Tomados de intensa esperança e curiosidade, nos assentamos silenciosos em nossos lugares, guiados pelo Padre Valter Girelli, procedente de Erechim.

Foi no dia 14 de abril de 1996, que partimos do Brasil, em voo com destino a São Paulo, via TAP, rumo a Portugal.

Lá íamos, os romeiros, empurrando as malas nos respectivos carrinhos. Menos o Padre Girelli. Alguém sugeriu-lhe então que ele também se servisse de um carrinho, pois era de graça. Ao que ele prontamente respondeu: Ah é? Como é

que você sabe que sou gringo?

Às dezessete horas rumamos para Lisboa. A informação aérea indicava que viajávamos a 11.300 pés de altitude, nua velocidade de 480 quilômetros por hora, com uma temperatura externa de 61 graus negativos. Foram nove horas e meia de viagem. O grupo já estava bem descontraído, uns dormiam, enquanto outros se mantinham acesos.

Chegamos antes de tudo à terra dos que ocuparam o Brasil há mais de 500 anos, a terra de Camões e de Pedro Álvares Cabral, com uma diferença de quatro horas no fuso horário.

Em Portugal, recebemos orientações do guia Pietro Fanton que diligenciou o encaminhamento de nossos passaportes. E tomamos o rumo de Tel Aviv, em Israel, onde desembarcamos, no dia 15 de abril, uma segunda-feira.

Foi assim que um Santo, oriundo de Passo Fundo/RS, chegou à Terra Santa,

para enfrentar, junto com os demais peregrinos, diferenças de língua, costumes, alimentação, clima e fuso horário. No aeroporto moderno, com ampla segurança, encontramos nossos futuros condutores: o motorista Almir e o guia Jorge, um judeu argentino casado com uma carioca e residindo em Israel.

Aos poucos começamos a entender-nos, e até a reforçar nosso linguajar de viagem, dentro do contexto judaico.

De pronto, seguimos para Haifa, com agradecimentos e orações a São Cristóvão e Nossa Senhora da Boa Viagem. Imploramos a bênção para a nossa peregrinação, para o motorista e para o guia. Subimos então pelo litoral do Mediterrâneo, passamos perto de Cesareia Marítima, deslumbrados com as planícies e suas plantações de trigo, tâmara, laranja, figo, abacate, manga, cacto e oliveira. A diferença do fuso horário correspondia a seis horas.

Ao anoitecer, chegamos em Haifa, que fica no Monte Carmelo. Fomos hospedados no Hotel Stela Maris, das irmãs e frades carmelitas. Como se tratasse de um local citado na bíblia, jantamos e nos reunimos para participar da primeira Missa da viagem, na Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Haifa é uma cidade no norte da Palestina, no golfo do acre, ao sopé do Monte Carmelo. É o principal porto e um dos centros comerciais e industriais mais importantes do novo Estado de Israel, terminal de algumas vias-férreas e de um oleoduto procedente do Iraque. Há refinarias de petróleo, indústria têxtil e eletrotécnica. O país também exporta milho, azeite, sésamo, legumes e outros cereais. Seu nome antigo era Sycaminum.

Já integrados no espírito religioso, a Irmã Erminda apresentou uma mensagem de Atilio Hartmann, em que ele afirma que “as pessoas são presentes do Pai”.

Todos os peregrinos recebemos como lembrança um escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que também foi abençoado.

Depois, enquanto uns foram descansar, fiquei pesquisando com as Irmãs Carmelitas o que poderiam doar, para um museu religioso que, na ocasião, eu estava organizando em Passo Fundo. Minha meta era empolgar padres, capelães e zeladores de cada local, igreja ou capela, a fim de colaborar com doações.

(Observação: Doravante, nesta narrativa, deixarei de usar a 1ª pessoa – eu – e passarei a relatar na 3ª pessoa: o Santo.)

No dia 16, uma terça-feira, todos acordamos cedo. (O fato de não estarmos em nosso fuso horário fez alguns se confundirem!). Depois do café, fomos a campo pesquisar, ver, examinar e ouvir, de nosso guia, a história da localidade: Monte Carmelo, histórico e rico em passagens bíblicas, montanha situada no litoral da Palestina. O monte, coberto de extensa vegetação, é rico em cavernas que abrigaram inúmeros ascetas hebraicos, tais como Elias e Eliseu, e foi o retiro preferido dos primeiros anacoretas cristãos.

O santuário que hoje se ergue nesse monte é a sede da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Carmo.

Apreciamos uma linda visão de Haifa e seu porto. Ela foi fundada há duzentos anos e é o centro mundial da religião Baal.

Os espaços mais importantes visitados durante essa peregrinação, serão descritos no relato que segue.

GRUTA DE ELIAS – Profeta de Israel (século IX a. C.), ressuscitado por Deus para combater o culto a Baal e a impiedade de Jesebel e Acab. Seu nome está ligado a numerosos episódios bíblicos: a seca de três anos, o extermínio dos sacerdotes de Baal, a ressurreição do filho da viúva de Sarepta, a intervenção em favor de Nabot e a assunção do profeta ao céu, num carro de fogo. Segundo Malaquias, deverá voltar à terra antes que venha o grande dia do Salvador. Alguns questionam o tal carro de fogo... – Seria um disco voador?

Concluída a visitação, com todos a bordo, rumamos para Nazaré, passando pelo vale de Zebulon, que tem ao fundo a baixa e a alta Galileia, com suas paisagens lindíssimas. Avistamos ali os primeiros beduínos, pastores que moram em tendas cobertas de lona, cuja aparência é de muita pobreza e vida rústica.

Nesse dia, os judeus rememoravam os mortos da Segunda Guerra Mundial. Num gesto de solidariedade, paramos um instante à margem da estrada, seguindo o costume deles.

Vamos que vamos até chegar a Nazaré. No tempo de Maria Viviam lá mais ou menos 120 pessoas. Foi a cidade da anunciação do anjo à Maria. Lemos e meditamos o texto de Lc 1, 26-38. Marcou-nos o canto: Maria do sim, ensina-me a viver meu sim!

Situada no norte do Estado de Israel, Nazaré é a capital do distrito de Norte e a mais importante cidade da Galileia. Bastante pitoresca, implantada sobre uma colina, a sudeste do lago de Tiberíades, divide-se em bairros gregos, muçulmanos, latinos e judeus. Outrora uma localidade sem maior importância, tornou-se célebre por evocar vários episódios da vida de Jesus. É o lugar onde, segundo o Novo Testamento e a tradição oral, nasceu a Virgem Maria e onde ocorreu a anunciação. Cristo morou lá ao volta do Egito até seu batismo. Na parte norte da cidade, vêem-se as ruínas da sinagoga em que Jesus pregava, a oficina de José e o poço mariano. Segundo a lenda, a casa da Sagrada Família foi transportada, milagrosamente, transportada de Nazaré para Loreto, na Itália.

Neste lugar ocorreu o primeiro problema da nossa viagem. Eis que todos se dirigiram à gruta de José, ao lado da Basílica, enquanto o Santo se desviou do roteiro para procurar o pároco da

Basílica. Ele pretendia reivindicar um lembrança de Nazaré. O grupo se afastou para visitar o jardim e a caverna (casa) onde morou José. Eis que no momento em que o Santo conversava com o pároco, tocou o telefone. Um jornalista da França desejava saber dos últimos distúrbios ocorridos na cidade. E o padre alegava que nada tinha a declarar e que o assunto não era da competência dele. Assim, enquanto o tempo passava, o Santo permanecia ali postado, esperando o padre largar o telefone. Enfim, ao revirar daqui e dali as gavetas da sacristia, o bom homem encontrou um estola e perguntou: “Isto serve?” – “É claro!” – respondeu o Santo, saindo em disparada ao encontro do grupo. Todavia, ao encontrou mais ninguém. Tudo estava silencioso... Ele não falava árabe, nem grego, mas falava vêneto, e o capelão era italiano, por isso se entenderam. Mas agora, o que fazer? Onde estaria o grupo? – O Santo estava perdido em Nazaré! Subiu e desceu tantas vezes os 40 degraus da escada, que acabou cansando. Optou então por observar o local em volta. Presumiu que não iriam deixá-lo justo onde Nossa Senhora nasceu. Junto à calçada encontrou um senhor de meia idade, simpático, vendendo objetos religiosos. Olharam-se mutuamente. Este cara está perdido! – foi o que o homem pensou. E o Santo, por sua vez, dirigiu-se a ele com as palavras: Mi son perso! – O sujeito prontamente entendeu e respondeu: No perso, brasiliani gruta San José! – E indicou o local com o dedo. Como um relâmpago, o Santo seguiu naquela direção e encontrou a turma, que já procurava por ele. Enfim, o encontro. Que alívio e que alegria! Final feliz, sobretudo por ter conseguido a doação que pretendia.

Em seguida, fomos visitar a gruta de José, uma caverna onde a família de Jesus morou e trabalhou, em sua carpintaria.

Continuando o roteiro, visitamos a fonte onde Maria buscava água. No local há hoje uma igreja ortodoxa-grega-oriental.

Ao meio-dia, a fome apertando, almoçamos no restaurante La Fontana di Maria. Satisfeitos e aliviados, nos deslocamos para a primeira visita da tarde: Canaã, antiga cidade da Galileia, na qual, segundo a Bíblia, Jesus Cristo operou seu primeiro milagre, transformando a água em vinho, por ocasião de uma festa de bodas (João 2, 1-11).

Aproveitamos a oportunidade e fize-



mos uma surpresa ao Sr. e Sra. Ângelo Scotà, único casal entre os peregrinos. Eles decidiram renovar o sacramento do matrimônio e convidaram todos os demais como testemunhas.

Novamente, o Santo vasculhava em busca de algo. Recolheu uma porção de terra como lembrança, e adquiriu algumas garrafas de vinho da Terra Santa.

De Canaã partimos para as margens do lago de Genesaré ou da Galileia, o mesmo em torno do qual Jesus viveu e desenvolveu a maior parte do seu ministério.

Nessa tarde, visitamos ainda a Igreja das Bem-Aventuranças, ocasião em que cada peregrino recebeu uma mensagem contendo uma delas. O lugar é lindo! No interior da igreja, lemos o evangelho (Mt 5, 1-12), depois nos detivemos um momento contemplando as belas paisagens, com o lago ao fundo. Encerrada a visita, rumamos para Tiberíades, que também fica às margens do lago. Hospedamo-nos no hotel, passeamos em volta das águas, e entramos para brincar e nos banhar. Por sinal, eram muito frias.

Por fim, o Santo recolheu como lembrança algumas pedras, para o futuro museu. Todos nos embriagamos com o que vimos e sentimos naqueles lugares santos. Dessa vez, ninguém se perdeu.

No dia 17 de abril, uma quarta-feira, rumamos em direção ao novo destino.

Monte Tabor

Chegando ao Monte Tabor, deixamos o ônibus ao sopé do mesmo e tomamos um táxi, isto é, uma limusine. Nunca havíamos andado nesse tipo de veículo. Maravilhados com a paisagem em volta, chegamos por fim ao monte. Visitamos a igreja, lemos e meditamos o texto bíblico da Transfiguração (Mt 17, 1-9).

Na parte externa, sobre um patamar, com uma fantástica vista ao fundo, avistamos a cidade de Naim. Foi nela que Jesus ressuscitou um jovem, filho de uma viúva (Lc, 11-17). O Monte Tabor, com 562 m. de altura, fica na Palestina, a leste de Nazaré, e nele se deu o episódio da transfiguração de Cristo.

Na ocasião em que Jesus, com Pedro, Tiago e João subiu ao monte para orar, transformou-se o seu rosto, enquanto orava, e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura. Que falava Ele com os apóstolos? – Falava da própria morte, que haveria de cumprir em Jerusalém.

Quanto a nós, descemos do monte unguídos pela ideia da transfiguração, e retomamos a viagem, passando por Qibut.

Para atravessar o lago de Genesaré, tomamos um barco, enquanto íamos rememorando os grandes acontecimentos bíblicos relacionados com aquelas águas sagradas e também históricas. Entre eles: A tempestade no lago, A pesca milagrosa, Jesus caminha sobre as águas, e outros.

Enquanto partilhávamos estas informações, preparamos também a celebração da Missa. No meio do lago, os motores do barco foram desligados e, calmamente, celebramos a Eucaristia. A beleza do panorama era inesquecível e todos cantaram com redobrado fervor: Tu vieste à margem do lago, Senhor! Tu me olhaste nos olhos, e sorrindo disseste meu nome! Lá na praia, eu deixei o meu barco, junto a ti, buscarei outro mar... – E também: Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai!...

Terminada a celebração, retornamos a Tiberíades para, no almoço, alimentarmos de peixe, como fez São Pedro. A

refeição foi ao ar livre e à beira do lago. Um momento deveras emocionante! Após foi servido o tão esperado e tradicional café da turca. A satisfação de todos era enorme, por termos o privilégio de caminhar pelo mesmo solo sagrado que Jesus e seus apóstolos percorreram.

À tarde, retomamos nossa peregrinação para Cafarnaum, cidade da Galileia, à margem noroeste do Lago de Genesaré, também chamado Lago Tiberíades. Fica a pouca distância da desembocadura do Rio Jordão. Muito próspera no tempo de Jesus, esta cidade, que ligava o Egito à Síria, decaiu a tal ponto que hoje não restam mais traços que determinem com certeza a primitiva condição. Segundo o Novo Testamento, Cristo passou por ela várias vezes, pregando, operando números milagres e chamando-a de minha cidade. Foi na sinagoga de Cafarnaum que Ele instituiu o sacramento da Eucaristia.

A beleza do lugar é extraordinária, com flores múltiplas e coloridas. Outrora havia no local uma sinagoga, hoje em ruínas. Mesmo assim, demonstra a pujança e a riqueza daqueles tempos imemoráveis.

Algumas passagens bíblicas narram fatos da vida de Jesus que aconteceram nos seus arredores. Entre eles: a cura da sogra de Pedro, a pregação dentro da sinagoga, a cura do servo do Centurião, a repreensão pela ingratidão do povo.

Em nosso entender, foi lá que Jesus arregimentou seus discípulos, homens destemidos e de estatura forte, que usariam da força se fosse necessário. Ele sabia que precisava, à sua volta, seguidores respeitáveis. E eles corresponderam, pois abandonaram suas próprias famílias pela nova causa.

As autoridades daquela época não admitiam ideias contrárias às do rei. A

política de Cristo, entretanto, era defender os pobres, os doentes, as classes menos favorecidas, os pecadores – ensinamentos totalmente contrários àqueles do poder central do Estado Romano.

Prosseguimos a caminhada pela beira do lago até a igreja da Confirmação de Pedro. Dentro dela, a suposta rocha em que Jesus teria dito: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja!

Desse local, a fim de incrementar o museu religioso que pretendia organizar em sua volta, o Santo recolheu um pote de terra e mais algumas pedras em que o Senhor pisou.

Próximo dali visitamos outro local verídico, o sítio da Multiplicação dos pães (Mc 6, 30-44), onde cantamos solenemente: Pão em todas as mesas da Páscoa, nova certeza, a festa haverá, e o povo a cantar Aleluia! – A seguir, recitamos o Pai Nosso, implorando o pão nosso de cada dia.

Para marcar sua passagem por ali, o

Ao nascer do novo dia, retomamos a tarefa de transportar malas e bagagens. O autobus nos aguardava em frente ao hotel, a fim de conduzir-nos até as nascentes do Rio Jordão, na saída do Lago de Genesaré. Temperatura agradável, muito verde pelo caminho, e tamareiras sem fim...

No local destinado, celebrou-se uma missa sobre a mesa de refeições, ocasião em que lemos a passagem bíblica sobre o batismo de Jesus e renovamos as promessas do nosso próprio batismo. Cada um escolheu um padrinho e uma madrinha, e o padre tomou o lugar de João Batista, derramando água sobre a cabeça de cada um dos peregrinos. Por fim, recebemos a lembrança desse batismo: um diploma que até hoje preservo, entre outras lembranças de viagens.

Por meio dessa cerimônia, os filhos e filhas de Deus foram purificados, em instante memorável e histórico. Cada um deles recolheu ainda uma porção

Tudo destinado a seu futuro museu.

O autobus seguia vagaroso pelo vale, rumo à próxima cidade:

Jericó

Uma cidade antiga e fortificada da Palestina, Jericó está situada no vale do Jordão, a 24 km ao nordeste de Jerusalém. Foi a primeira cidade conquistada pelos israelitas (1400 a.C.), comandados por Josué. Foi reforçada no reinado de Acab, destruída pelos romanos e reconstituída pelo imperador Adriano. A Jericó dos tempos romanos, referida no Novo Testamento, estava situada um pouco mais para o sul. A Jericó da Idade Média localizava-se onde atualmente se encontra El Riat, mais para leste.

Seguimos debaixo de um sol forte, em local com aspecto de deserto. À nossa direita se apresentava o monte das tentações de Cristo.

A Bíblia relata que Jesus foi condu-



Santo adquiriu um cálice, decorado com um peixe do período bizantino.

O local é extremamente sóbrio. Oferece tranquilidade e paz interior. O Papa Paulo VI, o único a visitar a Terra Santa, também visitou esses lugares, onde ocorreram a Multiplicação dos Pães e a Confirmação de Pedro, como chefe da Igreja.

Como já se anunciava a noite, retornamos, sob a proteção do Senhor, para o descanso no hotel, em frente ao lago. Rezamos o terço e partilhamos a sensação de estarmos num local de tantas e tão belas histórias. Foi uma bênção extraordinária!

Após esses momentos de oração e contemplação, mesmo estando baixa a temperatura da água, alguns do grupo não resistiram e, a exemplo do guia espiritual, Padre Valter Girelli, jogaram-se no lago para um banho reparador. Afinal, ir até lá e não se banhar nas águas onde Jesus andou e pescou, seria imperdoável. Foram momentos de lavar, sobretudo, a alma!

de água do Rio Jordão. O Santo, por sua vez, encheu uma garrafa destinada a fazer parte do Museu do Imigrante, que ele mesmo criou, em Passo Fundo.

No retorno, o ônibus realizou uma parada, a fim de recolher algumas espigas de trigo como lembrança. Ele é o símbolo do pão!

Continuando a viagem, chegamos às escavações de Esquitópolis, uma maravilha! Estão reconstruindo uma cidade do tempo dos romanos. No alto de uma coxilha, vislumbramos o contorno do horizonte, com muitos arbustos. Chamou-nos atenção um deles, apinhado de pequenos frutos arredondados. E, por um instante, recordamos ter visto em Cafarnaum um coelho trepado num arbusto semelhante, comendo daqueles frutos estranhos.

E o Santo, naturalmente, decidiu provar e afirmou que tinha gosto de maçã. Estava assim desvendado o segredo do coelho.

Após analisar e tatear, o Santo ainda recolheu um prego que havia por lá.

zido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo demônio. Jejuou quarenta dias e quarenta noites, e depois teve fome. Então o tentador aproximou-se dele, dizendo: “Se és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães!” Jesus respondeu: “Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.”

Em silêncio, vagamos pela estrada e passamos pelo manancial de Eliseu, profeta do Antigo Testamento, sucessor de Elias, o qual promoveu a revolução de Jeú contra Acab. Em consequência dela, foi extirpado o culto fenício de Baal, no reino de Israel.

Sob um sol escaldante, lemos a história de Zaqueu, lembrando também que foi na cidade de Jericó que Jesus realizou a cura de um cego. Registramos nossa passagem pelo lugar – onde se localizara o palácio de Herodes, o Grande – subindo um dos morros. Naturalmente, quem representou o grupo foram o Santo e o Padre Valter, que recolheram dos muros algumas pedras, símbolo vivo de

um passado longínquo e notável.

O Padre gostou tanto do lugar que não resistiu à tentação de subir a uma árvore para ser fotografado, a fim de provar que esteve na mesma Jericó dos tempos de Cristo.

Segundo a história, Jesus, ao voltar a Jerusalém, passou por Jericó. Entre a multidão que o aguardava, encontrava-se um homem baixote, de nome Zaquê que, para enxergar melhor, subiu num cinamomo (sicamoro).

De Jericó seguimos para Qumran. No meio do caminho, ao pararmos para um lanche, alguns aproveitaram para dar uma volta de camelo e fotografar. Seguiu-se um proveitoso descanso, durante o qual o Santo, com alguns companheiros, foram visitar um parreiral próximo. E observaram que as videiras haviam sofrido um corte ao redor do tronco, uma incisão de cerca de dois ou mais milímetros, interrompendo em parte a circulação da seiva. Questionaram o caso, e alguém que estava por lá informou-lhe que o corte era tecnicamente realizado, pois a redução da seiva melhorava o teor de açúcar e apressava o amadurecimento da fruta.

Os turistas do camelo, ao revelarem as fotos, notaram que algumas apresentavam a cabeça decepada, tanto do camelo como do condutor. Isso porque o animal é alto e, ao levantar-se, saía parcialmente do foco da máquina.

Descendo pela margem do Jordão, chegamos à Jordânia, uma planície de rica agricultura.

Mas, nesse tipo de viagem, o impossível acontece. E ocorreu que, enquanto o guia espiritual celebrava uma missa no lago da Galileia, ouvia-se, de tempos em tempos, um tiro surdo, tipo morteiro. Todos ficamos curiosos para saber o que era aquilo.

Então, antes de chegarmos ao destino, fizemos uma parada técnica. Foi quando observamos, uma encruzilhada, alguns tanques de guerra de 50 ou mais toneladas, e caminhões com foguetes, na divisa da Jordânia. Perguntamos ao guia para que serviam tais máquinas. E ele nos confirmou com toda a segurança: “Os foguetes servem para espantar os patos que sujam as águas do mar da Galileia!”

Sob a proteção divina, chegamos a Qumran, que fica junto ao Mar Morto, em pleno deserto. A primeira providência que tomamos foi almoçar, pois já passava do meio-dia.

Qumran

Em 1947, um beduíno à procura de sua cabra que se havia extraviado, descobriu um dos mais importantes e preciosos achados arqueológicos do século XX, os famosos pergaminhos do Mar Morto.

Escritos pelos essênios, membros de uma seita religiosa que deixou Jerusalém para instalar-se no deserto de Qunrãm, mais ou menos no século I a.C., os pergaminhos foram encontrados em grutas da região.

Os escritos de Filão, Flávio José, Hipólito, Solino, Eusébio e Epifânio relatam que os essênios abandonaram a sociedade judaica, o sacerdócio e o templo, para se refugiarem em Qumran, orientados pelo mestre de justiça, cuja identificação histórica se desconhece.

Essa gente levou uma vida dedicada à oração, ao estudo, à meditação e à caridade.

Todavia, no ano 31, eles abandonaram o local, que foi destruído por um terremoto. Trinta anos mais tarde, retornaram, construindo um pequeno povoado, e permanecendo ali até o ano de 68, quando foram todos massacrados pelos soldados de Tito. Sabendo da passagem dos romanos, os essênios esconderam rapidamente os seus mais preciosos bens, ou seja, suas escrituras, naquelas obscuras cavernas. E o deserto guardou seu segredo por dois mil anos, pois o local onde viveram, nas vizinhanças do Mar Morto, tornou-se célebre a partir de 1947, por seu mosteiro e pelos arquivos bibliográficos lá descobertos.

Vale a pena pesquisar sobre ritos e costumes dos povos antigos. O deserto possui encantos e segredos inimagináveis.

Dando prosseguimento à nossa viagem, fomos em direção a Jerusalém. No trajeto, atravessamos um deserto com montanhas de pedra.

Judeia

Região meridional da antiga Palestina, foi designada pelos persas como morada dos judeus, após o seu retorno do cativeiro da Babilônia, no ano 538 a.C.

Esteve sob o jugo de vários povos. Além dos persas, também dos gregos e romanos. Quando província romana, a Judeia compreendia, em 641 d.C., ainda a Idumeia, a Samaria e o litoral entre o Monte Carmelo, no norte, e a cidade de Jamnia, no sul. Em 67 d.C., acrescentou-

se mais a Galileia ao seu território.

Antes de entrarmos em Jerusalém, passamos por Betânia, terra de Lázaro e suas irmãs, onde lemos e meditamos os textos bíblicos: Jesus vai à casa de Marta e Maria (Jo 2, 1-11); e A ressurreição de Lázaro (Jo, 12, 1º e seguintes).

Jerusalém

Capital de Israel e cidade santa dos cristãos e judeus, Jerusalém é uma fortaleza natural, uma elevação rochosa formada por duas colinas, cerca de 60 km da costa e 27 km a leste do Mar Morto.

Entre os lugares de interesse turístico e religioso, pode-se citar: a Igreja do Santo Sepulcro, o Monte das Oliveiras, a Igreja dos Cruzados de Santa Ana, o Horto de Getsêmani, o Muro das Lamentações e, modernamente, a Universidade Hebraica, a Catedral Anglicana e a Basílica Franciscana.

Nossa visita seguinte foi à Igreja dos Pastores, onde lemos o texto de Lc 2, 8-20 e, juntando nossas vozes, entoamos Glória, glória, aleluia!

O pátio da Igreja do Campo do Pastor é o local onde o Anjo apareceu aos pastores e anunciou o nascimento de Jesus. A consciência induziu o Santo a recolher algo daquele campo sagrado, e ele cortou um pequeno ramo de cacto que, no retorno da viagem, seria plantado em Passo Fundo, no Parque da Roselândia.

Em seguida, nos dirigimos para a Igreja da Natividade, isto é, do nascimento de Jesus. Descemos à gruta e beijamos o local da manjedoura. Procuramos o texto bíblico de Lc 2, 1-12, que narra o nascimento de Jesus e, como não poderia deixar de ser, mesmo não estando no período de Natal, cantamos Noite Feliz. Junto desta igreja, visitamos a gruta de São Jerônimo, o primeiro tradutor da Bíblia para o latim.

Nossa emoção foi tão grande que, num momento de reflexão, recordamos da família, dos nossos pais e dos amigos. Lágrimas copiosas começaram a rolar pelas faces do Santo. Procuramos ainda o capelão da igreja, num local escuro, tipo uma gruta, e nada... Assim mesmo, fomos abrindo portas e caminhos, até que alguém nos perguntou algo. Seria o capelão? Não entendemos nada, e tentamos usar a linguagem dos sinais. Nem assim foi possível a comunicação. Então dissemos em coro: Desejamos uma lembrança daqui! O Santo decidiu usar o dialeto vêneto, e conseguiu fazer-se entender. Fomos então conduzidos até uma



pequena sala, com diversos armários, onde o padre mostrou-nos uma manta de cor verde com vermelho. Serve?-perguntou. Yes! Aleluia! –respondeu o colecionador de objetos sagrados.

Em seguida, nos encaminhamos para a Igreja de Nossa Senhora do Leite – na verdade, uma linda gruta -, a fim de conhecer o mais emocionante dos quadros: Maria amamentando Jesus. Uma imagem tão humana da Mãe e do Filho, que nos fez lembrar daquela que nos amamentou, e do melhor alimento par a criança, o leite materno. Também as mulheres que hoje morrem de câncer no seio, - e são tantas! – vieram à nossa mente, naquela hora de tão sublime contemplação.

Na saída da Basílica da Natividade encontra-se a “porta da humildade”, uma pequena entrada para a igreja. Essa porta foi reduzida, através da vedação parcial do arco cruzado, em algum momento do século XVII, para assegurar que os muçulmanos não entrassem no templo montando seus cavalos. O visitante deve curvar-se completamente para entrar no templo. O Santo, com seu olhar de águia, vislumbrou uma pequena pedra, uma

turmalina rosa, que hoje se encontra no Museu do Imigrante, em Passo Fundo.

Belém

Seguimos para Belém, onde tivemos uma hora de lazer. Cada um foi comprar suas lembranças. O Santo aproveitou para adquirir um crucifixo feito de oliveira, e uma estátua de Nossa Senhora, da mesma madeira. Então, fatigados, retornamos ao hotel Holiday in Crowne Plaza. Cinco estrelas. Um luxo!

Belém é uma pequena cidade da Palestina, perto de Jerusalém, terra natal de Jesus Cristo. A ela afluem, em constante romaria, peregrinos de todas as partes do mundo. A mais antiga igreja cristã se encontra ali.

Já era 19 de abril. Iniciamos o dia visitando a Igreja Pater Noster, no Monte das Oliveiras. Presume-se que foi nesse lugar que Jesus ensinou a rezar esta oração. Nós também a rezamos e cantamos. O Pai Nosso está escrito em diversos idiomas -inclusive em português -, numa parede do templo.

Começamos então a descer o monte. E presenciamos uma das vistas mais lindas

da antiga Jerusalém. Em seguida, os muros da cidade, com a cúpula dourada da Mesquita de Homar. Visitamos ainda a igreja Dominus Flevit, construída em memória do choro de Jesus, durante a agonia. Oramos fervorosamente, recordando tantas pessoas que sofrem e choram por diferentes razões.

Descemos mais até chegar à Igreja da Agonia, que é também a Igreja das Nações, erguida sobre a suposta pedra onde Jesus chorou na noite de Quinta Feira Santa. Na chegada, impressionaram-nos as oliveiras de mais de dois mil anos, local verdadeiro em que Jesus pisou. No interior, contemplamos o lindo quadro do Senhor Jesus, e a pedra, sobre a qual orou ao Pai.

Também lá o Santo colheu alguns ramos de oliveira e encheu um pote com terra, destinados a integrar o futuro museu.

Prosseguindo, dirigimo-nos para a igreja do túmulo de Maria, que hoje pertence à Igreja Ortodoxa Grega. Os ortodoxos estavam celebrando a Semana Santa, de acordo com o rito deles, e havia muita reza, cantos e incenso. A gruta possui uma enorme escadaria que

se bifurca em forma de T, e está repleta de turíbulos.

Novamente, a serviço da história, o Santo descobriu alguém para dialogar e fazer-se entender. Quanto esforço e malabarismo no linguajar! Mas quem deseja intensamente, sempre alcança. Entre as centenas de capelas, apareceu um capelão que, finalmente, despachou o Santo: Tome e leve um souvenir! – Gracie, signore! – respondeu o agraciado.

Saimos do Horto das Oliveiras para o Monte Sion, onde conhecemos outros locais históricos: o túmulo do Rei Davi, muito cultuado e venerado pelos judeus; e a sala superior, isto é, o Cenáculo, onde a emoção tomou conta de todos. Tem aspecto rústico, mas muito natural. Na ocasião, lemos Jo 13, 1-11, que descreve a cena do Lava-Pés. Meditamos sobre o gesto de Cristo. E o Padre Girelli, com um óleo perfumado, ungiu os pés dos peregrinos.

Continuamos lendo Jo 13, 12-20, enquanto refletíamos sobre o mandamento do amor. Ungimos então as palmas das mãos, recordando que elas servem para abençoar, unir, construir e praticar a solidariedade.

Em seguida, fizemos a leitura de Mt 26, 26-29, sobre a instituição da Eucaristia e do sacerdócio. O guia espiritual lembrou seus 15 anos de consagração a Deus, desde que fora ungido pelo Bispo, para o serviço do Senhor.

Por fim, a leitura dos Atos dos Apóstolos (1, 12-14; e 2, 1 ss), que relatam o Pentecostes, invocando o Espírito Santo, para nós e para a Igreja. Cantamos “Vem, vem, vem, vem, Espírito Santo de amor!” E lembrando nossa Crisma, ungiu nossas frentes com óleo perfumado. A emoção dominou a todos, novamente.

No final da manhã, visitamos a Igreja da Dormição de Maria. Cantamos e recomendamos a Deus os falecidos, por meio da Virgem. E, cansados, retornamos a Belém para o almoço.

Assim, com o corpo alimentado e a mente liberta, retornamos a Jerusalém. Na viagem, ao lado da piscina de Siloé, (conforme Jo, 9, 1 ss.), soubemos que foi lá que Jesus curou o cego de nascença.

Nessa tarde, entramos na velha cidade de Jerusalém, transpondo os seus muros. Lá dentro, tudo impressionava: as enormes escavações, os muros destruídos e reconstruídos, e também o Muro das Lamentações. Detivemo-nos bastante tempo nesse lugar, acompanhando o

misticismo dos judeus, que consiste em bater a cabeça no muro, inclinar-se, cantar e orar, segundo seus costumes. Também nós nos aproximamos do muro para um momento de oração. Segundo a tradição judaica, os homens se postam de um lado, e as mulheres, do outro.

Prosseguindo em nossa peregrinação, percorremos várias ruelas, encurralados pelos vendedores de souvenirs e outros objetos.

O Caminho da Via-Sacra (em que a cruz do Santo serviu para o ato litúrgico), é um local verídico e carregado de simbolismo. De lá seguimos até a antiga Fortaleza Antonia, onde ocorreu o julgamento e a condenação de Cristo. Cada parede, cada sala, e o próprio chão, contam sua história. Permanecemos mais tempo no local da Condenação, onde Ele tomou a cruz às costas, para seguir até o Calvário. Hoje existem duas igrejas no local.

Em seguida, nos encaminhamos para a Igreja de Santa Ana, esposa de São Joaquim e mãe de Maria, portanto, avós de Cristo. Ao lado da igreja, localiza-se a piscina de Betesda, onde, conforme Jo 5, 1-18, ocorreu a cura de um paralítico, por milagre de Jesus.

As escavações da piscina são extraordinárias. No pátio do templo, conhecemos a pimenta branca, da qual alguns peregrinos colheram amostras.

O tempo corria veloz e, às 16 horas, descemos à Gruta de Getsêmani, para a celebração de uma missa. A gruta é sui-generis, e situa-se junto à igreja do túmulo de Maria. Seu formato lembra um turíbulo.

Num clima de recolhimento, silêncio e meditação, celebramos a Eucaristia. Mas antes tivemos de convencer o frei responsável pelo local, de que o nosso guia espiritual era realmente um “padre”. Ele desconfiou que não fosse, e os romeiros tiveram de intervir. Por fim tudo se resolveu. E o Santo, com aquela cara de piedoso, mostrava-se muito concentrado.

Por fim, celebramos e refletimos sobre a Paixão de Jesus Cristo. A leitura relatava a história do servo sofredor, encontrada em Is 53, 2-4 e 6; e a homilia lembrava o sofrimento de Jesus no Horto das Oliveiras (Mt. 26, 36-46).

No final do ato religioso, fizemos uma reflexão sobre os versículos 47 a 56, do mesmo evangelista, descrevendo a história de Judas e o beijo da traição.

Mas a visita não poderia passar em brancas nuvens, e procuramos no-

vamente o tal frei, para solicitar algum objeto. Dito e feito. Havia junto do altar diversos crucifixos, esculpidos com a imagem de Cristo. Logramos êxito e conseguimos um deles.

Nessa missa foram abençoados também os ramos de oliveira que colhemos no jardim. No final, foram eles distribuídos entre nós. Imaginem quem mais colheu! Alguns dos romeiros davam a impressão que iriam promover um reflorestamento em terras de Passo Fundo e Farroupilha.

Retornamos ao hotel mais cedo, já que à noite teríamos um programa especial: uma hora de adoração e vigília na Igreja das Nações, exatamente no lugar onde Jesus suou sangue, às vésperas de sua prisão. Junto com um grupo de padres espanhóis, encenamos o ato, entoando: “Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus, e vai...” E, para nos despedirmos de Cristo, a canção: “Lenta e calma sobre a terra, desde a noite e foge a luz. Quero agora despedir-me: Boa Noite, meu Jesus!”

A noite estava muito fria. E esse foi, sem dúvida, o momento de mais baixa temperatura que ocorreu durante a viagem.

No final da semana, ou seja, no sábado, dia 20 de abril, iniciou-se a visita às mesquitas dos muçulmanos, localizadas no pátio do antigo templo de Jerusalém. São obras lindíssimas! A de Homar está construída sobre a pedra onde Abraão esteve prestes a sacrificar seu filho Isaac (Gen. 22, 1-19).

Para ingressar em tais mesquitas, deve-se tirar o calçado, em sinal de respeito e para a conservação das peças ali existentes. Em seguida, encaminhamos para a celebração da missa do dia, na Igreja da Condenação de Jesus à morte. Foi um ritual de celebração do louvor. Cada um de nós expressou seus motivos de dar graças, por meio da canção: “Entoai ação de graças, e cantai um canto novo, aclamai ao Deus Javê, aclamai com amor e fê!”

O intento do Santo foi outra vez encontrar alguém responsável pela igreja, tão histórica quando as demais. O capelão, teimoso como só ele, não dava oportunidade. Mas, quem insiste, leva! – diz o ditado. Até que enfim cedeu uma estola da cor do vinho. “Manco male!”

É um grande privilégio visitar os lugares em que Jesus Cristo viveu! E, nos momentos de meditação individual, a emoção toma conta da gente. Foi o que aconteceu, ao ouvirmos a Elba cantar:



“Amor, amor, amor... Ser cristão é ser amor. Ama teu próximo como a ti mesmo. Deus é amor!”

Prosseguindo, fizemos a caminhada da via-crucis, turisticamente falando. E chegamos ao Monte Calvário, ao túmulo de Jesus, onde se deu o encontro mais dramático de Deus com a humanidade, na pessoa do Nazareno.

No domingo, dia 22, iniciamos mais uma jornada de pesquisas: o roteiro pela Igreja da Visitação de Maria a Isabel, em Ain Karen. Um local sereno, com boas vertentes e muita vegetação. Subimos uma centena de degraus, até chegar à Igreja de João Batista. Chovia. E no interior do tempo, meditamos e participamos da missa. Foi neste lugar que nasceu João Batista, o filho de Isabel. Recordamos o martírio dele, com a oração do Benedictus, outrora proferida por seu pai, Zacarias. O texto estava escrito em português, num dos muros do templo.

No exterior da igreja há uma capela, que é um local de oferendas. Foi nessa oportunidade que o Santo vislumbrou um quadro jogado no chão, representando a ascensão de Jesus aos céus. É óbvio que ele recolheu de imediato aquela peça histórica, a fim de trazê-la com lembrança.

Foi ainda nesses arredores que acon-

teceu algo inusitado. Após a visitação, rumamos para um local afastado, onde restava um pequeno altar, construído sobre as ruínas da casa de João Batista. Era um dia frio e chuvoso. E assim que iniciamos o cerimonial, com a atenção redobrada, o Santo divisou um crucifixo de metal, que parecia abandonado no interior daquele recinto. Recolheu então o objeto que guardou como uma relíquia e também como lembrança dos lugares santos... Amém!

A seguir, rumamos em direção ao Mar Morto, passando por Qumran e Judeia, até alcançar a fortaleza de Massada

Massada.

Encrustada na rocha, e com sua fantástica beleza natural, essa fortaleza ergue-se no deserto da Judeia, a aproximadamente 3 km da margem ocidental do Mar Morto. Tem mais ou menos um quilômetro de comprimento, por 200 metros de largura. Sua elevação corresponde a 700 metros acima do nível do mar.

Foi Herodes, o Grande, que construiu a enorme e magnífica fortaleza, no ano 40 antes de Cristo, a fim de proteger-se dos judeus, caso tentassem destituí-lo do governo. O suntuoso palácio serviria como sua residência se, porventura,

fosse destronado por Marco Antônio.

Quando os romanos, no ano 70 a.C., subjugarão toda a terra de Israel e deixaram Jerusalém em cinzas, um grupo de judeus patriotas, em número de 967 sobreviventes, liderados por Eleazar Bem Yair, dirigiu-se à Massada, local onde foram sitiados pelos romanos, durante três anos. Todavia, ao reconhecerem que não seria mais possível ali permanecer, pois estavam prestes a ser derrotados pelos invasores e capturados como escravos, aconteceu o heroico e dramático fim dos judeus sobreviventes, que preferiram suicidar-se a se render ao inimigo. Optaram pela morte, para fugir da escravidão. Desde então, Massada passou a ser um santuário para o povo judeu por ter sido o cenário de um dos episódios mais sangrentos de sua história.

Atualmente, o povo está reconstruindo os palácios de outrora, com a ajuda voluntária de seus patrícios do mundo todo. Mulheres e homens prestam serviço à reconstrução, cada um de acordo com suas possibilidades.

Nos tempos de Herodes, a fortaleza possuía todas as condições de sobrevivência: despensas, cisternas, casas de banho, palácios, sinagogas e rituais de ablução.

Nós percorremos o platô da montanha

e observamos parte da igreja bizantina, em mosaico herodiano, e o terraço inferior do palácio suspenso, ou seja, as poucas edificações que restaram após o jugo romano.

Para alcançar o cume, os invasores fizeram aquilo que o diabo não sabia fazer: ergueram uma taipa de terra e pedras até alcançar o topo, o patamar de Massada. Foi então que encontraram os 967 corpos com as cabeças decepadas. Uma cena de horror!

Como amigo e ferrenho defensor da natureza, o Santo colheu uma folha de cactus ou palma, que trouxe para Passo Fundo e plantou no Parque da Roselândia.

Findo o passeio, já com fome e sede, tomamos o rumo do Mar Morto, a fim de encontrar um local de almoço.

Após breve intervalo, nos dirigimos todos às margens do referido mar, a fim

de arriscar um banho em suas águas famosas. Corajosamente, e devagar, fomos entrando, até atingir a profundidade de 1,30 metros, para então começar a nadar. E tivemos uma enorme surpresa, diante da quantidade de sais e outros minerais que havia em suspensão, fazendo o corpo flutuar. Era mais ou menos como tentar afundar um porongo. A gente desliza e, por meio de certos movimentos, desloca-se sobre a água com tranquilidade. É uma das riquezas de Israel.

E assim, com o corpo arejado e temperado pelo sal, enfrentamos a segunda-feira, 22 de abril. Ao cantar do galo, saltamos da cama para a missa da Ressurreição, numa das capela do Calvário. E iniciamos a caminhada, como fez Cristo com a cruz às costas, ao mesmo tempo em que cantávamos hinos de louvor. O Santo carregava uma cruz de puro cerne de oliveira, não às

costas, mas debaixo do braço. E assim concluímos a Via Sacra, parando e observando, em cada estação, o caminho do sofrimento de Cristo.

Findo o passeio, retornamos ao hotel, aprontamos as malas e, às 10 h e 30 min, seguimos para Tel Aviv, a fim de visitar a cidade velha de Jafa (ou Jope).

Nossa primeira parada foi na casa do curtidor Simão, onde Pero se hospedou. Nessa cidade o apostole ressuscitou Tabita, e dali foi convidado a ir à Cesareia marítima, na casa do centurião romano, Cornélio. Na Catedral de São Pedro, realizamos algumas incursões pelas escavações da antiga edificação. E, ao final da tarde, rumamos para Lisboa, iniciando o caminho de retorno ao nosso país.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Poesia

FRANCISCO MELLO GARCIA

Cantando sei que morro sem cantar morro também

Versejo do riso ao choro
Do que é certo não me esquivo,
E verdades que eu digo
Muitos vão pôr no arquivo,
Pois meus temas já preenchem
Revistas jornais e livros.
Se cantar males espanta,
Nisso encontro o incentivo,
Tem quem anda bem quietinho
Só pensando em ser nocivo,
Outros enrolando ingênuo
E se julgando muito "ativo"...
Quero é viver para a vida,
Não ser um defunto vivo...

Cantando eu levo alegria,
Mais pra alguém que não tem.
Cantar eu até sugiro,
Cante mal ou cante bem.
Cantar da forma que eu vejo
É luz que vem do além...
Esse prazer, esse dom,
É pouca gente que tem,
Pois não canto só pra mim
E sempre pra mais alguém.
Depois dessa caminhada,
Aqui não fica ninguém...
Cantando eu levo a vida
É assim que me convém.
Se cantando sei que morro
Sem cantar morro também...

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Uma pergunta inconveniente



GILBERTO R. CUNHA

Não sei quanto a você, mas eu enfrentaria sérias dificuldades, caso tivesse de responder, assim de chofre, a seguinte pergunta: quem foi a primeira pessoa no mundo? Não vale apelar para o misticismo e, tal qual um aborígene da Tasmânia, dizer que foi uma criatura enorme, surgida na Terra por obra e graça do Deus Moinee, sem joelhos e com rabo de canguru. Ou, tampouco, reagir como um fundamentalista da tradição judaico-cristã, questionando: por que a dúvida? Todos sabem que a primeira pessoa na face da Terra foi Adão. Lamento pela desilusão, mas esse tipo de argumentação não nos serve. É necessário um pouco mais de elaboração, para se chegar a uma resposta que seja minimamente convincente. E, nesse caso, o único caminho plausível é tomar a via da ciência, onde, na busca por nosso ancestral, muitas surpresas nos aguardam. Foi o que fez Richard Dawkins, no livro “The Magic of Reality – How We Know What’s Really True”, publicado em 2011 pela Free Press, uma divisão da Simon & Schuster Inc., cuja proposta de resposta ao questionamento original desse parágrafo será resumida nessa coluna.

A primeira surpresa, e a sua talvez seja tão grande quão a minha, foi tomar consciência de que a busca pela primeira pessoa, no mundo, é algo inútil. Assim como nunca existiu um primeiro cachorro, um primeiro coelho ou um primeiro canguru (nossa homenagem ao pessoal da Tasmânia), também nunca existiu

essa primeira pessoa. Por que ela haveria de ter existido? O Adão bíblico, ou outro ser imaginário qualquer, pela teoria da evolução, não é necessário para explicar nem eu nem você, caro leitor, e tampouco nossos antepassados ou descendentes imediatos. Como entender isso, uma vez que cada criatura citada, incluindo nós, os humanos, pertence à mesma espécie dos seus pais, esses dos seus avôs e assim sucessivamente? Simplesmente, porque na linha evolutiva isso pode estender-se por muitas gerações, mas não é para sempre. Então, que tal participarmos do experimento imaginário proposto por Richard Dawkins?

Tome uma fotografia sua e sobre ela coloque uma do seu pai. Siga adiante e, sobre a fotografia do seu pai, coloque a fotografia do seu avô, e assim sucessivamente, do bisavô, tataravô, etc., até chegar a uma pilha de 185 milhões de fotografias (cuja ordem de avô é impronunciável). Sei que alguém vai dizer que não vai dar, pois não faz tanto tempo assim que a fotografia foi inventada, e então isso é impossível. Esqueça esse detalhe, pois estamos no reino do faz-de-conta. E aí, quão parecido com você seria esse seu avô, de ordem 185 milhões, nessa pilha de fotografias? Você é capaz de imaginar algum traço em comum com ele? Os cabelos crespos? Os olhos violetas da Elizabeth Taylor, ou a cor de ardósia do Chico Buarque? O queixo quadrado ou o nariz adunco? Sente-se antes, para não cair: esse seu avô, de ordem 185 milhões, seria exatamente, nada mais e nada menos que “um peixe”. Surpreso? Espero que nem tanto, pois é a teoria da evolução

de Darwin e não o “criacionismo” ou, como querem alguns, em tempos mais recentes, o “desígnio inteligente”, que as escolas ensinam em biologia.

As imagens fotográficas se parecem. Não tenha dúvida de que você e seu pai têm traços comuns, apenas quando próximos nessa pilha ou linha imaginária do tempo. Tome, ao acaso, duas dessas que se sucedem, em qualquer posição dessa pilha imaginária de 185 milhões de fotografias, para que perceba isso claramente. Depois, pegue duas fotografias não sucessivas, e bastante separadas na linha evolutiva, e ficará evidente que, em aparência, as duas criaturas não têm nada (ou têm pouco) em comum.

Quem sabe nem seja necessário retrocedermos tanto assim (até a ordem de 185 milhões de antepassados) para entendermos que, essa busca pela primeira pessoa, o nosso ancestral genitor, não tem fundamento. O *Homo sapiens* de hoje, caso conseguisse, pela via sexual, reproduzir algum cruzamento com o *Homo erectus* do passado, esse fruto, a exemplo de uma mula (jumento x égua), possivelmente, seria um híbrido estéril.

No processo evolutivo, pela teoria mais aceita, as coisas acontecem gradualmente, embora alguns defendam a teoria do equilíbrio interrompido. É por isso que a pergunta “quem foi a primeira pessoa?” não tem uma resposta precisa. No meio dessa nossa caminhada evolutiva, queiramos ou não, tivemos uns primos chimpanzés, outros ratos e, inclusive, uma avó bactéria.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Onde estavam os felizes?

GETULIO VARGAS ZAUZA

A quem vai ler este artigo, quero fazer uma pergunta: Tu, leitor, acreditas em predestinação? Se crês, deves também admitir a existência do destino. Isso leva a outra questão. Quem determinaria o destino da pessoa? Examinando a questão, do ponto de vista do materialismo, seria a genética, os genes, ou o meio onde e como foi criado e educado, uma vez que a escola exerce grande influência. Do ponto de vista do espiritualismo, religioso ou esotérico, poderíamos considerar duas hipóteses. Uma seria a de que, vivendo uma só vida, Deus é que determina nosso destino. Do ponto de vista esotérico (reencarnacionista), nós mesmos é que o determinamos, segundo nosso carma, que é a consequência de como foram nossas vidas passadas.

Na primeira concepção, Deus é o determinador, e nos coloca numa situação contraditória. Se vivemos uma única vida, por que uns vivem essa vida cheia de privilégios, tudo lhes é favorecido, e outros vivem sob o peso de infindáveis privações, tanto materiais como afetivas? Ainda outra questão é: por que uns conseguem ser bons, praticar bons atos, e outros praticam tantos atos maus? Os privilegiados com um destino bom iriam para o paraíso quando morrem, e os outros, os pecadores, iriam para o inferno. Por que uns podem ser bons e outros tem que ser maus? Isso nos levaria a questionar: se Deus é Amor, é justo, determinar os destinos dessa forma? A esse questionamento poderia ser dito que, mesmo tendo praticado tanto mal durante a vida, Deus o perdoaria se se arrependesse, mesmo que fosse na hora da morte. Assim, tanto faria ter sido bom, ter praticado bons atos, ou mau e ter causado tanto mal aos outros. Parece-me que isso seria uma incoerência.

Agora, a hipótese de muitas vidas,

com a possibilidade de melhorar seu proceder em cada vida, me parece coerente. Ora, se nós, humanos, que somos, portadores de tantas imperfeições, somos capazes de dar novas oportunidades de reabilitação mesmo àqueles que cometeram crimes horríveis, como um Ser que é perfeito não dá oportunidades de reparação? Afinal, a maior parte da humanidade professa outras crenças e não tem a possibilidade do perdão, pela absolvição dos pecados (ou crimes), por não ter alguém com o poder de o absolver. E os que morrem durante uma batalha, numa guerra que não queriam estar? E os que morrem num acidente?

Eu não pretendo convencer ninguém de que a concepção reencarnacionista seja verdadeira, nem de que a de uma única vida não seja verdadeira, até mesmo porque não há possibilidade de prova para nenhuma delas, nem para a concepção materialista de que com a morte tudo se desfaz no nada, nem para qualquer concepção da existência de uma vida após a morte.

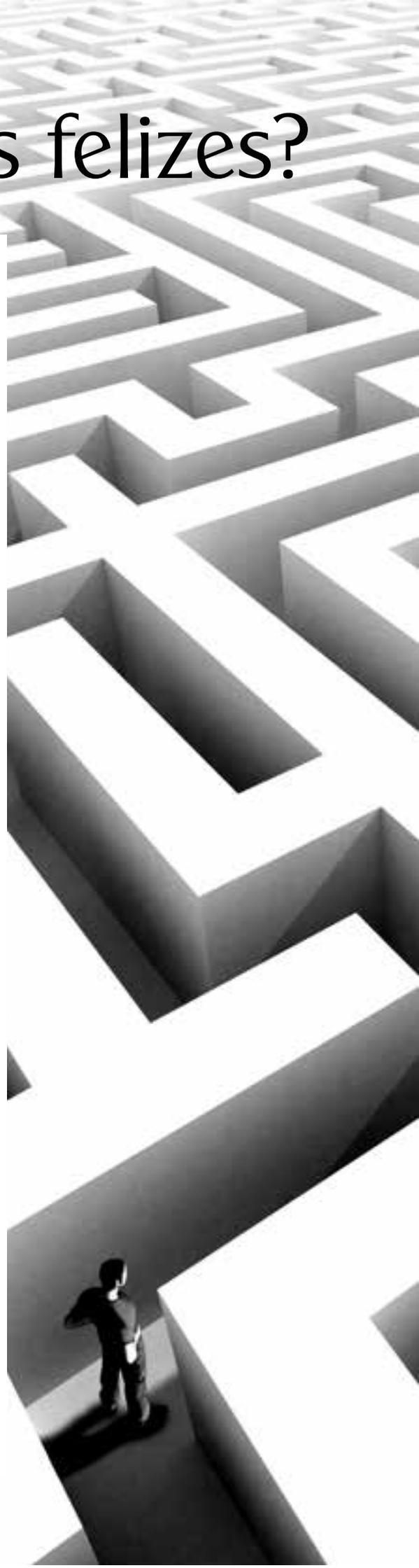
A reflexão acima se destina a servir como introdução, ao relato a seguir. Trata-se de uma experiência pessoal de vida.

Esta história começou cedo. Foi lá pelos sete anos de idade, que comecei a prestar atenção aos sentimentos e à conduta das pessoas adultas. Talvez tenha sido porque eu preferia conviver com elas. Eu não gostava de conviver com crianças, pois as considerava imaturas.

Meu senso de observação foi se incrementando, como é natural, à medida que ia aumentando a idade.

Eu nasci e vivi na colônia até os doze anos, quando decidi ir para a cidade fazer o curso primário. Daí até os quinze anos, passava somente as férias na casa dos pais.

O que eu percebi é que os adultos viviam sempre atormentados, preocupados com tudo, especialmente com relação à produção. Qualquer



possibilidade de haver alguma perda, ou de não conseguir a produção desejada, era motivo de apreensão e sofrimento, isso para não considerar outros fatores.

Um comportamento diferente eu percebia na minha família. Mesmo em situações adversas, havia uma conduta tranquila. Nunca os vi se lamentarem ou se tornarem apreensivos, mesmo quando houve perda significativa de gado, ou quando os gafanhotos dizimaram a plantação. Talvez venha daí a minha conduta tranquila, em situações de perdas, ou com relação ao futuro.

Aos dezesseis anos, meu pai me emancipou, e fui para o Rio de Janeiro com meu irmão Tito, que era tenente do Exército e havia retornado da Itália, onde participou da Segunda Guerra Mundial. Morei com ele durante quatro meses, até ingressar na Força Aérea Brasileira, como soldado.

Naquela época (1946) era regra permanecer quatro meses recluso no quartel, sem nenhuma comunicação com o exterior. Assim sendo, era natural que as relações entre os jovens se tornassem íntimas, se formassem muitas amizades e se conversasse muito. Nessas conversas aconteciam muitas confidências.

Eu sempre fui um bom ouvinte. Talvez por isso fosse procurado para ouvir as queixas e lamentações dos colegas. Eles o faziam para desabafar seus sofrimentos e suas preocupações. Durante esse período de convivência, nunca alguém relatou vivências de ter se sentido feliz.

No ano de 1948, aprovado na seleção para ingresso na Escola Técnica de Aviação como aluno, onde permaneci durante dois anos em regime de internato, vivi uma situação semelhante. Nós éramos oriundos, quase todos, de outros estados, e bem poucos de São Paulo.

Na referida escola, as condições de internato propiciavam a formação de muitas amizades. E aí também muitos colegas se aproximavam de mim para contar suas penas. E eu, como sempre, os

escutava. Eram lamentações por saudade de casa, preocupações de onde iriam servir, e tantas outras que nem me lembro. Em suma, ali também ninguém falou de que se sentia feliz ou de ter se sentido alguma vez.

Em 1950, havendo concluído o curso, fui classificado para trabalhar no Rio de Janeiro, no Laboratório de Pesquisa e Padronização de equipamentos eletrônicos, para Força Aérea Brasileira.

Ali também fiz muitas amizades e aconteceu o mesmo que nos demais lugares. Nas conversas comigo, sempre predominavam os assuntos relacionados a dificuldades, problemas de toda ordem, para os quais eu nada podia fazer a não ser ouvir como bom ouvinte, coisa que já naquela época não era muito comum.

Em 1956, fui transferido para Porto Alegre. No ano seguinte, ingressei no curso de História Natural, na PUC/RS. Como em meu trabalho eu era o único que estudava em curso superior, os colegas frequentemente me procuravam para falar de seus problemas. Na vida militar, se está sempre sujeito a uma rígida disciplina e a constantes transferências. No caso da nossa especialidade, não permanecemos na mesma região, por mais de cinco anos. Imagine o leitor uma pessoa casada, com filhos, tendo que, a cada cinco anos, mudar-se de Porto Alegre, por exemplo, para Belém do Pará. Por esses e outros motivos, vive-se sempre sob certa tensão.

Como se vê, não faltavam motivos de preocupação. Talvez por ser estudante de curso superior, eu era sempre procurado para ouvir lamentações.

Na Universidade, também fui muito procurado pelos colegas. E os problemas eram vários. Desde a preocupação com notas e a possibilidade de reprovação. Enfim, em vez de manifestarem satisfação, por estarem realizando o curso que desejavam, viviam tensos, sofrendo, a meu ver sem necessidade.

Ao concluir o curso de História

Natural, ingressei no curso de Psicologia.

Esse foi o tempo em que os colegas quase não apresentavam conflitos e preocupações.

E, terminado o curso de Psicologia, deixei a Força Aérea, para ingressar no serviço público estadual, indo trabalhar como psicólogo numa escola agrícola, que recebia alunos em regime de internato. Aí a gama de problemas era enorme. Na mesma época, fui trabalhar como voluntário no Instituto Santa Luzia, colégio para deficientes visuais, em regime de internato. É inimaginável a gama de problemas existentes na instituição. Foram nove anos de vida e trabalho naquela instituição.

A partir de 1964, instalei meu consultório na especialidade de psicoterapia.

Não é necessário dizer as razões pelas quais alguém procura um psicoterapeuta, por sentir-se feliz é que não pode ser.

Foram quarenta e quatro anos de exercício como psicólogo clínico: dez em Porto Alegre, e trinta e quatro em Passo Fundo. No total tratei mais de 1000 pacientes.

Em Passo Fundo, dei assistência psicológica, durante nove anos, a crianças e seus pais. Atendi centenas de crianças com dificuldade de aprendizagem, e orientei os pais.

Como o leitor pode perceber, no curso de minha vida, mantive contato, predominantemente, com pessoas que não tinham motivo para dizerem que eram ou foram felizes alguma vez. Daí dá para entender por que eu pergunto: “Onde estavam os felizes?”

Agora, se o leitor me indagar se eu sou ou fui feliz, responderei que o desejo de ser feliz nunca foi escrito em minha agenda de vida. Por outro lado, pergunto se é possível alguém ser feliz, vendo tanta dor e tanto sofrimento...

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Email para contato: aiesazauza@hotmail.com.)

Meu pai

SUELI GEHLEN FROSI

Ele era homem das antigas, não de atitudes antigas, mas de lides antigas. Era um alfaiate de mão cheia, daqueles perfeitos, daqueles que desmanchavam cada pontinho fora do lugar. As fátiotas, no começo das lides, eram passadas a ferro de brasa. E era um tal de: suspende casaco, coloca travesseirinho de retalhos por baixo, assopra as brasas do ferro, coloca paninho úmido por cima e lá se iam todas as ruguinhas do linho, do gabardine, da lã, e, muito tempo depois, do tergal. Aliás, não tenho certeza de tê-lo visto usar tergal.

Ele ia a festas, mas sempre atrasado, por causa das fátiotas que devia entregar; frequentava o clube, mas só à tarde, quando o cansaço batia e aí era a hora da cervejinha, do bate-papo, do pontinho. A alfaiataria, grudada à casa, permitia que meu pai sempre estivesse à mão, e como eu o procurava! Ele era mestre em dedos cortados, nos quais colocava uma generosa camada de pomada penicilina, um bom pedaço de pano branco que vinha de uma gaveta da cozinha - o que garantia a limpeza necessária, para depois amarrar tudo com linha,

que ele enrolava exaustivamente, mas sem apertar. No dia seguinte, milagre! O dedo estava limpinho e quase bom.

Ele era homem das antigas, com atitudes sempre de vanguarda. Viajava para Porto Alegre e trazia novidades, a exemplo de uma enorme quantidade de mamão, que imediatamente odiei, mais pelo aspecto do que pelo gosto e que ele explicava, seria coisa muito chique consumir, já que o encontrara no café da manhã do hotel. Foi de lá que ele trouxe o primeiro exemplar de "O Cruzeiro", uma revista mensal que era a coqueluche da época, nas grandes capitais. Pois o Seu Elmo fez a assinatura da revista, para acompanhar o que acontecia na Argentina, com Perón, e no Brasil, com Getúlio. A maior novidade e a mais apreciada por mim era o chocolate granulado, coisa muito linda e cheirosa que figurava nos ninhos de Páscoa, junto com um enorme coração de açúcar todo enfeitado de florzinhas.

O Seu Elmo, meu pai, era homem de pegar bebê no colo, de ajudar a trocar, de atender de madrugada, sim, senhor! Era homem também de ficar apreensivo com os enjooos intermináveis das tantas gestações da minha mãe. Não se furtava de ir pra cozinha preparar comida, café

da manhã, quando a gente podia abusar da manteiga, dos nacos de salame, coisa que minha mãe cuidava de não haver abusos. Ele era assim, generoso. E alegre...

O Ford 29 dele era usado para passear, não só para o trabalho. Na estrada, ficávamos sem luz, e imediatamente, aquele pai começava a conversar animado e a assoviar, não me lembro que tipo de música, mas era música de tranquilizar, disso eu tenho certeza.

Ele tinha grandes preocupações quanto à formação dos filhos, por isso, nunca abriu mão de um bom colégio de freiras para todos. Sempre fiscalizou as revistas "Grande Hotel" que líamos escondido, e tinha preocupação com respeito às novelas de rádio, que ouvíamos junto com a Dona Lina, minha mãe.

Mas o meu pai nunca se esquivou de uma conversa, sempre respondeu a minhas perguntas, mesmo as constrangedoras e, na véspera do meu casamento, chamou-me à parte e disse coisas que nunca contei a ninguém, para não estragar a magia. As palavras dele embalam o meu casamento e servem até hoje, quando quero ter uma conversa de vanguarda com os meus filhos.

Meu pai era de épocas antigas, mas ele seria um grande pai de hoje, por que ele era movido pela alegria e pelo amor imenso que nutria pela família. Esse amor ele externou sem preguiça, com barulho, com risos e cuidados.

Feliz Dia dos Pais, Seu Elmo! Gostaria que ainda estivesse aqui para me ensinar algumas coisas que não tivemos tempo de conversar...

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Deixar que a vida prossiga

Todo verso que eu faço
Tem estrutura na rima,
E um tema como base
Que transmite certo clima.
Irrita quem não me gosta,
Alegra quem me estima,
Tem quem hoje se afasta
E amanhã se aproxima,
Mas para que isto aconteça
Eu tenho que estar por cima,
Descobri quando guri
Nas amizades com prima...

Isto parece brinquedo,
Mas é fato tão frequente,
Envolve todas as idades
Vai do velho ao inocente:
Quando se anda numa ruim
Nem sequer se tem parente.
Noite fria é noite fria,
Duro é surgir quem es quente.
Mas se a vida anda folgada,
Pobre do saco da gente,
Se morre um bajulador
Surge mais trinta na frente...

Mas é nessa hipocrisia
Que a sociedade se engana.
Quanto maior o macaco,
Pra este a maior banana.
Por isto, para quem sobe
A vida sempre é bacana,
Buscam pra festa do início,
Também pro fim de semana.
Para quem está descendo
Cada dia é mais tirana,
Se alguém vier buscar a gente,
Só se é pra meter em cana...

Até mesmo namoradas
Fico às vezes recordando,
Pois mesmo de bicicleta
Uma eu estava amando.
Se eu pleiteava certas coisas,
Deixava-me pedalando...
Com o farto argumento
Que só depois de casando,
Cansei de arrumar a mesa
E com a fome sair lutando.
E sexo, conforme o uso,
Serve pra ir enrolando...

Desisti dessa fulana
E pelo mundo fui andando,
Logo comprei um carrão
E o meu quadro foi mudando.
Um dia nos reencontramos,
A gente foi conversando,
Em pouco tempo, em tudo
Eu assumi o comando.
Descobri que a bicicleta
Que estava me atrapalhando,
De bodoque ninguém caça
Onça que anda atacando...

Com a mesma persistência,
Mantenho verso e cantiga.
Meus temas saem da mente,
Tem quem tira de barriga.
Mesmo assim fazem sucesso,
Isto é o que me intriga.
Continuo trabalhando
Como pequena formiga,
Pois tem cigarra que canta
E no inverno não mastiga.
Acredito no que faço:
Vai que um dia a sorte liga,
E se o sucesso chegar,
Não faltará gente amiga...
Caso contrário é consolo
Deixar que a vida prossiga.



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alcides Guareschi, um amigo da Agronomia

ELMAR LUIZ FLOSS

O padre e professor Elydo Alcides Guareschi, educador e administrador, teve uma participação decisiva na criação de cursos superiores em Passo Fundo, desde o antigo Consórcio Universitário Católico, em 1968, até a implantação e consolidação da Universidade de Passo Fundo.

Além de emérito educador, Alcides Guareschi, exerceu os mais altos cargos da administração da UPF, como Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (hoje Faculdade de Educação), Vice-reitor Acadêmico (1968 a 1982), Reitor por 16 anos (1982 a 1998) e Presidente do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Passo Fundo.

Dentre as muitas condecorações recebidas, conta-se também a da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, que lhe conferiu o título de “Professor Emérito”. Merecidamente, recebeu da Universidade de Passo Fundo, o título máximo conferido pelo Conselho Universitário: “Doutor Honoris Causa”.

Tendo como característica pessoal uma enorme capacidade de trabalho e de diálogo, aliada a um notável espírito empreendedor, deixou uma marca indelével em todas as Unidades de Ensino e Setores da UPF. Seu trabalho é reconhecido, não apenas internamente, mas entre as Instituições de Ensino Superior do Brasil, por sua destacada participação no Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUBE). Seu prestígio, junto ao Ministério da Educação, foi fundamental para a resolução de inúmeros problemas de cursos e unidades da UPF. Lembro que, como Diretor da Faculdade de Agronomia (1982 /1986) e vice-reitor Administrativo “pró-tempore” (1987) fui inúmeras vezes ao MEC. Quando me apresentava, os servidores perguntavam: “da Universidade do Padre Guareschi?”. Seu nome era mais conhecido do que a própria Universidade de Passo Fundo.

Possivelmente, devido a sua origem



(FOTO: DALTRO MATTOS)

do meio rural, pois nasceu e se criou no interior de Esperança, hoje município de Colorado, e sempre teve um grande interesse pela agricultura. Isso ficou materializado em inúmeras ações em que teve participação importante, na implantação de projetos de ensino, pesquisa e extensão, na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UPF.

Muitas dessas ações poderiam ser lembradas, para exemplificar a importância de seu trabalho em prol do crescimento e melhoria da qualidade de ensino, na extensão rural, no curso de Agronomia e, posteriormente, na Medicina Veterinária. Acompanhou “pari passu” todas as dificuldades de criação do Curso de Agronomia, em Passo Fundo.

Foi também decisiva a sua participação na busca de convênios, para a implantação dos primeiros laboratórios de ensino e prestação de serviços, como o Laboratório de Solos e Adubos e o Laboratório de Análise de Sementes.

Apoiou a execução de um Programa de Capacitação Docente, na FAMV, que permitiu a ampliação do quadro de docentes com tempo integral, e o seu treinamento em nível de mestrado, no início da década de 80, fator decisivo para o desenvolvimento da pesquisa e para a criação, posteriormente, dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Agronomia.

Estimulou o desenvolvimento de um Programa de Pesquisa na Agronomia,

especialmente, facilitando a cooperação da UPF com a Embrapa/Trigo, na implantação do Programa de Pesquisa em Aveia, em 1977, cujos resultados, ao longo dos anos, destacaram a Instituição como fator de desenvolvimento regional, além do reconhecimento nacional e internacional. Foi através do programa de Pesquisa de Aveia, que pela primeira vez, a UPF teve uma cooperação efetiva com universidades americanas, de Wisconsin e Texas A & M University.

A sua colaboração foi também decisiva na busca de aprovação dos primeiros projetos de pesquisa, pela Agronomia, de forma pioneira na UPF, junto a Fapergs (1979), CNPq (1980) e FINEP (1982), cujos recursos financeiros permitiram a implantação de uma infra-estrutura mínima para a execução de atividades de pesquisa, bem como a obtenção de bolsas para estudantes.

Foi iniciativa do Reitor Guareschi a realização de uma primeira reunião, entre as Direções das Faculdades de Agronomia e de Educação (Curso de Economia Rural), bem como do Instituto de Ciências Biológicas (Curso de Química), com a participação de representantes da Embrapa e com vistas à criação do Centro de Pesquisa em Alimentos, hoje o principal centro interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão da UPF. Destaque-se também sua participação decisiva na busca de recursos financeiros, junto a SUBIN, em Brasília, e a celebração do Convênio com a Univer-

sidade Federal de Viçosa, referência na época, na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos, o que permitiu o apoio técnico na implantação de laboratórios e o treinamento de docentes, por meio de Curso de especialização.

Afora isso, é justo lembrar também o permanente estímulo à implantação de Curso de Mestrado na área de Agronomia, desde 1986, com a vinda à UPF do professor Cláudio Moura Castro (CAPES), para uma Consultoria. O curso de Mestrado só foi implantado em 1996 (área de Fitopatologia), o primeiro institucional criado na UPF. Em 2000, criou-se a área de Produção Vegetal, e o Curso de Doutorado, em 2004. Atualmente, oferece Programa de “Pós-doutorado” em Agronomia.

Colaborou decisivamente na aquisição da primeira área de terras (134ha), a partir de 1984, para a instalação de projetos nas mais diferentes áreas, visando a melhoria da qualidade de ensino e a difusão de tecnologias. Especialmente, pela ação atua nos bastidores, para que a aquisição fosse aprovada pela Assembleia da Fundação Universidade de Passo Fundo, em 1985. Imediatamente, foi criado o Centro de Extensão e Pesquisa Agronômica –CEPAGRO, que desenvolve, atualmente, inúmeros projetos de pesquisa e extensão. Ainda na sua gestão como Reitor, foi adquirida outra área de 136 ha, consolidando a implantação de um amplo Campo Experimental e área para expansão do Campus.

Por sua visão da necessidade do desenvolvimento regional, foi um dos gestores, na implantação do Conselho de Desenvolvimento (Condepro), na Região da Produção. Exerceu o mandato de Presidente desse Conselho por vários anos, além de outros cargos. Foi através do Condepro que se implantou o Pólo de Inovação Tecnológica junto a FAMV, por meio de diversos projetos que contribuem para o desenvolvimento do setor rural na região.

Finalmente, a Agronomia teve no Professor Guareschi um permanente colaborador, em diversos eventos de extensão, como seminários, simpósios e reuniões técnicas, que projetaram a Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária na região, no Estado e no Brasil.

Sem dúvida, o Padre Alcides Guareschi revelou-se um amigo da Agronomia.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Burocracia na Escola

VANESSA FRANÇA

A pesar de as escolas, hoje, serem tratadas quase como empresas, e terem uma boa autonomia, elas ainda sofrem com entraves burocráticos que atrasam muitos projetos/procedimentos, para a melhoria desses estabelecimentos.

Sabe-se que as escolas, atualmente, possuem estrutura baseada em modelos clássicos de organização e administração, tais como: hierarquias, divisão de trabalho (cargos e funções), estabelecimento de metas/objetivos, visão, missão, entre outros (TAYLOR e FAYOL, 2000).

Todavia, as instituições públicas de ensino também encontram entraves na burocracia existente, para gerenciar os recursos recebidos dos governos municipal e estadual (de acordo com sua rede). Isso porque é necessário cumprir algumas exigências pré-estabelecidas, além de ser imprescindível ouvir a opinião da comunidade educativa, para investir recursos maiores, através de pleitos.

Um exemplo de exigência pré-estabelecida diz respeito ao destino da verba para a merenda escolar, nas escolas da rede estadual: a instituição é obrigada a gastar 30% do valor recebido em produtos oriundos da agricultura familiar. Outro entrave ocorre em reformas da escola, como a pintura do prédio, por exemplo. São necessários ao menos três orçamentos, para decisão do menor valor. E, se a cidade onde a

escola estiver inserida não possuir mais de uma loja de tintas, deverá procurar na região. Além disso, é necessário exigir nota fiscal eletrônica de tudo o que se compra, com exceção dos agricultores familiares, que disponibilizam uma nota oficial do governo estadual.

Outro tipo de burocracia vivenciada nas escolas públicas é a questão da reprovação de um estudante. Para ser se “conseguir” que um estudante de baixo rendimento seja reprovado, ele precisa ter esse baixo rendimento em, pelo menos, três disciplinas e, entre elas, Matemática e/ou Língua Portuguesa. Tal medida, criada pelas secretarias de ensino, evitam um número alto de reprovações e, conseqüentemente, de evasão e desistência escolar. Para conseguir números baixos de reprovação e evasão escolar, os governos dão maiores verbas às escolas que obtiverem os menores índices.

Esses são exemplos de entraves burocráticos no dia-a-dia dos estabelecimentos públicos de ensino. Não bastasse a dura realidade de muitos deles (localizados em bairros/vilas de baixo poder econômico, como favelas), onde se faz necessário mudar a realidade dos educandos para melhor, ainda precisam despende um tempo precioso tempo com uma burocracia que, inúmeras vezes, retarda o progresso do ensino público do nosso País.

(Vanessa França é aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Ideau-Passo Fundo e professora da rede pública e particular de Passo Fundo/RS.)



“Água é um recurso natural e um bem público fundamental, para a vida e para a saúde. O direito do homem à água é indispensável para se levar uma vida saudável, com dignidade humana. É um pré-requisito para a concretização de outros direitos humanos”.

Comitê das Nações Unidas para os Direitos Econômicos e Sociais, 2002.

“A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, povo, nação, região, cidade e cidadão é plenamente responsável, aos olhos de todos”.

Declaração Universal dos Direitos da Água.

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Com as duas afirmações acima, que mostram a importância da água que consumimos, iniciamos uma reflexão sobre a água potável.

Nosso planeta Terra deveria ser mais adequadamente chamado de planeta Água, pois esta cobre 3/4 do globo terrestre. Com tanta água, por que a preocupação dos organismos internacionais? Na verdade, de toda a água existente na terra, 97% é constituído de água salgada, imprópria para o consumo humano. A água doce – nome usado para diferenciar da primeira, uma vez que ela é insípida – constitui apenas 3% do total.

Destes 3%, 77% são geleiras e glaciares, e 22% águas subterrâneas, restando apenas 0,03% das águas na superfície, sob a forma de vapores, lagos, rios e águas no solo. A preocupação é maior,

quando sabemos que 50 % dos lagos e rios do mundo estão contaminados pelo homem.

A água na história

A água sempre esteve ligada a fatos históricos. Desde os primórdios, o homem procurou estabelecer-se junto a mananciais, rios, lagos ou oceanos, para prover sua necessidade básica, mas também para facilitar seu deslocamento. Muitas guerras foram e são travadas em busca da água. Exemplo foi a Guerra dos Seis Dias, entre Israel e Síria, que ainda hoje lutam pelas colinas de Golan, nascedouro do rio Jordão. Ex-repúblicas soviéticas, na Ásia Central, lutam pelo direito à água dos poucos rios existentes. O rio Nilo também é motivo de desavenças internacionais, entre a Etiópia, seu nascedouro, e o Egito, principal usuário do mesmo.

A água potável sempre foi preocupação do homem, que se tornou sedentário por volta de 12 mil anos atrás. Até então, nunca se preocupou com águas poluídas, uma vez que, em sua função de caçador-coletor, não se fixava em local nenhum, não havendo possibilidade de contaminar a água. Ao morar permanentemente em um local, iniciou a contaminação da água e muitas mortes foram e são causadas pela mesma. Agravou-se o problema, quando começaram a se constituir aldeias e cidades, com aglomeração humana e de animais.

A cerveja, descoberta há cerca de 8000 anos, muito ruim de gosto, de começo era usada para substituir a água, pois ela era estéril e segura. O vinho incorporou-se ao uso humano, por volta de 5000 anos antes de Cristo,

pelo mesmo motivo. Foi o mais usado desde então, até as descobertas de Leuwoenhoek(1632-1723) e de Pasteur(1822-1895). O primeiro mostrou a existência das bactérias, e o segundo, o dano inerente às mesmas, pela contaminação das águas e alimentos.

Os ricos usavam o vinho como bebida, e os pobres, o vinagre, o qual, misturado na água, garantia uma esterilização da mesma. Quando Cristo estava na cruz, um soldado romano deu-lhe de beber água com vinagre, que era a bebida usual.

Muito mudou no mundo, quando o inglês John Snow (1813-1858) provou que a cólera vinha da contaminação da água, em Londres. A partir de então, muitos países iniciaram o controle da água e, hoje, a maioria das cidades do mundo têm água tratada.

Apesar deste conhecimento, nos dias atuais há, assustadoramente, cerca de 4 bilhões de casos de doenças causadas pela água contaminada, no mundo, por ano, na maioria diarreia em crianças, redundando em cerca de 2 milhões de mortes anuais, atingindo, principalmente, crianças menores de 5 anos.

Água potável, água tratada

Por água potável entende-se a água que pode ser ingerida pelos homens ou animais, sem risco de causar doenças. Excetuando-se as águas provenientes das geleiras e das florestas virgens, raras são as águas potáveis naturais no mundo. O aumento populacional e de animais levaram à contaminação dos mananciais. Também as águas subterrâneas podem estar contaminadas.

Por isto a necessidade da água ser

tratada. Na maioria dos países as águas oferecidas pelos municípios são de boa qualidade e isentas de riscos.

Um longo processo de tratamento da água, que inclui coagulação, floculação, decantação, filtração, desinfecção pelo cloro, por ozônio ou por outros métodos, fluoretação e correção do pH, conferem à água tratada qualidade e segurança. Em nossa cidade, temos mais segurança devido ao fato de que a água usada para tratamento é uma água natural, de boa qualidade, próxima ao nascedouro e distante de aglomeração humana.

Em tempo de seca e de calor, pode haver o desenvolvimento de algas e outros microorganismos, que conferem a esta água gosto diferente e muitas vezes cor escura, sem, contudo, tirar-lhe a qualidade da potabilidade.

Água mineral e água de mesa

Água mineral é aquela proveniente de fontes naturais ou de fonte artificialmente captada, que possua composição, propriedades físicas ou físico-químicas distintas das águas comuns, com características que lhe conferem uma ação medicamentosa (Decreto-Lei Nº 7.841, de 08/08/1945).

Sais, compostos de enxofre e gases se incluem entre as substâncias que podem estar dissolvidas na água mineral. Esta não deve ser confundida com a água de mesa, que é uma água de composição normal, proveniente de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas, que preenchem tão somente as condições de potabilidade para a região.

As águas minerais têm qualidades medicinais, enquanto a água de mesa tem apenas a condição de potabilidade.

As melhores águas minerais provêm de regiões vulcânicas e com solo calcáreo. As melhores se encontram, principalmente, na França, na Itália e nas ilhas Fiji. As duas águas minerais mais vendidas no mundo são, respectivamente, a São Pellegrino, italiana, e a Perrier, francesa.

Para receber registro de água mineral, ela deve ser submetida a minucioso exame pelo DPNM (Departamento Nacional de Produção Mineral).

As águas minerais são consideradas boas para a saúde, devendo, no entanto, ser usadas com orientação médica, pois a presença de certos minerais, como cálcio, sódio, potássio, magnésio, podem ser contraindicados em muitas doenças.

As águas minerais podem ser natural-

mente gasosas, ou gaseificadas artificialmente, devendo constar esta informação no rótulo do recipiente.

Água engarrafada

Água engarrafada é aquela vendida em garrafas de plástico ou de vidro. Pode ser mineral ou apenas água de mesa.

Seu uso tem crescido enormemente no mundo. Os italianos bebem cerca de 180 litros per capita/ ano. No Brasil, calcula-se que o consumo está em torno de 40 litros/ano, mas tem aumentado muito nas últimas décadas. A moda é apresentá-la por belas artistas ou musculosos atletas, que se mostram portando garrafinhas de água. No Brasil, não há uma fiscalização rígida sobre seu uso. Águas ditas minerais são, na verdade, águas de mesa. Nos Estados Unidos, estudo feito por ONGS chegaram à conclusão que 40% das águas engarrafadas provêm das torneiras municipais e não das fontes naturais estampadas nos rótulos. No Brasil, tal fato deve ser comum.

Por outro lado, há uma falsa ilusão de que a água engarrafada é mais pura e saudável do que a água da torneira. Estudo feito em Cleveland (EUA), e publicado no Archive of Family Medicine, mostrou que as águas engarrafadas continham níveis de bactéria significativamente maiores do que a água da torneira. Estudos feitos na Universidade de Genebra, assim como um relatório da Organização de Alimentos e Agricultura (FAO) das Nações Unidas, mostrou que a água comum de torneira é tão boa, do ponto de vista nutricional, como a maioria das águas engarrafadas.

Outro fator importante é o custo das águas engarrafadas. Um litro de água engarrafada custa de 1000 a 5000 vezes mais do que a água da torneira.

Dias atrás, ao abastecer o carro em um posto, me surpreendi quando paguei cerca de 3 reais por litro de gasolina aditivada e, no mesmo posto, um copo de água de 1/4 de litro, custou-me 1,5 reais, ou seja, 6 reais por litro, isto é, duas vezes mais do que a gasolina especial. O mesmo ocorre, ao compararmos o custo do leite: surpreende-nos constatar que um litro do precioso líquido é bem mais barato do que um de água engarrafada.

Usar água engarrafada em viagem é plenamente compreensível, quando estamos visitando países em desenvolvimento. Em países desenvolvidos, a

água de torneira é satisfatória. O uso dessas águas engarrafadas custou ao mundo, em 2003, cerca de 46 bilhões de dólares. O que nos deixa estarelecidos é que, se poupássemos uma quarta parte deste gasto, poderíamos fornecer, gratuitamente, água potável para todos os habitantes da terra, cujo custo anual é orçado em 12 bilhões de dólares. Nos dias atuais, cerca de 2 bilhões de pessoas não dispõem deste bem precioso.

Por fim, deve haver uma advertência quanto a seu uso correto. Está provado que deixar a garrafinha de água em lugares quentes, sujeitos ao sol ou ao calor de estufas e fogão, no carro, em casa, na academia, é prejudicial à saúde, pois ela libera substâncias usadas na fabricação do plástico, as quais são prejudiciais à saúde.

Água virtual

Água virtual é a quantidade de água gasta para produzir um bem, produto ou serviço. Ela está embutida no produto, não apenas no sentido físico, visível, mas também no sentido "virtual", considerando a água necessária aos processos produtivos. É uma medida indireta dos recursos consumidos por um bem.

Para exemplificar, sabe-se que, para produzir 1 kg de soja são gastos 2300 litros de água, e um kg de carne de gado cerca de 16000 litros de água.

Países com fartura de água estão exportando para outros países, a custo irrisório, muita água virtual. A China, maior importador mundial de água, importou 3,5 milhões de toneladas de soja, e com ela 45 bilhões de litros de água. Esta água custou-lhe 3000 vezes menos do que pagamos para a água de nosso uso pessoal e diário.

Outro exemplo é a exportação brasileira de 1,3 milhões de toneladas de carne bovina, originando uma exportação de 19,5 trilhões de litros de água.

Estes exemplos servem para que nós, preocupados com o precioso líquido da natureza, evitemos o desperdício, que pode nos custar pouco dinheiro, mas leva junto muita água potável. Lembremo-nos, de que ao jogar uma batata fora, jogamos junto 25 litros de água, e o desperdício de 1 litro de leite leva consigo 1000 litros de água.

(Carlos Antonio Madalosso é Médico Gastroenterologista, e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)



Vitaminas e suplementos

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

A nossa mídia apresenta-nos, constantemente, propostas para o uso de vitaminas e suplementos que, segundo os mesmos, são drogas milagrosas, que nos devolvem o corpo perfeito, a alegria, a inteligência e ainda um grande poder de conquistar parceiros e galgar sucesso. Faremos a seguir uma revisão sobre o assunto, baseada em dados científicos.

Vitaminas e suplementos. As vitaminas e os sais minerais são componentes essenciais de nossa dieta. Eles ajudam o metabolismo, reconstituem os tecidos, favorecem nossas funções vitais e são indispensáveis à manutenção de nossa imunidade. No geral, uma alimentação saudável nos fornece todas as vitaminas e sais minerais de que necessitamos. Há, no entanto, algumas situações em que é necessário complementá-los. Na infância, na gravidez, na recuperação de doenças ou de cirurgias e após os 60 anos. Nas primeiras situações, devido ao maior consumo das mesmas, e após os 60 anos, em razão de nosso organismo perder a capacidade de um aproveitamento adequado dos alimentos.

Estudos mostram que o uso de vitaminas e sais minerais, em pessoas de mais de 60 anos, melhora a disposição, a força física, a memória e a imunidade, reduzindo o risco de infecções.

A seguir, indicaremos outras situações em que a administração de vitaminas e sais minerais é importante:

* Em mulheres após a menopausa necessitam de vitamina D e Cálcio, para evitar a osteoporose.

* Pessoas que, por motivos diversos, de alimentam mal, comendo poucas verduras e frutas.

* Fumantes: o fumante consome mais vitaminas, necessitando suplementação, principalmente de vitaminas C, E e A.

* Alcoólicos. O consumo regular de álcool prejudica a digestão e a absorção de vitaminas. O alcoólico necessita suplementação de vitaminas B, além de zinco e magnésio.

* Dietas especiais. Aqueles que, por algum motivo se vê necessitado de restringir alimentos, deve sempre complementar sua nutrição com vitaminas.

* Operados do estômago ou de intestino. Estas pessoas apresentam deficiência de absorção de muitas vitaminas, sendo sua complementação obrigatória e permanente.

* Cuidado com medicamentos que oferecem megadoses e associadas com ervas medicinais que, no geral, encarecem o produto sem oferecer vantagem alguma.

Suplementos alimentares. O mercado está inundado de ofertas de suplementos alimentares. Muitos são úteis, enquanto outros ainda não têm ação benéfica comprovada, e alguns são atéprejudiciais.

Vamos tecer alguns comentários sobre os mais usados.

* DHEA. A dehidroandrosterona é um hormônio esteróide, que é convertido em hormônios sexuais, como estrogênio e testosterona. Muito usado para melhorar a memória, o humor, a energia e a massa muscular, bem como prevenir o envelhecimento. Não há comprovação científica de sua ação e seu uso prolongado pode estimular o desenvolvimento de câncer de próstata, de mama e de ovário.

* Óleo de peixe e ômega 3. O óleo de peixe, que contém ômega 3, mostrou-se eficiente para baixar os triglicerídios e prevenir doenças do coração, principalmente nas pessoas que já realizaram cirurgias cardíacas. Aumentam a capacidade para exercícios físicos. Mantenha-se na dose recomendada, pois uma dose elevada pode determinar indisposição gastrintestinais e hemorragias.

* Alho. O *Alium sativum* é usado para combater infecções respiratórias, e baixar o colesterol. Estudos mostram que o alho pode reduzir o colesterol e a formação de coágulos. Faltam estudos a longo prazo. Deve ser evitado em pessoas que tenham problemas gástricos, e que usam anticoagulantes, como a aspirina. Como efeitos colaterais, ocorrem o aumento do risco de hemorragia, náuseas, hálito ruim e mau odor corporal.

* Gengibre. O gengibre (*zingiber offi-*

cinale) é usado para reduzir as náuseas, principalmente as causadas pelo movimento. As pesquisas comprovaram esta ação. Pode provocar formação de gases e gosto ruim na boca. Quando ingerido em forma natural, pode prejudicar a função intestinal e causar alergia em casos especiais.

* Ginkgo biloba. Esse vegetal japonês conhecido como noqueira do Japão, é largamente usado para melhorar a circulação cerebral, principalmente em idosos. Os estudos mostram que o ginkgo melhora a circulação do cérebro, das pernas e dos braços. Não deve ser usado em pessoas medicadas com anticoagulantes ou aspirina, pois juntos podem favorecer o risco de hemorragia e espasmo muscular.

* Ginseng. Usado para aumentar a energia, o vigor sexual, reduzir o estresse e o envelhecimento. Está comprovado que seu uso melhora o bem-estar, reduz a demência e a formação de coágulos. O uso do ginseng é desaconselhado em mulheres com câncer de mama, e nas pessoas que têm hipertensão, pois seu uso pode agravar essas condições.

* Glicosamina. Esta substância, encontrada nas cartilagens do organismo humano, é usualmente associada à condroitina. Seu uso é recomendado para recuperar cartilagens doentes, principalmente as do joelho. Reduzem a dor e a inflamação. Tem sido prescrita pelos médicos, para tratamento de artrites inflamatórias e da artrite reumatóide.

A glicosamina vendida no mercado provém da casca de camarões ou da carapaça de caranguejos, e por isto pode desencadear alergia em pacientes sensíveis a crustáceos, assim como causar crises de asma. Deve ser evitada em pessoas asmáticas. Seu uso pode causar indisposição gástrica, insônia e espessamento das unhas.

* Hortelã-pimenta. É a mentha piperita, que foi usada largamente no Egito, na Grécia e em Roma. Hoje se usa para aliviar cólicas intestinais, má digestão e congestão nasal.

Estudo tem demonstrado que é útil, principalmente, na síndrome do intestino irritável, sendo seu uso em dor de cabeça, e como descongestionante nasal, ainda inseguro. Pode desencadear alergia a pessoas sensíveis, bem como agravar a doença do refluxo gastroesofágico.

*Soja. A soja tem sido indicada para reduzir o colesterol ruim, aumentar o bom colesterol, reduzir os fogueiros da



menopausa, prevenir certos cânceres e outros sintomas.

Quanto ao benefício no tratamento dos cânceres, os estudos têm sido contraditórios. Alguns a favor e muitos, contra. Como possui substâncias semelhantes a hormônios femininos, as isoflavonas, desaconselha-se o uso em cânceres sensíveis aos mesmos, como o de mama e o de ovário.

O mercado apresenta muitos outros fitoterápicos, como a espada de São João, o licopeno, a babosa, o confrei, e tantos outros que seria difícil e numerá-los. Não os use somente porque o vizinho lhe recomendou. Aconselhe-se com seu médico, pois muitos deles podem interferir em outros medicamentos.

* Chás. O uso de chás é um costume saudável, que deve ser estimulado após os 60 anos. Os líquidos são sempre recomendáveis, principalmente quando tomados pela manhã. Deve-se beber muito líquido pela manhã, menos à tarde e o mínimo necessário, à noite. Os chás são, em última análise, um bom hábito de tomar líquidos.

Há uma infinidade de chás no mercado e outros em sua horta. Quando compramos chás comerciais, devemos verificar se os mesmos contêm cafeína. Esses não devem ser ingeridos após as 5 horas da tarde, pois comprometerão o

sono e podem causar aceleração do coração. São muito bons, quando ingeridos até o início da tarde, pois estimulam as funções vitais, deixando a pessoa mais animada e desperta para suas atividades. Os chás pretos, os verdes, e os de erva mate são ricos em cafeína.

Evite chás caseiros sem conhecê-los. Muitos chás, como os de macela, hortelã, boldo, camomila, erva-doce e outros, são aprovados pelo uso, estão liberados e até aconselhados, desde que se respeite suas indicações. Os chás novos e desconhecidos devem ser usados com muita cautela, pois, frequentemente, com o decorrer de seu uso, identificam-se neles contra-indicações e até prejuízos à saúde.

Quando decidir por um suplemento, tome os seguintes cuidados:

- 1.- Verifique a procedência. Há muitas fábricas clandestinas que não são confiáveis.
- 2.- Siga as instruções. Não ultrapasse a dose recomendada.
- 3.- Informe seu médico sobre o uso. Muitos suplementos interferem ou potencializam os medicamentos, tornando perigoso o uso concomitante.

(Carlos Antonio Madalosso é Médico Gastroenterologista e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

A alimentação e o envelhecimento

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

O velho ditado diz que “o peixe morre pela boca”. A voracidade do peixe torna-o presa fácil para o pescador. O ditado aplica-se para o ser humano, já que a gula leva as pessoas a doenças diversas, por comer muito ou comer mal. O sal, tão abundante em nossa dieta, é o principal responsável pelas doenças cardíacas, derrames cerebrais e hipertensão arterial. O açúcar, tão consumido em nossos dias, é responsável pelo surgimento do diabetes e da obesidade. A gordura causa arteriosclerose, fígado gorduroso e outros males. Por sua vez, o álcool é o principal causador da cirrose hepática, doença incurável, cuja única esperança reside no transplante hepático.

Não temos grande influência sobre nossos genes, pois os mesmos são herdados. Mas podemos agir sobre os fatores ambientais, pelo modo que os encaramos. Está provado, pela epigenética, que fatores ambientais influenciam nossos genes, sendo que a alimentação é a que mais interfere sobre os mesmos. Portanto, se quisermos viver mais e melhor, temos de nos alimentar bem.

Alimentar-se bem não significa alimentar-se muito, mas sim, aliar excelente paladar com excelente nutrição.

Há muitas propostas alimentares de renomados e bons nutricionistas. Como opção, vamos adotar o método da Pirâmide Alimentar, da Clínica Mayo, dos Estados Unidos.

A pirâmide está calculada para uma necessidade diária de 1200 calorias, considerada dieta especial para emagrecer.

A necessidade diária, de uma pessoa de vida sedentária, varia de 1700 a 2000 calorias, sendo que a necessidade aumenta à medida que se realiza maior esforço físico, e reduz com o avanço da idade.

Ao lado da pirâmide acima, está uma

▲ DAILY CALORIE GOAL: 1,200 calories

Daily serving goals:

Sweets/Extras
up to 75 calories daily

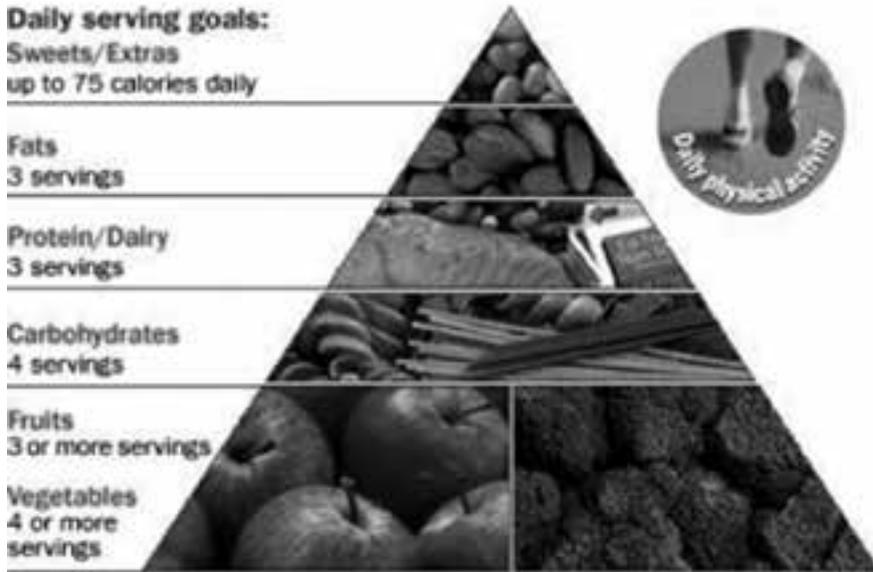
Fats
3 servings

Protein/Dairy
3 servings

Carbohydrates
4 servings

Fruits
3 or more servings

Vegetables
4 or more servings



© Mayo Foundation for Medical Education and Research. All rights reserved.

imagem que mostra a importância do exercício físico sobre a saúde e o controle do peso.

Nesta pirâmide, ocupam os andares mais altos, os alimentos que produzem grande quantidade de calorias. Devem ser usados com muita moderação. No andar de baixo, temos vegetais e frutas, que podem e devem ser ingeridos em maior quantidade, pois apresentam menor valor calórico e maior valor nutricional.

Iniciamos pelas frutas. É de conhecimento geral que as frutas são muito saudáveis, por possuírem muitas vitaminas. Algumas, como a uva, possuem flavonóides, que reduzem os riscos cardíacos. Por sua vez, certas frutas, como o abacate, contêm antioxidantes, principalmente a luteína e a azeaxantina, que podem proteger contra a perda progressiva da visão e o envelhecimento da pele. As fibras das frutas contribuem para o melhor funcionamento do intestino, evitando o câncer intestinal, bem como reduzem a absorção das

gorduras. Laranja e abacate contêm o beta-sitosterol, que ajuda a reduzir o colesterol do sangue.

Recomenda-se ingerir as frutas pela manhã ou ainda à tarde. À noite, a ingestão de muitas frutas e alimentos de difícil digestão deve ser feita com moderação, pois não é bom deitar-se com o estômago cheio. Outra observação é de que sucos não substituem as frutas, uma vez que não possuem fibras, cuja ausência determina redução da função intestinal. Excesso de sucos provoca um aumento do apetite, e o excesso de frutose pode determinar deposição de gorduras no fígado.

A seguir, temos os vegetais e os legumes. A ingestão de quantidades generosas de vegetais determina um menor risco de desenvolver doenças cardíacas. Os vegetais possuem substâncias fitoquímicas, que parecem oferecer proteção contra o câncer. Estudos realizados nos Estados Unidos mostraram que as verduras do gênero brassica (repolho, brócolis, couve e mostarda) protegeram

os indivíduos contra o câncer de intestino grosso.

Os vegetais possuem muitas vitaminas, além de considerável quantidade de sais minerais, folatos, ferro e cálcio, importantes para a fisiologia humana. Recomenda-se ingerir saladas com muitas cores, pois, para cada cor, há uma vitamina predominante.

Os legumes, (sementes produzidas dentro de vagens, como feijão, lentilhas, ervilhas e outras) contêm baixo teor de gordura e possuem grande quantidade de fibras solúveis, que ajudam a baixar o colesterol e regular a glicose sanguínea. Legumes, como feijão, soja, grão-de-bico, ervilhas, são saudáveis substitutos da carne, por apresentarem boa quantidade de proteína e não terem, em sua composição, o colesterol animal.

Carboidratos. São os alimentos mais presentes na dieta do brasileiro. Necessários para gerar energia, principalmente, nas pessoas que tem muita atividade física, devem ser ingeridos com moderação os que têm vida sedentária. Entre os carboidratos, os mais saudáveis são produzidos com cereais de grão integral. Podem ser de trigo, de aveia, de arroz...

Os carboidratos derivados de cereais polidos, os de batata e também as massas têm menos qualidade que os integrais. Mais prejudiciais são as bolachas, os biscoitos, os doces e refrigerantes, produzidos com açúcar e que contêm, muitas vezes, gorduras trans.

Indispensáveis na mesa das crianças, dos jovens e dos esportistas, por serem de fácil digestão e liberarem rapidamente energia, são aconselháveis à noite, pois favorecem o sono e são rapidamente digeridos. Liberam, no entanto, muitas calorias, e seu uso deve ser constantemente vigiado.

Lemos, frequentemente, que os carboidratos estimulam a produção de insulina, responsável pela gordura corporal. De fato, o carboidrato pode engordar a pessoa, quando ingerido em excesso. No entanto, dietas que suprimem os carboidratos, usam carnes e laticínios, que são ricos em gorduras animais saturadas e, por isto, prejudiciais à saúde. Lembre-se que os carboidratos provenientes de grãos integrais são ricos em vitaminas, sais minerais e fibras, que constituem uma fonte saudável de energia.

Proteínas. Subindo a pirâmide, encontramos as proteínas. Alimento importante, pois são elas que ajudam a formação das células e a estruturação de nosso organismo. São encontradas,



principalmente, em carnes, laticínios e ovos. Existem em menor quantidade em legumes, como feijão, soja, lentilhas e outros. Seu uso é indispensável, sobretudo em crianças e jovens, que estão moldando sua estrutura corporal.

As carnes, tão importantes, não necessitam de ser ingeridas diariamente. Devemos procurar carnes magras, com pouco teor de gordura. A carne suína, tão condenada outrora, com a melhoria genética do porco "light", tem menos gorduras que a de outros animais. As carnes de peixes e frutos do mar são, por possuírem ácido ômega 3, que ajuda a baixar a pressão arterial, a aumentar o colesterol bom e a melhorar nossa imunidade. É recomendável incluir peixes, em nossa alimentação, 2 x por semana.

Lembramos que o ácido "ômega 3" é encontrado também no óleo de canola e de oliva, na semente de linhaça, na soja e nas nozes.

Gorduras. Embora tendo má fama, as gorduras têm importância em nossa alimentação, pois são necessárias para

construir células, que se renovam diariamente. As mais recomendáveis são as de origem vegetal, como o óleo de canola, de oliva, de abacate e de algumas sementes, principalmente soja, feijão e amendoim. Temos necessidade diária de um pouco de gordura, uma vez que algumas vitaminas como a D, E, A e K, essenciais em nossa vida, somente são absorvidas, na presença de gorduras. Tenha cuidado, no entanto, pois embora necessários em nossa alimentação, são altamente calóricos. Basta dizer que uma colher de azeite de oliva contém nada menos do que 140 calorias.

As gorduras são classificadas em 4 categorias

*Monoinsaturada, encontrada no óleo de canola, de oliva e nas nozes. É recomendável, sempre em pequenas quantidades, pois baixa o colesterol ruim e eleva o colesterol bom. Falamos, em especial, do azeite de oliva, que possui alto teor de oxidantes, derivados fenólicos, vitamina E, esteróis livres e o esqualeno, que aumentam o bom colesterol e exercem um efeito protetor sobre as artérias.

*Poliinsaturada, encontrada nos óleos vegetais de milho, de algodão, girassol, arroz, e de soja. Reduz o colesterol ruim, mas não aumenta o bom.

*Saturada. Encontrada em produtos animais, carnes, laticínios, manteiga e ovos. Aumenta o colesterol ruim no sangue, e eleva o risco de doenças cardiovasculares. Deve ser ingerida com muita moderação.

*Gordura trans, encontrada nas margarinas, gorduras vegetais sólidas, e nas bolachas, massas, chocolates, feitas com esse tipo de gordura. É a pior, pois aumenta o colesterol ruim e baixa o bom, aumentando muito o risco de doenças. Deve ser evitada ao máximo.

Doces. Os doces, bolachas, bolos, balas e refrigerantes, por conterem açúcar, são altamente calóricos, e praticamente não acrescentam nada em termos de alimentação. Devem ser evitados, a menos que seja necessário o ganho de peso ou a recuperação de doenças e de cirurgias.

Seguindo as informações acima, certamente estaremos nos alimentando adequadamente, aproveitando o prazer dos alimentos e VIVENDO MELHOR.

(Carlos Antonio Madalosso é Médico Gastroenterologista, e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

Acariciando pensamento

Pelas ruas da minha terra,
Trafega meu sentimento,
Levado como se fosse
Folha seca pelo vento.
Quem entender a mensagem,
Receba como um alento,
Pois poesia verdadeira
Atinge quem anda atento,
Mesmo que esteja parado,
Mas a mente em movimento...
Observando o presente,
Querendo um futuro bento,
Guardando um lindo passado
Pra não ver no esquecimento,
Todo poeta é um carente,
Acariciando pensamento...

Não me comprem por quadrado

Cavalo e homem gavião,
No popular é ser arisco,
Pois não como qualquer prato,
Muitas vezes só belisco.
Pois a pompa e a luxúria
Acobertam muito cisco.
Pois é nos grandes prazeres
Que se corre o maior risco.
Entre o mar e o rochedo,
Quem se lasca é o marisco.
Não me comprem por quadrado,
Tenho fio e sou um disco!

Acasos e a ironia

Ensinaaram-me, certa vez,
Que a vida e o cada dia,
É respeitar pai e mãe,
Padrinho, vovó e titia.
Irmão mais velho falava,
O mais novo obedecia.
E toda pessoa idosa
Mais respeito merecia.
Vendo o que se vê hoje,
Querer isso é ironia.

Depois vieram outros casos
Que a própria idade exigia,
E junto às decepções
Que nunca imaginaria.
Na escola veio a história,
E a professora dizia
Que Pedro nos descobriu
Por causa das calmarias.
Uns dizem que foi acaso,
Outros que ele sabia...

Por causa desses acasos
Foi que eu nasci um dia.
Meu pai que teve a ideia
E minha mãe resistia,
Mas ele argumentava,
Defendendo o que queria.
Isto é só por um acaso,
Deu o que mamãe temia,
Pois a droga do acaso
Era bem naquele dia...

Num comício, um candidato
Para o povo prometia:
Se por acaso eu ganhar,
Tudo vai ser alegria!
Apenas por dizer isso,
Muita gente aplaudia.
Com isto se elegeu,
Só vive na mordomia.
Por acaso encontrei ele,
Entre cartolas, um dia,
Mas daí não foi acaso,
Fez que não me conhecia.

Quando cheguei neste mundo,
O acaso já existia,
E a pobreza por acaso
Escolheu-me pra companhia.
Por isto eu vivo tentando
Um acaso na loteria.
Se por acaso der certo
E for bastante a quantia,
Vou contratar meu patrão
Pra fazer o que eu fazia.
Vou pagar um bom salário,
Ser um patrão simpatia,
Se acaso não aceitar,
Será só por ironia.
Pra surgir patrão assim
Só um acaso na quantia...



Acasos ou coincidências

Tema publicado no Jornal A Serra, de Santa Rosa em 27.08.92, com o título Francisco Mello Garcia homenageia Xuxa, ocasião em que foi inaugurada a sucursal da RBS em Santa Rosa e que XUXA retornou a sua terra natal para essa inauguração. Entre tantas coincidências já acontecidas, como a poesia registra, este autor e o pai da grande apresentadora de TV, como eram militares do Exército, serviram na mesma Unidade Militar daquela cidade, 1ºRCM. Subsequentemente, ao se desligar do Exército, constituiu empresa comercial na mesma cida-

de, oportunidade em que teve como funcionária a irmã de Xuxa, Mara Rúbia Meneghel. Outra coincidência foi o fato de que morou 25 anos na cidade de Santa Rosa, e, por incrível que pareça, era uma oportunidade de conhecê-la pessoalmente e mostrar o seu trabalho literário e composições musicais, mas teve que fazer-lo por intermédio de terceiros. Por isso tem dúvidas se o material foi de fato entregue à Rainha dos Baixinhos, já que justamente naquele dia estava se transferindo para Passo Fundo, o último acaso ou coincidência.



Eu sou um passo-fundense
Conterrâneo do Teixeira,
Que veio pra sua terra,
A qual hoje já é minha.
Mas você voou daqui
Como se fosse andorinha,
Mas também sou ex-patrão
Da Mara, sua irmãzinha.
Verso, música e cantiga
Sempre está na alma minha.
Se escutares meu trabalho,
Verá que tudo se alinha,
A INFÂNCIA, diz o que fui
E também o que eu tinha,
Pois você também recorda
O tempo de menininha...

NO PEIXES DO RIO DA VIDA
Verá o Brasil inteiro,
Eu também quero pescar
Só não encontro peixeiro.
Você pode me ajudar,
Juro que fico fãceiro,
Pois no grande rio da vida
Sempre nadei sem dinheiro.

Você é linda mulher
E fonte de inspiração,
E com honra lhe ofereço
O tema EU E O VIOLÃO,
Principalmente no verso
Que tem a comparação,
Entenda como carinho
E nunca como agressão,
Afiml você tem fã
Da criança ao ancião.

Fiz centenas de poesias,
Uma ou outra musicada,
Se hoje sou bacharel,
Eu vim de um cabo de enxada,
Aos poucos venho vencendo
Os degraus de minha escada.
No interior, Santo de Casa
Vive de vela apagada.

Por ter sido militar,
Pra seu pai fiz continência.
Ser patrão de sua irmã
É mais uma coincidência.
Moro aqui em Santa Rosa,
Sua raiz e querência,
A qual hoje é conhecida
Por sua fama e audiência.
Mostre ao Brasil meu trabalho,
Que denominei "VIVÊNCIA",
Se mais isto coincidir
É DIVINA PROVIDÊNCIA.

XUXA! Deus me deu poesia
Pra você muita beleza,
Porém só isto não basta,
Nem sempre "se põe mesa".
Outros tantos predicados
Completam sua grandeza.
Que você leu os meus versos,
Eu quero ter a certeza.
Forneça-me alguma prova,
Faça esta gentileza,
Já bati em muitas portas
Só obtive frieza...

Eu termino por aqui,
Porém muito emocionado,
Se acaso fui atrevido,
Eu já me sinto culpado,
Poeta no anonimato
É que nem ouro enterrado,
Só terá algum valor
Se um dia for encontrado.
Deus que mantenha seu brilho
Como sempre tem brilhado,
E bem à moda gaúcha,
O meu abraço apertado.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alcides Maya: um clássico esquecido

PAULO MONTEIRO

É preciso reler Alcides Maya.” A frase com que Augusto Meyer abre o ensaio que dedico ao escritor gabirolense enfeixado em *Prosa dos Pagos: 1941-1959* (Rio: Livraria São José, 1960, páginas 113 a 141), e dois anos depois aproveitado como prefácio à reedição de *Tapera*, tornou-se uma espécie de mantra. Nos últimos meses, tenho me dedicado a reler o romance *Ruínas Vivas*, de 1910, e os livros de contos *Tapera*, de 1911, e *Alma Bárbara*, de 1922. Além disso, recorro a alguns textos sobre a obra do criador de Miguelito e outros mais recentes, produzidos por alguns estudiosos contemporâneos.

Alcides Maya nasceu no dia 15 de outubro de 1878, em São Gabriel. Na infância passou largas temporadas na Estância do Jaguari, mais tarde renomeada como Estância São Manuel, no então 2º Distrito de Lavras do Sul, cuja paisagem é o cenário onde, mais tarde, narrará suas histórias. Muito cedo, ainda antes da Revolução Federalista, mudou-se para a capital do Estado, onde estudou, exerceu o jornalismo e escreveu muito, publicando seus primeiros livros. Em 1885, matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Adoceu, retornando ao Estado, continuando sua vida de homem de imprensa. Em junho de 1897, publicou seu primeiro livro, intitulado *Pelo Futuro*. Seguiram-se: *O Rio Grande Independente* (1898) e *Através da Imprensa* (1900). Apenas mais tarde se lançou como ficcionista.

Em 1898, vai ao Rio de Janeiro, onde conhece importantes figuras literárias da época. Demora-se pouco, retornando às lides jornalísticas. Em 1901 mandou edificar, no terreno da família, em Porto Alegre, um pequeno prédio que se tornou ponto de velhos e novos intelectuais gaúchos. Após idas e vindas, em 1910, está novamente no Rio de Janeiro, onde



permanecerá a maior parte do tempo, até 1924. É eleito para a Academia Brasileira de Letras em 6 de setembro de 1913, tomando posse no dia 21 de junho do ano seguinte. Era o

primeiro gaúcho eleito para a Casa de Machado de Assis.

Rompe com os antigos federalistas, aderindo ao Partido Republicano Rio-Grandense, pelo qual exerce mandatos de deputado federal, entre 1918 e 1924, quando retorna ao Rio Grande, assumindo a direção do Arquivo Público do Estado e, posteriormente, do Museu Júlio de Castilhos, onde passa a residir, até sua aposentadoria em 24 de março de 1939. Participa ativamente da Revolução de 30, inclusive, comparecendo e falando na sessão de 13 de novembro daquele ano, devidamente fardado à gaúcha.

Solteirão e mulhereiro, após, pelo menos, duas grandes decepções amorosas, casou-se com sua governanta, Ofélia Balthesan, em 8 de abril de 1939. Muda-se para o Rio de Janeiro. Doente e corroído pelo alcoolismo, longe da mulher, mas assistido por poucos e fiéis amigos, falece no Hospital Miguel Couto, em 2 de setembro de 1944. É velado na Academia Brasileira de Letras e se-

pultado no Cemitério São João Batista, no dia seguinte. Em 1949 seus despojos são exumados e transportados para o Rio Grande do Sul, sendo, sob honras militares, depositados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, de Porto Alegre, em 17 de setembro daquele ano.

Com a morte de Alcides Maya, à exceção de *Tapera*, os direitos autorais de suas obras passaram à viúva, que somente reapareceu para a história, possibilitando a reedição dos livros pela Editora Movimento, em parceria com o Curso Universitário e a Universidade Federal de Santa Maria.

Osório Santana Figueiredo, historiador gabirolense, lembrando que ninguém pode editar obra literária sem consentimento do autor ou herdeiros (Santa Maria: Palloti. Alcides Maya: “O Clássico dos Pampas. 1987, p. 133), lembra a frieza com que foi tratado por Dona Ofélia.

A receptividade da obra ficcional de Alcides Maya, no geral, foi boa. O ponto negativo, na opinião de vários críticos, é o seu “parnasianismo”. Ainda em vida do Autor (1925), a obra alcidiana provocou uma polêmica em termos elevados, entre Moysés Vellinho, sob o pseudônimo de Paulo Arinos, e o inditoso Rubens de Barcellos, mais tarde enfeixada pelo próprio Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi, em *Estudos Rio-grandenses*, sob o patronímico de Rubens de Barcellos.

Num belo ensaio intitulado *Alcides Maya: a expressão literária e o sentido sociológico de seu pensamento* (Porto Alegre: Letras da Província. Editora Globo, 2ª Edição, Revista e Acrescentada, 1960, páginas 4 a 27), Moysés Vellinho retoma o debate com Rubens de Barcellos, para censurar (p. 9) o verbalismo do estilista de “*Ruínas Vivas*”. Para o autor de *Capitania D’El Rei*, Alcides Maya, com seu espírito erudito e seus dons de “causeur”, não lhe cabia espaço para a ficção. Além disso, Coelho Neto, com seu precisio-





mo vocabular, acabou sendo um modelo pernicioso (p. 13).

Moysés Vellinho recorda o “sentido sombrio” da ficção alcidiana, desde os títulos (*Ruínas Vivas*, *Tapera*, *Alma Bárbara* e um romance jamais publicado: *Ocaso*). É uma espécie de “penumbrioso”, notado por alguns críticos que andei lendo nas últimas semanas. O tema exige um aprofundamento que os estudiosos da literatura rio-grandense não promoveram até hoje.

Além das dificuldades legais, em reeditar os livros de Alcides Maya, deve-se levar em consideração o conteúdo sociológico, que perpassa o romance e os contos do criador de Miguelito. Em sua ficção, como destaca Floriano Maya d’Avila, seu sobrinho e “filho espiritual”, (Porto Alegre: Terra e gente de Alcides Maya. Editora Sulina. 1969), há toda uma crítica profunda às estruturas sociais da Campanha e do sistema político determinado pela caudilhagem. Floriano desenvolve teses esboçadas por José Salgado Martins, em *Alcides Maya: o ensaísta e o escritor de ficção* (Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Editora Globo, s/d [1964]). A crítica ao sistema de poder, que também não mereceu a devida atenção dos estudiosos, é outro elemento que contribuiu para que seus livros fossem lançados ao

esquecimento. O que se agravou com a adesão ao sistema castilhistaborgista.

Miguelito, de *Ruínas Vivas*, a grande personagem de Alcides Maya, é o protótipo do gaúcho. Filho bastardo de um jovem estancieiro (Artur) que, aluno da Faculdade de Direito de São Paulo, falece prematuramente e Elisa, filha de Chico Santos, veterano das guerras gaúchas.

Seu pai representa o aventureiro branco, detentor da cultura europeia; Elisa é a “china”, meio branca, meio índia, meio negra, talvez. Desprezado pelo avô paterno, o branco pai e filho dos conquistadores das terras americanas, herdeiros do poder colonial, torna-se um verdadeiro “guaxo”. Sem pai, sem mãe, sem avó, sem terras, torna-se o índio vago, indomável. Se tivesse um pedaço de terras seria o “taura”, o valente; como proletário rural, sem direito a prole, torna-se o “maula”, o perseguido pela Lei e a Justiça, a serviço dos poderosos.

Miguelito é o nosso Martín Fierro.

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*, *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*, *A Campanha da Legalidade em Passo Fundo* e *Eu resisti também cantando*, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Minha Diva

Divina, minha Diva,
Repouso de energia,
Tu és a Virgem Maria,
É amor, é um milagre,
Minha paisagem preferida,
Desenhaste minha vida,
Onde não existe saudade!

Nunca me afasto de ti,
Estás sempre no meu amanhecer,
Escolheste ao nascer,
A estrela da felicidade,
Que brilha em minha mente,
E me faz ser diferente,
Tu és consolo e bondade!

À noite dorme comigo,
Dentro do meu coração,
Devolvendo a emoção,
Não importa se perto ou longe,
Retém meu pensamento,
Enclausura meu momento,
No mosteiro,
como eu fosse um monge!

Divide comigo o dia,
Em cada sonho uma passagem,
Fotografa nesta miragem,
Um modo de não me esquecer.
Lembra que tu és a minha Diva,
Verdade definitiva,
E ser teu - só me dá prazer!

Posseira da minha existência,
Por ser forte e diferente,
Está sempre presente,
Em cada parte que estou.
Não importa o lugar,
Tu vens me procurar,
Lembrando de quem eu sou!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Rodolfo, o torturador do Panamá



LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Certa manhã, devido a algo que o assustava dentro da boca, Rodolfo pediu a sua mãe que a examinasse. Esta lhe disse que não havia nada, mandando-o cuidar da vida.

Sem outra preocupação, obedeceu à ordem, saindo de casa. Dirigiu-se a um cinema por perto, para assistir ao filme que estava sendo apresentado. Ainda não se dera conta de que já não estava no ambiente familiar de sua cidade e sim noutro lugar, completamente estranho. Ao chegar ao cinema, comprou e pagou o ingresso, penetrando no recinto através de um corredor mal-iluminado. Mas imediatamente constatou que ali não estava sendo exibida nenhuma película. Não havia tela, nem assentos, nem cadeiras. Nada dos objetos que se costuma encontrar num cinema. Não obstante, atravessando o corredor, ingressou diretamente num grande cenário. Este era nada mais nada menos que uma praça bem ampla, extremamente movimentada, repleta de passantes. Havia gente indo e vindo sobre as calçadas firmes e bem desenhadas, dispostas em vários planos, com degraus e escadarias, vãos e acessos ocultos, como se vê no Marais, em Paris. Ao redor da praça dispunham-se, lado a lado, pequenos e elegantes sobrados, pintados de cores fortes, todos se harmonizando entre si e com o ambiente geral. Ali se concentravam cafês, restaurantes, livrarias, tabacarias e outros estabelecimentos,

inclusive antiquários, todos com suas vitrinas, encimadas por cartazes e luminosos faiscantes e de muito bom gosto. Muitas pessoas, vestindo pesados abrigos, circulavam incessantemente, não se dirigindo, aparentemente, para lugar nenhum. O ambiente seria dos anos 30 ou 40 — pode ser que dos 50 — do século passado. Apesar da passagem da guerra, a aparência da paisagem urbana, nessas décadas, não chegou a alterar-se de modo significativo. Na arquitetura, prevaleceu e continuou a predominar o estilo art nouveau, que começou a desaparecer apenas depois dos anos 70. Havia até alguns automóveis, escuros e pesados, cujas marcas Rodolfo não conseguiu identificar, estacionados junto às calçadas. O ambiente, uma mistura de gótico com fantasmagórico, lembrando os velhos burgos alemães, se parecia com alguns cenários dos filmes de Harri Potter. Era inverno, fazia frio e quase já anoitecera. No lusco-fusco que antecede a chegada da noite, as luzes piscantes emprestavam um aspecto onírico à paisagem da praça.

Por ali Rodolfo ficou circulando, sem se deter ou cansar. Procurava observar todos os detalhes e ver de tudo um pouco. Embora intrigado com o que via, sem se dar conta do local onde estava, e apesar do frio e da umidade, sentia-se bem, num ambiente que lhe parecia agradável e acolhedor. Encontrava-se num lugar como aqueles de que gostava: numa velha praça dentro de uma velha cidade, num anoitecer de inverno, cercada por cafês e restaurantes

e velhas lojas, com suas casas velhas e bem conservadas, a exibir suas luzes velhas e bruxuleantes, mal revelando os contornos fugidios de antigos objetos e quinquilharias imprestáveis.

Eis que Rodolfo se depara com um mistério intrigante: ao entrar em uma livraria e aproximar-se de seu balcão, como que do nada, pois ali até não havia nenhuma pessoa visível, surge-lhe subitamente nas mãos um livro, que não procurava e que ninguém lhe entregara. No alto da página, que veio às suas mãos já aberta, do lado esquerdo, seu nome aparecia enquadrado e impresso em letras pequenas, como se fosse um anúncio. Escrito por inteiro, encimava um endereço e outros dados. Ali se anunciava ser Rodolfo um advogado estabelecido no Panamá, chefe, ou coisa parecida, de um grupo de torturadores. De imediato, reagindo à perplexidade inicial, esboçou uma reação, pensando:

- Preciso arranjar um advogado para conseguir uma ordem de apreensão desse livro e desse filme (não esqueçamos que ele se dirigira ao cinema e, em sua confusão, sentia-se como um participante secundário de um filme de época: em sua estupefação, não conseguia se certificar se aquilo era a própria realidade, ou se estava dentro do filme, ou se tratava de um sonho); não posso correr o risco de me prejudicar, se permitir que continue a circular esse livro, que contém dados falsos sobre mim, que podem me prejudicar muito e desabonar irremediavelmente.

Logo que pensou nisso, de súbito

incorporou-se a seu lado, diante da livraria, num dos cantos da praça, M., um advogado seu contemporâneo, retirado e já idoso. Mostrava-se com a mesma aparência que tinha quando jovem: boa estampa, um vistoso bigode a atravessar-lhe a cara, e a calva que já começava a devorar-lhe a cabeleira ainda negra. Carregava uma grande pasta e vestia um longo capote escuro, que lhe passava abaixo dos joelhos, — esse capote Rodolfo o reconheceu de tempos melhores — e uma velha gravata, que, embora conservando o brilho da cor,

chamava atenção por apresentar-se muito puída. Quis contar-lhe sobre o livro e o anúncio e sobre o seu desconcerto com o que estava acontecendo. Mas M., contrariando a segurança e loquacidade que sempre o caracterizaram, hesitou, parecendo amedrontado, sem nada responder. Falando de modo desconexo, o que fez foi fugir apressadamente, como o coelho da fábula de Alice.

Assim terminou a alucinação de Rodolfo: com a fuga precipitada de M., as luzes apagaram-se e desfez-se o cenário. Como um castelo de cartas ou

um velho filme que se desmancha no ar, desapareceram as casas, os objetos, o ambiente e as pessoas que nele apareciam. Para Rodolfo, ficaram somente a inquietação e o mistério — que nunca mais conseguiu decifrar — do anúncio insólito dentro de um livro velho, que o dava como chefe de torturadores no Panamá.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Mestre em Direito e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

JÚLIO PEREZ

Império do novo

Ergue-se o novo
no lugar do antigo.

Apaga-se da memória
um pouco
muito
da história
de Passo Fundo.
Casarões
que vêm abaixo
de mansinho
para não despertar
o ódio escarninho
de quem ali
também
se vê um pouco
derrubar.

Roubam o passado
comum
de um povo
de quem
ninguém se sente devedor.

Terá a propriedade
tal autoridade
para abolir
as idades
de quem as viveu?

“No creo
Pero
que las viviendas
no hay más,
ah, no hay!”

E não há
quem as ressuscite
depois de mortas.

Como recuperar
a vida de uma casa
revelada
nos tijolos
- gastos
na madeira
- carunchada
recuperada
falquejada
pela vida?

Impossível!

O espírito que a habitou
já navegou
para outras paragens.

Desalojaram-no.

Volta para o tempo
que é o alimento
que o mantém
por anos
em determinado
lugar.

Ainda haverá de passar
muito
até que outro espírito
habite
o novo
que derrogou o antigo.

E até lá
já não garanto
poder chegar.



(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Aldo Battisti e a Confraria do Bar Oásis

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Aldo Battisti, 72 anos. Meu contemporâneo e amigo fidelíssimo. De profissão lojista, que ele, com orgulho, se intitula. Em verdade, deu continuidade a tradicional comércio de calçados, hoje um grande magazine de confecções e moda, iniciado por seu pai, João Battisti, em 1941. João Battisti era um sapateiro italiano que veio se radicar em Passo Fundo, onde constituiu família, casando-se com D. Giovana Bettinelli (Nina), da qual teve três filhas e mais o Aldo. Em sua empresa familiar, Aldo trabalhou desde os verdes anos. Já adulto, prosseguiu e incrementou o negócio da família, auxiliado por sua esposa e agora pelos filhos, nos quais inculuiu uma rígida ética de honestidade, eficiência e disciplina. Fisicamente, hoje é de estatura média. Antes era mais alto que eu e deve ter tido sua altura reduzida por causa da idade. Branco, por sua ascendência italiana pelos quatro costados. Antigamente, era gordo e usava vastos bigodes, removidos há alguns anos, juntamente com uma parte considerável do seu peso. Gosta de chapéus — algumas vezes engraçados — e veste moda esportiva algo avançada. (Diz que, por ser empresário da moda e ser jovem a clientela de sua loja, tem que se vestir como jovem). Muito simpático e bom conversador, costuma contar detalhadamente todas as histórias, as dos outros e as suas, inclusive as que dizem respeito à sua saúde, de que cuida escrupulosamente, submetendo-se todos os anos aos mais diversos tipos de exames médicos. Bem-humorado, boa companhia, extremamente leal e afetuoso, principalmente com sua família e seus amigos. Não cultiva ódios ou rancores. Mas, como bom italiano, sabe reagir a qualquer desfeita. Muito meticoloso e detalhista, sua vida é um primor de organização. Tudo para ele é organizado: seu negócio, seus arquivos, seus pagamentos, as datas, as recorda-



(FOTO: KARINA OLIVEIRA)

ções, as memórias, os documentos e fotografias e o mais que se imaginar. Tem o que chama de “acervo”, uma espécie de museu, contendo recordações de sua vida e dos seus e toda sorte de objetos que lhe vieram parar às mãos. Por isso, sempre digo que sua principal vocação deveria ser a de museólogo em vez da de comerciante. É dado a organizar festas, encontros e jantares, sempre sabendo encontrar e recomendar locais e tendo sempre à mão a lista de convidados, conforme os diferentes grupos que frequenta. É verdade que participa de várias turmas de gastrônomos.

Uma delas é a Confraria do Bar Oásis, na qual eu também me incluo. É um grupo de senhores, em maioria passados dos 70 anos, que, sob a atenta e silenciosa presença do Castanho, dono

do bar, e de seus eficientes funcionários, após o almoço vão todos os dias de semana ao Oásis, onde trocam ideias e se comunicam sobre os mais diversos assuntos. Esses são, em primeiro lugar, medicamentos, saúde, médicos e laboratórios. Para isso temos uma competente orientação, pois contamos com nosso presidente, Dr. Donadussi. Em geral fala-se de tudo: de aeronáutica, pois temos dois ou três afamados pilotos entre nós; do preço da soja e do gado, já que há produtores e plantadores; de mortes, velórios e sepultamentos — pois, pudera, estamos sempre atentos às necrologias; lembramos grossos escândalos, de adultérios célebres a famosas vigarices, passadas ou atuais, que tiveram como teatro a nossa querida cidade. Afinal, somos páginas vivas da história

da cidade, principalmente dos tantos escândalos e fatos escabrosos que aqui se passaram. Explicavelmente, ao contrário do que se pensa, pouco falamos de sexo e de mulheres, assuntos sobre os quais já estamos meio esquecidos ou nos mantemos discretos. Embora tenhamos entre nós professores da Faculdade de Direito, célebres advogados e até promotores aposentados e um juiz do juizado especial, o querido colega Ivo Tasca (já tivemos até juízes de direito), pouco falamos em direito ou assuntos forenses. Mesmo que nosso grupo abranja um perspicaz analista político, o Aniello D'Arienzo, a política, que já foi um assunto preferido, é cuidadosamente evitada, pois é da sabedoria geral que se deve evitar discussões sobre política e religião.

Tamanha é a curiosidade que nossas reuniões despertam na cidade, que às vezes aparece algum curioso, ávido para especular sobre os assuntos tratados. Até senhoras ou jovens da nossa sociedade, de quando em quando, e timidamente, assomam à larga porta. Sempre, — fora um caso lamentável acontecido há alguns anos, — são bem tratadas, convidadas às nossas mesas, para saborear o indefectível cafezinho e alegrar e integrar o ambiente, que é invariavelmente de cordialidade e respeito, salvo alguns maus humores ou mal-entendidos ocasionais, logo desfeitos e esquecidos.

Aldo é o responsável pela organização dos jantares, que são mensais e, a cada vez, pagos por um confrade diferente. Os nomes, ou surgem espontaneamente, ou são sugeridos por ele. E aí de quem recusar ou tentar protelar o compromisso. Para ele, que é a alma e o líder do grupo, uma espécie de primeiro-ministro do presidente Donadussi, é uma questão de honra que não deixe de acontecer nenhum encontro mensal. Mostra-se implacável com os recalcitrantes, quando se atrasam ou se omitem em organizar — e pagar — os jantares. O bom é que tudo costuma terminar em harmonia, geralmente num dos salões do Clube Comercial, com o grupo entusiasmado pelos incomparáveis manjares e vinhos, e pela simpatia proporcionada pelo casal Biasi.

Assim vamos nós seguindo, por esta quadra da vida, com Aldo Battisti e o grupo do bar Oásis.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Mestre em Direito, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e frequentador do Bar Oásis.)



A vida na maior idade

SELMA COSTAMILAN

Nossa vida, pequena partícula do imenso universo, é um barco que segue, às vezes às cegas, encontrando aquela paisagem triste e vazia, que pode ser superada pela beleza, pelo carinho e pelo amor, onde o barco encontra a luz, o caminho, porque a vida também é a mensagem da FÉ. O sorriso e o rosto gentil são o estímulo que o Senhor recomenda, para dar alegria a quem convive conosco. Vencer os obstáculos da velhice, como nos simples versos a seguir, nos trará otimismo e felicidade.

“Ao notar uma ruga no rosto,
E que outra mui perto vem vindo,
Não lamente, não tenha desgosto,
Envelheça, mas sempre sorrindo.

Também, a energia corporal,
Pouco a pouco, vai diminuindo,
Mas o espírito é imortal,
E, por isso, envelheça sorrindo.

Se o cabelo começa a pratear,
Semelhante ao luar; fica lindo!
E, por fim, você vai gostar.
Envelheça, mas sempre sorrindo.

Envelheça, mas sempre sorrindo!
É uma arte que deve aprender,
E verá como um céu se abrindo,
Pra fazer todo o mal esquecer.”

(Selma Gandini Costamilan ocupa a cadeira N° 26 na Academia Passo-Fundense de Letras, cujo Patrono é Aureliano de Figueiredo Pinto. É autora das obras: “Conhecimento de Valores” (II Volumes em 1968), “Passo Fundo-Nome Próprio Feminino” (2001) e “A Trajetória de um Pioneiro, César Santos” (2005).
Titulação: Pedagogia especial (UPF), Magistério, Serviço Social (CPOE/SEC), Teologia da Pastoral (UPF), Canto Orfeônico.

Atividades e cargos: Além de 1° e 2° graus;
Coordenadora do Programa Estadual SEDEP (construção das escolas “Brizoletas”);
Presidente do Conselho de Assistência aos Presidiários;
Coordenadora do projeto MOBREAL e Cursos Populares;
Diretora do CEBEM (Centro Municipal do Menor);
Coordenadora e Supervisora do Programa de Assistência ao Educando da 7° DE; e
Diretora Regional da FEBEM.
Atualmente, colabora com artigos em revistas e jornais locais.)

Cumplicidade

Um dia convidei a estrela-d'alva,
pra ir comigo a visitar a Lua.
E ambas saímos, no raiar da alba,
sem encontrar um vivente pela rua.

Corri garbosa pelas alamedas,
enchendo o peito de frescor e lumes.
E foi então que descobri as veredas
onde passeiam, sutis, os vagalumes.

Neste momento, de ventura extrema,
guardei pra sempre aquela imagem crua:
Deram-se as mãos minh' alma e meu poema,
pra engalantar o céu da minha rua...

Cantares

Canto as searas castas.
Canto as gramíneas doces.
E o verde que verdeja,
sobre as floreiras belas,
entre as palmeiras nobres,
que encantam meu viver.

E assim me ponho em festa,
vestida de princesa,
pois quero ser parceira
do verde que eu adoro,
nos olhos de esmeralda,
sorrindo aos corações.

Anjo

Descendo a escadaria do céu,
um anjo azul veio me procurar.

Queria aprender a compor versos,
juntar palavras e brincar ao léu.

Eu lhe ensinei as manhas da poesia,
chamei-o perto e lhe mostrei a via.

E foi assim que se gerou o sonho,
num berço tão macio quanto risonho...

Depois saímos pela estrada afora.
E nunca mais o anjo foi embora...

Parceria

Estrelas fulgem na noite
e eu as jogo no papel,
quais gotículas brilhantes,
a verter favos de mel.

São as guardiãs da ventura,
no céu debruado de luz
que, nas janelas da Lua,
espiam os meus sonhos nus.

Ó parceiras encantadas,
vêm pousar no coração!
Que meus motes serão raios,
a inflamar-nos de paixão!...



Fragmentos do cotidiano

A ternura pode ser tão fluida, a ponto de confundir-se com a opalescência da noite entretecida de luar.

Será que é civilizado o povo que entope de lixo a rua onde mora, a água que bebe e a praça que frequenta?

A formação do caráter começa na maternidade e encerra-se na tumba.

O medo funciona como a ferrugem na dobradiça: emperra e corrói.

Presumo que seja o conhecimento a espinha dorsal do progresso, e o trabalho, a sua alavanca.

Que misterioso mago é o coração, que anda sempre às voltas com truques e malabares!

Quando o eixo da esperança começa a emperrar, está na hora de lubrificá-lo!

O coração só se entregará às carícias da harmonia, quando estiver curado de suas enxaquecas.

Na taça dos relacionamentos, além de vinho e champanhe, pode-se beber também peçonha e vinagre.

Toda nova experiência, benéfica ou frustrante, palpável ou abstrata, individual ou coletiva, otimiza crescimento e renovação.

Se você for coser o tempo, a fim de torná-lo retilíneo, não esqueça de tramar o nó na ponta do fio!

Haverá ave de melhor agouro do que a prosperidade dos filhos?

Nas águas do meu passado, eu me ponho a garimpar os risos que se perderam, entre as espumas do mar.

Só a mente radiante, só a carne saciada, põem lenha na trempe, dão caldo à paixão...

Quisera adotar como filha aquela nuvem serena e branquíssima, que desperta, em meu interior, a leveza e a candura da menina que zarpou de mim!

Extraídos dos livros: Monólogos de uma peregrina e Fulgores, Dores e Amores.

XIKO GARCIA:

O dom é inerente a cada ser humano

GILBERTO PACHECO

Isso fica evidente, ao se contatar com o poeta Francisco Garcia – Cadeira 25 da respeitada Academia Passo-Fundense de Letras. Orgulho da gente de Colônia Miranda, Coxilha e Passo Fundo. Um senhor menestrel do planalto médio, que toca violão, declama, canta e facilmente encanta as pessoas sensíveis!

Xiko Garcia se torna rápido um ser invulgar.

Modesto, ouvinte atento, apreciador de cultura e dono de uma palavra tipo “gaudéria”, que é aquela que vem, que vem... – E solta, ferina, picante e gentil, cuja ordem não repara a sequência.

Xiko Garcia parece ter herdado a sabedoria mística de seu mais famoso e fantástico protetor, o Santo de Assis, que sabemos fez irmãos, o Sol, a Lua, os pássaros, quanto, revolucionou a Fé Cristã, em seu tempo aqui na Terra e, até procedeu a segunda parte da Ave Maria. Como esse Chico de Assis, nosso Xiko Garcia, canta canta e ... encanta!, se nos dispusermos a ouvi-lo interpretando suas composições (interpretações várias da Vida em seus múltiplos momentos). Xiko Garcia é capaz de fazer as lágrimas



brotarem e se espalharem face a fora, pois em instantes, consegue penetrar no âmago das pessoas, sem pedir licença!

Xiko Garcia, tem. Tem sim a Alma Campeira, típica do Homem Gaúcho do Campo, onde em momentos, se torna o próprio Beijudo que tem uma História Épica no Rio Grande do Sul, onde deixou registros e mais registros de Fôrça e Bravura, quando montado por Heróis e Gaudérios ou, simplesmente, pelos Guris de Colônia Miranda, Coxilha ou Passo Fundo, quanto pelos de outras tantas Querências, quando já não eram mais aqueles “alazões”.

Vendo e ouvindo Xiko Garcia, não pude deixar de compará-lo, aquele menestrel, que Mundo a fora aconteceu

na História do Homem, contada musicalmente. Confunde-se a uma realidade irreal, que se parece a minha, tua. Nossa e até Vossas Verdades. As notas musicais fazem essa maravilhosa confusão, que Xiko Garcia canta canta e canta, como uma ave sonora ou como aquela cigarra lendária.

Xiko Garcia é mais Gaúcho, por ter nascido na Terra de São Pedro, mas Xiko Garcia seria mesmo, mais esse menestrel, que corre a gerações, encantando o Mundo. Dum modo melodioso. Bonito e triste! Ou, triste, melodioso e bonito!, que mostra em momentos a alma e o espírito do Homem.

Deus, acredito com aquela visão mais tenra e sincera de barbado criança, o abençoa ricamente, pois permite que Xiko Garcia sobreviva, independente de sua música, que raramente oportuniza vida fácil e abonada a essas Criaturas Sensíveis, que contam e mostram a Vida que a gente imaginaria poder levar e, nas palavras que Vinicius, Tom's, Juca Chaves, Roberto Carlos, Xiko Garcia e outros tantos, sugerem e cantam por nós!

Exaltá-lo e mostrá-lo como me foi oportunizado... sinceramente Xiko Garcia, uma Benção Singular!

(Gilberto Pacheco é membro do Centro de Letras de Curitiba/PR.)



Chiquillo de mi camino

CHIQUILLO de mi camino
no he podido olvidar tus ojos negros
que, en la estación,
a través de la ventanilla del tren,
me miraban fija y dolorosamente
y con aire aturdido,
como de quien hace mucho tiempo
que no veía una mesa puesta.
No, no puedo olvidar tus ojos negros
que me decían, mientras yo comía:
“ ¿Por qué tengo yo tan poquito
mientras tú tienes todo lo que deseas?”

Chiquillo de mi camino,
no he podido olvidar tu rostro triste,
de quien está en un mundo ancho y grande
huérfano de cariño,
vacío de esperanza
y falto de aliento.
Esa tu desconsolada, sucia carita
me interroga sin cesar:
“ ¿Para los niños como yo, señor,
no hay otra cosa que la calle y el viento?”

Chiquillo de mi camino,
no he podido olvidar tu ropa harapienta:
ese saco y esos pantalones míseros
que el viento quería llevarse a pedazos,
mientras tus pies pisaban, descalzos,
las piedras húmedas y frías del andén
en ese día de lluvia y niebla,
mientras yo calentito y abrigado,
comía en el coche muy tranquilo.
Esa tu ropa rota de niño mendigo
todavía, esta noche, me interroga:
“ ¿Cuando, señor, para los niños como yo
habrá bastante pan, abrigo, escuela y amor?”

Chiquillo de mi camino,
¡Si tú supieses, realmente, con qué ansiedad
deseé que el tren se fuera presto
para no ver más esa tu mirada triste,
y ese tu rostro pálido
y esa tu ropa en tiras,
y poder, así, terminar en sosiego mi merienda!
Pero en vano se fué el tren;
esas tus gracias que agradecieron mi limosna
quedaron clamando duramente en mi oído:
“ ¿Para un hambre tan grande como la mía sólo tan poco
me das tú, oh señor?”

Chiquillo de mi camino,
¿cuál era tu nombre?
¿de dónde habías venido?
En balde cierro mis ojos para no ver tu imagen.
Te veo siempre, aquí, allí y más allá,
y venir a mi encuentro de todas partes
para multiplicarte delante de mí
hasta que te conviertes en miles y millones...
En ti se encarnan todos los niños de la tierra
que, como tú, mi chiquillo,
tienen hambre y tienen frío,
andan errantes y no tienen amor.

Por tus ojos, todos ellos me miran;
bafo tu ropa rota todos aquellos tiemblan;
por tu mano, todos aquellos suplican;
y en tu tristura, todos ellos gimen.
Y tras tuyo,
bendiciéndote con ademán de misericordia,
se yergue un HOMBRE,
con la frente surcada por el dolor,
con los ojos severos y penetrantes
que abre su boca para decimos amargamente:
“ ¿Empero, no os lo había dicho yo,
y ¡hace tanto tiempo!
que no es la voluntad de vuestro padre,
el que está en los cielos,
que ninguno se pierda de estos pequeñuelos?”

(Sante Uberto Barbieri, 1902-1991, foi fundador do Grêmio
Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1938.)



Passo Fundo e Posadas

(FOTOS: ARQUIVO O. G. AYRES)

ODILON GARCEZ AYRES

Escuto Tarragó, Montiel y ahora Los Chalchaleros. Pout-pourri de chacareras, zamba de mi esperanza, sapo cancionero, illorare, cautiva...saio lá fora, ouvindo de longe, “Retorno” de Salvador Miqueri, mirar a noite, que está rosada com buracos azuis, sem estrelas, amanhã será de sol, lembranças mil... Viejo, curte tua saudade, tua idade, solito, tua mocidade se foi, ela S, de solteira, deslumbra, alumbrá, no Moulin Rouge do Passinho... não a vê, imagina, nos teus braços, dançando uma cumbia, um bolero, te quiero, mas não te tengo ni, tan poco te posuo... esquecida da vida, de mim, danças, sorves o néctar etílico, esquecerás de tudo, rodopiando, amanhã lembrarás do teu amigo, teu admirador, que por ti... su amor...no morirá, jamás! Jamás!” Estava nessas divagações, quando me lembrei que nos anos sessenta, eu, profundo admirador das músicas e do folclore argentino, pegava o rádio velho que pesava mais que uma arroba, e o punha na forquilha entroncada do salso-chorão, que bebia água dum filete, afluente da sanga Independência, local que captava, com especial nitidez, a Rádio El Mundo, para ouvir direto do Festival Nacional de Cosquín, Los Chalchaleros, Los Tuco-Tuco, Jorge Cafruni, Coco Diaz, Eduardo Falu e tantos outros. E, sintonizado, ficava até madrugada alta, ouvindo o que gostava e gosto.

Ali por 1965, contam que Los Chalchaleros foram num Festival de Folclore em Mar del Plata e, como tantos outros conjuntos, recém-começando a caminhada musical, viram e ouviram aquele corpulento Turco barbudo cantando com seu violão: “Zamba de mi esperanza”. Apaixonaram-se pela letra e a música, gravaram-na, e a mesma se tornou sucesso nacional, atravessou fronteiras, e hoje é cantada e decantada, da Patagônia ao México, e no Brasil também.

Isso foi possível, graças a Jorge Cafrune, que também, musicalmente, se tornou um ídolo nacional, a tal ponto



Estúdio TV Encarnación, Paraguai

de que alguém o definiu assim: El Turco é um grande, mais que um grande, lo mas grande!

Que frase, que legado!

Não mui lejos, no ano de 1966, o Centro de Tradições Gaúchas Getúlio Vargas, modesto, mas em constante disputa com seu irmão maior, o Lalau Miranda, recebe um convite muito especial, retribuindo a visita do CCT Peña Itapuã, que aqui viera para abrilhantar a nossa 1ª Efrica, e participar do 4º Festival Internacional de Folclore do Litoral, realizado na cidade de Posadas, capital da Província de Misiones, num anfiteatro, especialmente iluminado, nas barrancas do majestoso rio Paraná, para apresentações de músicas, cantores e grupos de folclore, até alta madrugada.

Uma luzidia delegação foi formada a mando do inolvidável Prefeito Mario Menegaz; capitaneada pelo jornalista, advogado e escritor, Jorge Edeth Cafruni, pelo Poder Executivo, pelo Vereador e Bel. Victor Hugo Lacerda, pelo Legislativo Municipal e a peonada do CTG Getúlio Vargas, pelo Patrão Velocindo Pinto de Lima, bem escorado pelos companheiros Amador Almeida, Aldino Schmidt, Ercy e Oscar Pinto Veira, Antônio Carlos Vieira, João Vieira, Vilson Freitas, Amilton Borges, Conrado Wolff, Clori Pinto de Lima, Marli Almeida (2ª. Prenda), Sirlei Locatelli Vieira, Oscar Ribas, Argemiro Oliveira, Zulmira Al-

meida (1ª Prenda) e o fotógrafo oficial, Deoclides Czamanski, todos habilmente conduzidos pelo Sr. Eloy Pinheiro Machado, proprietário da Empresa Vera Cruz, passando por Carazinho, Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo, Guarani das Missões, Cerro Largo, Roque Gonzalez, Porto Xavier, Balsas, no rio Uruguai, San Javier, Itacuararé, Apóstoles e, finalmente, Posadas. Foram 560 quilômetros, de estradas de chão, distantes de Passo Fundo.

Lá foram, com alegria contagiante, recepcionados pelo Peña Itapuã, Intendente Municipal, e pelas rádios e televisões de Posadas e Encarnación, no Paraguai, (que não possuíamos acá), e hospedados em hotel central. Ali houve churrascadas e apresentações com a gauchada argentina e, de brinde, ainda foram levados a conhecer a Redução de San Ignacio, mundialmente reconhecida como uma das jóias raras do Jesuítismo Sul Americano; Ajá no esplendido palco, encontraram-se com: Os Nocheros, Chango Leguizamon, Quinteto Formosa, Maria Helena, Mirta Denis, Fermin Fierro, Rosa Garling, Conjuntos de Danças de Posadas e de outras Províncias; com a famosa Argentina Rojas, a Libertad Lamarque dos castelhanos, e o famoso tradicionalista, “Jorge Cafrune” (com “E” no final), e parente como o próprio se declara, do nosso hoje também imortal escritor, Jorge Edeth



Palácio do Governo de Misiones, Argentina

Cafruni, autor do ícone histórico “Passo Fundo das Missões” e do romance heróico indígena, “Irapuã”, que assim escreveu nesse memorável encontro:

“Dizemos que o Jorge Cafrune argentino é famoso, sem mentir e sem adulações à nossa família. Onde quer que ele se encontre, as multidões o cercam, buscam autógrafos, querem tirar fotos, e isto com aclamações de todos os lados. Quando nos acercamos dele, para propiciar um mútuo conhecimento, fomos arrancados de sua frente, puxados como intrusos, e não houve remédio senão adiar o cerimonial. Apresenta-se ele sempre com longas barbas. É gordo e possante. Anda sempre a caráter. Revive em sua plenitude as tradições dos gaúchos argentinos. Suas canções revivem a alma de seu povo simples e bom. E o povo delira, à sua presença, e vibra com seus cantos, que traduzem sentimentos e paisagens de velhos e heróicos tempos.”

Além do seu parente, Jorge Edeth Cafruni, o único passo-fundense que conseguiu a atenção do artista Jorge Cafruni, foi o Dr. Vitor Hugo Lacerda, que subiu ao palco e arriscou um dueto perfeito, granjeando a amizade do argentino.

Aqui estão, para a posteridade, vários fatos, ou seja, a história de uma música que se tornou universal, “Zamba de mi esperanza”. Foi o pioneiro gesto do Centro Cultural Tradicionalista Peña Itapuã de Posadas, República Argentina, de vir abrilhantar a nossa 1ª EFRICA; (sugestão minha ao meu ex-patrão e vice-prefeito Adolfo João Floriani).

Foi também o reconhecimento de tal fato pelo Prefeito Mário Menegaz que determinou, ao CTG Getúlio Vargas, a continuidade desse entrelaçamento, resultando na paz entre os povos, através da dança e da música, porque essa extinta agremiação, à época, fora laureada em várias apresentações. Além disso, detinha uma excelente Invernada de Danças, e andara por Pato Branco, Chapecó, Francisco Beltrão. E sua primeira prenda, Jussara Piccini, fora eleita a “Mais Prendada Prenda do 7º Rodeio Internacional de Vacaria”. Foi lá, naquele memorável Festival de Folclore, que se deu o encontro de dois parentes famosos, o cantor Jorge Cafrune e o escritor Jorge Cafruni, mesmo sangue, talentos diversos, orgulho de Misiones e do Rio Grande do Sul. Fez também com que a delegação Passo-Fundense, encarnada no CTG Getúlio Vargas, trouxesse, do 4º Festival de Folclore de Posadas, vários troféus de destaque, como o de Vice-Campeão de Conjuntos de Danças Folclóricas; semeasse durante uma semana a amizade entre os povos e, o mais importante, não fossemos registros jornalísticos, fotográficos e orais, não ficaríamos sabendo hoje, que lá naquele instante, se criava o embrião, o primeiro, o pioneiro contato cultural entre Passo Fundo e Posadas, que prosperou, e até hoje povoa o nosso imaginário.

Revedo os diários passo-fundenses, estou procurando determinar o início do intercâmbio cultural, entre as cidades de Passo Fundo (RS) e Posadas (RG), na década de 60, para que esses fatos

não sejam olvidados, mas possam ser retomados e revitalizados, alicerçados no passado histórico que nos uniu, através da salutar troca de visitas entre as duas cidades, e mais em especial, entre o CTG Getúlio Vargas e o Peña Itapuã, da Capital de Misiones.

Por ocasião da 1ª Efrica, realizada de 19 de novembro a 4 de dezembro de 1966, o Peña Itapuã visitou Passo Fundo, oportunidade em que aqui aportou com luzidia delegação, realizando apresentações memoráveis, no pátio da Feira, (hoje, fundos da Câmara, no campo de futebol), nas dependências do CTG G. Vargas, e num baile do CTG Lalau Miranda, onde o Locatelli patrocinou uma briga de arma branca, e os Argentinos, entusiasmados, gritavam “Son los gautchos mismos”, pensando que a baderna era uma representação encenada.

Em retribuição, o Prefeito Mário Menegaz mandou o CTG Getúlio Vargas participar do 4º Festival de Folclore do Litoral de Posadas, comandado pelo jornalista, advogado e escritor, Jorge Edeth Cafruni, secundado pelo vereador e advogado, Victor Hugo Lacerda e pelo Patrão Velocindo Pinto de Lima, como carinhosamente o chamávamos, cujos fatos estão registrados em outra crônica.

Em 1967, após a realização do Congresso Tradicionalista de Gravataí, o CTG Getúlio Vargas, através deste cronista, convidou o Grupo de Folclore “Los del Lazo”, da cidade de Mar Del Plata, para participar dos festejos alusivos à Semana Farroupilha daquele ano,

ao qual, oportunamente, retornaremos.

Na segunda Efrica, realizada de 5 a 13 de outubro de 1968, o Peña Itapuã volta a Passo Fundo como convidado especial, juntamente com El Pericón de Montevideu, sendo realizado um fandango de despedida pelo CTG Getúlio Vargas, nas dependências do CTG Osório Porto, animado pela dupla campeira, Oscar Vieira e Adão dos Santos, fatos esses pouco comentados pela imprensa local.

Mais ou menos estabelecida esta cronologia, outra vez, o espírito cultural e empreendedor do Prefeito Mário Menegaz, mais do que justificadamente, atribuiu ao CTG Getúlio Vargas, a incumbência de fazer, novamente, 560 quilômetros, para ir até a cidade de Posadas, a fim de representar a cidade de Passo Fundo, na inauguração do moderno galpão crioulo do Centro Cultural Tradicionalista Peña Itapuã, determinando ao seu Secretário da Fazenda, Alcides Tarrasconi, a chefia da delegação da Capital do Planalto. Representou o Legislativo Municipal, o saudoso vereador e radialista, Dino Rosa, capitaneado pelo patrão Brasileiro Aquino.

Como a amizade recíproca já estava estabelecida e solidificada, é talvez por isso, há um hiato nas informações, as quais estamos resgatando, através das fotos cedidas pelo cantor e violonista, na época, Posteiro da Invernada Cultural de Danças Eurlí Grando, que participou da delegação e formou um trio com o Almir e o Jesus Algacir Costa, fazendo apresentações musicais nas rádios e televisões de Posadas e Encarnación, no Paraguai.

Tal distinção dada ao Getúlio prende-se também ao fato de o mesmo ter-se destacado em comentada califórnia pelo Paraná, com apresentações em Pato Branco, Francisco Beltrão e Clevelândia, onde conquistou vários primeiros lugares: no 1º Rodeio de Lages/SC, o título da mais Bela Prenda, em Passo Fundo, e ainda foi eleita a mais Prendada Prenda do 7º Rodeio Internacional de Vacaria.

Jussara Piccini, esta joia rara do tradicionalismo passo-fundense, integrava a delegação, cantando, declamando e dançando, juntamente com os dançadores, José e Iolanda Emanuelli, Conrado e Zulmira Wolff, Almir e Ruth, Romeu Machado e Ione Carlassara, Eurlí Grando e Jussara Piccini, Osvaldo e Orfelina Mello, e Sirlei e Rui Meder. Adão Pires era o gaiteiro da Invernada.



Invernada de Danças do CTG Getúlio Vargas

Amador Almeida, Argemiro Oliveira, o motorista da Empresa Vera Cruz, Orides, a sra. Dinorah, a mãe da Jussara, a menina Valquíria, o Bassani, do Ipiranga Central, Antônio Carlos Vieira, Juvenal Nunes de Souza (Tio Naco), e o campeoníssimo dos rodeios da Vacaria, e o trovador Pedro Ribeiro da Luz, completavam o aparato.

À moda gaúcha, a delegação foi hospedada em residências familiares de argentinos do Peña Itapuã, comungando a mesma cultura, saboreando empanadas e chipas, carreteiros e vacas atoladas, como relataram o Patrão Brasileiro Aquino, o Eurlí Grando e o Algacir Costa, hospedados na residência do inolvidável cantor e jornalista, Humberto Rottoli Carvalho, o Tuti.

Foram cavalheirescamente recebidos na Intendência Municipal, na Secretaria de Educação, no Palácio do Governo – pelo Capitão Hugo Montiel – nas rádios, nos periódicos e nas redes televisivas, nos colégios, no CCT “El Ceibo”. Cortaram também a fita inaugural do CCT Peña Itapuã, nessa festança que durou oito noites e oito dias.

Regressaram laureados e repletos de recuerdos, os quais foram entregues em memorável churrasco, oferecido ao prefeito Mário Menegaz, que se fazia acompanhar do vice-prefeito, Adolfo João Floriani, do Major Grey Belles e da elite da sociedade planaltina, oportunidade em que recebeu das mãos do patrão Brasileiro Aquino, uma miniatura em bronze dourado, de um cavaleiro, com vestes típicas do folclore argentino, numa atitude aguerrida, e nítida aparência com os gaúchos sul-riograndenses, regalo oferecido pelo Cap. Hugo Montiel, Governador da Província de Misiones; uma bandeira argentina, oferta honorífica do Sr. Máximo Verves,

Secretário de Educação; e um quadro a óleo feito em couro, presente especial do CCT “El Ceibo” de Posadas. (A flor de corticeira é um dos símbolos nacionais da Argentina).

Percorrendo essas histórias, é visível o comprometimento do Prefeito Mário Menegaz, com a nossa cultura regional e rio-grandense, sem contar a acadêmica, que ajudou a implantá-la e solidificá-la, lembrando nesse aspecto o patrocínio do Poder Público às excursões culturais de todos os Centros de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, riscando o Rio Grande, o Brasil e além fronteira, na Argentina e Paraguai, além de enaltecer nossa cultura através dos músicos, cantores, declamadores, trovadores e dançadores, desde o canto do “Piazito Carreteiro”, até a mais sofisticada e perigosa “Dança dos Facões”, a infantil Dança do Pezinho” dos gajos do Faial, ou cantando que “o “Tatu” foi encontrado lá pras bandas de São Sepé, muito triste, acabrunhado, de freio na mão, e a pé”, ou ainda, presenteando gaúchos e autoridades, com o livro “Passo Fundo das Missões”, prova cabal, documentada por Jorge Edeth Cafruni, da nossa Redução Missioneira de Santa Tereza de Los Piñales, do Curity ou do Igay, como queiram denominar, a velha Passo Fundo das Missões.

Para encerrar e coroar mais esse feito dessa gente mui gaúcha do extinto, mas não olvidado, Centro de Tradições Gaúchas Getúlio Vargas, o Prefeito Mário Menegaz fez a entrega de um Cartão de Prata, ao Patrão Brasileiro Aquino, agradecendo pelos serviços prestados à nossa terra, nas plagas platinas.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A morte do centauro

HUGO R. K. LISBOA

Não sei bem onde conheci o professor Péricles Saremba Vieira, mas foi, provavelmente, na Universidade. Ele, conhecido e respeitado professor de Educação Física e doutor em Educação, era uma pessoa fácil de se relacionar. Ficamos amigos logo, e pude conviver com ele por um longo tempo, embora tenhamos nos encontrado menos vezes que eu gostaria.

Particpei com ele de uma seleção de alunos, para o Mestrado de Envelhecimento Humano. Ele se aproximava dos candidatos e os acalmava. Ressaltava que havia necessidade da seleção, pelo número de vagas menores que interessados, mas que todos eram bons, já que quem procura a vida acadêmica tem um perfil diferenciado. Se não conseguir agora, conseguirá na próxima vez, dizia.

Convidou-me um dia para cavalgar, e saímos de sua casa, no Bairro São José, na qual havia as baias e a estrutura para a manutenção de vários cavalos crioulos, de excelente origem e porte. Falava baixo com os cavalos, fazia ruídos com a boca e movia-se, sem alarde mas com determinação. Entendiam-se. Colocava arreios com maestria e, mesmo apertando a cincha ou botando o freio, na boca de animais de 500 kg, nunca os vi relinchar ou se mostrar assustados. Acalmava-os também.

Atravessamos o Rio Miranda e fomos,

(FOTO: ARQUIVO H. R. K. LISBOA)



a passo, para o lado de Coxilha onde ele me disse que tinha um restaurante com um bom bife e que deveríamos ir algum dia. Entre as instruções sobre os arreios: “não aperta as rédeas, deixa só a ponta do pé no estribo, desça para ajeitar os arreios...” fomos proseando, e aproveitando o cheiro da relva.

Sabia que ele tinha tido sérios eventos de doenças na família, mas não se queixava. Era uma pessoa leve. Contava-me das suas andanças “diá cavalo”, por todo o Rio Grande do Sul. As cavalgadas, para buscar a “chama crioula” da Semana Farroupilha, eram da sua preferência. Rasgou este estado em todas as direções, no lombo do pingo. Eram semanas cavalgando o dia inteiro, e dormindo em estâncias ou onde desse, pelo caminho. Tinha um enorme carinho pela história e pelos costumes do nosso estado. Duas vezes lo acompanhei, atendendo seu convite, no desfile de 20 de setembro. Era querido por todos do seu grupo “Cavaleiros do Planalto Médio”, e pela gauchada da cidade.

Na sua parte como mestre, coordenava

o grupo de Equoterapia da Universidade de Passo Fundo, onde, com sua equipe, usava a equitação para o tratamento de crianças com dificuldades. Jovens com autismo, síndrome de Down, paralisia cerebral, se beneficiavam enormemente. A atividade, que se resumia em interagir e comandar com carinho outro ser vivo, lhes estimulava o poder, melhorava a habilidade motora, a musculatura e o comportamento. Dezenas de pessoas passaram e se beneficiaram na escola. Ele as acalmava.

Um acidente estúpido veio roubá-lo do nosso convívio. Não precisava ter acontecido. Acidentes são eventos inesperados e indesejáveis, e com o Professor Péricles foi o que ocorreu. Nossa cidade ficou menor, com a falta dele.

Fiquei devendo a ele muitas coisas. Não pude aceitar vários convites que me fez e que, se tivesse ido, teria melhorado, teria me acalmado. Falamos por telefone recentemente e, entre outros assuntos, ficou a combinação para irmos comer o bife em Coxilha.

Ao desconsolo da família: pais, irmãos, mulher, filhos e de sua enorme roda de amigos, da minha enorme tristeza, resta imaginarmos seu exemplo na vida, nos acalmando e orientando.

Prefiro acreditar nele, com seu sorriso alegre, no lombo de um cavalo, dizendo: Vou para outra ronda, e já volto!

(Hugo R. K. Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Como foi que o filho de escravo, Felipão, tornou-se um proprietário de terra?

MAURO GAGLIETTI
CARLOS ALCEU MACHADO

O propósito do presente trabalho é apresentar alguns aspectos relativos às estórias que são contadas, em Passo Fundo e região, a respeito da figura de Felipe João da Silva. Ouvindo esses relatos, a pergunta que surge, de imediato, é: como foi possível um filho de escravo ter-se tornado um proprietário de terras no Rio Grande do Sul?¹

Assim, busca-se, nesses termos, seguir alguns rastros da trajetória de Felipe João da Silva, um negro filho de escravos, nascido em 1882, em Cruz Alta (RS), numa localidade correspondente ao atual município de Júlio de Castilhos (RS), que seria registrado somente dez anos depois, em 1º de maio de 1892. No final do século XIX, os filhos eram, todos, registrados num único período. Assim, um indivíduo podia ficar entre cinco e dez anos sem registro. Foi isso o que aconteceu com Felipe João da Silva. Chamado de Felipão pelos amigos e conhecidos, ele era um dos mais novos entre os quinze filhos – treze homens e duas mulheres - dos escravos João Porfírio da Silva e Paulina Maria da Silva. Foi criado lidando com o gado, trabalhando em lavouras e charqueadas; viveu até os dez anos com seus pais e, depois, morou com um padrinho em Palmeira das Missões (RS). Casou-se duas vezes e teve duas filhas, Leopoldina da Silva Oliveira, do primeiro casamento, e Maria Helena da Silva, do segundo casamento.

Em 1893 - ano do início da Revolução Federalista -, já em Passo Fundo, Felipão começou a sua vida de tropeiro nas terras de Leda Maria Menna Barreto dos Reis, que as recebera de sua mãe,

Terezinha Menna Barreto Barbosa. Aos 20 anos, já administrava a fazenda em que trabalhava, cuidando de rebanhos, e, ao que parece, foi um tropeiro de destaque, pois é lembrado por muita gente. Nessa atividade, tinha como missão procurar e adquirir boas tropas de gado pelo melhor preço, regateando. Em suas viagens, ele levava mula e trazia gado; voltava sempre com um grande número de animais, que, na chegada, eram contados. Nessa contagem, nunca faltava um único animal, fato que contribuiu para que Felipão passasse a ser conhecido por atributos como a honestidade, o respeito, a responsabilidade, a bravura e a dedicação.

Ele se deslocava, seguidamente, a cavalo, para Vacaria, Erechim, Erebangó e outras localidades do Rio Grande do Sul. A viagem a outros estados, como à cidade de Ourinhos (SP), onde frequentemente negociava mula e gado, no início era feita a cavalo, passando a ser realizada de trem somente a partir de 1954. Antes desse ano, a tropa era

composta por 4 ou 5 mil mulas², mas, a partir da referida data, passaram a ser transportadas umas 300 mulas, a cada viagem de trem. E em São Paulo, o pagamento dos animais adquiridos era feito com moedas de ouro e prata que, como lembra Maria Helena, eram chamadas de “patacão”.

As mulas vendidas para os paulistas eram usadas por eles para puxar o arado e, também, na colheita do café. Entre 1915 e 1920, como conta a filha de Felipão, as mulas nasciam do acasalamento das éguas com burrichós espanhóis. Esses eram burros maiores, mais encorpados, de pêlo claro na barriga e mais escuro no lombo. O costume era nunca largar o burrichó no meio da manada. O retalhado, um cavalo, verificava quais as éguas que estavam “reinando”. Então, estas eram separadas e “postas no burrichó, para pegar cria”. As mulas só eram levadas para São Paulo com mais de três anos, pois, antes dessa idade, não aguentavam bem a viagem. Também era preciso tomar cuidado em relação às tropas de gado vacuum que, antes das viagens de trem, para não perderem muito peso durante a tropeada, viajavam bem cedo e, à tarde, descansavam e eram alimentadas.

Os animais para montaria eram os cavalares e muares. Porém, quando os percursos eram muito longos, os tropeiros preferiam as mulas, uma vez que estas eram mais resistentes. Muitas vezes, arreavam a mula à maneira tradicional, utilizando baixeiro, cangalha, bruaca, ligador (ligal) e reata. O ligador era feito de couro de terneiro, por ser macio, e colocado por cima das bruacas, para proteger os animais das chuvas. A reata era uma corda de couro, chata, com dois ou três centímetros de largura e vários metros de comprimento, que servia para amarrar e conduzir o animal de carga.





A mula que transportava o municio ou farnel ia sem nada na cabeça; apenas a égua madrinheira levava um cinorro no pescoço, mas não transportava nada. Veríssimo da Fonseca (2004, p.86-87) busca em Simões Lopes Neto elementos para esclarecer os depoimentos acerca da atividade dos tropeiros. Segundo o pesquisador: o termo mais usado pelo tropeirismo é *ligal*. Não confundir também com o *ligar*: ‘você não sabe o que é um *ligar*? Não é só, não Sr., o couro de terneiro para fazer carona; é também uma tira de guasca, chata, assim de uma meia braça, com um furo dum lado e uma meia ponta de outro. Conforme boleava um animal e ele caía: hom! ... era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação!’ (...) Repare que Simões Lopes Neto (Correr Eguada) chama de *ligal* também a carona - feita de couro de terneiro. Os tropeiros paulistas, mineiros e goianenses usavam o *ligal* para dormir no chão, como forro para mesa e para colocar a ração de milho da tropa.

Os homens que iam à frente dos animais chamavam-se *ponteiros*, e os que iam atrás, *tangendo*, eram conhecidos como *condutores*. Ninguém precisava andar dos lados da tropa, pois esta, depois que alinha, dispensa qualquer precaução para se manter no caminho. Quando um boi se afastava, não se preocupavam com ele, pois sabiam que encostaria novamente na tropa. Na hora

de folga, principalmente nos dias de chuva, os tropeiros, parados, trançavam couro; faziam freio para os cavalos; aproveitavam para providenciar tudo aquilo de que fossem precisar durante a marcha. Os tropeiros traziam as notícias, que as comadres se encarregavam de passar adiante. Quanto mais São Paulo crescia, mais notícias chegavam.

Os integrantes da comitiva eram escolhidos “a dedo”, entre os irmãos, os sobrinhos e os amigos da família, e o critério para essa seleção era o da responsabilidade. Durante todo o percurso, era o próprio Felipão quem cozinhava para a comitiva que havia formado, utilizando panelas de ferro, penduradas por ganchos. A tropeada, contando a viagem de ida de Passo Fundo a Ourinhos (SP) e a de retorno, durava, aproximadamente, 90 dias. Então, os integrantes da comitiva – que reunia de 30 a 50 pessoas –, para garantir a sua alimentação nesse período, levavam umas três ou quatro bolsas de arroz e a carne de uma rês inteira, transportadas num cargueiro, nas mulas, e, também, mais uma rês e uma ovelha vivas. A preparação do carreteiro consistia em ferver o charque – numa quantidade de água que depois era jogada fora –, lavá-lo e colocá-lo para fritar, com cebola e alho, em uma panela de ferro. Em seguida, acrescentava-se o arroz, que era produzido em casa e socado com o pilão.

No trajeto dos tropeiros, os *bugres*

– indivíduos “meio índios, meio misturados, que não usavam roupa, faziam balaios, peneiras, cestos, e sobreviviam da venda ou da troca de produtos” - já esperavam por eles, a fim de obter certa quantidade de carne em troca de chuchu. Felipão, quando retornava das viagens, dizia para Maria Helena que “comia de tudo”; só não gostava de chuchu. Ela esclarece também que, no período das tropeadas, as mulheres, que ficavam na fazenda, tinham funções bem determinadas: cuidavam da casa e dos filhos pequenos; iam para a lavoura, onde plantavam e colhiam; socavam arroz e canjica; vendiam produtos agrícolas e, principalmente, leite. Além disso, nesses meses em que os homens estavam fora, as mulheres não deixavam de frequentar festas e as residências dos parentes, cujas famílias eram muito numerosas.

Durante as tropeadas ou após a chegada da comitiva, frequentemente, aconteciam fatos insólitos, inesperados, e Felipão gostava muito de relatar essas histórias. Contava ele que, certa vez, fora buscar, em São Paulo, uma tropa de cavalos, que havia sido trazida de trem. O negócio envolvia vultosa quantia em dinheiro, e a notícia logo se espalhou, atraindo assaltantes que tentaram saquear o trem. No entanto, tais saqueadores não conseguiram apropriar-se da soma obtida no negócio, pois jamais imaginaram que o responsável pelo dinheiro era “aquele negro velho e feio”,

vestido com roupas surradas, a quem até comida haviam dado, e que trazia os maços de mil-réis guardados dentro dos bolsos que mandava fazer em seus cuecões, usados por baixo das velhas bombachas.

Felipão contava, ainda, que, em outra ocasião, fora depositar certa quantia em dinheiro no Banco do Brasil de Passo Fundo. Precavido, colocara o dinheiro em um velho e encardido saco de sal, que acabou sendo perdido no trajeto da Catedral à instituição bancária. Logo depois, dando por falta do embrulho, ele voltara pelo mesmo caminho e, ao encontrar o tal saco encardido, constatara, surpreso, que o seu conteúdo estava in-

nha na cara e parar de domar. O que eu não fiz na tropeada você fez em poucos minutos”.

Maria Helena lembra que, durante os noventa dias em que os tropeiros ficavam longe de suas casas, era comum estabelecerem relacionamentos com mulheres, dos quais, às vezes, nasciam alguns filhos. Quando Felipão faleceu, a notícia se espalhou e apareceram várias pessoas que diziam ser seus filhos e que, de fato, já haviam sido assumidos por ele como tais. Era costume, à época, registrar os filhos nascidos fora do casamento. Maria Helena relata, ainda, que Felipão e Noemi Dalmaso Carneiro, sua mãe, “enfrentaram uma barra pesada.

Como recorda a sua filha e todos que o conheceram, esse filho de escravos estava sempre vestido “de gaúcho”, de bombacha, lenço, chapéu e uns chinelos de couro cru - como convinha a um tropeiro - que ele mesmo fazia. Ao falar do lenço que Felipão levava ao pescoço, Maria Helena explica que, embora ele fosse maragato, aparece numa fotografia com um lenço branco - que era a cor dos chimangos -, porque este lhe fora presenteado “pelo pessoal da Loja Ughini”, em frente à qual o retrato foi feito. Num primeiro momento, Felipão mandava fazer a roupa que vestia - e cujo tecido era comprado “na Ughini, na Renner e no Zanatta” - pela sua irmã; depois



tacto. Outra história contada por Felipão refere-se à batalha do Pulador, ocorrida durante a Revolução Federalista. Num dos episódios desse conflito, ele jogara a soma que transportava numa toca de tatu. Esse dinheiro nunca mais teria sido localizado, pois a toca era muito profunda. Por fim, merece menção o “causo” de uma mula que trouxe de São Paulo numa de suas viagens. Essa mula era muito rebelde, e nenhum homem conseguira domá-la. Porém, após a chegada da comitiva, uma das irmãs de Felipão foi até a mangueira e domou o animal. Então, ele, que em todo o trajeto entre Ourinhos (SP) e Passo Fundo não tinha sido capaz de realizar tal façanha, disse à irmã: “Vou ter que tomar vergo-

Eles não eram casados nem no religioso, nem no civil. Ficaram juntos. Ele me reconheceu como filha e assumiu, e a minha irmã também”. Além disso, a união de Noemi, uma italiana, com um negro, não fora bem aceita entre os anos 1950 e 1970, época em que “tinha muito racismo”. Maria Helena frisa que foi também em virtude do racismo - “por que eu era preta” - que sua tia, irmã de sua mãe, não a reconhecia como sobrinha. Além disso, assinala que, ainda hoje, sua família enfrenta preconceitos de toda ordem, e ela em particular, pelo fato de ser uma mulher separada e negra.

No que diz respeito ao modo de ser de Felipão, há vários outros dados e fatos interessantes e reveladores.

pagou um curso de corte e costura, em Passo Fundo, para Maria Helena, a fim de que ela passasse a costurar para ele. A filha de Felipão tinha uns 18 ou 19 anos quando fez esse curso, e logo depois, ele a presenteou com uma máquina de costura.

Como Felipão era humilde e muito amigo de todos, várias pessoas pediam-lhe dinheiro emprestado, incluindo os brancos e ricos. Alguns iam visitá-lo com a intenção de obter alguma vantagem, mas, apesar de seu jeito simples, ele era dono de uma inteligência aguda e nunca conseguiram “passar-lhe a conversa”. Um fato ocorrido no início da década de 1970 atesta esse atributo do filho de escravos. O agrônomo Gil-



berto de Oliveira Borges, criador da Feira de Plantio Direto – ExpoDireto do município de Não-me-Toque (RS) e conhecido por Gigi, fez uma visita à casa de Felipão³, a fim de oferecer-lhe os serviços técnicos necessários à implantação de um grande pomar, que poderia ser objeto de exploração comercial. Nessa ocasião, Felipão apareceu na sala “uniformizado”, com alpargatas, bombachas, camisa, poncho (era inverno) e chapéu sobre os ombros; ouviu a explanação do agrônomo; questionou-o sobre diversas questões técnicas e, como era de se esperar, disse que iria pensar na proposta. Pensou e recusou-a, por considerá-la, financeiramente, desinteressante. A imagem de Felipão que ficou para o visitante foi a de um negro alto, esguio, de fala mansa, mas firme, cujos conhecimentos certamente surpreenderiam quem tivesse o menor preconceito contra sua etnia.

Outro episódio que diz muito a respeito da personalidade de Felipão é contado por Maria Helena. Ela lembra que, na casa da fazenda em que morava com seu pai, na época, não havia geladeira. Então, matava-se o porco, cuja carne era fritada somente com sal, sem qualquer outro tempero, e colocada numa lata com banha, para ser conservada durante um período de dois a três meses. “Essa

era a geladeira da época. Até hoje minha comida ainda é feita com banha”, diz Maria Helena. Posteriormente, em 1964, quando ela contava 16 anos de idade, sua família adquiriu uma geladeira a gás, na loja Grazziotin. E o aparelho, em virtude do gás que o fazia funcionar, uma vez ligado, produzia um ruído que assustava seu pai. Ele tinha muito medo de que a geladeira explodisse e costumava, volta e meia, desligá-la, para eliminar o som. Assim, o aparelho permanecia desligado uma boa parte do dia. Felipão, quando indagado acerca da geladeira, respondia: “acho que foi o vento que desligou”. A filha explicou a ele que esse eletrodoméstico oportunizaria à família, além de água gelada, a conservação da carne por mais tempo. Mesmo assim, Felipão falou com o senhor Tranquilo Grazziotin para devolver a geladeira. Foi então que o proprietário da loja orientou a família a deixar o aparelho numa peça da casa por onde Felipão não costumava passar com frequência. Além de ser um homem decidido, Felipão era muito alegre e apreciava festas. Tocar gaita era o que mais gostava de fazer para passar o tempo, esperar o término das chuvas e divertir os tropeiros. Nas tropeadas, os homens, quase todos músicos, tocavam gaita e violão. Essa tradição foi seguida pelas gerações mais novas da família.

Os sobrinhos de Maria Helena, por exemplo, formaram um grupo musical.

No que refere à atuação de Felipão na vida pública, conta-se que, sendo um homem ativo, participou de várias campanhas eleitorais. Era trabalhista ferrenho e via na pessoa de Getúlio Vargas - em quem acreditava firmemente -, e no PTB, a solução para o Brasil. Tornou-se, também, amigo de Leonel Brizola, e, nas terras de seus parentes, foi construída uma “Brizoleta”, como eram chamadas as escolas no período em que o líder trabalhista governava o Rio Grande do Sul. Um dos candidatos à prefeitura de Passo Fundo, que Felipão apoiou, foi Wolmar Salton. Segundo Maria Helena, seu pai “fez a campanha do Salton, que não era do partido dele, mas eram amigos, e ele patrocinou a campanha. Fez votos entre parentes e amigos”.

Acerca da mentalidade de Felipão, Maria Helena destaca que seu pai e seu tio de Carazinho, que eram os chefes da tropa, costumavam dizer: “Nós não precisamos de dinheiro; queremos, na verdade, é terra”. Embora o gado e as mulas fossem mais valorizados do que a terra, esta era o bem mais cobiçado por eles. Assim, Felipão procurou sempre comprar terra para seus familiares na entrada do Pulador. Na época, como

lembra Maria Helena, era mais fácil comprar terras, porque o preço era baixo, e a área que conseguiram adquirir não era tão valorizada quanto é hoje.

A passagem mais interessante da vida de Felipão parece ser, justamente, aquela relacionada à aquisição das terras onde trabalharia durante toda a sua vida. Essas terras estavam indo a leilão, e ele conseguiu comprá-las, utilizando, para tanto, a quantia em dinheiro que, ao longo dos anos, havia reunido. Felipão era empregado; tropeava para os outros, mas, também, para si próprio, e guardava o dinheiro obtido nos negócios num colchão de palha de milho. Porém, embora tivesse recursos suficientes para a compra, os donos não quiseram vender-lhe as terras, porque se tratava de um negro e de um simples peão. Ele, então, repassou a soma a um amigo, que comprou as terras em seu nome. Eram 2.300 hectares, na região do Pulador - entre Passo Fundo e Carazinho (RS).

Sobre a aquisição das terras por parte de Felipão, convém destacar as palavras de Maria Helena:

A primeira terra que meu pai comprou tinha o nome de Socorro. Ele trabalhava tropeando, era empregado. Tinha uma família que era proprietária da terra e que foi perdendo tudo o que tinham no jogo, bebida e muita festa. Os homens gastavam muito dinheiro sustentando mulheres, filhos fora do casamento. Felipão tinha um dinheiro por que trabalhava nessas terras, ele foi comprar e não conseguiu viabilizar o negócio por ser negro. Tinha um amigo dele que era branco - que a gente não sabe o nome, porque o pai nunca revelou o nome desse amigo -, justamente, foi o que comprou a terra, com o dinheiro do meu pai, e depois repassou para ele. Meu pai não conseguiu porque era negro e empregado. Nesse caso, não era aceito um negro empregado ter muita terra. Acho que ele devia ter uns 50 anos de idade quando ele comprou as terras. Não era comum um empregado negro se transformar num proprietário nos anos de 1940/1950. Até hoje não recebi 12 anos de arrendamento, porque diziam que eu era negra e separada.

A fazenda foi batizada pelo novo proprietário com o nome do “Divino Espírito Santo”, de quem era muito devoto e ao qual consagrou, ainda, uma capela dentro de sua casa, além de mandar confeccionar-lhe um estandarte, que existe até hoje. Em 2005, Maria Helena, reconstruiu a referida capela.



Felipão também era devoto de São Miguel e Nossa Senhora da Conceição e, muitas vezes, doou cabeças de gado para as festas em homenagem a esses santos, além de ter ajudado a construir a primeira capela de alvenaria em honra de São Miguel.

O desejo de Felipão, revelado à sua família, era o de que, quando morresse, fosse enterrado em frente à sua propriedade, para que dali pudesse olhar por elas. “- Meu guia vai cuidar destas terras enquanto houver um descendente da família Silva”, afirmava ele. Ele faleceu em 11 de setembro de 1977, e seu desejo foi atendido. Sua última tropeada foi realizada oito meses antes de sua morte. De acordo com Maria Helena, Felipão

estava no hospital, quando chamou o doutor Sérgio Lângaro e disse: “olha, doutor, eu tenho uma missão a cumprir, tenho que ir lá entregar meu gadinho, preciso entregar para o frigorífico, em Carazinho, tudo bem certinho, depois eu volto para o hospital”. Então, ele fez isso, levou o gado e depois retornou ao leito hospitalar. Logo após, teve uma isquemia cerebral e faleceu. Assim, a honestidade, que fora reconhecida como um traço de seu caráter, era confirmada no momento da sua morte.

Muito do que foi relatado por Maria Helena, filha do tropeiro Felipão, pode ser relacionado ao que vem sendo escrito por diversos historiadores. A verdade é que a figura do tropeiro não desapareceu

da imaginação coletiva, permanecendo, inclusive, na mente daqueles que nunca tiveram a oportunidade de contemplá-la, mas que dela tiveram conhecimento pelas descrições alheias. Com o chapéu desabado, as botas de couro, as esporas cantadeiras, a tez queimada, a energia no olhar, onde quer que fosse visto, o tropeiro não perdia o autodomínio. Chamavam-lhe “baiano”, quando originário das capitanias do Norte; porém, se aparecia de bombachas, levando a adaga ou as boleadeiras à cinta, não era preciso perguntar: tratava-se de gente de casa. Nessa figura viril, ocultava-se um trabalhador humilde, que não se negava a lutar - com o boi, a fera do mato, ou o próprio bicho-homem. Na necessidade, sabia ser frugal, corajoso, abarbarado, e dominava conhecimentos específicos que constituíam a sua maturada ciência: os roteiros, os hábitos do animal, a qualidade dos campos e das águas, a força dos ventos e a arte de negociar⁴.

A atividade áspera da vida pastoril, praticada pelos tropeiros - gente especializada em lidar com o gado rústico -, desenvolveu-se ao longo dos caminhos, em torno das invernadas, dos rodeios, dos currais. Daí é que eles emergiram, à luz da economia capitalista, como os principais agentes da “idade do ouro” em terras rio-grandenses, integrando, no mesmo processo econômico, áreas e populações tão distantes umas das outras quanto dessemelhantes em seu estilo de vida.

A repercussão do trabalho dos tro-

peiros tomou vulto no Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII. No entanto, tal atividade era praticada desde o século XVII, em virtude da formação dos rebanhos, principalmente os que movimentaram as Vacarias do Mar, nas pradarias do Sul, e as Vacarias dos Pinhais, nos Campos de Cima da Serra⁵. Brito Peixoto, rico paulista que exercia a pesca em Laguna (SC), em 1688, teve destacado papel nesse processo. Ele era filho solteiro de Domingos Brito Peixoto, deixou nove filhos mestiços, que foram os primeiros povoadores e criadores de gado, entre Torres e Viamão, ambas localidades do Rio Grande do Sul. Esses mestiços tiveram muitos filhos e constituíram famílias bastante numerosas. Com eles, iniciou-se a criação ordenada de gado vacum, para o abastecimento do porto exportador de carnes salgadas de Laguna (SC), e também o povoamento da Capitania d’El Rei⁶.

Felipão pertenceu a uma das últimas gerações de tropeiros e vivenciou, por exemplo, o problema relativo aos trans- portes na parte meridional do Brasil, que só seria resolvido com a construção de ferrovias. A ferrovia Porto Alegre–Novo Hamburgo, a primeira a ser construída, com apenas 43 Km, atendia à zona colonial, produtora de gêneros agrícolas para o mercado da capital. Porém, a maioria das ferrovias construídas no século XIX, como atesta Zarth (1997, 2002, 2006), atendia aos interesses dos pecuaristas, ligando a zona da Campanha, tradicional produtora de gado, ao porto de

Rio Grande, às charqueadas de Pelotas, à Capital. Foi a ascensão econômica das colônias, no final do século XIX, que levou à construção de estradas de ferro nessas regiões. Além dos aspectos destacados, assinala-se que Felipão conheceu o final de um ciclo, iniciado com a formação das cidades tropeiras do Rio Grande do Sul colonial. O trânsito de tropas até 1830, dirigindo-se do Leste para o Oeste, dando origem a arranchementos e, conseqüentemente, à fixação territorial, contribuiu com a formação de povoados no Estado - tais como os de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Vacaria, Cruz Alta, Passo Fundo, Soledade, entre outros - e ligou, definitivamente, o Rio Grande do Sul ao centro do Brasil. Por fim, indaga-se: quem sabe do caso, duvida; quem nunca ouviu falar, quando ouve, não acredita. Afinal, alguém conhece um fazendeiro ou granjeiro negro hoje em dia?

*(Mauro Gaglietti é, desde outubro de 2010, o titular da Cadeira 31 da APL; professor dos Cursos de Direito, Psicologia e Odontologia da IMED (Passo Fundo, RS); professor do curso de graduação em Direito e do Mestrado em Direito da URI (Santo Ângelo, RS); professor convidado da FAL e da FEMA, respectivamente Itapiranga/SC, e Santa Rosa/RS. Doutor em História/PUCRS, Mestre em Ciência Política/UFRGS. Coordena o Curso de Especialização em Mediação de Conflitos e Justiça Restaurativa, na Faculdade IMED, o Projeto Justiça Comunitária (em parceria com o Ministério da Justiça e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo), e a implantação do Núcleo de Mediação LAW, em Passo Fundo e Santo Ângelo (Luis Alberto WARAT). É autor de vários ensaios, artigos e livros.

Carlos Alceu Machado é Advogado e integrante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

NOTAS

1- Este texto apresenta parte de uma pesquisa mais ampla, que vem sendo realizada pelos mesmos autores, sobre a biografia de Felipe João da Silva (Felipão). O texto centra-se, principalmente, no relato da neta de um escravo, sobre a trajetória de seu pai. As informações foram obtidas por meio de uma entrevista com a agropecuarista Maria Helena da Silva, filha de Felipão. Além disso, consultaram-se o Diário da Manhã, jornal editado em Passo Fundo (28 de julho de 2006, p. 7; 04 de agosto de 2006, p. 4-5); o artigo intitulado “Felipe João da Silva”, de autoria de Maria de Lourdes Isaías e Rodrigo Pimentel, publicado na Revista Somando. Por fim, realizaram-se duas entrevistas a respeito de Felipão, uma com o médico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, e outra com o jornalista Paulo Monteiro, ambos integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras.

2- Veríssimo da Fonseca (2004, p.12) assinala, com relação ao número de mulas que eram transportadas à época, que é pouco provável que a tropa possuísse mais do que 3.500 animais, como é destacado em alguns livros. Segundo o pesquisador, para tanto, seriam necessários cerca de 500 homens campeiros, 500 cavalos apropriados para a lida de campo e igual quantidade para revezamento, dois ou três cargueiros de ferraduras. Ele destaca também que nem mesmo uma mula com casco duro resistiria às pedrarias, pois não se leva gado alçado através de serras e matos em estreitas picadas.

3- Nessa visita, Gigi estava acompanhado de Carlos Alceu Machado, que forneceu as informações relativas ao fato para o presente trabalho.

4 - Cf. CESAR, 1970; 1978; 2005.

5 - Cf. BARROSO, 2006, p. 171-188.

6 - Cf. DOMINGUES, 1995, no decorrer do século XVIII, o gado vacum não foi levado para Sorocaba (SP). É um grande engano dizer que o comércio das tropas decorreu da necessidade de alimentos para a região das minas (Minas Gerais e Mato Grosso, atuais).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1970.
- _____. O contrabando no sul do Brasil. Caxias do Sul: UCS, 1978.
- _____. Origens da economia gaúcha (o boi e poder). Porto Alegre: IEL; Corag, 2005.
- CONRAD, Robert. Os últimos anos da escravatura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BARROSO, Vera Lucia Maciel. O tropeirismo na formação do sul. In: CAMARGO, Fernando; REICHEL, Ieda Gutfreind Heloisa (Orgs.). Colônia. v.1, Passo Fundo (RS): Méritos, 2006. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 171-188.
- DOMINGUES, Moacyr. O tropeiro Cristóvão Pereira: Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil meridional. Porto Alegre: EST, 1995.
- ISAÍAS, Maria de Lourdes Isaías; PIMENTEL, Rodrigo. Felipe João da Silva. Revista Somando. Passo Fundo: Fundação Cultural Planalto, ed. 104, ano XI, nov.2005, p.34-37.
- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. Tropeiros de mula: a ocupação do espaço, a dilatação das fronteiras. Passo Fundo: Berthier, 2004.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. Os dois caminhos pioneiros do Rio Grande do Sul. In: _____. Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. Porto Alegre: EST, 1992. p.215-233.
- _____. Ponderações sobre a proto-História do caminho Vacaria-Passo Fundo. In: _____. Raízes de Lagoa Vermelha. Porto Alegre: EST, 1993. p. 66-70.
- _____. Por mares grossos e areias finas. Porto Alegre: EST, 2004.
- ZARTH, Paulo Afonso. História agrária do planalto gaúcho. (1850-1920). Ijuí (RS): UNIJUÍ, 1997.
- _____. Do arcaico ao moderno: O Rio Grande do Sul agrário do século XIX. Ijuí (RS): UNIJUÍ, 2002.
- _____. A estrutura agrária. PADOIM, Maria Medianeira; PICCOLO, Helga Iracema Landgraf (Orgs.). Império. v.2, Passo Fundo (RS): Méritos, 2006. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 187-214.

As vantagens de se ter uma mulher no poder

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Sim, entramos na era da revolução da consciência humana. Depois da revolução das artes, da ciência, da indústria e da tecnologia, finalmente uma parte dos sete bilhões de seres humanos está abrindo suas mentes, deixando tabus e preconceitos de lado e enxergando as pessoas para muito além do seu sexo, da sua raça, das suas deficiências e das suas crenças.

Os olhos dos sujeitos conscientes desse novo milênio enxergam saberes e competências, mas, acima de tudo, enxergam amabilidade, disponibilidade e habilidades. Com essa nova visão, as mulheres deste tempo, mais do que em toda a história, estão sendo vistas, reconhecidas e consideradas como capazes de serem mais do que somente esposas dedicadas, boas donas de casa e mães zelosas, e de dedicar suas habilidades na construção de um mundo melhor.

Se em gerações passadas ela se dedicava basicamente ao cuidado dos seus doze ou treze filhos, agora ela se esforça, como faz nossa presidenta Dilma Rousseff, ao “cuidado” de duzentos milhões de compatriotas. E o que dizer da indiana Pratibha Patil, que teve coragem de assumir o “cuidado” de uma nação de um bilhão e duzentos milhões de habitantes?

Pratibha está presidindo a Índia há cinco anos e aquele país continua sendo um dos que têm maior desigualdade social no mundo. No entanto, estão conseguindo criar riquezas no país e, a passos lentos, combater a corrupção, um dos maiores entraves para o desenvolvimento. Levará muitos anos para que os novos sujeitos, nascidos na era da revolução da consciência humana, depois de serem acalentados nos braços da “mulher”, possam revelar-se pessoas mais justas e cuidadosas. Educar demora e requer paciência, qualidade essa que é uma das características do feminino.

A filósofa brasileira Rose Marie Muraro expõe, em uma de suas obras,



que a salvação do planeta está no feminino, e que esse gênero, que se revela na capacidade de cuidar, não está presente somente na mulher, mas também, no homem. Nesse mesmo sentido, Leonardo Boff afirma que a ética do humano está em saber cuidar. Assim, longe de se querer estabelecer estereótipos entre homem e mulher, e de arriscar dizer quais as vantagens de se ter uma mulher, ao invés de um homem no poder, devemos compreender que todo sujeito tem porções simbólicas e subjetivas, femininas e masculinas. Quem sabe se é o lado masculino da mulher que tem aflorado e dado a ela mais coragem, foco, imediatismo e objetividade? Características essas que são próprias do homem, ou melhor, do gênero masculino.

Grandes mulheres da história como a “Dama de Ferro” Margaret Thatcher, com seu forte perfil masculino, que

não lhe permitia nem sequer esboçar emoções, Golda Meir, Indira Gandhi e algumas rainhas inglesas de outras eras que levaram seus países à guerra. No entanto, elas fogem ao perfil feminino que nos faz pensar em doçura, capacidade de comunicação, empatia com o sofrimento alheio e flexibilidade quando as coisas vão mal.

Sabendo que precisam dos outros para alcançar suas metas, as mulheres mais femininas evitam o excesso de arrogância conferido pelo poder e pelos bajuladores, e sabem também que, para chegarem ao topo das organizações, não é absolutamente necessário adotar um estilo tão masculino a ponto de abafar as características femininas. Afinal, o sucesso depende, justamente, da combinação das porções masculinas e femininas, adotando modos duros ou dóceis, conforme necessário. E isso serve tanto para o homem quanto para a mulher.

Nesse diverso século XXI, Dilma Rousseff, nossa atual presidenta que, ao demitir ministros acusados de corrupção, logo no seu primeiro ano de governo, conquistou a mais alta popularidade desfrutada por um presidente brasileiro. Juntamente com a chanceler alemã, Angela Merkel, e Christine Lagarde, primeira mulher a dirigir o FMI, com segurança, elas dividem espaço com Obama, François Hollande e Putin. Sim, as mulheres estão mostrando suas habilidades extradomésticas.

Ao falar na abertura da Assembleia geral da ONU, em 2011, Dilma afirmou que este será o século das mulheres. Sem querer contrariá-la, eu diria que este será o século do feminino e que, assim como surgiu uma nova mulher, na relação saudável de interdependência que deve se estabelecer entre as pessoas, já está surgindo um novo homem. Está certo que eles não virão a parir e amamentar seus filhos no seio, mas estarão, cada vez mais, aptos a “maternar” a mãe de seus filhos, enquanto elas fazem isso e, assim, entenderão, cada vez mais, o poder do cuidado.

O sociólogo Pierre Bourdieu ultrapassou as visões puramente biológicas e psicanalíticas da diferença entre os sexos, e propôs uma cultura onde se deva inventar novas formas de organização, capazes de renovar instituições que ainda contribuem para eternizar a subordinação, à qual as mulheres estavam fadadas até o último século.

A participação das mulheres, com suas importantes características femininas, nos postos de comando, deve ser ampliada, pois a história já está mostrando que elas, tradicionalmente, dão mais importância à educação, à saúde e ao meio ambiente, e essas são as áreas onde se requer mais investimentos, a fim de salvar o nosso planeta da desordem e da destruição. No entanto, embora a lei determine que 30% dos candidatos a cargos públicos devam ser mulheres, elas compõem apenas 5% dos cargos eletivos.

Sem querer ser machista, e reafirmando que a maioria das mulheres tem capacidade de absorver e acumular tarefas, acredito, sim, que elas podem ter a receita para assumir o poder e fazer bonito, e que, nem por isso, vão errar a receita do bolo.

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, Mestre em Educação e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Minha filha mãe



Do meu colo pulaste pra vida
Feliz, sem temer os percalços,
A colheita de hoje, para nós duas,
É o sentimento em comum
De amor pelo filho que tens,
Fruto das escolhas tão lindas,
Que de tão acertadas, explodem,
Espalhando beleza, amor e ternura.

Vejo em ti uma mulher,
Não mais a filha que de mim precisa.
Sei, conquistaste asas, liberdade,
Por puro mérito, de tão valente.
Viva, minha filha,
Continue voando alto, sorrindo para o mundo,
Ele sorrirá de volta, tenha certeza.

Eu agradeço o agrado,
Que me fazes todo dia,
Oferecendo-me um menino
Tão feliz e carinhoso,
Que herdou de ti tanta coisa
E tantas outras do teu marido e amor,
Formando um trio que impressiona,
Pela beleza e carinho que espalham.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

23/04 - Dia Mundial do Livro

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Embora, desde 1926, o dia 23 de abril já fosse considerado o Dia Mundial do Livro, pelos espanhóis, essa data só foi mundialmente instituída, pela Unesco, setenta anos depois, em 1996. Mas por que 23 de abril?

Foi no longínquo ano de 1616 que essa data teve real significado. Ninguém menos do que os europeus, William Shakespeare e Miguel de Cervantes, que deixaram seus contemporâneos em luto e partiram para a vida eterna no mesmo dia, mês e ano. Embora existam dúvidas sobre a exatidão dessa coincidência, assim tem sido considerada.

E hoje, por que valorizar essa data? Teria um intento de cunho comercial? Seria mera propaganda para se vender livros, sejam eles impressos ou digitalizados? Independente da resposta a essa questão, a data pode servir para chamar a atenção para a importância do livro como um bem cultural, essencial para o desenvolvimento humano e social.

Pode, ainda, servir para pensarmos e incrementarmos nossas acaloradas discussões sobre o futuro do livro. Sobre isso, pondera-se, devemos discutir sobre o livro do futuro? O Amazon, um dos maiores sites de vendas por internet, já anunciou que está vendendo mais e-

books do que títulos em papel...

Na minha infância e adolescência, debrucei-me sobre a enciclopédia Delta Larousse, para fazer meus trabalhos escolares e satisfazer minhas curiosidades. Na geração de meus filhos, os 16 volumes da Barsa já vieram acompanhados de uma versão digital em CD. Por fim, recentemente, foi anunciado que, a partir deste ano, a enciclopédia Britânica só poderá ser acessada a partir de um arquivo digital, de apenas 52 Kb, pois a versão impressa não será mais publicada.

Mesmo diante dessa realidade, prefiro pensar que, ao menos por enquanto, uma forma não substituirá completamente a outra. Nenhum tablet, por mais que agilize nossas pesquisas, e que tenha bem menos volume do que uma abarrotada biblioteca, terá a nostalgia de um livro. Nenhum notebook vai permitir que dobremos suas páginas, que escrevamos em suas margens e que façamos traços, às vezes tortos, assinalando nossos recortes de texto.

Sobre isso, Ziraldo, um dos autores da obra *O futuro do livro*, se pergunta: "Onde é que vamos deixar riscada, com nosso lápis, a frase que vai marcar nossa vida?" Nesse mesmo sentido, o atual fenômeno da literautura, o romancista americano Nicholas Sparks, que já vendeu oitenta milhões de exemplares

de seus 18 romances, garante que o livro impresso não deixará de existir. Concordo com ele, e sei que ele não está só sendo romântico com essa afirmação.

De qualquer forma, devemos preparar-nos para o futuro. O acadêmico da Academia Passo-Fundense de Letras, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, adaptado aos novos tempos, tem dedicado grande empenho à digitalização de livros antigos. Dentre os eleitos para tal feito, consta um dos livros de poemas de nossa inesquecível acadêmica, a imortal Jurema Carpes do Vale. Por certo que, dessa forma, grandes obras e seus respectivos autores ficarão ainda mais imortalizados e muito mais acessíveis a todos.

Para finalizar essa crônica, sobre o Dia Mundial do Livro, relembro Castro Alves que, há 150 anos, em seu famoso poema "O livro e a América", assim declarou seu amor aos livros: "Oh! Bendito o que semeia livros... Livros à mão cheia...E manda o povo pensar! O livro, caindo n'alma, / É germe — que faz a palma, / É chuva — que faz o mar". Com todo o respeito eu o parafraseio: Bendito o livro que veio para ficar!!!!

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, Mestre em Educação e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O julgamento de Nietzsche

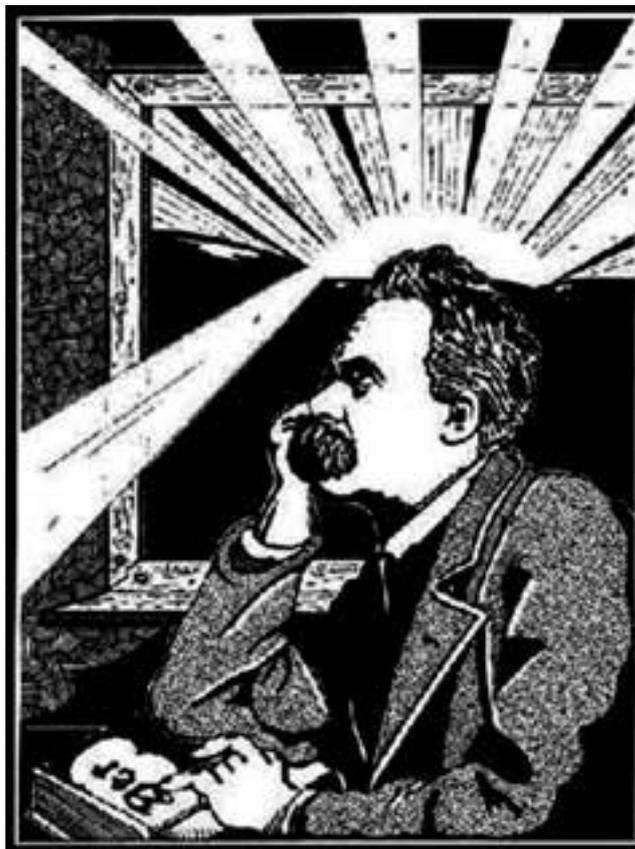
GILBERTO R. CUNHA

Sobre Friedrich Wilhelm Nietzsche paira a acusação do assassinato de Deus. Desde que escreveu, em 1882, no livro “A Gaia Ciência”, a famosa frase “Deus está morto!” (ou “Deus morreu”, dependendo da tradução do alemão “Gott ist tot”), virou o suspeito principal de um crime que aparenta requinte de crueldade. As evidências advindas dessa expressão, que não deixa qualquer dúvida sobre a morte de Deus, especialmente quando deslocada do contexto original, somadas às críticas ácidas que ele teceu à religião, à moral e à tradição filosófica do Ocidente, formaram indícios tidos como mais que suficientes para levá-lo ao banco dos réus. A defesa de Nietzsche chegou a esboçar reação, alegando que “sem cadáver, não há crime”, mas essa tese era simplista em demasia, não tendo, em função do entendimento majoritário dos tribunais, qualquer chance de prosperar; pelo menos de plano.

Os acusadores, dizendo-se embasados em princípios, mesmo sem uma fundamentação plausível, mais beirando o arbítrio que qualquer outra coisa, eram taxativos na dedução de culpa do Sr. Nietzsche, pelo assassinato de Deus. Instaurado o contraditório, coube à defesa contrapor que, em base no texto “Uma moral sem fundamento” (In: A sociedade em busca de valores. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 133-153), de André Comte-Sponville, filósofo materialista francês, ex-mestre de conferências da Universidade de Paris I, não havia dúvida que “a morte de Deus” era um tema nietzscheano bem típico. Todavia, a expressão “Deus está morto!”, tal qual tantas outras, não pode ser tomada em sentido literal. O professor Nietzsche nunca ignorou que Deus, se existe, é, por definição, imortal. Tampouco, se

ele não existe, não é absurdo afirmar, até em razão disso mesmo, que também é imortal. Pois, em sendo assim, não é razoável supor que alguém, que não existe, possa ser morto.

Não, Deus não morreu! Deus está bem vivo, aqui e agora, em qualquer lugar, para todos que acreditam nele, evidentemente. O professor Nietzsche não matou ninguém. Nunca teve essa intenção. Ele fez menção a algo que,



embora não sendo novo, hoje é percebido com maior facilidade: “Deus está socialmente morto”. Isso, na acepção de Comte-Sponville, significa dizer que, individualmente, na esfera privada, podemos acreditar em Deus, mas, em sociedade, não há essa comunhão com ele. Já não é mais possível, como outrora foi, basear “em nome de Deus” a nossa coesão social. A sociedade, em cujo seio vivem os que crêem em Deus, não pode deixar de ter em consideração a pluralidade das crenças e, inclusive, respeitar também as descrenças. A ordem religiosa e a ordem social deixaram de ser uma só. O político e o espiritual,

hoje, mais que nunca, são entidades separadas. Enquanto não entendermos (ou aceitarmos isso) que “Deus está socialmente morto”, e que já não podemos basear nele o valor dos nossos valores, vamos vivendo (e nada fazendo para que não seja assim) em uma sociedade onde impera o reinado da mediocridade, da decadência e do ressentimento. Tampouco os pretensos substitutos de Deus, que arranjamos numa busca apressada para fazer jus ao “Deus morto, Deus posto”, cujos exemplos notórios são a natureza, a ciência, a vida ou a história, resultaram em experiências melhores ou, quando não, inclusive, até mais perigosas e destruidoras. Precisamos é de fundamentos mais robustos para os nossos valores, que unam a ordem teórica ou epistêmica (a ordem das verdades ou dos conhecimentos) e a ordem prática ou normativa (a ordem dos valores ou dos imperativos), mesmo que para isso tenhamos de lançar mão de uma doxa heterodoxa ou até admitir que, nessa circunstância intangível, estamos diante de uma ordem una e absoluta que, conceitualmente, em nada difere de Deus.

Em uma sociedade que vibra com “BBBs” (“Salve, salve! Vamos dar aquela espiadinha!”) e “Ah se eu te pego”, cujo comportamento nonsense beira ao surrealismo, mais que as frequentes e fortes dores de cabeça, o que atormenta Nietzsche é a possibilidade de uma condenação. Afinal, conforme escreveu Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), com fina ironia, na letra do “Samba do crioulo doido”, em se tratando da história do Brasil nos enredos de carnaval, quando se mistura Xica da Silva com a atual conjuntura, para resolver a questão, alguém pode até propor que seja proclamada a escravidão.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O evangelizador pampeano

VERÍSSIMO DA FONSECA

João Simões Lopes Neto nasceu à beira da cerca da mangueira, onde o gado ficava encerrado, aguardando o abate. Viu, assistiu e participou do movimento das tropas e dos tropeiros, que vinham de todos os lados do Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. A casa paterna beirava a charqueada, onde a rude faina do trabalho bruto, de encerrar o gado xucro trazido dos confins dos campos abertos, chegava ao seu destino, o brete, para o abate. Gaúchos de todos os rincões se entreveravam na mangueira, apertando o gado xucro para a boca do tronco, onde eram apunhalados na nuca e caíam paraplégicos no solo e arrastados para o local da sangria. Uma sangria atrás da outra, em centenas de animas, deixava tudo recoberto de sangue.

As mantas de charque eram preparadas nas primeiras horas da madrugada, nas horas mais frescas.

O menino JSLN (João Simões Lopes Neto) passou sua primeira década de vida, assistindo a este bárbaro espetáculo, à luz da lua e das estrelas.

À luz do sol, campereava com seu pai, como todo menino. Conviveu com os homens que se dedicavam ao pastoreio, calmos, conhecedores da flora e da fauna; dos passos nos rios e sangas; dos atalhos.

Um dia seu pai mandou-o para o colégio, no Rio de Janeiro, onde permaneceu anos, recebeu primorosa educação e viveu intensa vida social.

Voltou para a sua terra natal, onde se dedicou ao jornalismo, e durante toda a sua vida participou de todos os movimentos sociais de caráter humanitário. JSLN era extremamente participativo e voluntário. Ilustrado conferencista, foi membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

É isso que dizem os biógrafos sobre a formação de JSLN, em outras palavras.

Neste ano, em que se comemora o centenário da obra máxima das letras gaúchas, para nosso orgulho, eleva-se acima do tempo e do espaço a figura de Blau Nunes, símbolo do pregador dos preceitos do gaúcho brasileiro. Blau



Nunes é o gênio que molda o personagem do pampa brasileiro, e a alma de todos os rio-grandenses-do-sul. E como um evangelista, suas palavras pregadas em uma nesga do imenso pampa de três pátrias, trasbordaram para outras etnias, outras terras, outros continentes. Palavras de fé e amor. Nenhum povo vive sem heróis, mitos e crenças que lhe ditem o rumo.

Blau Nunes é a alma do gaúcho, que serviu ao Imperador e à pátria sobre a qual pouco sabia. Mas ele sabia suas obrigações para com ela e seus diri-

gentes. Participou de todas as lutas, encarnando assim os muitos heróis que derramaram seu sangue, em quase trezentos anos de lutas guerreiras. Dos que fizeram a pátria e demarcaram fronteiras.

Olhando para o que não está visível, na obra de JSLN, encontramos, tanto nos contos gauchescos, como nas lendas, uma pregação evangélica.

O Evangelista Blau percorreu seu minúsculo espaço geográfico, em relação ao todo. Dos diferentes dialetos regionais, ouvidos de populações esparsas e ilhadas pelo vazio dos espaços, que pouco falavam entre si, e quase nunca com estranhos, com um linguajar resultante de cruzas de outras raças, talvez daí criou JSLN um dialeto literário, fortemente sonoro e compassado que só Blau Nunes possuía, mas sempre voltado para o gênero narrativo enaltecido da honra, da coragem, dos bons costumes, do amor à terra e tudo o que Deus criou. JSLN colocou seu personagem dentro do peito de cada leitor. Escutamos e nos encantamos com a voz do narrador. Se necessário, leia e releia



as belas frases! Os escritores geniais guardam muitos segredos nas entrelinhas que só as releituras revelam. Medite. Viaje com Blau, o tapejara. Veja as imagens da flora e da fauna, sinta o aroma das flores silvestres machucadas pelos cascos do cavalo, beba da água cristalina das fontes que se encontram em seu caminho.

Exemplifico: em TREZENTAS ONÇAS, o mais belo dos contos gauchescos, após uma sesteada morruda, o tropeiro Blau levanta-se, banha-se no rio de águas límpidas, dá “umas braçadas, poucas. Encilha e segue ... Ao entardecer, deu-se conta de que deixara a guaiaca com trezentas onças de ouro em cima das pedras, ao se banhar no riacho. Volta apreciando a beleza da tarde em “sol morrente”, as flores do campo, a brisa do vento, o lento voo dos pássaros rumo a dormidouro. A paz reina absoluta.

...Mas a guaiaca lá não estava mais. Como iria explicar? De onde tirar 300 onças de ouro para pagar o patrão? Puxou o revólver e decidiu se matar.

“Tirei a pistola do cinto; amatilhei o gatilho... benzi-me, e encostei no ouvido o cano grosso e frio, carregado de bala”.

“Ah! Patrício! Deus existe!...”

No refilão daquele tormento ... olhei para diante e vi ... as Três Marias luzindo na água...O cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava lambendo a mão ... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!...

Patrício! Não me avexo de uma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade de minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...

Eh-puxa, patrício! Eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações.... Pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinhilo ao sol, num descampado, no pino do meio-dia : era a luz de Deus por todos os lados...

E já todo no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar” .

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

D. Urbano Algayer, um bispo especial

WELCI NASCIMENTO

Tive o prazer de conhecer, pessoalmente, D. Urbano Algayer, nosso Bispo Emérito, pelos anos de 1983/84. Se não me falha a memória, era março ou abril. Os anos passam e a gente começa a perder a memória e as coisas já não são mais exatas, principalmente quando se trata de datas.

Acontece que eu ia subindo, galgando um pequeno morro, à direita de quem vai de Porto Alegre a Viamão, no bairro Agronomia. Visitaria o meu amigo Pe. Nelson Tonel que, naquela época, assistia um grupo de estudantes de Teologia do seminário de Viamão. Esses jovens resolveram fazer uma experiência de vida estudantil e de ação evangélica, fora dos muros do seminário. Eu levava para eles uns pacotes de erva-mate. Moravam numa casa simples, de madeira, no alto do morro.

Subindo comigo, um pouco à frente, ia um senhor. Íamos de cabeça baixa, passo a passo. Sem que um ou outro soubesse, o destino era o mesmo. Chegamos na dita casa, quase juntos. Fiquei sabendo, nesse mesmo instante, que a pessoa que vinha na minha frente era D. Urbano Algayer, Bispo Diocesano de Passo Fundo, há pouco empossado, substituindo D. Cláudio Colling.

D. Urbano se encontrava ali para verificar como estavam seus futuros sacerdotes. Desejava, certamente, dar-lhes apoio espiritual, com a sua presença.

D. Urbano é assim mesmo. Surpreende a todos nós, com seu modo simples de agir, de se comunicar. Aqui em Passo Fundo, quando pode, caminha pelas ruas do quarteirão da Igreja Catedral. Às vezes, atravessa a Avenida General Neto e vai pelos caminhos da Praça Marechal Floriano. Pára a toda hora, para conversar com



as pessoas que conhece, ou não. As pessoas gostam de conversar com o seu pastor. Andar a pé, proporciona momentos de prazer, quando podemos fazer essa prática. Ao contrário do automóvel.

Não se pode falar de Igreja sem Jesus Cristo, seus bispos, padres e leigos batizados. Os bispos são a sucessão apostólica, que vem ininterruptamente. D. Urbano é um desses bispos que o Espírito Santo consagrou como mestre da fé, pontífice e pastor.

Com seus 88 anos de idade, é presbítero da Igreja Católica, Apostólica, desde o ano de 1950. Certamente que já serve à Igreja desde a juventude. Foi precedido por D. Cláudio Colling e sucedido por D. Ercílio Simon. Comunicativo, simples, fraterno e estudioso, assim é D. Urbano, para mim. Desde o ano de 1982, ele nos brinda com sua presença em Passo Fundo. São 30 anos. Uma lasca da sua vida está conosco.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Pesquisa sócio-antropológica e sua aplicabilidade na escola

DILSE PICCIN CORTEZE

A educação, no Rio Grande do Sul, vive uma crise sem precedentes. O estado passou, de centro de referência educacional para todo o país, a um dos índices mais baixos na última avaliação do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). A preocupação com o tema passou a ocupar espaço nos meios de comunicação, principalmente com o lançamento da campanha, pela RBS: “A Educação Precisa de Respostas”.

A preocupação com a educação é geral. Professores reclamam do dia-a-dia enfrentado nas escolas; os alunos se mostram desatentos, desmotivados,

não respeitam os colegas e professores; os pais se mostram insatisfeitos; os empregadores queixam-se da falta de mão-de-obra qualificada, numa sociedade com grande número de desempregados. Como resolver tais questões, num país que almeja ser uma potência mundial, e para isso precisa resolver o problema da educação? Sabemos que o crescimento econômico está intimamente ligado à escolarização.

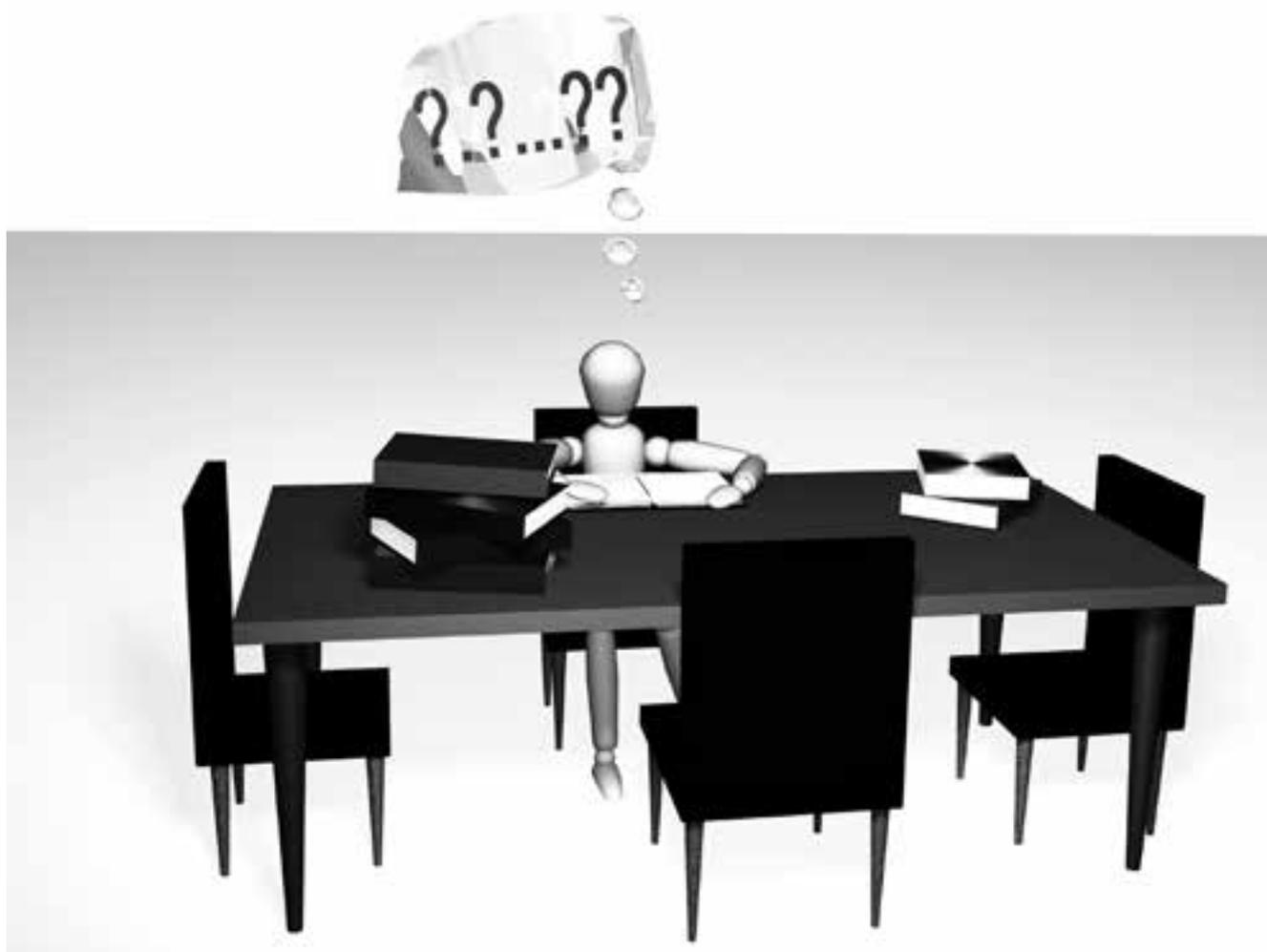
Talvez o primeiro passo a ser dado, no sentido de uma educação satisfatória, seja a união das forças vivas da comunidade escolar: famílias, professores, direção, Conselho Escolar, comerciantes, etc., além de se fazer perguntas. Como está a educação na escola? O que precisamos melhorar?

Como conseguir modificar esta situação?

Para se conseguir respostas, em questões como as citadas acima e outras mais, as escolas devem investir na pesquisa escolar, procurando saber o que a comunidade pensa sobre o assunto e, principalmente, como cada um pode ajudar, fazendo a sua parte, no sentido de que todas as crianças sejam melhor atendidas, na escola e em casa. Em suma, cada um deve cumprir suas obrigações, neste processo de desenvolvimento do ser humano.

Pesquisa científica x escola

A Pesquisa sócio-antropológica reúne as características das demais pesquisas



participantes, tanto de ação como etnográfica, pois os pesquisadores precisam estar em estreita associação com os investigados, descobrir seus problemas na realidade cotidiana, e propor ações que possam modificar essa realidade. Por isso se diz tratar-se de uma proposta pedagógica interdisciplinar, que estabelece uma associação entre conhecimento escolar e cidadania, um diálogo entre saberes popular e científico, além de construir coletivamente, a apreensão partilhada do conhecimento.

Este tipo de pesquisa pode trabalhar as seguintes áreas: educação, saúde, transporte, religião, ecologia, trabalho, cultura, relações sociais, visões de vida e cidadania, crianças, adolescentes, jovens, idosos. É utilizada para estudar a realidade da vida social da comunidade, bem como a acolhida da escola e seus entornos sócio-culturais.

Nos anos de 1960, Paulo Freire iniciava seus estudos, sobre educação popular e alfabetização de adultos, apoiado na ideia de aprendizagem significativa, partindo da realidade do educando. Ele dava início, desta maneira, a uma educação apoiada nos resultados de pesquisa do ambiente escolar, a fim de estabelecer um ponto de partida para seu trabalho. Todavia, sendo ele exilado durante o período militar brasileiro, a educação retrocedeu, e somente mais de trinta anos depois o tema veio novamente à tona. Hoje, verifica-se que as escolas precisam retomar a pesquisa, para tornar o ensino mais significativo e trabalhar a realidade cientificamente constatada.

Segundo Brandão (2003), a pesquisa sócio-antropológica está baseada em quatro princípios: - Ético: a razão de ser do aprender não é saber coisas úteis, mas compreender gestos de valor humano;

- Ecológico: aprender algo é integrar sentimentos e saberes, orientados aos cuidados com os diferentes espaços, onde compartilhamos a vida e a espécie humana;

- Político: no sentido mais original do termo, de participação cidadã, reconhecendo-se como sujeito de direitos na e através da comunidade de vida que se comparte;

- Pedagógico: a vivência pedagógica principal é o diálogo, a dialogicidade. Tem a ver com a ideia de que toda atividade, por meio da qual professores e alunos se lançam a fazer perguntas, e buscam, juntos, as respostas, sai da transferência de conhecimentos co-



nhecidos, para uma procura ativa e recíproca de conhecimentos a conhecer, representando assim uma vivência de criação.

Exemplo: Realizar uma pesquisa sócio-antropológica na comunidade X, para, a partir desta, organizar-se uma proposta de trabalho curricular para o ano letivo da escola, de onde saem os temas geradores da pesquisa.

De acordo com a professora Esther Grossi, “Pesquisa Sócio-Antropológica é um processo no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social, em benefício dos participantes”. Portanto, é uma atividade de pesquisa educacional orientada para a ação.

A pesquisa Sócio-Antropológica deverá servir como ponto de partida, para a organização do ensino por projetos ou complexos temáticos. Assim sendo, vivência da pesquisa deve ser encarada como uma “potência pedagógica”, na construção do caminho para a problematização da prática docente, e para a reinvenção do ensino, na perspectiva da educação libertadora. Dessa forma, a possibilidade de que, com a pesquisa, as práticas pedagógicas se fortaleçam, ocorre a partir de compromissos com a comunidade escolar.

Os principais objetivos deste tipo de pesquisa são: Estreitar os vínculos com a comunidade; aprofundar o conhecimento da realidade dos indivíduos e da comunidade da qual fazem parte; retomar as discussões do Projeto Político-Pedagógico, a partir das demandas da comunidade e redimensionando as prá-

ticas pedagógicas; continuar o processo da gestão democrática do ensino, através da escuta qualificada.

Ao optar pela pesquisa, a escola reconhece que não é formada só pelo aluno, mas por toda a comunidade que vive naquele espaço. Para pensarmos na escola como um todo, precisamos saber que somos diferentes. Pensar em educação e proposta diferente de trabalho é saber que os educandos e educadores são diferentes. Temos que olhar para a escola e respeitar as diferenças. Elas, por sua vez, não podem nos distanciar.

A pesquisa não deve se reduzir apenas à ida a campo, e sim, a um processo não linear, onde a função do educador se problematizará, a partir de uma nova compreensão da ciência, da razão, da emoção, da insegurança, da esperança, do medo, da coragem, da luta, da investigação, da experiência, do compromisso com a democratização, e da inclusão de conhecimentos e de indivíduos. Assim, mergulhar na verdade, na construção política, na construção democrática, significa defender espaços de cidadania. Isso lembra o que nos fala Demo: “pesquisar é dialogar com a realidade, de modo crítico e criativo”.

Para que a pesquisa alcance seu objetivo, é necessário um trabalho coletivo entre educadores e comunidade, pois esse envolvimento, além de fundamental, questiona os participantes: “O que queremos para a nossa escola? Manter o instituído ou transformar a realidade social?”

De posse dos dados e das falas significativas, a escola deverá desenvolver uma atitude investigativa da sua cotidianidade, da sua realidade, da sua comunidade. Assumirá essa tarefa, na tentativa de reverter uma situação vigente, onde não mais apenas as salas de aula e o pátio escolar compreendem a formação dos seus indivíduos, mas também seus sonhos e seus anseios. Nesse sentido, a pesquisa sócio-antropológica servirá como um instrumento muito importante, pois que ela não só aproxima a escola da comunidade, insere o profissional da educação no contexto significativo da comunidade, adquirindo uma compreensão maior da realidade do aluno.

(Dilse Piccin Corteze. Graduação em História. Pós-graduação em Metodologia do Ensino. Metodologia da Pesquisa e História. Mestra em História Regional, pela UPF. Autora de vários livros de História, com destaque para *Ulisses va in America: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul-1875-1914*. Membro da APL e do IHPE.)

Rememranças



HELENA ROTTA DE CAMARGO

Ali, em minha janela, o Sol se levantava com preguiça. Se dependesse dele, dormiria mais algumas horas, já que a noite fora tumultuada por relâmpagos e trovões, que ribombavam o sono.

Ora, ora, não é de praxe, desde o início dos tempos, que o astro do dia seja cordial e sorridente? Por que, justo agora, quando meus olhos murcharam de exaustão, e o coração se cobriu de cicatrizes, vem ele, com o ranço mais ácido que o do bebum de pileque?

Quanto a mim, já fiz o dever de casa: Decorei as normas do catecismo. Obedeci às ordens de meus superiores. Aprendi as quatro operações. Assimilei, *ipsis litteris*, a gramática latina e suas declinações. Além de tudo isso, respeitei meus mestres e também meus discípulos. Organizei as gavetas. Semeei cravos e hortênsias. Dei vida aos filhos e eduquei-os. Li os livros que me recomendaram. E ainda provi a despensa de cereais, condimentos, legumes e algumas saborosas iguarias.

Mas depois de tudo pronto, asseado e envernizado, recomendaram-me uma inocente, mas severa dieta, daquele tipo que não permite a ingestão de nada que seja amanteigado, calórico, açucarado. Tudo rigorosamente de acordo com os padrões dietéticos prescritos, a fim de que o sobrepeso não se instale, nem no ventre, nem nas nádegas, que isso, além de feio, é prejudicial ao corpo como um todo.

Daí que, a fim de cumprir minha parte, propus-me ser assidua nos deveres, menos apreciadora do chocolate, do

sorvete e das sobremesas deliciosas, obediente às normas e conveniências, e ainda respeitadora, tanto dos superiores quanto dos subalternos.

Oh! que saudades que eu tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais!

Você, hein, meu amigo Casemiro! Antecipou-se a mim, na transmissão do recado!

Decido, pois, retroceder aos velhos tempos, aqueles de poucos rumores e muitos ardores. E dou-me conta de que, desde os acalantos de outrora, que se esvaíram, entre risos e lágrimas, já transcorreram mais de sete décadas. Afora isso, o encantamento provocado, tanto pelo amor como pela beleza de certas almas, continua o mesmo, fúlgido como um cometa, e tão real e sincero como nos velhos tempos... No odor daquelas *Primaveras*, o que mudou foi apenas o endereço, pois o sentimento permanece intacto, tão presente como o eco que ressoa dentro de mim...

Não direi que só vivo de saudades! Mas que elas são assíduas, enxeridas, truculentas, isso elas são! E que a degradingola chega de supetão, sem nenhuma cortesia e nenhum pudor, é de domínio público. Uma sentença – por que não dizer? – deletéria e desleal.

Cadê a recompensa que me prometeram, pela vida casta e generosa? Onde esconderam os caramelos da minha infância? As geleias e rapaduras, com que as vovós adoçavam minha gula? – Serão esses os desígnios de Deus que, mesmo sem compreendê-los, ensinaram-me a respeitar?

Falando sério, eu esperava mais da liberalidade divina, de Sua competência,

de Seu amor paternal! Afinal, nunca deixei de prestar homenagens a meu Deus e de portar-me como uma serva fiel, sincera, assídua, respeitosa. E, acima de tudo, como Ele mesmo ordenou, ensinei aos pequenos o caminho do bem, da verdade, da justiça, da solicitude e da paz... Só o que eu pretendia dEle era mais tempo para aprender, e maior reconhecimento à minha lealdade...

Oh! Que saudades que eu tenho!...

A vida que, além de um privilégio, revela-se também uma batalha, impõe-nos enfrentamentos diversos: ora somos surpreendidos por jacarés e serpentes, ora por ostras e borboletas... Já dissera nosso grande poeta: *“A vida é um combate, que os fracos abate, e os fortes e bravos só faz exaltar...”*

Eis porque me planto aqui, diante de um livro qualquer, furungando suas páginas, espremendo seu sumo, pois só ele me adoça e revigora; só ele disciplina minha irreverência, rebelde contra as mialgias, as apneias, as ofensas, que se revelam tão torpes quanto o calabouço e tão escuras qual uma noite de breu...

Oi, minha doce aragem! Venha a mim com seu ar puro, sua fragrância matutina, seu sorriso aberto em flor! – Preencha meus espaços vazios, e regue minhas frágeis virtudes! Elas precisam de água, para não secarem de vez!

Uma demão de tinta fresca talvez me ensine a sorrir novamente, e me devolva, com o róseo tom das bochechas, o que é ainda mais auspicioso: o alvo sonho de paz!

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Comemoração do Dia Municipal do Escritor

DILSE PICCIN CORTEZE

No dia 7 de abril, juntam-se duas comemorações importantes para este soldálcio. Além do aniversário da APL, comemoramos também o Dia Municipal do Escritor, criado, pela Lei 3764, em 16 de agosto de 2001, por iniciativa do então vereador Edison Nunes.

Esta data é de grande importância para Passo Fundo, Capital Nacional da Literatura, além de pólo regional universitário e centro difusor de cultura, no Planalto Médio gaúcho. E também berço de centenas de escritores, com publicações em diversas áreas do conhecimento, que passam pelas ciências humanas, jurídicas, médicas, além de vários outros gêneros da literatura.

Sabemos que o livro envolve um suporte de importância cultural única, e está associado ao poder, devido ao saber que a ele é atribuído, e ao valor simbólico que representa na sociedade do conhecimento. Além disso, o livro ainda se constitui num elemento referencial no processo de ensino e aprendizagem.

Indica também sabedoria, status social e autoridade, decorrentes do saber que ele culturalmente possui.

Sua história data de, aproximadamente, seis mil anos. Os vários povos utilizaram os mais diferentes tipos de materiais, para registrar a sua passagem pelo mundo, aprimorar e difundir seus conhecimentos e experiências.

Com o surgimento da imprensa, houve uma transformação da realidade das sociedades, antes totalmente orais, nos âmbitos sociais, culturais, políticos e religiosos. Após a criação da imprensa, os eclesiásticos temiam que ela estimulasse a população comum, a estudar textos religiosos por conta própria, em vez de acatar o que era dito pelas autoridades. O Índice Católico dos Livros Proibidos, criado depois do Concílio de Trento, foi uma tentativa de lidar com esse problema.

Neste século XXI, percebemos que, apesar do surgimento do e-book, o fim do livro impresso está distante de ocorrer, pelo contrário, está acontecendo uma volta às origens, à busca pelo belo que dominava os exemplares antigos.

Assim como afirma Chartier, “o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro, e os três modos de inscrição e de comunicação

dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, o texto eletrônico”.

No decorrer dos tempos o livro evoluiu e é importante revermos seu conceito, para entendermos este processo evolutivo. O texto eletrônico não encerra a vida do livro impresso, nem a existência da leitura, mas abrange uma transformação nas formas de construir significados. À medida que o homem tiver necessidade de registrar sua história e seu pensamento, ele criará novos elementos que atendam às necessidades do seu tempo, permitindo uma leitura adequada aos objetivos de cada leitor.

Citamos o depoimento de uma aluna do ensino médio, de Passo Fundo, que afirma: “Prefiro ter o contato físico com o livro, porque ler não é só decifrar as palavras, as frases, mas também imaginar o que se encontrará na próxima página. O processo de leitura do livro é mais prático. É só abrir e ler”.

(Dilse Piccin Corteze é Mestre em História Regional pela UPF. Autora de vários livros e capítulos de livros, entre eles: “Ulisses va in Americ; História, Historiografia e Mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, professora da Rede Municipal de Educação e das Faculdades IDEAU.)

Quando a Academia e o Metodismo se entrelaçam em Passo Fundo

(FOTOS: ARQUIVO H. M. B. CORRÊA)



1920 - Igreja Metodista, no início do séc. 20



2012 - Igreja Metodista, no seu 100º aniversário

HENRIQUE DE MESQUITA B. CORRÊA

No ano em que a Igreja Metodista, em Passo Fundo, festeja o seu centenário, e a Academia Passo-Fundense de Letras alcança seu 74º aniversário, mais do que justo e oportuno é relembrar o momento em que ambas estiveram intimamente vinculadas. Este fenômeno aconteceu no ano de 1938, na pessoa do Reverendo Sante Uberto Barbieri, exatamente o ano da fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras que, mais tarde, seria denominado Academia Passo-Fundense de Letras.

Busquemos agora relembrar os fatos passados que permitirem mostrar o compartilhamento histórico dessas duas nobres instituições.

Barbieri entra em cena

Corria o ano de 1938, e o pastor da Igreja Metodista em Passo Fundo, no triênio 1936/39, era o jovem Rev. Barbieri, com apenas 36 anos de idade. Este italiano, nascido na cidade de Duevile (1902) imigrou com seus pais para o

Brasil, no ano de 1911, chegando, como muitas famílias italianas, em busca de um recomeço de vida em solo brasileiro.

Na sua juventude, Barbieri “era um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído de idéias revolucionárias, e simpatizante dos ideais anarquistas”, fato reconhecido por ele próprio, e relatado mais tarde por Gilberto Cunha.

Mas, façamos uma pequena parada nos relatos históricos até aqui contados, e retrocedamos aos idos do séc. XVIII, na Inglaterra, a fim de conhecer alguns fatos da formação da Igreja Metodista, para um perfeito conhecimento de um dos pilares da vocação desta Igreja.

John Wesley e o metodismo

A história do metodismo tem seu início emblemático no dia 24 de maio de 1738, em Londres. Neste dia, Wesley, pastor da Igreja Anglicana, é convidado a participar de uma reunião dos moravianos, numa capela situada na rua Aldersgate, na capital inglesa. Na reunião, durante a leitura da interpretação feita por Lutero, sobre a Epístola de Paulo aos Romanos, Wesley conta ter sentido “o coração estranhamente aquecido”. E

é deste fato histórico que advêm a razão de os metodistas serem chamados de “O povo do coração aquecido”.

Daquela data em diante, Wesley inicia um vigoroso processo de reforma e avivamento evangélico, na Inglaterra, que depois se disseminaria pelos Estados Unidos da América, alcançando em seguida outras nações, entre elas, o Brasil.

É importante mencionar que Wesley não tinha intenção de criar uma nova Igreja, e ele mesmo se considerava um ministro da Igreja da Inglaterra (Anglicana ou Episcopal). Não queria separar-se dela, apenas reformá-la. Ele recebera sua formação teológica para assumir um ministério na igreja Anglicana, em Oxford e, já aos 17 anos, começa a estudar teologia naquela faculdade, vindo, futuramente, a tornar-se um de seus professores.

John Wesley e seu irmão Charles, o primeiro um jovem professor, e o segundo um aluno da Universidade de Oxford, começam, durante suas vidas acadêmicas, a reunir-se com um grupo de estudantes no intervalo das aulas regulares, para meditação bíblica e oração, sendo o grupo cognominado pelos colegas universitários de “Clube Santo”.



O jovem Sante Uberto Barbieri

Ele mesmo não inventou este nome, mas alguns outros alunos, notando que os membros do grupo tinham horário e método para tudo o que faziam, desdenhosamente, os chamavam de “metodistas”. O nome seria posteriormente aplicado a esta nova igreja, mantendo-se até os dias coevos.

Conta Mateu Lelièvre que: “em 19 de setembro de 1725, Wesley recebeu das mãos do bispo Potter a ordenação de diácono, a primeira das ordens sagradas da Igreja Anglicana. Em março de 1726, recebeu sua ‘toga de honra’ do Lincoln College, da Universidade de Oxford e, em setembro do mesmo ano, recebeu novas distinções acadêmicas como literato de excelente gosto, muito versado nas literaturas antigas e de suma habilidade nos debates filosóficos”. Continua Lelièvre em sua narrativa, afirmando que “em novembro de 1726 seus superiores demonstram confiança nele, ao chamá-lo para ocupar a cátedra de literatura grega e presidir os debates públicos dos estudantes. Nesta ocasião, não tinha mais de vinte e três anos. Três meses depois, recebeu o grau de mestre em artes (ou humanidades), depois de apresentar três teses em latim, das quais só chegaram até nós os títulos: De Anima brutorum, De Julio Caesare e De Amore Dei”.

Afirma também João W. Dornellas que: “apesar desta denominação evangélica não ser um movimento especificamente destinado a oferecer conhecimento, pode-se dizer, perfeitamente, que uma das características dos metodistas é o seu superlativo comprometimento com a educação do ser humano”. “É assim a Igreja Metodista, empenhada em implantar o Reino de Deus na terra. Mas, ao mesmo tempo, como consequência de



John Wesley (1703 – 1791)

sua missão religiosa, luta para melhorar as condições de vida do ser humano, que precisa, entre tantas outras coisas, de educação, de emprego decente, de saúde e bem-estar”.

Wesley mesmo cuidou de preparar os pastores da nova Igreja. Em 1747, surgiu o primeiro seminário teológico metodista, em Newcastle, na Inglaterra. Não bastava transmitir conhecimentos ao povo que se achegava ao movimento. Era preciso, na visão de Wesley, preparar também os seus pregadores e líderes. A preocupação com o conhecimento ia a tal ponto, que ele dizia aos seus pregadores para fazerem a escolha, entre adquirir o hábito da leitura e ler muito, ou voltar aos antigos ofícios.

A recomendação era no sentido de que, pelo menos cinco horas a cada dia, fossem reservadas à leitura. “Sem ler intensamente” – dizia Wesley – “ninguém pode ser um pregador profundo, nem tampouco um completo cristão”.

Em 1748, fundou a Escola de Kingswood, próximo às minas de carvão, a qual comemorou, em 1998, os 250 anos de sua existência. Era rigoroso o currículo da escola, naquela época destinada a crianças, especialmente aos filhos dos pregadores metodistas. A lista de matérias incluía leitura, escrita, aritmética, francês, latim, grego, hebraico, retórica, geografia, cronologia, história, lógica, ética, física, geometria, álgebra e música. Para facilitar o ensino dos idiomas, John Wesley preparou gramáticas de inglês, de latim, de francês, de grego e de hebraico. O texto dessas gramáticas foi preservado, e faz parte da Coleção Jackson, que reúne 14 livros com obras de John Wesley.

Voltando à escola de Kingswood, de seus alunos se esperava que, na última

série, repetir a *Ilíada* de Homero, que fizessem versos em grego e lessem a bíblia hebraica. John Wesley estava convencido, como informa Richard Hatzemratter, de que qualquer estudante, que completasse o currículo de Kingswood, seria um estudante melhor do que noventa por cento dos graduados em Oxford e Cambridge.

Barbieri, o bispo educador

Assim, esta vocação educacional é evidenciada, com a criação de um grande número de colégios, faculdades e universidades, espalhadas pelo mundo todo.

No Brasil, as escolas Metodistas se multiplicaram, e consolidaram uma rede que hoje está presente em dez (10) estados brasileiros, incluindo duas (2) universidades, três (3) centros universitários, três (3) faculdades integradas. São cinquenta e sete (57) escolas de Educação Básica, de pequeno, médio e grande porte. Além dessas instituições, a Igreja Metodista mantém uma (1) Faculdade de Teologia e seis (6) Institutos, Centros e Seminários Teológicos. Essa rede de instituições educacionais reafirma a visão de John Wesley: Igreja e Educação como organizações indissociáveis.

E, confirmando esta vocação também aqui em Passo Fundo, lembramos a criação do “Instituto Gymnasial” – o IE – nos idos de 1920. Já com métodos inovadores para a nossa região, “quebrava, segundo Osvaldo Lech, dois paradigmas: sistema misto e orientação metodista, em cidade de pronunciada influência da Igreja Católica. No início das atividades albergava 63 meninos e 58 meninas”.

Márcia Maria de Medeiros corrobora o relato de Lech, ao lembrar o embate entre metodistas e católicos, na esfera educacional em Passo Fundo, nos idos da década de vinte. “Estava, pois, formada uma das áreas onde católicos e metodistas confrontar-se-iam, em Passo Fundo, a saber, a esfera educacional, em que o Instituto Ginásial e o Colégio Conceição proclamavam a si próprios, como o melhor. Contudo, a questão mais importante era o fato de que ambas disputavam o direito de educar a fina flor da sociedade passo-fundense, a futura elite dirigente do município”.

É neste cenário histórico da década de 20 que o Rev. Luis de Souza Cardoso relata o início da relação de Barbieri



IE - Instituto Gymnasial -1922 – Prédios Texas em construção

com o metodismo: “O missionário metodista Rev. Daniel Lander Betts conheceu Barbieri, então com 19 anos, proferindo conferências no auditório da Prefeitura municipal. Seus temas: a “Liberdade”, em honra da Revolução Francesa; e a “Caridade”, baseado em teses sobre a defesa da dignidade humana”.

Logo Betts percebeu seu potencial, e o convidou para continuar seus estudos e trabalhar no Instituto Gymnasial. Barbieri, na ocasião, ainda não tinha condições de perceber quão próximo estava, por seus ideais de liberdade, justiça e defesa da dignidade humana, do cristianismo, da teologia wesleyana e da tradição metodista. Aos poucos foi se integrando com a leitura da Bíblia e conheceu as práticas e a piedade metodista.

No primeiro domingo de abril, de 1923, Barbieri foi recebido como membro da Igreja Metodista em Passo Fundo. Três meses depois, recebeu da Conferência Distrital de Cruz Alta a credencial de “pregador local”. Em 1926, mais tarde, foi o primeiro aluno a formar-se pelo Porto Alegre College. Bacharel em Artes e Teologia, obteve grau de Mestre em Antigo e Novo Testamento, na Southern Methodist University e na Emory University, nos Estados Unidos, de onde voltou ao Brasil em 1933, para dirigir a Faculdade de Teologia do Concílio Regional do Sul. Assim, no período de 1923/33 Barbieri viveu um profundo processo de imersão nas instituições educacionais metodistas, no Brasil e nos Estados Unidos.

Barbieri foi ainda o primeiro reitor da Faculdade de Teologia (FaTeo) da Igreja Metodista, criada pelo 3º Concílio Geral, em fevereiro de 1938, dirigindo os primeiros passos de sua implantação,

até outubro daquele ano, quando se demitiu por divergências com o Conselho Superior.

Tinha Barbieri uma personalidade paternal e amorosa, em relação a seus discípulos, na igreja e no ambiente estudantil. E isto pode ser claramente demonstrado pelas palavras escritas por ele, em 15 de novembro de 1938, no prefácio de seu livro Jesus de Nazaré:

“Este manual, escrito para apresentar a personalidade do Mestre da Galileia, em sua vida e em seus ensinamentos, aos jovens ginásianos, devia ter saído a lume quatro anos antes. As muitas ocupações, porém, e outros encargos literários, não nos permitiram que ultimássemos o trabalho antes de agora.”

“Procuramos dar uma apresentação tão simples e prática, quanto nos foi dado. Nem sempre isto é fácil, porque o que parece claro ao mestre, pelo tirocínio continuado, pode ser obscuro aos alunos. Mas o professor, que estiver guiando os alunos no curso, saberá, com certeza, aclarar os pontos obscuros, ampliar os fatos resumidos, preencher as faltas encontradas. Não há trabalho humano que seja perfeito. E este não tem a pretensão de ser perfeito, especialmente quando tratamos de um estudo da Vida de Jesus e seus ensinamentos: Vida e Ensinamentos que vão alargando mais a nossa visão, quanto mais nos aprofundamos neles”.

E finaliza: “Nosso intuito, e o da Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista, é que os alunos possam compreender o valor da religião cristã na vida, e ter uma apreciação entusiasta de Jesus, o Mestre dos mestres. Se tivermos conseguido isso, daremos por bem empregado o nosso tempo. As nossas orações acompanham este

modesto Manual, na esperança de que seja instrumento valioso, na vida de cada jovem que o estiver manuseando, e procurando descobrir o verdadeiro sentido da existência humana”.

No ano de 1940, deixou definitivamente o Brasil, passando a servir a Missão Metodista no Uruguai e na Argentina. E em Buenos Aires, foi designado reitor do Union Theological Seminary, tendo sido eleito Bispo pela Conferência Central Metodista da América Latina. No ano seguinte, a Igreja Metodista do Brasil concedeu a Barbieri também o título de Bispo Emérito.

Em 1949, como Bispo da United Methodist Church, dirigiu as Igrejas da Argentina, Bolívia, Uruguai e Peru, até sua respectiva autonomia. Em 1949, foi presidente da Primeira CELA – Conferência Evangélica Latino-americana. Posteriormente, em 1954, foi eleito presidente do CMI - Conselho Mundial de Igrejas. Na década de 1970, ajudou a fundar o CIEMAL – Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina, e foi um dos principais articuladores da organização do CLAI - Conselho Latino-Americano de Igrejas.

O propugnador do Grêmio Passo-Fundense de Letras

Paulo Monteiro apresenta alguns trechos da Ata da Sessão de Fundação do “Grêmio Passo-Fundense de Letras” que revela qual era o clima daquele ato solene.

“Em seguida o Rev. Sante Uberto Barbieri pediu a palavra e expôs o seu pensamento sobre a entidade literária que se estava fundando, dizendo o que o levava a congregar os intelectuais de Passo Fundo para a presente reunião, falando do pedido da ‘Academia Rio-Grandense de Letras’ para, como seu delegado, pôr em execução, nesta cidade, o plano da ‘Federação de Letras’ do Brasil, bem como, traçou em linhas gerais as finalidades essenciais do Grêmio.

Serenados os aplausos que sucederam às últimas palavras do orador, o Presidente passou a deliberar com a Assembleia os pontos que deveriam ficar assentados, para o normal funcionamento do Grêmio, até que fosse organizado definitivamente, de acordo com as normas que serão estabelecidas pela “Academia Riograndense de Letras”.

O Sr. Heitor Pinto Silveira, pedindo a palavra, propôs e justificou que fosse

consignado em ata um voto de louvor, ao Revdo. Sante Uberto Barbieri, homenagem devida pela dedicação e entusiasmo que dispensara à fundação do “Grêmio Passofundense de Letras”. A proposta foi aprovada unanimemente com uma prolongada salva de palmas.

É interessantíssimo também o relato da doação feita por Barbieri, ao Grêmio, do primeiro livro, denominado “AAção Social da Igreja”, e assim transcrita nesta mesma ata inaugural:

“Em tempo: Ao ser lida a presente ata e sua aprovação, pediu a palavra o Sr. Daniel Dipp, para solicitar que ficasse consignada a proposta do Sr. Túlio Fontoura, que foi aprovada pela Assembleia, referente à doação do primeiro livro à biblioteca do Grêmio, pelo Revdo. Sante Uberto Barbieri - livro este de sua autoria.”

Assim, a ação desenvolvida pelo reverendo Barbieri, em 07 de abril de 1938, transforma-o no principal agente propulsor da criação da Academia Passo-Fundense de Letras, e não deve ser encarado apenas como um ato casual ou fortuito da nossa história. Pois demonstra claramente a fusão do pensamento de um Bispo metodista com a de um Reitor e professor universitário, assentado numa emergente sociedade cultural, na Passo Fundo do primeiro terço do século vinte.

Barbieri o Bispo educador e acadêmico

Nos dias atuais, a cadeira número 18 passou a ter como patrono Sante Uberto Barbieri. A Academia, por sua vez, instituiu de forma mui justa, a Comenda do Mérito Cultural “Sante Uberto Barbieri”, o principal prêmio aos destaques por mérito cultural, na cidade de Passo Fundo.

Outra situação fortuita que, ao festejar o Centenário da Igreja, reforça o entrelaçamento entre os metodistas e a Academia, e que merece ser realçada,

BIBLIOTECA DO AUTOR



Parte da obra literária de Barbieri



Bispo Sante Uberto Barbieri

é o fato de ser, a atual presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, ocupada pelo renomado ortopedista Dr. Osvandré Lech, um ex-aluno do IE (Instituto Educacional Metodista de Passo Fundo).

Sante Barbieri faleceu em Buenos Aires, em 13 de fevereiro de 1991, onde está enterrado. Sua obra literária conta com mais de oitenta livros publicados em português, inglês, espanhol e italiano, compreendendo teologia, prosa, novelas e contos.

Finalizamos, com a certeza de que o pastor e professor Sante Uberto Barbieri, se vivo fosse, estaria presente na atual comemoração do Centenário da sua amada Igreja, em total regozijo decorrente daquela profícua reunião, no longínquo ano de 1938, quando se fundou, nesta cidade, o Grêmio Passo-

Fundense de Letras.

Sua alegria estaria alicerçada na convicção plena de ter sido o grande catalisador, daquela saudável reação que fomentou a criação da atual Academia, e de uma fantástica geração de acadêmicos passo-fundenses. Parafraseando o apóstolo São Paulo, pode-se também afirmar:

“Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.

De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento.” 1 Co 3:6-7

(Henrique de Mesquita Barbosa Corrêa é médico administrador hospitalar, superintendente do IOT / Passo Fundo, e membro da Igreja Metodista.)

O cônego João Pedro Gay e o general David Canabarro

PAULO MONTEIRO

A história do Rio Grande do Sul tem alguns assuntos que são verdadeiros tabus. Três deles envolvem uma das mais estranhas personalidades do século XIX: David Martins da Silva, que entrou para o panteão rio-grandense com o nome de David Canabarro, adotado ao aderir à Revolução Farroupilha. O saque ou massacre de Imaruí, ocorrido em 9 de novembro de 1839; o massacre de Porongos, a 14 de novembro de 1944, e as acusações de que o então brigadeiro teria contribuído com sua omissão, para que os invasores paraguaios saqueassem os municípios de São Borja, Itaqui e Uruguaiiana, durante a “guerra contra o governo do Paraguai” são os acontecimentos em epígrafe. Quando nos aprofundamos no estudo daqueles fatos, concluímos que se unem umbilicalmente.

João Pedro Gay, cônego nascido em Altos Alpes, França, em 20 de novembro de 1815, e falecido em Uruguaiiana, a 19 de maio de 1891, é autor de uma obra escrita sob o calor dos acontecimentos, intitulada História da Invasão Paraguai na Fronteira Brasileira, cuja primeira edição é de 1865, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Entre 1921 e 1922, foi republicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Em 1942, a Imprensa Nacional do Rio de Janeiro promoveu outras duas edições, largamente anotadas pelo conhecido historiador e militar, Emílio Fernandes de Souza Doca. A edição mais recente, que tenho sob meus olhos, é de 1980, em coedição do Instituto Estadual do Livro, da Universidade de Caxias do Sul e da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Leva o título de Invasão Paraguai na Fronteira Brasileira do Uruguai. Nesta edição, a História do Cônego João Pedro Gay ocupa 144 páginas, enquanto os “aditamentos” de Souza Doca, 222 páginas. O cônego não poupa críticas aos militares



rio-grandenses, mormente ao brigadeiro David Canabarro, que são defendidos pelo general Souza Doca.

Nas acusações de que Canabarro, por omissão, contribuiu para que larga parte do Rio Grande do Sul fosse saqueada e talada pelos invasores guaranis, cabe grande responsabilidade à obra do cônego João Pedro Gay. Repercutiram na imprensa da Capital do Império e no Parlamento Nacional, motivando que o velho general farroupilha respondesse um inquérito militar. O inquérito acabou arquivado por ordem do Marechal Manuel Luís Osório. É a este inquérito que alguns, erroneamente, atribuem os fatos ocorridos na noite de 14 de novembro de 1844, no Serro de Porongos. A anistia imperial apagou toda e qualquer responsabilidade penal sobre os “crimes” cometidos durante a Revolução Farroupilha. A memória coletiva, contudo, continuou implacável.

Vejam os que depôs o Conde D’Eu (Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo. Viagem Militar ao Rio Grande

do Sul, 1981, p. 93) a 16 de setembro de 1865, dois dias antes que os paraguaios se rendessem: “A idade, dando ao general Canabarro um excesso de corpulência, já lhe diminuiu um tanto as faculdades. Ao contrário do Barão de Jacuí [Francisco Pedro de Abreu], foi o general outrora republicano, “farrapo” em gíria rio-grandense. Foi isto há 20 anos; o Imperador e o governo já há muito o esqueceram; porém, outras pessoas não: o general tem muitos desafeiçoados no exército; e infelizmente a guerra atual não os fez calar. Era ele que, antes da chegada do general Caldwell, achava-se incumbido da defesa das fronteiras da província, e é, portanto, sobre ele que, com razão ou sem ela, há quem faça pesar a responsabilidade da invasão estrangeira”.

Outro acusador de Canabarro foi Francisco Pedro de Abreu, conhecido como Chico Pedro, Moringue ou Fuiinha, que derrotou as forças farroupilhas, no episódio que ficou conhecido como Massacre de Porongos. Conta-se que, às portas de Uruguaiiana, só não se

bateram à espada graças à intervenção do Imperador.

No dia 9 de novembro de 1939, cumprindo ordens de David Canabarro, maior autoridade militar da República Catarinense, José Maria Garibaldi comandou o saque e o massacre da sublevada povoação de Imaruí. No dia 15 desse mês, deixando atrás de si um rastro de sangue, os farroupilhas abandonaram Laguna. Nem mesmo o vigário de Laguna que, de início, apoiara os farroupilhas, escapou à degola...

Os dados biográficos de João Pedro Gay, que acompanham a edição da Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira do Uruguai (Ed. Cit., 1980, p. 9) trazem a seguinte informação: “Em princípios de 1843, veio para o Rio de Janeiro, seguindo daqui para Santa Catarina e, nessa Província, exerceu as funções de pároco encomendado da freguesia de Santa Ana, na Câmara de Laguna, de 15 de junho de 1843 a 24 de julho de 1844, com ‘estima de seus paroquianos, pelo grande zelo que tem empregado na direção das almas’, conforme atestado passado pelo Padre João Jacinto de São Joaquim, vigário da vara da Comarca de Laguna”.

Pouco mais de três anos após os violentos episódios promovidos pelos farroupilhas, em Imaruí e Laguna, o cônego João Pedro Gay estava em Santa Catarina. E logo a seguir passou a exercer seu ministério em Laguna. O que ouviu dos contemporâneos, até sob o sigilo do confessorário, explodiria vinte e um anos depois, em Uruguaiana. Era a “santa ira” do antigo sacerdote de Laguna, contra David Canabarro, acusado de responsável maior por arbitrariedades praticadas durante a efêmera República Catarinense.

Os fantasmas de Imaruí, Laguna e Porongos, encarnados no cônego João Pedro Gay e no Barão do Jacuí, foram acertar suas contas com David Canabarro, durante a retomada de Uruguaiana. Dalí, o alquebrado general retornou para Sant’Ana do Livramento, onde faleceu a 12 de abril de 1867. (Publicado parcialmente no Jornal Rotta, Ano 11, II Fase, nº 220, Passo Fundo, de 16 de maio a 5 de junho de 2012, p. 6).

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, A Campanha da Legalidade em Passo Fundo e Eu resisti também cantando, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Um churrasco do imperador

PAULO MONTEIRO

Num desses sábados, quando nós, integrantes do Projeto Passo Fundo, como de costume, nos encontramos no Café Riviera, por lá apareceu o confrade Luiz Juarez Nogueira de Azevedo. Conversa vai, conversa vem, acabamos caindo nos Contos Gauchescos, de Simões Lopes Neto, que está virando filme.

O professor Juarez Azevedo acabou lembrando esta passagem do conto “Chasque do Imperador”:

“Numa cidade onde pousamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, sujeito pesado, porém gauchão.

Quando foi hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimônia, provou alguns; a comitiva arriou aqueles cerros açucarados. Quando foi o jantar, a mesma cousa: doces e mais doces! Para não desgostar o home, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

O imperador, com toda a sua imperadorice, grunhiu fome!

No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hóspede havia passado a noite e, ao mesmo tempo, acompanhava uma rica bandeja com chá e... doces...

Aí o imperador não pode mais... estava enfadado!...

– Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu lhe agradeceria muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

O homem ficou sério... e depois largou uma risada:

– Que? Pois Vossa Majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pastei-



zinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!...

– Vamos já a um churrasco... que eu, também, não aguento estas porqueiras!...

Não me recordo que essa história conste das muitas narradas pelo Conde D’Eu, no seu livro “Viagem Militar ao Rio Grande do Sul”. Ali estão muitas e engraçadas passagens gastronômicas. Uma delas, passada às 14 horas do dia 25 de agosto de 1865, é a seguinte: “(...) O carro que trazia o jantar quebrou-se e todos os alimentos se espalharam pelo charco. Temos, pois, de aceitar com reconhecimento a carne de vaca meio-assada, que a dona da casa nos traz espetada num pau (ao que parece, ela não tem pratos). O General Cabral apodera-se dele e, arvorando-se ‘maître d’hôtel’, vai distribuindo os bocados que vai cortando com uma faca. A operação pode ser suja; mas, realmente, o sabor é excelente. Esta carne de vaca assada chama-se, nesta região, “churrasco”. (...)”.

... e esse foi um dos muitos churrascos do imperador, na guerra contra o Paraguai.

(Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros: Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo, O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, A Campanha da Legalidade em Passo Fundo e Eu resisti também cantando, além de centenas de artigos e ensaios sobre temas históricos, culturais e literários).

Sobre “bullshit” e assemelhados



GILBERTO R. CUNHA

Mesmo que alguns leitores, de sensibilidade mais aguçada e preferências literárias por textos refinados, possam torcer o nariz para o palavreado usado nesse artigo, não encontrei melhor tradução para o verbete “bullshit”, no contexto em que é comumente usado, que “falar merda”. Inclusive, a edição brasileira do livro “On bullshit”, de autoria de Harry Gordon Frankfurt, que é filósofo moralista e professor emérito da Universidade Princeton/USA, publicada em 2005, pela Intrínseca, também não escapou do sugestivo título “Sobre falar merda”. E não escapou do quase literal, porque eufemismos como “abobrinha”, “enrolação”, “conversa fiada”, “papo furado”, “empulhação” e outros tantos, não têm a força de expressão do populesco “falar merda”, que por si só diz tudo.

Não é de hoje que se fala muita “merda”. Mas parece que essa característica da sociedade contemporânea, indiscutivelmente, se acentuou com a democratização do acesso aos veículos de comunicação (com destaque para a Internet). É quase inevitável que “fale merda” alguém que é instado a falar ou opinar sobre coisas que não domina ou que extrapolam os limites do seu conhecimento. Numa época em que se convencionou, “mais que um direito, quase um dever”, de que qualquer cidadão tenha opinião sobre tudo, não poderia ser diferente. Foi assim que, motivado pela falta de uma teoria sobre o assunto, e em busca de uma melhor compreensão do tema, o professor Harry Frankfurt, em 1986, escreveu um pequeno ensaio intitulado “On bullshit”, que depois foi publicado em livro, por insistência dos editores e com certa relutância do autor, pela Princeton University Press.

Aclamada pela crítica, a obra virou bestseller nos EUA e ganhou traduções para vários idiomas (16), entre os quais o português.

Afinal, que se entende por “bullshit” ou “falar merda”? No contexto explorado por Harry Frankfurt, “falar merda” é diferente de mentir, uma vez que não envolve falsidade. É impossível alguém mentir a menos que julgue conhecer a verdade. “Falar merda” não requer essa convicção. Uma pessoa honesta, quando fala, diz apenas o que ela acredita ser a verdade. Para um mentiroso, é indispensável que ele considere suas próprias afirmações como falsas. A mentira não tem outro objetivo a não ser a propagação da falsidade. O desonesto usa suas versões, consciente disso, para servir, única e exclusivamente, a seus propósitos e, não raro, contando com a cumplicidade de terceiros, para atingir seus intentos doentios, contra desafetos.

Em geral, há uma tendência de maior complacência da sociedade com um “bullshitter”, ou “falador de merda”, do

que com um mentiroso. Este é conhecedor da verdade e, deliberadamente, tenta nos persuadir para a sua versão. O “falador de merda” não tem maiores cuidados com a verdade das coisas, até por ignorá-la, e simplesmente tenta nos impressionar, chamando a atenção para a sua pessoa. Embora não se deva ignorar que a “falação de merda”, dependendo do uso que o receptor da mensagem faça dela, possa ser tão danosa quanto a mentira.

As expressões que se enquadram facilmente na categoria de “bullshit/merda” são figuras de retórica, muito usadas em discursos de políticos, em campanha eleitoral. Todavia, seria injusto considerá-las como de exclusividade da classe política. Abundam “merdas”, com a conotação figurada de “bullshit”, em textos de jornalistas, em opiniões de columnistas e também, sendo algo mais comum do que se imagina, em artigos científicos e, principalmente, nas opiniões de cientistas, quando visam ao alcance de coisas que estão um pouco mais além dos domínios da corporação. Todos temos telhados de vidro, para sairmos por aí jogando pedras nos outros. Apenas como exemplo, há o caso de alimentos ou hábitos pessoais, das dietas de celebridades, etc., que ora são tidos como a causa, ora como a cura do câncer. Nessas situações, a falta de senso é tamanha que, não raro, sequer suscita a necessidade de esclarecimentos posteriores, de quem compete ou domina o assunto. Antes de tudo, na maioria desses casos, há falhas no manuseio de dados e de informações, além de deficiências acadêmicas que são “gritantes” em alguns profissionais, mesmo ostentando titulações de M.S. e de Dr., que se somam, muitas vezes, a interpretações apressadas, quando não, interessadas.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)

